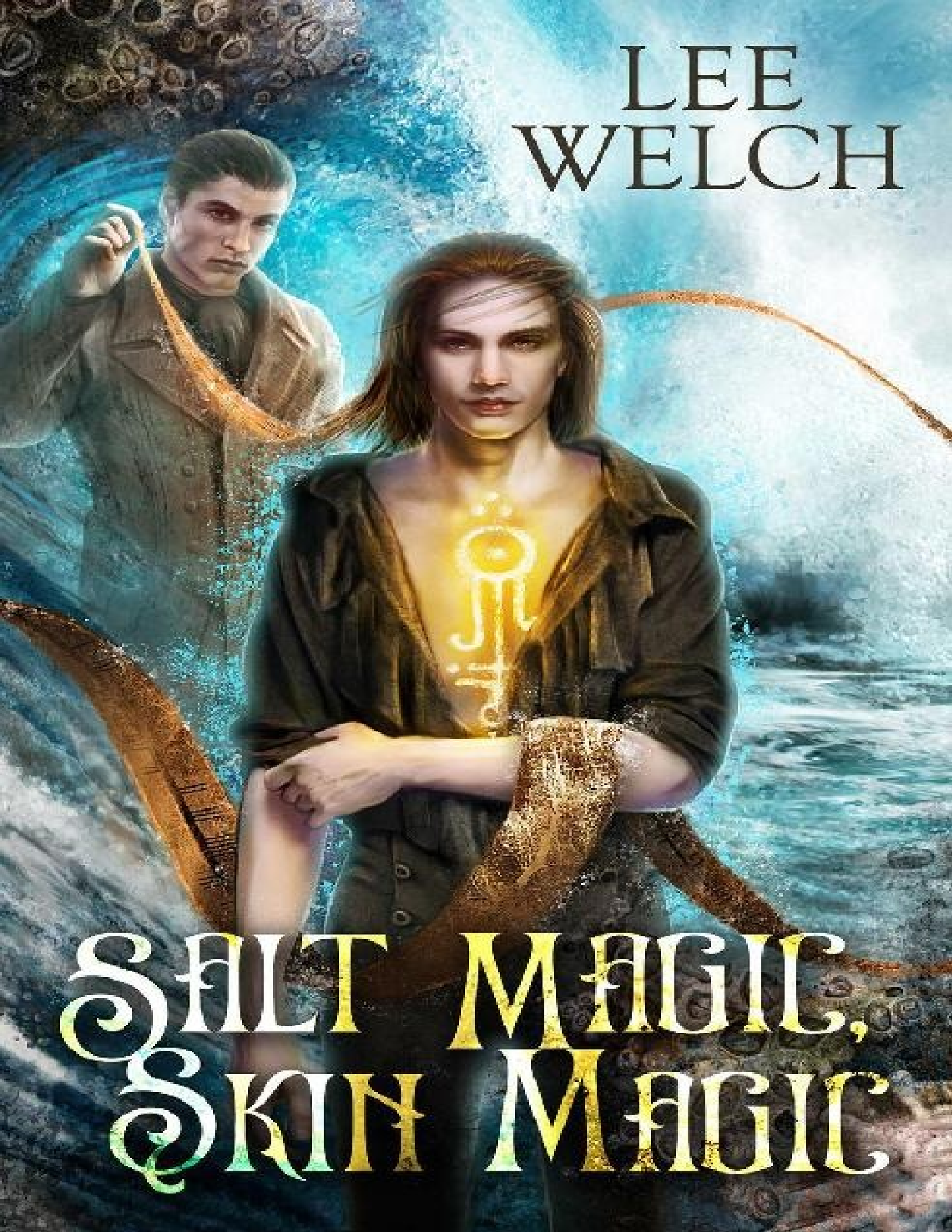

LEE
WELCH
SALT MAGIC,
SKIN MAGIC



A presente tradução foi efetuada pelo grupo Salem Witches (SW), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

Salem Witches

Traduções



Staff

Tradução - Sancta Astra

Revisão Inicial - Sancta Astra

Revisão Final - Lu

Formatação - Sancta Astra

Junho, 2020

SINOPSE

Lorde Thornby está preso na propriedade isolada de Yorkshire de seu pai há um ano. Não há celas ou correntes; ele simplesmente não pode sair. Sua sanidade está começando a se desgastar. Quando o mágico industrial John Blake chega para investigar um caso de bruxaria, ele acha o peculiar e arrogante Thornby tão alarmante quanto atraente. John logo se vê envolvido em um conto de fadas sombrio, onde todas as regras da magia - e do amor - são alteradas.

Para libertar Thornby, os dois homens devem enfrentar verdades que mudam a vida - e John deve aceitar que o homem corajoso e espirituoso que está conquistando seu coração também esteja prestes a quebrá-lo. Eles podem escapar de uma teia de magia tão perigosa quanto o amor?

CAPÍTULO UM
Outubro, 1851

Soren, Lorde Thornby, abriu o portão do campo da reitoria e checou as costas da mão esquerda pela centésima vez. Ele escreveu a palavra “saia” em sua pele com tinta preta. Suas mãos tremiam quando ele escreveu, e o 's' havia manchado seu punho. Mas ele podia ler claramente.

Saia.

O portão ficava na propriedade Raskelf, que pertencia ao pai de Thornby, o nono marquês de Dalton. O campo com pequenas colinas pertencia à reitoria, a uma milha de distância na vila. Algumas ovelhas bagunçadas e de rosto preto pastavam no outro extremo, e Thornby sabia que ele deveria fechar o portão, mas de alguma forma não gostava muito. Mantendo a mão esquerda na frente dele como se estivesse oferecendo um braço para uma dama invisível, ele respirou fundo e atravessou a fronteira da propriedade.

Ao fazer isso, percebeu que estaria atrasado para o jantar se não voltasse ao edifício agora. Seria imperdoavelmente rude.

Mas seu olhar estava em sua mão. Saia.

Ele ficou a um passo do portão, respirando com dificuldade. Era meio da tarde. O sol fraco do outono ainda estava a alguma distância do horizonte. O

jantar era sempre às sete. Ele procurou o relógio, apertando a mão tanto que a frente de vidro dava reflexos fraturados do céu, sebes e seu próprio rosto pálido. Ainda não eram três. Mas talvez seja melhor voltar agora de qualquer maneira.

Quando ele guardou o relógio, viu a escrita em sua mão novamente. *Saia.*

Sim, ele deveria sair. Com o coração batendo forte, ele deu outro passo. Mas ele estava invadindo. Ele olhou em volta, ombros encolhidos pela culpa, um suor frio brotando nas costas. Esta terra pertencia à reitoria. Ele não deveria estar aqui.

Ele tentou respirar profundamente. Ele estava saindo de Raskelf. Por que ele não deveria atravessar um campo? O reitor não se importaria. Embora o pai fosse terrivelmente grosseiro com o sujeito, o reitor não discutia com Thornby.

Ele deu um terceiro passo.

E parou. Idiota! Ele deixou a tampa do tinteiro. Atualmente, a equipe de Raskelf era composta por incompetentes ou não confiáveis - aqueles que não conseguiam garantir um cargo em outro lugar. Thornby quase podia ver o tinteiro tombando sob um espanador descuidado, uma poça negra envolvendo o trabalho de meses. Ele deveria voltar imediatamente e colocar a tampa.

Seu braço estava em um ângulo estranho à sua frente, como se esperasse que uma ave de rapina se agarrasse até o pulso. Insensato; não havia falcões em Raskelf há anos. Algo preto estava nas costas da mão dele. Ele esfregou, mas não saiu. Estava escrevendo, muito borrado. Uma palavra escrita em tinta.

Tinta! Sim, ele deveria se apressar para casa e lidar com o tinteiro. O portão estava a apenas alguns passos de distância. Ele fechou o portão para que as ovelhas do reitor não pudessem passear e se apressaram de volta ao edifício, cujas chaminés podiam ser vistas, subindo acima dos amarelos e cobertas de muralhas de madeira.

Edifício Raskelf, a sede ancestral dos Dezombreys, era uma imensa mistura de estilos e adições, pontuada por janelas gradeadas e tantas chaminés e floreios barrocos que Thornby sempre sentiu que se parecia com um vasto e doentio ouriço. Ele se aproximou da entrada norte, nos fundos da casa. Há um

mês, a porta de entrada havia sido agraciada por um pórtico de mármore branco, mas havia sido vendida para pagar uma dívida inevitável do pai. A porta agora parecia nua e um pouco surpresa, como um homem pego com as calças abaixadas.

Quando Thornby pegou o corrimão de ferro novo e barato para subir os novos degraus de arenito, ele notou o rabisco borrado nas costas da mão.

Saia.

A luz do dia parecia desaparecer e o ar se afinava, como se a sombra do edifício estivesse sufocando-o. Náusea tomou conta dele e suas pernas se transformaram em água. Ele se agachou nos degraus, puxando sua gravata apertada.

De volta ao edifício. Pela milésima vez. Voltar para colocar uma tampa em um tinteiro. A própria banalidade do raciocínio transformou seu sangue em gelo.

Porque ele está tentando deixar a propriedade há um ano e meio. Ele tentou de tudo. Ele tentou atravessar a fronteira de uma maneira comum. Ele tentou atravessar, mas não importa qual cavalo ele pegasse, a criatura sempre recusava. Ele tentou engatinhar na lama, como se, se humilhando, pudesse ser solto. Ele tentou se arremessar, gritando. Às vezes, dizia a si mesmo que não sentia mais do que uma das estátuas do parque - seu coração era de mármore, sua mente de mármore - ele caminhava e não parava. Mas nada funcionava. Nada. Toda vez que ele se virava e voltava, por algum motivo trivial como um tinteiro sem tampa. Ele era preso tão eficazmente como se uma parede invisível cercasse a propriedade.

Sua garganta estava tão fechada que poderia sufocá-lo. Um forte soluço de raiva e frustração escapou, e ele cerrou os dentes contra outro. Uma lágrima caiu quente nas costas de sua mão. Ele arranharia sua própria pele para fugir. Não apenas de Raskelf, mas de si mesmo, do eu estúpido e fraco que não podia atravessar um campo.

O pai alegava ter o poder de deixá-lo ir - se ele se casasse com dinheiro como o pai desejava. Mas Thornby detestava seu pai e confiava nele menos que

um estribo num beco escuro. E se ele engolisse seu orgulho e fizesse o que lhe foi dito, o pai poderia realmente libertá-lo? Ou Thornby apenas envolveria alguma garota inocente em sua horrível situação?

O pai sugeria com frequência que era a fraqueza de caráter que mantinha Thornby aqui. O pai o proibira de sair e, no fundo, tão profundo que Thornby não podia reconhecer, ele deveria querer obedecer e assim fez. Mas certamente não poderia ser isso? Thornby não teve problemas em desobedecer a seu pai em todos os outros aspectos de sua vida. De fato, isso lhe dava uma satisfação sombria. Ele tinha vinte e sete; não era uma criança que aceitava a palavra de seu pai como lei.

Então por que? Por que ele não podia atravessar um campo e escapar? Se não fosse uma fraqueza de caráter, poderia estar relacionado ao magnetismo? Mesmerismo? Ele ouvira falar das experiências notáveis de Elliotson, fazendo as mulheres contarem o futuro ou dançarem e cantarem. Ele não conseguia se lembrar de estar hipnotizado, mas talvez isso fosse parte do truque?

Ele sabia o que alguns servos e as pessoas da aldeia pensavam. Ele viu os olhares de lado, os dedos cruzados em um sinal para afastar a magia negra. E, claro, ele ouviu rumores, ao longo dos anos, sobre adoração ao diabo e mágicos que convocavam espíritos. Mas certamente tudo o que era desleixado, truques para enganar os crédulos. Algumas pessoas podem acreditar nisso, até praticá-la, mas a magia não era uma força real o suficiente para manter um homem educado contra sua vontade. E, de qualquer forma, o pai não era mágico - era?

No entanto, às vezes, nas horas escuras da noite, quando o sono não chegava e a razão ficava febril, não parecia haver outra explicação.



Um ano e meio atrás, Thornby estava bebendo na sala de estar de sua casa em Mayfair. Entre goles, ele estava lendo em voz alta uma crítica de arte no The Times para a edificação de um conhecido recente - um sujeito divertido, com uma bunda boa e uma boca faminta, mas que estava desenvolvendo uma tendência angustiante de olhar para Thornby como uma lua.

Incrivelmente, o pai de Thornby foi anunciado.

O nono marquês de Dalton entrou na sala ao mesmo tempo que o anúncio trêmulo, para todo o mundo como um motor de locomotiva, até o vapor que vinha de seus ouvidos. Um par de criados de libré azul e dourado de Raskelf o ladeavam; amarrando os dois, com pescoços grossos e coxas que se esfregavam quando caminhavam. Não que Thornby estivesse olhando para as coxas deles. Ele pulou.

—Meu Senhor. Pai. Isso é uma surpresa. Como vai? Posso-

Lorde Dalton encarou as janelas e se dirigiu ao crepúsculo dourado de Londres. —Bem, seu filhote. O que você está tentando fazer? Arruinar o sobrenome?

—Você viu o Times? A revisão da minha foto? — Thornby fez várias coisas que poderiam arruinar um nome de família, mas a pintura e a revisão subsequente foram as mais recentes. Ele percebeu que ainda estava segurando o papel em questão e o jogou na espreguiçadeira.

—Deboche lascivo e indecente — Diz. —O que você estava pensando, garoto?

O conhecido que o olhava como a lua, que estava assistindo de boca aberta, agora teve a decência de ficar de pé e limpar a garganta. —Talvez eu deva, peço desculpas, Lorde Dalton. Bom dia, Thornby. E ele deslizou entre os criados como uma enguia bem feita escapando de uma armadilha.

Thornby observou a nuca de seu pai incerta. Papai mal falou com ele por quase vinte anos. Ele estava realmente aqui depois de todo esse tempo para dar a Thornby um curativo sobre uma pintura? A última vez que Thornby viu seu pai havia sido um ano atrás no casamento do homem com a segunda Lady Dalton

em uma elegante igreja de Londres. Thornby havia chegado ao culto com um papagaio verde em uma gaiola e um surpreendente colete magenta, e recebeu apenas um olhar altivo.

—Bem? O que você estava pensando? — Repetiu o pai, ainda dirigindo suas palavras para as janelas.

—Principalmente de composição, senhor. Na verdade, eu não pretendia...

—Você não é pintor. — Pai cuspiu a palavra, como um homem pode dizer: —Você não é uma barata. Você é um cavalheiro, ou você deveria ser!

Thornby pensou em várias coisas que ele poderia dizer sobre a nobreza da musa, mas parecia mais sábio não fazê-lo. Os punhos do pai estavam cerrados e a fumaça de conhaque saía dele em tal medida que quase se podia ver uma névoa acima do chapéu alto, que ele não havia removido.

—Confesso, senhor, só enviei a pintura porque perdi uma aposta — Disse Thornby.

—E isso melhora as coisas, não é? Imprudência maldita.

—Como um cavalheiro, eu mal podia voltar atrás.

O pai girou, com o ar de um homem decidindo algo desagradável, e olhou para o filho corretamente pela primeira vez. Thornby, que estava alcançando seu copo, congelou. Os sons de uma noite de primavera em Londres pareciam subitamente mais altos; o estrondo de uma carruagem que passava, passos e o rugido abafado das ruas mais movimentadas.

As feições castigadas pelo pai estavam cheias de aborrecimento. Provavelmente ele já foi bonito uma vez, com feições simples e masculinas, agora embaçadas pelo tempo e pelos extremos de emoção. Ele era grosso e alto, e Thornby ficou mais reto para olhá-lo nos olhos. Thornby estava condenado se ele seria intimidado em sua própria casa. Ao lado de seu pai, ele era magro como um trilho e sua elegante gravata estreita e sua jaqueta de seda vermelha de repente pareciam tão loucas quanto as tintas de uma prostituta.

Thornby estava acostumado a ser encarado. Principalmente, ele gostava. Mas ele não gostava do jeito que o pai estava olhando para ele agora. Então,

mesmo quando eles se entreolharam, a expressão do pai ficou fora de foco e tornou-se quase um desejo - uma emoção que Thornby estava muito mais acostumado a ver nos rostos ao seu redor. Pai murmurou algo baixinho. Poderia ser alguma tristeza, alguma sombra de ternura entrou em sua voz?

—Senhor, eu...— Uma nota de arrependimento genuíno entrou no tom de Thornby, mas seu pai o interrompeu, a expressão mudando para uma raiva bastante teatral que colocou Thornby na mente de um vilão em uma peça ruim.

—Você vem para Raskelf para se refrescar. Então você se casará com uma garota respeitável antes que seja tarde demais.

—Eu não vou Acho que sinto um pouco pela pintura, uma vez que parece incomodá-lo. Eu só fiz isso por brincadeira, mas eu...

—Uma cotovia? Uma pintura lasciva? — A voz do pai aumentou. Certamente podia ser ouvido em toda a casa, e provavelmente na praça também. No entanto, Thornby achou que detectou uma nota falsa, uma ponta de tédio, como se o pai estivesse cansado de seu papel de paternidade indignada. —Você vem para Raskelf e fica até eu deixar você sair.

—Não mesmo. Muito gentil da sua parte, mas acho que não. — Thornby exagerou o tom entediado de seu pai e pegou seu copo.

O pai bateu nele; um soco duro e calculado que arrebentaria os dentes de Thornby. O copo caiu na lareira e quebrou. Thornby pôs a mão na boca e ela ficou vermelha. Ele olhou para o pai. Ninguém atingia Thornby e permanecia incólume. Na escola, eles aprenderam a não fazê-lo, pois ele sempre revidava, mesmo que isso significasse uma surra. Mas mesmo quando ele cerrou as mãos em punhos, algo o parou. Não se batia no pai, por mais que se quisesse. Não se podia.

—Não é uma escolha, garoto. Você está vindo. Então você ficará. Depois que você se casar, vamos ver.

O pai fez um gesto para os criados e um deles torceu o braço de Thornby atrás das costas e o empurrava escada abaixo, enquanto o pai gritava ordens sobre baús e carruagens. Thornby teve uma impressão confusa dos rostos

horrorizados da empregada e da governanta, espiando da escada mais baixa, então o enorme lacaio de Raskelf o levou para a rua sem chapéu ou casaco.

O baú de Thornby chegou à carruagem logo atrás deles. Os amigos do pai não deram muito tempo ao criado de Thornby para fazer as malas. Os transeuntes olhavam fixamente, mas a crista na porta da carruagem e os olhares dos lacaios de libré fizeram com que passassem apressados. Thornby foi levado para dentro. O pai sentou-se em frente e a carruagem entrou em movimento.

—Eu digo, meu chapéu — Começou Thornby, mas o rosto do pai o deteve. Seu senhorio parecia ter vencido o Derby, mas seus ganhos foram entregues embrulhados no lenço imundo de um mendigo consumista. Era um olhar tão estranho e tão intenso que Thornby sentiu que faria qualquer coisa para impedir.

—Esta carruagem já viu dias melhores — Disse ele, tocando uma das cortinas rasgadas e manchadas pelo tempo, pensando em provocar seu senhorio em um discurso retórico sobre finanças.

Era do conhecimento geral que o pai estava enfrentando a ruína. Se ele não fosse renegado primeiro, Thornby poderia esperar herdar principalmente dívidas.

—Agora garoto. — A voz do pai tremia de emoção. —Ouça com atenção, porque estou lhe dizendo que, a partir de agora, você e o seu são meus.

Se a raiva do pai parecia assustadora antes, isso parecia positivamente operístico. Talvez o pai tivesse ficado um pouco louco. Thornby mal conhecia o homem, afinal. Thornby deixara Raskelf, aos oito anos, para a escola e raramente voltava para lá após a morte de sua mãe, algumas semanas depois. Mas mesmo em criança, ele ouvira rumores sobre a excentricidade de seu pai; seu sofrimento selvagem e incontinente com a morte de sua esposa, sua obsessão por comprar pedaços costeiros inúteis da Escócia e da Irlanda e seus planos enlouquecidos de cultivar algas como uma colheita comercial de fertilizantes. Mas talvez o conflito financeiro do pai o tenha empurrado para algo pior.

—Você me escutou? — Pai continuou. —Suas posses, sua casa, aquelas abotoaduras ridículas, a camisa nas suas costas. Tudo. Meu.

Thornby, que havia enrolado dedos protetores em torno de um de seus

botões de punho de coral e ouro, agora se via incapaz de segurar qualquer coisa. Era como se as palavras do pai o tivessem paralisado. Ele lutou para ficar de pé no assento oscilante. Um calafrio profundo e claustrofóbico tomou conta dele. O próprio ar parecia ter ficado denso, e uma sensação hedionda de invasão tomou conta de seus membros, como se algo os estivesse reivindicando.

E então, tão rapidamente quanto chegara, o ataque passou. O pai se virou para ver as ruas de Londres passarem, e Thornby encostou a cabeça na lateral da carruagem, contente por alguns momentos para se recuperar. A estranheza da situação - andar sem chapéu por Londres com o pai - era impressionante. O cocheiro entrou na Regent Street; parecia que eles estavam indo direto para a estação.

Quanto tempo o pai o faria ficar em Raskelf? Uma quinzena? Um mês? O Edifício Raskelf estava no meio do nada, difícil pelas charnecas do norte de York. Thornby gostava do campo o suficiente para atirar no outono ou caçar no inverno, mas era primavera e a estação de Londres havia começado. Ele deveria estar participando de um jantar naquela mesma noite, seguido por um pouco mais de diversão mais tarde, brincando com alguns colegas de um de seus clubes.

Pai havia mencionado casamento. Duas vezes, de fato, e na maioria dos tons ameaçadores. Mas Thornby tinha apenas 25 anos e certamente ainda não estava inclinado ao casamento. Ou, provavelmente, nunca, mas ele não diria isso ao pai.

De qualquer forma, a ideia do casamento logo se dissiparia. Mais importante, nenhum acordo foi feito sobre o criado de Thornby. Talvez Thornby pudesse enviar uma mensagem da estação. Ou talvez o pai emprestasse a Thornby seu próprio homem. Thornby mal gostou da ideia. Papai parecia bastante enérgico, mas havia algo repugnante em pedir emprestado ao criado, que sem dúvida carregava histórias.

A cabeça de Thornby nadou, apenas parcialmente pelos efeitos posteriores do golpe. Sua língua estava inchando onde ele a mordeu. E, no entanto, apesar

da dor, da inconveniência e da preocupação, a novidade da situação - pai prestando atenção nele - era pelo menos interessante. Qualquer pai normal teria chicoteado Thornby anos atrás, e a maioria da sociedade pensaria que não tão cedo. Talvez o pai estivesse finalmente assumindo alguma responsabilidade paterna. A ideia era principalmente alarmante, mas ainda assim...

Thornby lembrava-se, na escola, de meninos recebendo cartas ou meias coroas de seus pais. Às vezes, os meninos tinham falado de espancamentos, palestras ou novos pôneis também. Ele se perguntou então como seria ser uma pessoa de interesse para o pai. Lorde Dalton nunca escreveu, nunca visitou, nunca enviou um pacote. Nas férias, além de uma viagem à beira-mar tão desastrosa que Thornby tentava nunca pensar nisso, ele geralmente era enviado para a casa em Beck Hill, a 80 quilômetros de Raskelf e mal no mesmo condado.

Ele olhou para o perfil do pai, agora uma sombra fedorenta contra as ruas escuras. Bem, ele pensou, quando se tornar chato em Raskelf eu sempre posso sair.



Ele percebeu que ainda estava rastejando nos novos degraus de arenito atrás de Raskelf e se forçou a ficar de pé. O edifício se erguia diante dele, uma gaiola grande e em ruínas. Para piorar a situação, o pai estava em algum lugar lá dentro. Ele chegou em casa ontem no inverno, seguiu algumas horas depois, e em uma carruagem diferente, pela boba segunda Lady Dalton. Thornby estava condenado se ele desse a qualquer um deles a satisfação de vê-lo com olhos avermelhados e mãos trêmulas.

Ele parecia terrível nos dias de hoje. Os meses de perambulação e inquietação o fizeram perder peso, e havia novas linhas em seu rosto que

falavam de tensão e angústia. Ele se viu murmurando alto enquanto passeava pelas passagens intermináveis de Raskelf, pulando nas sombras e bebendo demais. Não é de admirar que os criados tivessem medo dele. Ele deu as costas para a casa.

Diante dele estava a propriedade, com seus parques e bosques ondulados, seus campos e árvores. O parque era apenas uma prisão, mas pelo menos tinha céu aberto. Voltou pela grama alta até o caminho pantanoso que circundava o que restava da propriedade. Não havia caminho de fronteira quando ele chegou a Raskelf há um ano e meio atrás, mas seus próprios pés estavam com os pés descalços. Ele sempre acreditou que a terra estava envolvida, mas, apesar das legalidades, o pai havia se desfocado de grandes áreas. E toda vez que um pedaço de terra foi vendido, o caminho de Thornby deveria mudar. Sempre ele era forçado a contornar a borda de qualquer terra que ainda pertencia ao pai. Era a coisa mais estranha ficar na beira do novo limite e olhar para a trilha que seus próprios pés haviam feito uma vez, e saber que ele não podia mais andar lá agora do que andar na lua.

Ainda assim, a propriedade continuava grande o suficiente para que, se Thornby tomasse o caminho mais longo, estivesse atrasado para o jantar, o que antagonizaria de maneira confiável o pai. Agora, o pai irritante era tudo o que ele vivia. Thornby não tinha dúvida de que a mesa de jantar hoje à noite seria o campo de batalha usual. A noite de ontem fora surpreendentemente suave; a presença do misterioso Sr. Blake colocara todo mundo no melhor comportamento.

Blake chegou ontem também, pouco antes do jantar. E Thornby, que raramente via estranhos hoje em dia, queria encarar como um rústico esse cavalheiro de Londres. Blake tinha cabelos pretos e elegantes, olhos escuros vigilantes e uma boca que se abaixava ligeiramente nos cantos. Ele era bonito o suficiente, com um ar de confiança, mas sua boca lhe dava um olhar sombrio. Não era um homem para brincar. Ele parecia ter trinta e poucos anos e vestia-se conservadoramente com um colete liso e escuro e um casaco cinza. Ele parecia,

de fato, a imagem do industrial próspero que afirmava ser. Mas ele veio sem um criado, o que era muito estranho para um homem desse tipo, e ele trouxe um baú enorme tão pesado que foram necessários seis homens para levantá-lo.

Blake havia dito que era amigo do primo de Lady Dalton, outro industrial rico. E Lady Dalton, que geralmente se encolhia se alguém ao menos olhava para ela, havia concordado. Ela parecia muito feliz em ver Blake, na verdade. Que adorável se ela planejava convencer o pai com ele, mas ela provavelmente não tinha imaginação.

Surpreendentemente, no jantar, à pergunta agressiva do pai sobre o que diabos ele pensava estar fazendo em Raskelf, Blake havia dito, quase com desdém: 'Você me conhece há anos, senhor. Lembre-se, você me convidou para descer a qualquer momento. —E o pai, para espanto duradouro de Thornby, disse 'ah, sim' e voltou ao comer, como se ele fosse o tipo de homem que dava convites abertos para o tipo de sujeito que ele às vezes descrevia como “comércio hediondo”.

Thornby estava disposto a gostar de Blake, que nunca enlouquecia e se comportava bem; na posição vertical, mas não rígida, e com uma energia determinada da cidade que Thornby havia perdido desesperadamente. E os olhos de Blake, tão escuros que eram quase latinos, eram muito bons. Sim, se Thornby se permitisse, ele poderia gostar de olhar para o Sr. Blake.

Blake não parecia gostar dele, no entanto.

Sobre a carne assada, Blake lançou a Thornby um olhar peculiar e intenso e disse: —Acho que você se lembra de mim de Oxford, lorde Thornby. — Thornby quase concordou em ser agradável, porque qualquer um que ousasse falar com o pai dessa maneira. A maneira imediata era obviamente um homem de caráter. Mas como Blake claramente não era um homem de Oxford, embora falasse bem o suficiente, Thornby dissera com genuíno arrependimento: — Receio que não, senhor Blake. — Para sua surpresa, Blake ficou tão branco quanto sua bela camisa de gramado, e depois olhou para ele pelo resto da refeição.

Uma dor persistente de seu pé ruim trouxe Thornby de volta ao presente. Com o pai de volta, a pressão para se casar redobraria. E, no entanto, como ele poderia se casar? Mesmo se ele estivesse disposto a engolir seu orgulho, como ele poderia envolver uma garota inocente em toda essa bagunça? E se ele se casasse e o pai prendesse a dama aqui também? Era uma situação impossível. Sua garganta estava apertando novamente, a desesperança ameaçando drenar cada grama de vitalidade. Havia apenas semana após semana, mês após mês, até - o quê? Até ele morrer, ou enlouquecer? Ele suspirou e sua respiração formou uma nuvem na frente dele.

Isso não era bom. Ele não deveria desistir. Virgil não disse que a adversidade é superada apenas pela resistência? Então, ele deveria suportar. Pai estaria alerta para qualquer sinal de fraqueza. Thornby precisava despertar um pouco de raiva, energia, atravessar o jantar e provar que ainda não havia vencido.

Ele levantou o queixo e caminhou mais rápido pelo caminho da fronteira, os pés enviando salpicos de lama. Ele começou a murmurar maldições e chutar grama perdida. Ele trabalhou gritando com ovelhas e gesticulando para os ocasionais agricultores. Tanto ovelhas quanto homens o encaravam com a mesma incredulidade em branco e de boca aberta. Ele sabia que não fazia nada por sua reputação na aldeia, mas, às vezes, quando o desespero ficava tão forte que esmagava sua própria alma, não havia nada a fazer senão gritar coisas irracionais e apertar o punho em sebes.

—Você sabe o que eu perdi, seus selvagens pastorais? Perdi a temporada. Novamente. Vocês têm alguma ideia do que isso significa? Perdi a Exposição da Academia. Senti falta de Ophelia, de Millais. E o que é mais, o que é pior, o que é malditamente insuportável, é que eu perdi a Grande Exposição Sangrenta! Um Palácio de Cristal com árvores no interior e todas as maravilhas que você poderia esperar ver, e eu senti falta...

Alguém estava olhando para ele e não era um trabalhador agrícola sujo. Ele abaixou os braços de um floreio particularmente expressivo. Ele estava agora

à maior distância possível do Edifício, em uma área que fazia fronteira com charnecas abertas, vendida recentemente para os Howarths. E ali, fora do caminho por uma moita de urze, estava o Sr. Blake. Blake estava deitado no casaco, com as mãos atrás da cabeça, como se Thornby o tivesse acordado do sono. Exatamente como Thornby poderia ter sentido sua falta no começo, ele não sabia.

Thornby podia sentir suas bochechas queimando. Ele não se importava muito se um fazendeiro o via agindo como um lunático; daria a ele uma história para contar mais tarde, tomando uma caneca de cerveja. Mas o Sr. Blake era um convidado. Um hóspede bastante bonito.

Bem, Thornby mal podia fugir. Ele levantou o queixo e continuou andando.

Blake o encarou com um olhar intenso, olhos escuros perfurando Thornby como brocas. Se Blake tivesse sido um verdadeiro cavalheiro, ele teria desviado o olhar e dado a Thornby um momento para recuperar a compostura. Mas Blake mal piscou, deitado ali como um potentado oriental enquanto Thornby se aproximava. O homem não se levantaria ou o reconheceria de alguma maneira? Thornby ficou subitamente muito consciente de que suas roupas estavam quarenta anos fora de moda e não estavam especialmente limpas. E que não faz muito tempo, ele estava tão enjoado que quase chorou. Isso aparecia no rosto dele?

Ele decidiu dar gostos e passar sem falar, mas o ridículo da situação o atingiu quase imediatamente. Agora eles estavam a apenas alguns metros de distância. Eles estavam na mesma casa. Em algumas horas, eles jantariam juntos. Será que alguém realmente passaria como se o homem fosse invisível?

Ele parou. Blake ainda estava deitado lá, ainda olhando. Mesmo deitado, ele tinha a aparência capaz de um homem acostumado a fazer as coisas.

Thornby assentiu. —Bom dia, senhor Blake.

Blake ficou de pé, o rosto escurecendo. —Então você pode me ver. Que esperto. — Ele fez uma reverência sarcástica. —Como você conseguiu isso?

Revelar encanto? —Sua boca sombria torceu com desdém. — Bem, aqui estamos nós. Vamos parar de jogar, vamos?

Foi a vez de Thornby olhar. Um encanto? Quais jogos? Claro que ele podia ver Blake - ele estava lá à vista.

—Eu não sei o que você quer dizer.

—Eu sei — Disse Blake. —Você pode me dizer o que está fazendo com Lady Dalton. Então você pode me dizer o porquê. E então eu decidirei o que fazer com você.

Havia tanta ameaça em sua voz que Thornby quase deu um passo para trás. O que houve com Lady Dalton? Ele geralmente tinha pouco a ver com ela quanto possível. Talvez ele não tivesse sido especialmente civilizado com a criatura chorona, mas dificilmente achava necessário ser charmoso. E, de qualquer forma, ele não a via o verão inteiro. Porque ela esteve em Londres durante a temporada, enquanto ele esteva aqui.

Apesar de sua confusão, a injustiça doeu. Ele foi o culpado. Ele era o único maldito a estar em Raskelf por meios misteriosos. Lady Dalton poderia fazer o que quisesse. Ela poderia ir embora, não?

Havia também uma razão muito particular que fez a acusação infundada mais dolorosa por ter vindo de Blake. Deitado na cama na noite passada, Thornby se permitiu entreter uma ou duas fantasias nas quais o Sr. Blake superava sua hostilidade inicial e permitia certas intimidades deliciosas. Claramente, isso não iria acontecer. Blake o considerava um cafajeste que incomodava uma dama. Thornby desviou o olhar de seu olhar sombrio, sentindo-se um tolo por ter permitido as fantasias em primeiro lugar.

Foi então que ele notou uma fita estreita de couro flexível que jazia na grama, envolvendo o Sr. Blake e seu sobretudo. Tinha uma escrita azul fraca, em alguma escrita estrangeira angular. Dentro desse item peculiar, um lenço branco estava espalhado na grama áspera. E em cima do lenço havia um pequeno monte de areia laranja com um olho de vidro azul equilibrado no topo.

A pele de Thornby começou a se arrepiar. Protestos de inocência morreram

em sua língua. Ele deveria se afastar desse louco. Rapidamente. Ele deu um passo atrás e encontrou sua voz. —Receio não ter ideia do que você quer dizer, senhor. Tenha um bom dia. — Ele se curvou e seguiu em frente, rápido.

CAPÍTULO DOIS

—Seu pequeno bastardo. — John Blake murmurou.

Ele embolsou o olho de vidro e a areia, enrolou a lança e começou a seguir Lorde Thornby - herdeiro de Raskelf, algum dia pintor de telas indecentes de damas e, agora parecia claro, bruxo - já que apenas outro mágico poderia ter visto através da invisibilidade conferida pelo encanto da areia.

John teve alguns dias difíceis. Ele não estava acostumado a viver em uma casa de campo, especialmente uma tão grande e antiga quanto Raskelf. E ele não estava acostumado a estar em termos tão próximos com a aristocracia. Ele concordou em vir aqui como um favor a um amigo e lamentava profundamente.

George Catterall, primo de Lady Dalton e único parente vivo, levou John para um jantar muito bom em seu clube, e por cima do conhaque implorou para que ele resgatasse a senhora de seu enteado, o maligno lorde Thornby.

—Ela está fora de si — Dissera Catterall, em voz baixa. —Ela diz que sempre que fica em Raskelf suas coisas desaparecem ou aparecem em lugares que nunca as deixou. Ou ela encontra coisas estranhas em seus quartos, como bolotas ou pedras nos sapatos. Ela está certa de que alguém está usando, você

sabe, as coisas que você faz. Não posso perguntar a mais ninguém. Não conheço mais ninguém que o use, exceto Rokeby, e não confiaria nele. Ela diz que tudo começou quando lorde Thornby chegou em casa. Mas ele não vai embora e, bem, para piorar as coisas... — O rosto amplo e justo de Catterall, já rosado com vinho e conhaque, ficou vermelho e sua voz caiu em um sussurro. —Deuce, John, ela tem problemas conjugais. Dalton não a trata mais como uma esposa e está convencida de que é algum tipo de feitiço.

—Eu percebi. — John olhou ao redor do conforto parecido com o útero da sala de jantar do clube. Os cavalheiros da mesa ao lado pareciam meio adormecidos em uma névoa de carne bovina e bordô. —Existem outras razões para um homem se acalmar. Dalton é um pouco mais velho, não é? Talvez ele simplesmente não consiga.

—Ele está na casa dos cinquenta, mas ela diz que estava tudo bem até Thornby aparecer. Dentes de Deus, cara, ela não está inventando! Ela não é esse tipo de garota. Thornby é terrivelmente peculiar. Ela diz que ele se veste de uma maneira antiquada como um riquinho da Regência. E olha para ela às vezes dessa maneira, diz ela, e se recusa a ir à igreja. E você se lembra daquela confusão por causa de uma pintura obscena no ano passado? Era ele. — Catterall tomou outro gole de conhaque. —Eu posso garantir que ele seja estranho; ele levou um papagaio para o casamento dela. Todos nós podíamos ouvi-lo gritando na sacristia. E depois ele deu a ela como presente de casamento! Agora isso é peculiar, você tem que admitir.

John tomou um gole de conhaque e examinou este catálogo de pecados e esquisitices para decidir se havia algo nele. Possivelmente os olhares estranhos significavam alguma coisa. Bolotas, pedras nos sapatos, coisas faltando - tudo isso pode ser mágico ou apenas travessuras comuns. O papagaio? Os animais podiam ser familiares, mas a experiência dele parou. A área de especialização de John era a inanimada: ferro e vidro, sal e areia. Era verdade que ele esperava escapar das fábricas e fundições, mas isso parecia um passo longe demais.

—Thornby pode ser estranho, mas isso não significa que ele está usando

magia. De qualquer forma, sou um homem industrial. A sociedade não é minha coisa. Eu não saberia o que fazer com o filho de um marquês que se tornou bruxo. Vamos, cara, meu pai era um vendedor de ferro. Eu ficaria terrivelmente fora de lugar.

—Meu caro amigo, você é muito modesto. Eu sei o que você tem feito por Paxton no Palácio de Cristal; não tem todos os encantos anti-vazamento, tem? Você lutou contra mil morcegos possuídos, se o que eu ouço estiver está correto. Por favor, John, estou te implorando. Eu me sinto responsável. Eu nunca deveria ter deixado ela se casar com Dalton, todo mundo sabe que ele está enfrentando a ruína. Mas ela é Lady Dalton e não ouviria o motivo. Depois desse negócio no Palácio de Cristal, será brincadeira de criança para você, não é? Uma lufada de ar do campo. Paxton não precisa de você no momento. Veja se alguém está usando magia nela; você pode dizer isso, não é?

Então, John havia chegado a Raskelf e achava toda a configuração muito pior do que ele imaginara. Para começar, toda a pilha desmoronando e caindo que era Raskelf estava saturada de magia antiga. Cheirava a essas coisas. Isso clamava por isso. Os painéis de madeira enegrecida, a prata manchada, as pinturas escuras e o piso irregular do assoalho; todos murmurando e tagarelando com lembranças de magia.

E os habitantes eram piores. Lorde Dalton tinha o cheiro de algo velho e podre, possivelmente uma maldição. A irmã solteirona de Dalton, Lady Amelia, era uma inválida que parecia viver em uma antiga laranjeira em uma névoa de palmeiras verdes e doentias do inverno. Havia também o Sr. Derwent, um primo idoso de segundo grau que colecionava antiguidades até o dinheiro acabar. John ficou horrorizado diante dos poucos artefatos que restavam, ouvindo-os fervilhar de malícia e orgulho ferido. Ele até sentiu um cheiro áspero e recente de Lady Dalton, como se ela tivesse aprendido magia para defesa pessoal.

E, pior, para sua surpresa e alarme, seus encantos não tiveram efeito sobre seu principal suspeito, lorde Thornby. Para ser tão impermeável, o homem mais jovem deveria ser um mágico de grande habilidade. John havia tentado a Voz de

Judas com muito cuidado antes do jantar da noite anterior, mas não funcionara em Thornby. É claro que tudo o que John precisara definir era uma meia velha, guardada no quarto de Thornby pela empregada de Lady Dalton - não um sinal da mais alta ordem, mas deveria ter funcionado pelo menos parcialmente. E agora Thornby tinha visto além do charme de areia, olhos e feitiços; John nunca soube disso antes.

Agora, Thornby estava andando pelo caminho do pântano, calmo, nariz no ar, aparentemente admirando as cores do outono nos carvalhos distantes do parque.

—Pare, lorde Thornby! Quero falar com você.

Thornby andou mais rápido, um pouco mole se tornando mais pronunciado.

—Pare, eu disse!

John procurou nos bolsos seus frascos e bolsas, depois mudou de ideia e simplesmente acelerou. Ele veio a essa parte remota do terreno na esperança de descansar. Na noite anterior, ele não dormiu muito com as paredes de Raskelf murmurando e sussurrando, e as antiguidades do Egito berrando maldições abafadas do outro lado do corredor.

O pensamento de Thornby também o mantinha acordado; tão resistente à Voz de Judas - que dera a John um momento desagradável - e tão inacessível, com aquele ar aristocrático que você nunca poderia violar. E tão estranho. Por que o homem usava roupas tão peculiares? Hoje eram pantalonas pretas justas e uma camiseta de gola engomada que estaria na moda quarenta anos atrás. E por cima desse traje bizarro da Regência havia um sobretudo preto enferrujado, com punhos largos e um chapéu tricolor que pareceria bem no século anterior.

E, sim, Thornby era bonito - com um coração parado - com olhos cinzentos arrogantes, uma juba de cabelos castanhos que quase chegavam ao pescoço e uma boca vermelha absurda. Ele era alto e magro e se comportava como um esgrimista. Havia também algo chicoteado nele, alguma tensão insuportável que fazia você sentir que ele poderia atacar. Ou de repente te beijar.

Thornby olhou John de cima a baixo quando ele foi apresentado, finalmente inflexível a ponto de dar a John uma leve inclinação da cabeça. E a boca de John ficou tão seca como se Thornby tivesse estendido uma daquelas elegantes mãos brancas e dado um aperto suave em suas bolas.

Era cansativo, realmente. Tornava muito mais difícil se concentrar. Ele deveria garantir que não permitiria que sua atração pelo homem atrapalhasse seu julgamento. Possivelmente Thornby estava usando um feitiço de glamour. John não conseguia sentir um, mas às vezes, por sua própria natureza, eram difíceis de detectar.

Então, ele não deveria pensar em como seria bom deslizar os dedos dentro das velhas calças pretas de Thornby, como seria bom provar sua boca adorável e tirar essa maldita expressão arrogante do rosto. Se John estivesse em Londres, ele teria ido a uma das casas que serviam aos homens de seu gosto e tentado esquecê-lo. Aqui, no meio da zona rural de Yorkshire, era muito perigoso abordar alguém e, de qualquer forma, os rapazes da fazenda não eram do seu tipo. Ele simplesmente sairia assim que pudesse dizer a Catterall que havia feito o seu melhor.

Eles andaram em fila única por talvez cinco minutos. O caminho cheirava a folhas podres, e um vento cortante começou a fazer sentir sua presença quando eles cruzaram um pedaço aberto de charneca. Salpicos de água barrenta estavam manchando as costas do casaco de Thornby. John usou a proximidade para sentir a magia. Como na noite passada no jantar, ele não conseguia sentir nada emanando de Thornby. Certamente não havia cheiro de demônio, então Thornby provavelmente não era um teurgista, ou, se fosse, era muito exigente.

Mas Thornby também não se sentia como um homem dos materiais, e John geralmente reconhecia sua própria espécie. Então, como Thornby quebrou esses encantos? Agora, John estava mais perto e tinha mais tempo para se concentrar apenas em Thornby, ele achava que poderia haver algo mágico, no limite de sua consciência, mas ele não conseguia entender. A maioria dos mágicos usava demônios ou materiais, mas havia outras maneiras; talvez Thornby usasse algum

método desconhecido.

John carregou a pedra de sua bolsa e a colocou de volta no bolso. Ele deu um tapinha na bolsa de sal e verificou o fio Gelomorous e a armadilha demoníaca, só por precaução. Quaisquer que fossem os feitiços que Thornby quisesse lançar nele, ele estava pronto. Na verdade, ele estava quase ansioso por uma luta. Seria um prazer superá-lo e fazê-lo pedir desculpas a Lady Dalton.

Chegaram a um local aberto a cem metros de um pequeno bosque de pinheiros. As árvores escuras estavam contorcidas de lado, como se estivessem fugindo do vento gelado. O sol, atrás da nuvem cinzenta, começava a se pôr. Thornby parou de repente e virou-se.

—Blake? Suponho que você gostaria de se explicar? — O queixo de Thornby estava para cima, a boca bonita curvada em desdém.

—Olhe aqui, sua senhoria. — John infundiu a palavra com desprezo. — Você pode ter quebrado alguns encantos simples, mas não é páreo para mim. Eu estudei no Instituto Dee. Tenho certeza que você sabe o que isso significa.

—O Instituto Dee? — Thornby olhou para o céu, como se quisesse inspiração. —Isso não está em Oxbridge. Estabelecimento de alguns trabalhadores, suponho?

Mesmo enquanto ele estava sendo insultado, John não pôde deixar de admirar as lindas linhas limpas do perfil de Thornby. Como ele gostaria de tirar a zombaria daqueles belos lábios. Como ele gostaria de ver aqueles olhos orgulhosos se fecharem em sinal de rendição. Como ele gostaria... Ele se curvou defensivamente. Thornby era atraente demais para ser verdade. —Um glamour? Não vai dar certo.

—Um o quê?

—O que você tem contra Lady Dalton?

—Perdão?

—Você ouviu. Você é ciumento?

—Dela?

Thornby parecia tão surpreso que John sentiu um momento de incerteza,

mas era melhor continuar. Quanto mais cedo saísse, mais cedo ele poderia sair.

—Ela acha que você está usando magia para assustá-la — Disse John. —E acho que ela está certa. Você viu através do meu charme de olhos de areia agora, não viu? Então, você tem um pouco de habilidade, pelo menos. Mas não está ligado. Você não é um cavalheiro? Bem, sou amigo do primo dela e estou aqui em nome dela — Ele avançou um passo. — Para fazer você parar.

—Magia? Olho de areia? — Thornby recuou, balançando a cabeça. — Você me perdeu, senhor Blake. Magia não é real, é? São truques e superstições. Algo para tipos baixos, talvez, mas dificilmente algo que eu deva me interessar. E por que, por favor, devo prestar atenção em Lady Dalton? Ela era uma tola em se casar com meu pai, mas eu mal deveria... — Ele franziu o cenho, encarando John. —Espera. Você diz que a mágica é real? Você diz que sabe disso?

—Eu te disse, fui ao Instituto Dee.

—E eu disse que nunca ouvi falar do lugar. E certamente não estou fazendo nada com Lady Dalton. Mas se você souber dessas coisas, talvez possa me dizer; por que não posso sair da propriedade? Isso é mágico?

—Talvez você prefira ficar e atormentar sua madrasta?

—Você não fez muito bem o seu berço, senhor Blake? Ela não está aqui há meses. Claro, já foi a estação, mas ela também não ficou muito tempo no inverno passado.

—Não, porque ela está evitando você.

Thornby revirou os olhos. —Você perguntou aos criados, senhor Blake? Você já conversou com Stewart, o gerente imobiliário? Se você puder pegá-lo sóbrio o suficiente, ele lhe dirá; Eu não posso sair. Se eu quisesse irritar Lady Dalton, não seria mais prático segui-la até Londres ou Hertfordshire ou aonde quer que ela vá? Mas eu estive aqui. Todo o verão. Novamente. Estou preso em Raskelf há um ano e meio e desejo muito bem que não estivesse.

Havia algo de convincente na atitude de Thornby. Se Thornby fosse de outra classe, John pensaria que estava dizendo a verdade, pura e simples. Mas Thornby tinha uma atitude tão arrogante. Depois havia a questão do charme

quebrado dos olhos de areia. E qual era a história de não poder sair? John não notou limites mágicos quando entrou ou saiu da propriedade. Thornby estava tentando enganá-lo?

Uma nota de tensão entrou na voz de Thornby. —Meu pai diz que é obra dele. Ele é bastante aberto sobre isso. Diz que se eu casar como ele deseja, ele tem o poder de me deixar ir. Não sei se isso é verdade e não sei que é mágico. Na verdade, achei que seria mesmerismo.

John fez uma careta. O mesmerismo parecia improvável e, quando ele conheceu lorde Dalton, não recebeu nenhum senso de poder mágico dele. Pelo contrário, ele sentiu que o homem estava trabalhando sob um fardo fedorento terrível. —Mas você sairia se pudesse? Você deixaria Lady Dalton em paz?

—Você continua nisso! Eu não estou fazendo nada com ela, digo. Mas você está certo. Ficarei feliz em deixar este lugar sangrento e viver minha vida novamente.

—E ver Ophelia. E o Palácio de Cristal.

—Bastante. — Inesperadamente, Thornby corou e voltou o olhar para os pinheiros.

John admirou o rubor com uma parte de sua mente, realmente querendo sorrir com a lembrança de Thornby discutindo no campo. Uma emoção de triunfo se contorcia em sua barriga por ter quebrado a fachada altiva de Thornby. Ele teve que resistir a uma vontade absurda e passageira de se gabar um pouco de seu envolvimento com Paxton. Ajudei a construí-lo, você sabe, o Palácio de Cristal. Ridículo. Ele decidiu chamar o blefe de Thornby.

—Tudo certo. Por que você não sai? Agora. Você pode caminhar até a vila mais próxima. Tenho certeza de que você pode comandar uma carruagem para levá-lo a uma estação.

—Eu volto. Toda vez. — Thornby cruzou os braços, tentando indiferença, mas parecendo um garoto acusado de quebrar uma janela. John ficou surpreso ao ver que ele estava tremendo.

—Talvez desta vez seja diferente.

—Por que deveria? Eu tentei antes. Eu escrevi na minha mão. Eu...

Thornby parecia tão angustiado que John sentiu um momento de simpatia, rapidamente seguido de suspeita.

—Venha — Disse John. —Se seu pai tem um feitiço em você, preciso vê-lo trabalhando para entendê-lo. O limite está lá. Por que não tomo seu braço?

John segurou o cotovelo de Thornby com um aperto de vício e o conduziu pelo caminho desgastado que marcava o limite da propriedade. Ele podia sentir Thornby tremendo de tensão, mas sem feitiços. Depois de apenas um passo ou dois, Thornby começou a lutar. John agarrou seu antebraço também.

—Venha, meu senhor, estamos atravessando a charneca. Você pode ir a qualquer lugar que quiser.

A cabeça de Thornby estava inclinada como se estivesse entrando em uma tempestade. Ele estava murmurando algo sobre estar atrasado para o jantar.

—Isso não importa; você vai jantar em York. Sabe, não consigo detectar nenhum traço de mágica sendo trabalhada contra você. Nem um pouquinho.

—Terra de Howarth. Invasão...

—Howarth não se importa. Não vamos roubar sua perdiz, não é? Você não acha fascinante que, até onde eu saiba, não haja mágica? Sem ligação, sem barreira, nada.

John deu mais alguns passos, forçando Thornby a segui-lo. Mas então Thornby começou a tentar escapar de verdade, torcendo como um peixe fisgado. John se agarrou a ele, continuou puxando.

—Não há mágica — Disse John entre dentes. Mas, enquanto falava, sentiu novamente aquela coisa fraca, quase detectável. Glamour? Ele achou que não, embora fosse difícil se concentrar com Thornby se debatendo. Eles deram outro passo, e Thornby caiu de joelhos, gemendo, dobrado como se sentisse dor.

—Vamos, cara, levante-se.

Inclinou-se para puxar Thornby e viu que a pele na testa de Thornby estava rasgando, o sangue escorrendo pelo rosto. O sangue escorria de seu nariz; sangue estava por toda a mão e escorrendo por debaixo das unhas.

—Que diabo! — John recuou, deixando ir. Choque e vergonha o percorreram em medidas iguais. Ele só queria provar que não havia mágica, mas em vez disso -

Ele assistiu horrorizado quando Thornby rastejava de volta para dentro dos limites de Raskelf e desabou.

CAPÍTULO TRÊS

Thornby acordou com a luz do sol amarela em sua cama, manchas de poeira dançando preguiçosamente acima dele. Deveria ser tarde. Ele bocejou e estremeceu, e a dor de seu rosto trouxe os eventos de ontem voltando à tona.

Ele se levantou. Ele estava no topo das cobertas, ainda vestindo roupas cheias de lama e salpicos de sangue de ontem. Sua mão esquerda estava envolta em um curativo ensopado de sangue, com sangue seco coberto de crosta negra sob as unhas. Ele tocou o rosto, sentindo mais ataduras. Seu cotovelo esquerdo torceu; foi machucado pelas garras de Blake.

Blake o forçou a andar na terra de Howarth. Thornby esperava na época que, com o poderoso Sr. Blake ao seu lado, ele simplesmente fosse arrastado para longe de Raskelf, através dos pântanos para a liberdade.

Mas então, é claro, ele queria voltar.

E Blake não o deixou.

Thornby estremeceu. Não tinha sido apenas a dor de sua pele rasgar. Tinha sido aquela sensação horrenda de força e espírito se esvaindo, como se alguma presença invisível estivesse sugando sua essência, deixando-o com nada além de osso.

Levantou-se, removeu cautelosamente as ataduras encharcadas de sangue e se olhou no espelho. Medonho. A pele estava aberta na testa e na bochecha como se ele tivesse sido arremessado contra uma parede de pedra. A parte de trás da mão esquerda era uma grande massa e as pontas dos dedos ardiam como se ele estivesse rasgando urtigas.

Lembrou-se vagamente de Blake ajudando-o a voltar para o Edifício, meio carregando-o. Thornby estava fraco como um gatinho, a cada passo uma eternidade de cansaço. Ele nunca ficou tão mal depois de tentar sair, mas nunca chegou tão longe antes. Por conta própria, ele conseguiu três ou quatro passos no máximo. Com Blake, ele deve ter tomado sete ou oito.

A maioria dos detalhes da longa caminhada para casa havia desaparecido, mas, apesar das circunstâncias, a sensação que ele mais se lembrava era a do braço de Blake em volta dos ombros. Ele fechou os olhos para recordar melhor o calor e a força do corpo de Blake ao lado dele. Uma pontada surpreendente de excitação percorreu seu intestino até sua virilha.

Bem, não é tão surpreendente. Ele não dormia com um homem há dezoito meses, e o Sr. Blake era bastante bonito, mesmo que fosse um bastardo arrogante. Quando eles voltaram para Raskelf, Blake o levou a uma sala de cartas raramente usada, limpou as feridas com algumas coisas fedorentas e as vestiu. Thornby estava exausto demais para falar, mas Blake parecia entender que Thornby não queria que ninguém fosse informado da situação. Então, afastando Blake, ele cambaleou até a cama e dormiu antes que pudesse tirar o casaco.

E agora, apesar de sua pele rasgada - ou talvez até por causa disso - seu estômago estava dando um nó em algo que parecia muito com esperança. As

feridas eram prova, e pareciam ser prova de mágica. Além do mais, Blake alegou ser um mágico. Ele falou como se a mágica fosse tão real quanto nabos ou pernas de mesa, como se quebrar feitiços e lançar feitiços fosse plausível, coisas do dia a dia.

Lady Dalton realmente pensou que Thornby estava lançando feitiços nela? Ele mal a conhecia. Ele a evitava principalmente, assumindo que, desde que ela aceitou o pai, ela deveria ser a maior idiota ou a mais escaladora social cruel da Inglaterra. Ela era filha órfã de um industrial rico e já fora fabulosamente rica. Tanto quanto Thornby sabia, seu dinheiro já havia acabado. O pai o descartara como palha no vento.

Ele não conseguia pensar em nenhuma razão para ela culpá-lo, não lorde Dalton, por seus problemas, mas por que Blake mentiria? Thornby não achava que ele era um homem que fazia travessuras. Por toda sua conversa sobre feitiços e magia, ele parecia intensamente prático; um homem que agia e esperava resultados e não precisava de falsidades. E ele não tinha sido totalmente insensível; tendo conduzido seu experimento, outro homem poderia ter ido embora e deixado Thornby sangrando na lama. Blake não tinha feito isso.

Então ele se lembrou de Blake dizendo: “Você não é páreo para mim”, sua voz cheia de desprezo e o brilho agradável de ter um braço forte ao seu redor desapareceu. Verdade seja dita, Blake era bastante aterrorizante. Se ele era um mágico, o que isso significava? Ouvira rumores de homens que venderam suas almas em troca de poderes ocultos. Blake era desse tipo? Um adorador do diabo?

Uma lembrança surgiu em sua mente; uma vez vira o que parecia ser um babuíno de pele fresca galopando pela Costa, esquivando-se de carruagens e pedestres. Ele exclamou, agarrando seus companheiros, mas eles não viram nada. Como eles erraram, ele nunca havia entendido, pois a coisa corria direto por eles, vermelho brilhante, mandíbulas abertas. Alguém sugeriu que se tratava de um cachorro ferido e Thornby tentou esquecê-lo.

Ele estava diante do espelho, com o coração acelerado como se a coisa horrenda de babuíno tivesse acabado de passar por sua mente. Seria possível que

ele realmente tivesse visto um demônio evocado da cova do inferno? Afinal, os cães geralmente não tinham garras como foices ou línguas bifurcadas.

Blake se associava com demônios? O que havia naquele baú grande e pesado? Ele tinha algum familiar parecido com um babuíno no seu quarto? Ele não tinha criado. Isso significava que ele era tão indizível que nenhum homem decente trabalharia para ele?

Thornby imaginou-se aproximando-se do Sr. Blake e pedindo ajuda, e mal conseguia reprimir um estremecimento. Se ele tivesse algo a oferecer ao sujeito. No passado, ele geralmente conseguia sair do problema; era incrível o que um soberano judicioso poderia fazer. Mas hoje em dia ele não tinha um centavo em seu nome. Ele não tinha nada desde Londres. O pai havia parado a mesada e ele nunca foi capaz de implorar. Ele mal gostava da ideia de interpretar o suplicante agora, mas depois gostava da ideia de abordar o Sr. Blake de mãos vazias ainda menos.

Então, quem cobrar por um empréstimo? Os funcionários não eram bons, e tia Amelia não tinha nada. Sr. Derwent da mesma forma. Thornby preferia morrer a se aproximar de Lady Dalton, e o povo da aldeia achava seis centavos uma soma principesca; eles estavam fora de questão. Que equação vil era essa, pesando a marca mais fácil! Ele suspirou. Talvez o reitor pudesse prevalecer? Thornby começou a trocar de roupa.



John passou a manhã perambulando por Raskelf, conversando com os criados e procurando feitiços ou vestígios recentes de demônios nas partes mais públicas da casa. Ele continuou virando as esquinas e encontrando outro corredor comprido com portas que davam para quartos cobertos de poeira, outra

galeria sombria, outra escada fria de mármore, outra infestação de besouros pretos.

As pontas dos dedos estavam secas e cinza por tocarem superfícies empoeiradas. Teias de aranha arrastavam-se sobre os punhos. Ele estava cansado do som de seus próprios passos e dos murmúrios da casa, e não conseguia evitar a sensação de ser vigiado. Mas ele não encontrou vestígios de magia recente.

Ele começou a manhã com dois objetivos: entrevistar lorde Dalton e evitar lorde Thornby.

Falar com lorde Dalton o ajudaria a avaliar a verdade da alegação de Thornby de que seu pai o mantinha em Raskelf, possivelmente por meios mágicos. Também permitiria que John visse melhor a maldição que seguia Dalton como um enxame de moscas em um carrinho noturno. John tinha certeza de que as duas coisas deveriam estar conectadas. Mas lorde Dalton havia saído cedo para visitar seus vizinhos, os Howarths, e não era esperado que voltasse para o almoço. John soube disso por Warren, o criado de Lorde Dalton, que andava sem parar nos quartos de sua senhoria.

Pelo menos John tinha conseguido evitar Lorde Thornby. Possivelmente isso foi facilitado pelo fato de Thornby também estar evitando ele. Thornby não apareceu a manhã toda. Se ele já havia tomado o café da manhã, o havia feito em seu quarto e certamente não se juntara à madrasta e à tia na igreja. Aparentemente, ele nunca foi, para o horror da empregada de copa. Mas então, se ele não podia deixar a propriedade, é claro que não poderia ir.

Thornby parecia um homem inocente. Desde que John viu seu rosto se abrir na terra de Howarth, uma horrível suspeita crescia nele de que ele havia se comportado como um valentão e um grosseiro. O pensamento de que ele talvez tivesse que se desculpar era suficiente para fazê-lo xingar baixinho. Ele quase podia ver o triunfo arrogante, quase ouvir o tom condescendente. Estar errado já era ruim o suficiente, mas estar errado na frente de um idiota superior como Thornby - danação!

Mas. Se Thornby era inocente, por que bons encantos não funcionavam

nele? O que aconteceu ontem na terra de Howarth? John não detectou nenhuma mágica, mesmo enquanto o rosto de Thornby se abriu diante de seus olhos. Então, para ter certeza absoluta de que Thornby era tão inocente quanto a bruxaria, ele precisou entrar em seus aposentos.

Os mágicos não podiam deixar de deixar vestígios de sua arte nos lugares em que viviam. O Edifício Raskelf, considerado residência, era muito grande, mas os quartos de Thornby deixariam John sem dúvida. Ninguém poderia falar com coisas inanimadas, assim como John; ele era o melhor que o Instituto tinha visto. Até os teurgistas o admitiram, por mais que se irritassem em serem espancados por qualquer homem dos materiais.

É claro que ele não sentia nenhuma inclinação natural de bisbilhotar nos aposentos de outros homens, mas se ele esperava escapar das fábricas e industrias um dia, esse provavelmente era o tipo de coisa com a qual ele deveria se acostumar.

Eventualmente, pouco antes do almoço, John olhou pela centésima vez fora de uma das janelas velhas e tortuosas e borbulhantes do primeiro andar, e dessa vez teve um vislumbre de Thornby indo em direção à vila em um velho cavalo preto. Ele tinha um ar decidido, e John daria muito a saber para onde estava indo. Mas agora era a chance perfeita. Uma das criadas apontou a porta do quarto de lorde Thornby. John foi até lá e bateu nela, o coração batendo rápido. Não houve resposta, mas a porta saiu da trava e abriu uma polegada.

A cama do quarto de Thornby era tão gasto quanto o resto de Raskelf. Damasco de seda vermelha desbotada adornava as paredes, e brocado vermelho desbotado pendia de um velho dossel. Um raio de sol jazia sobre a cama, e o quarto tinha o mesmo senso de potencial, de energia apenas momentaneamente ausente, como um palco vazio. Uma prensa de roupas de aparência antiga, do tamanho de uma pequena cabana, continha algumas roupas antiquadas de Thornby. Havia uma pequena sala de um lado - talvez uma antiga sala de pó, a julgar pela coleção de perucas vazias - e, do outro lado, um pequeno escritório.

John colocou a mão no batente da porta entre o escritório e o quarto da

cama e fechou os olhos. Quando sua mente se esclareceu, o suspiro mágico que encheu Raskelf e perturbou seu sono entrou em foco. Ele estava começando a se acostumar e sentir que isso não era nada fora do habitual para o lugar antigo. Ele estava acostumado a edifícios mais modernos - fábricas, indústrias, fundições ou seus próprios aposentos em Londres - mas Raskelf tinha uma longa história. Traços de magia dos séculos passados foram mantidos aqui.

Ele deixou a madeira velha contar seus segredos. Vira uma luz do homem; lantejoulas brancas conjuradas de um ramo de flores, mas isso foi há cem anos atrás. Lembrou-se de sangue e gritos, e o fedor doce de um demônio, mas ainda era mais velho. E, no passado distante, alguma mágica da fertilidade relacionada ao milho, tão fraca que era apenas um sussurro.

Não havia mais nada.

Ele entrou no escritório. Um cavalete exibia uma cor de água semi-acabada do Edíficio Raskelf ao amanhecer. Era muito bom, não que ele fosse algum juiz. Thornby parecia ter apenas um pincel e uma caixa muito pequena e quase vazia de tintas. John olhou os livros: Ovídio, Virgílio, Heródoto, Shakespeare - todos velhos e encadernados em couro azul, provavelmente da cavernosa biblioteca de Raskelf. Não havia livros de magia.

Uma tábua do assoalho rangeu no quarto e seu coração pulou na boca. Mas era apenas a casa antiga, falando consigo mesma de uma maneira comum.

Ele abriu as gavetas da mesa e vasculhou os papéis. Havia muitos desenhos a tinta e a lápis de plantas e animais da floresta. Além disso, alguns desenhos de Lady Amelia, um esboço de Stewart, o gerente imobiliário embriagado, parecendo surpreendentemente nobre, e alguns autorretratos. Thornby tinha um estilo animado e expressivo, mas nenhuma mágica emanava dos desenhos.

John colocou tudo de volta, reservando um dos autorretratos, que ele colocou no bolso. Uma boa semelhança de uma pessoa, atraída por essa mesma pessoa, poderia ser um ingrediente útil para um encanto se ele precisasse mais tarde. Não que a magia parecesse funcionar em Thornby ainda, mas certamente

seria melhor do que uma meia velha.

Ele estava meio que evitando a cama, com todas as suas associações, mas o lugar que uma pessoa dormia era um ponto de contato poderoso. Ele voltou para o quarto e colocou a mão nas tapeçarias de brocado vermelhas que antes eram ricas. Elas tinham desbotado no lado mais próximo da janela para um bege sujo. O brocado lembrava um amuleto de amor de cinquenta anos atrás, e um feitiço um pouco mais velho para engravidar uma mulher com um menino. Mas nenhum deles estava relacionado a Thornby. John respirou fundo e acariciou o brocado, seduzindo-o, sua magia subindo e descendo pelos fios. Queria agradá-lo, mas não tinha mais nada a dizer.

Quando ele afastou os dedos, ofereceu-lhe um lampejo de Thornby; cabeça lançada para trás, garganta comprida exposta, camisa de dormir enrolada no peito, uma mão envolvida em seu pênis ereto, seu corpo esbelto dourado pela luz do fogo.

A imagem foi direto para a virilha de John e ele xingou baixinho. Como se ele precisasse de mais distrações desse tipo. Mas ele dificilmente poderia culpar o brocado. O sexo não era mágico, é claro, mas objetos inanimados às vezes confundiam isso com isso e o ofereciam a um mágico. Todo o seu corpo tremia de tensão e ele respirou fundo, tentando relaxar.

Portanto, não havia mágica recente, nem uma coisinha.

O que significava que ele realmente acusou um homem inocente e o intimidou em um curso de ação que o deixou ferido. Seu coração afundou. Então, agora ele teria que fazer isso. Ele teria que enfrentar Thornby e pedir desculpas. E tentar não pensar em Thornby se masturbando ao fazê-lo. Maravilhoso. Isso tornaria tudo muito mais fácil. Sua cabeça latejava, junto com a virilha. Condenação. Onde tudo isso o estava levando? O que ele estava fazendo aqui? Por que ele não estava em Manchester verificando os feitiços dos teares? Ou em Londres, certificando-se de que ninguém teve outra chance no Palácio de Cristal?

O gongo para o almoço o fez pular novamente. Na verdade, isso de

esgueirar-se pelos aposentos de outro homem era repulsivo. E, no entanto, mesmo no Instituto eles nunca aconselharam contra a coleta de informações, se a causa era justa ou para o bem do Império. Critério. Restrição. Independência. Às vezes, os fins justificam os meios. É verdade que essas palestras tinham como objetivo os teurgistas que estavam entrando na política, nas forças armadas ou na igreja, mas ele supunha que a teoria se mantinha verdadeira em situações mais pessoais.

Lorde Thornby, graças a Deus, não estava presente na sala de jantar.

John e Lady Dalton conversaram educadamente enquanto comiam sopa de ervilha aquosa e truta cozida demais. John tentou várias vezes envolver Lady Amelia e o primo idoso, sr. Derwent, na conversa, mas seus insultos não deram em nada. O Sr. Derwent tinha um selo Ming no bolso; John podia ouvi-lo sibilando ofendido.

Em sua primeira noite aqui, jantando à luz de velas, ele pensou que Lady Dalton parecia nervosa e mais magra do que ele se lembrava dela. Agora, à luz do dia, ele estava chocado com a mudança nela. Ele a conhecera uma vez na casa de Catterall em Londres antes de seu casamento. Ela não era bonita até então, mas sua bondade, vivacidade e juventude haviam lhe emprestado um charme considerável. Lembrou-se daquela noite em Londres que estava cansado e silencioso, absorvido por alguns problemas da fundição. E embora ela fosse uma herdeira noiva de um marquês, ela se esforçara bastante para atraí-lo e apresentá-lo a suas amigas.

Agora sua tez uma vez fresca estava manchada de manchas que ecoavam a cor da ameixa de seu vestido. O charme que ela usava cheirava a leite rançoso e pastilhas para tosse. Seus olhos, de um azul muito claro, estavam afundados, e ela engasgou quando o Sr. Derwent deixou cair a colher contra a tigela. Ela estava tentando colocar um rosto corajoso, mas estava com um medo terrível. Uma centelha de raiva acendeu dentro de John, arruinando seu apetite.

Depois do almoço, quando ele ofereceu seu braço e uma volta pelo jardim, ela o agarrou como uma mulher que estava se afogando e o puxou para o terraço

coberto de urna na frente da casa.

—Sr. Blake, onde você esteve? Onde você estava ontem? Eu tinha medo que você tivesse saído! Você já falou com lorde Thornby? Você disse a ele que ele deve parar com isso?

—Eu falei com ele. Mas ele não sabe nada de mágica, prometo. Ele não está fazendo nada com você.

A casa pairava sobre eles, pináculos e ornamentos barrocos arrepiados. Do outro lado do terraço, além das urnas de pedra, um hedge de teixo crescido quase da altura da casa. Era opressivo, como andar em um túnel. Ele a conduziu até onde a cerca parou, dando uma vista para um campo muito verde. Eles estavam do lado de fora da ala oeste vazia agora. Ele continuou andando, tentando abalar a sensação de que as cortinas se contraíam quando passavam.

—Mas ele está! — Ela abaixou a voz. —Ou alguém está. Havia um ouriço debaixo da minha cama ontem à noite. Eu podia ouvi-lo arranhando antes de saber o que era. E parece estranho, de alguma forma. Como poderia ter entrado, a menos que alguém o colocasse lá? E quem poderia ser senão ele? Isso significa alguma coisa?

De perto, o amuleto que ela usava tinha uma sensação prática; áspera, mas junto com confiança. Tratava-se principalmente de sexo e fertilidade, mas também havia uma barreira para proteger do mal. Ela não havia conseguido, mas tinha uma sensação feminina. Ela provavelmente comprou de uma sábia do interior. Estranhamente, a coisa continuou lembrando-lhe o gado, até que ele percebeu que quem o montou estava mais acostumado a fazer encantos para vacas. Provavelmente sem querer, ela deu a Lady Dalton um encanto que pode fazer um touro pensar em seu jogo justo. Era terrivelmente perigoso. Ele deveria tirá-lo dela e dar-lhe algo melhor.

—Um ouriço? — Ele disse.

—Eu disse à minha empregada para colocá-lo em uma caixa de chapéu, caso você queira vê-lo. Está em uma barraca vazia nos estábulos. — Ela corou e abaixou a cabeça. —Não é nada, é? Estou sendo boba.

—Não é bobo — Ele disse seriamente. —É um lugar estranho para encontrar um ouriço. Vamos ver.

O ouriço congelou quando ele levantou a tampa da caixa de chapéu. Ele colocou um dedo em suas espinhas, esperando que guardasse suas pulgas para si. Seu nariz começou a arder, os olhos de botão de bota olhando para ele ansiosamente. Ele podia sentir a vida girando dentro dele. Deus, dê a ele uma viga de ferro honesta qualquer dia! Ele tentou se concentrar e ignorar Lady Dalton, que estava torcendo as mãos pela porta do estábulo. A criatura não carregava encantos. Não foi amaldiçoada. Não havia sido convocada. Não foi construído. Não havia sido administrado com nenhum tipo de poção. Não havia barreiras nele. Não havia traços de mágica.

E, no entanto, quando ele se ajoelhou, veio outra vez aquela coisa fraca e estranha que ele notou quando estava forçando Thornby a deixar a propriedade. No momento em que ele percebeu, sumiu e ele sentiu que havia imaginado. Essa criatura poderia de alguma forma estar relacionada? Mas como? Certamente não era familiar de ninguém e, no entanto....

—Eu acho que é apenas um ouriço. — Ele não queria alarmar Lady Dalton com vagas suspeitas. Ele se levantou, tirando a palha dos joelhos. —Mas, posso mantê-lo em sua caixa de chapéu mais um pouco, minha senhora?

Ela parou de torcer as mãos e as apertou como se estivesse rezando. —Por favor me diga a verdade. Você acha que há algo estranho nisso ou não?

Ele podia ver que sua resposta importava muito. Era tentador protegê-la, mas ela foi pega no meio disso. Ele devia a verdade a ela, certamente.

—Sim, há algo estranho. Acho que estou imaginando, mas... — ele gesticulou impotente.

—Sim! É isso aí! Sabe-se que há algo errado. Mas não se pode... —Ela parou, e explodiu: — Sr. Blake, estou tão feliz que você veio! Estou tão feliz que meu primo te convenceu. Você não acha que há algo terrivelmente estranho aqui em Raskelf? Não tenho provas, então me sinto tão tola, mas não posso evitar.

Ele olhou para ela de perto. Poderia ser que ela tivesse alguma

sensibilidade pouco mágica à magia, incluindo essa misteriosa magia talvez que ele ainda não tinha identificado?

—Eu também sinto — Disse ele. —É como nada que eu já tenha visto antes. Mas eu sinto isso.

Ela fechou os olhos. — Graças a Deus — Ela sussurrou. —Você não tem ideia de como tem sido. E todo mundo me achando uma garota boba.

—Eu não acho isso.

—Não. Eu posso ver que você não acha. — Ela conseguiu dar um sorriso aguado.

—Vamos dar a esta criatura uma bebida e algo para comer, certo? Mas primeiro é melhor você me dar esse amuleto que está usando. Receio que não seja exatamente isso, você sabe.

Ela corou. —Oh! Como você - oh, mas é claro que você sabe. Eu estava desesperada. Ela disse que isso me manteria seguro.

Absteve-se de dizer: Poderia ser para uma vaca. Ainda corando, ela puxou uma corda do pescoço e entregou a ele uma pequena bolsa de couro escondida dentro do vestido. Estava ligada a ela, e o cheiro parou no momento em que deixou sua mão.

—Eu estarei segura sem ele?

—Vou te dar uma coisa melhor. Sabe, tenho certeza de que Lorde Thornby não está fazendo mágica com você, mas ele acha que seu pai está fazendo algo com ele. O que você sabe sobre essa história de que lorde Dalton não deixará lorde Thornby deixar a propriedade até que ele se case?

—Ele quer que Thornby se case. E ele falou sobre algumas coisas em Londres. Uma pintura de uma dama da mitologia grega. Espero que você tenha ouvido falar sobre isso; Estava em todos os jornais. Lorde Thornby tem que ficar aqui até que ele faça um casamento respeitável.

—Mas por que?

—É o nome da família, senhor Blake! Lorde Thornby é muito imprudente, às vezes. O marquês quer que ele se acalme. Certamente algum pai iria querer

isso?

—Mas é verdade que Lorde Thornby não pode deixar a propriedade?

—Dalton parou sua mesada. Suponho que é isso que Lorde Thornby quer dizer se ele diz que não pode sair. Ele não tem renda.

—E se eu disser que ele realmente não pode sair; que há algo mantendo-o aqui.

—Magia?

John suspirou. —Se for, não consigo detectá-la, mas não vejo como poderia ser outra coisa. Você suspeita que mais alguém por aqui use magia?

—Não. — Ela olhou para alguns fragmentos de palha suja que grudavam na bota cor de ameixa. —Comprei meu amuleto em Pickering; que está a milhas de distância. Não poderia ser o Sr. Derwent, poderia? Ele parece tão vago e velho, mas ele tem algumas curiosidades estranhas, não é?

—Ele tem. — John concordou. —Mas, peço desculpas, e quanto a lorde Dalton? Lorde Thornby diz que seu pai admite isso abertamente e lhe disse que uma vez que ele se casar, ele poderá sair. O pai dele afirma ter esse poder.

Houve uma longa pausa. Ela juntou as mãos em uma dobra do vestido. Então, essa era a possibilidade que ela não queria considerar: que seu próprio marido estava fazendo essas coisas com ela. Ele já havia gastado todo o dinheiro dela. Agora, além de sua frieza em relação a ela, ele também a estava aterrorizando secretamente?

—Eu não sei. — Ela disse, com a voz fraca.

—Lorde Dalton já se comportou de maneira estranha, você diria?

—Nada de especial. Ele está sempre comprando pequenas ilhas rochosas, 'recifes', acho que são chamadas. Achei que era um entusiasmo estranho quando o conheci, mas ele acredita nas algas como fertilizante e, para mim, os cavalheiros costumam parecer estranhos em seus interesses. Certa vez, conheci um visconde que falou sobre os benefícios de apostas por mais de uma hora. Uma hora, Sr. Blake! Através de sete danças!

Ela sorriu timidamente, como se estivesse esperando que ele lançasse uma

palestra sobre ele mesmo. Ele sorriu de volta.

Encorajada, ela continuou. —Quando conheci lorde Dalton, ele era diferente. Ele foi cortês. Ele nunca foi cruel. Talvez ele não fosse tão convencional quanto a maioria dos homens que conheci, mas gostei disso nele. Ele nunca parecia se importar com o que as pessoas pensavam. Meus pais se importaram tanto! Encontrar alguém que não... — Ela fez uma pausa, procurando a palavra certa. —Foi libertador, senhor Blake. Suponho que casei com ele pelos piores motivos possíveis, mas pensei mesmo...

Sua voz, que se tornou quase um sussurro, sumiu.

—Você não seria a primeira jovem a virar a cabeça por um nobre — Disse John gentilmente.

Ela olhou para ele inexpressivamente. —É isso que as pessoas pensam, não é? Eu queria o título. Lady Dalton. É nisso que George acredita.

—Esse não é o caso?

—Claro que entendo por que as pessoas assumem isso.

Sua voz estava resignada. Ela estava acostumada a não acreditar. Ele esperou silenciosamente pela verdade.

—Ele me implorou. Me implorou de joelhos. Nenhum dos outros fez isso. Mas a verdadeira razão... — ela se interrompeu novamente, e John desviou os olhos para poupar o constrangimento, esperando uma história de paixão ou sedução, mas ela o surpreendeu novamente.

—Sinto muito por ele — Disse ela. —Eu sei que esse é o pior motivo para se casar com alguém. Eu fui tão tola! Mas ainda sinto muito por ele, mesmo agora. Eu sei que ele negligencia seus deveres e não há dinheiro, e ele e Thornby discutem terrivelmente. Mas há algo que o leva a isso. Não quero dizer que é mágica. É mais: sua primeira esposa morrendo. E ele a amava muito. Eu pensei - se estivéssemos casados - e pareceu funcionar a princípio. Às vezes ele era tão gentil! Quando chegamos a Raskelf, ele me trouxe flores. Não eram grandes buquês dos jardins, mas margaridas ou violetas. Ele mesmo as escolheu. Ou ele disse que sim. Talvez fosse o filho do jardineiro o tempo todo. Mas tudo parou

quando ele trouxe lorde Thornby para casa.

Ela ficou parada junto à porta do estábulo, com um fio de palha suja esquecido na mão, olhos desfocados, lembrando.

John podia pensar em outra razão, mais cruel, pela qual Lorde Dalton poderia trazer flores silvestres para ela, em vez de buquês, mas ele não expressou. A idéia do marquês agressivo e grisalho colhendo violetas sentou-se desconfortavelmente com sua ideia do homem, mas então a maioria dos homens às vezes se comportava estranhamente no que dizia respeito às mulheres, especialmente se essas mulheres eram herdeiras ricas.

Então, ela se casou com Lorde Dalton porque sentia muito por ele. Era realmente um motivo terrível para se casar com alguém, mas talvez o amor tivesse crescido se o marido continuasse a tratá-la com gentileza. Ele se perguntou novamente se ela tinha alguma sensibilidade à magia, se talvez ela pudesse sentir a maldição e sentir pena do homem que estava debaixo dela sem saber o porquê. Se ela fosse um menino, ela teria sido testada. Ela poderia ter ido ao Instituto ou ter aprendido em algum lugar.

John deu suas desculpas, subiu as escadas e começou a colocar um feitiço em um lenço que ela havia lhe dado. Ele fazia proteções o tempo todo, mas seus clientes habituais eram operários de fábrica ou seus chefes, e geralmente os protegia do fogo, de ferimentos por esmagamento ou corte, de fibra de algodão nos pulmões ou de erros causados pela exaustão e fome. Esse era um tipo completamente diferente de trabalho; protegendo do desconhecido, da malícia geral. Ele demorou um pouco. Ele até voltou a seus livros em um ponto. As proteções para senhoras tendiam a conter um nível soporífico, para acalmar e tranquilizar. Mas ele pesou o saco de contas de Hochmel na mão e as colocou de lado. Ele nunca os usou para as moças; elas precisavam de inteligência sobre elas. Se Lady Dalton realmente tinha alguma sensibilidade à magia oculta, parecia errado entorpecer seus sentidos enquanto ela estava presa no meio de tudo.

Ele colocou o lenço encantado no bolso, para dar a ela, e seus dedos

pegaram a borda do desenho que ele havia colocado no livro de bolso.

Ele tirou o retrato de Lorde Thornby e o examinou. No começo, tudo o que ele podia ver era seu próprio desejo. Havia algo no rosto de Thornby que superava o clássico ao ficar aquém dele. Talvez seu nariz fosse muito estreito, sua boca muito larga e suas bochechas muito vazias, mas essas imperfeições deixaram John saber que ele era carne, não mármore, e o conhecimento fez seu coração bater forte.

Mas depois de um tempo, ele começou a ver de uma maneira diferente. Thornby havia se inclinado um pouco, com o queixo estendido para o espectador, os olhos encobertos. Quando John olhou pela primeira vez, ele achou uma pose arrogante. Mas agora ele olhou mais de perto e viu que não era. De fato, ele já havia visto essa atitude em pessoas terrivelmente enlutadas; os olhos cheios de desespero, a boca tensa. Era o rosto de um homem munido com orgulho, porque isso era tudo o que lhe restava.

John suspirou e colocou o retrato de volta no bolso. Ele fez como Catterall havia pedido; ele veio para Raskelf, ele procurou por magia. Ele provou a inocência de Lorde Thornby. Mas Lady Dalton ainda estava com problemas. O marquês foi amaldiçoado, mas por quem? E Thornby, o homem mais estranho, mais bonito e mais desconcertante que ele já conheceu, estava de alguma forma preso no coração disso.

Ele não podia ir embora.



Thornby voltou para casa de mãos vazias. A tentativa de pedir emprestado dinheiro ao reitor fora espetacularmente mal. Thornby, é claro, não tinha sido capaz de chamar o homem, porque ele não podia mais andar até a vila, mas havia pairado nos portões da propriedade até conseguir persuadir um homem

transeunte para buscar o companheiro para ele. O reitor ouvira, de boca aberta, o pedido de dinheiro de Thornby, depois falou uma pequena palestra sobre dívidas de jogos e filhos pródigos e desejou-lhe um bom dia. Thornby, com o rosto quente de vergonha e fúria, simplesmente teve que vê-lo partir.

Na esperança de permanecer sem ser detectado, ele subiu as escadas do criado e atravessou a sombria Galeria Drake. Ele estava quase no quarto quando percebeu que o Sr. Blake estava parado no primeiro andar, olhando para um busto de Cato. Thornby parou, escondendo-se nas sombras atrás da porta da galeria. Blake estava de pé com os braços cruzados, encarando o busto como se tivesse acabado de insultar sua mãe. Seu traje escuro e sóbrio era tão imaculado quanto seu cabelo escuro e sóbrio. Ele parecia esperto; ninguém que parecia tolo. Ele era realmente um mágico? Com uma coisa horrível de babuíno sangrando no quarto dele? Possivelmente. No entanto, ele parecia mais um homem de negócios; o tipo que sabe o preço de tudo.

Como ele poderia pedir ajuda a Blake quando ele não tinha nada para dar em troca? Thornby podia se imaginar se contorcendo sob o olhar fulminante de Blake com tanta clareza que se viu na ponta dos pés. Ao mesmo tempo, nunca lhe passou pela cabeça que a confiança se devia em parte aos meios. Agora ele sabia melhor.

Implorar pelo reitor o esgotara. Sua alma se sentiu crua com o fracasso e a vergonha. Talvez ele sinta vontade de enfrentar Blake depois do jantar. Thornby voltou para o lado leste da casa e desceu para o jardim afundado. Esta tarde estava cinzenta e infeliz, exceto por algumas roseiras vermelhas brilhantes apenas visíveis no crepúsculo. Ele se sentou no assento de madeira contra a parede oeste, completamente escondido da casa.

A mãe lhe mostrara esse lugar quando ele era criança. Ele imaginou o lugar como tinha sido no dia em que ela o mostrara - um tumulto de vegetação, brilhante com flores, vivo com abelhas e borboletas. Eles correram para cá de mãos dadas, rindo, sem fôlego, escondendo-se da babá. Eles haviam se aconchegado neste mesmo assento, e mamãe sussurrou em seu ouvido que,

quando ele fosse um pouquinho mais velho, ela lhe mostraria um segredo grande e maravilhoso. Ele implorou que ela contasse a ele agora, e ela sorriu e disse que contaria a ele um pequeno segredo, para ver se ele poderia mantê-lo. E se ele pudesse mantê-lo por um mês inteiro, então ela diria a ele o maior. Ele concordou, e ela apontou para as chagas que cresciam ao lado do assento e mostrou as gotas de orvalho que brilhavam no centro das folhas redondas. Ela disse a ele que eram jóias de fada, mas que ele não deveria contar para uma alma ou as fadas ficariam com raiva. Ele acreditou nela, e passou a maior parte dos dias no jardim submerso depois disso, esperando ver uma fada.

Então ele fez oito anos e foi mandado para a escola. E a mãe morreu e ele nunca mais a viu.

Ele percebeu que tinha escurecido e ele ficou frio e rígido com a espera. Mas pelo que ele estava esperando? Nada iria aparecer. Ele era totalmente sem amigos. Ele não tinha nada para dar ao sr. Blake para convencê-lo a ajudar, e não tinha como conseguir nada.

E agora ele deveria entrar e se trocar para jantar com seu pai, o bastardo que foi responsável por tudo.

CAPÍTULO QUATRO

Cinco pessoas sentaram-se para jantar naquela noite; John, Lorde Dalton, Lady Dalton, Lady Amelia e o velho Sr. Derwent. Havia um local vazio à direita de John. Lorde Dalton olhou para ele brevemente e acenou com a mão irritada para o mordomo começar a servir.

Eles começaram a sopa de cenoura quando Thornby entrou. John tentou não olhar, e falhou.

Thornby se vestira para o jantar com calções de seda pretos apertados, colete e casaco, meias de seda preta e uma gravata preta que envolvia sua garganta. Ele usava na lapela um ramo de roseira que brilhava como pequenos candeeiros vermelhos. John já vira roupas tão antiquadas antes, mas apenas em cavalheiros idosos que, por razões de hábito ou economia, ainda usavam a moda de sua juventude. Ver uma roupa dessas em um homem tão jovem e bonito como Thornby era impressionante, para dizer o mínimo. As feridas no rosto e na mão de Thornby haviam se espalhado e pouco fizeram para prejudicar sua elegância. Na verdade, eles aumentaram o efeito de libertino da Regência, recentemente vindo de um duelo incomumente sujo.

John se levantou, fez uma reverência e recebeu um olhar glacial.

—Boa noite — Disse Thornby. —Perdoem meu atraso. Realmente, os dias passam tão rapidamente nesta época do ano. — Ele se sentou, colocando uma expressão entediada quando o mordomo encheu seu copo. Mas seus olhos estavam cautelosos. Ele jogou o jarro para trás como se fosse água e fez um gesto impaciente para reabastecer.

John esperava pedir desculpas a ele sem uma audiência, mas achou que poderia acabar logo com isso. Ele abriu a boca para fazer isso quando percebeu que Lorde Dalton, que estava sentado à cabeceira da mesa, fixara seu filho com um sorriso desagradável.

—Bem, Soren, você saiu do seu cavalo, garoto? — Disse Dalton.

—Como você é observador, pai. Foi exatamente o que aconteceu. — Thornby lançou um olhar para John, como se o desafiasse a dizer a verdade.

—É aquele velho cavalo que você monta. Sinbad, não é? Vou pedir que Stewart o leve para comer carne de cachorro. — Disse Lord Dalton.

—Pai, você não pode destruir o cavalo que me deu! — Ele olhou para John novamente. —Pai gosta muito, não acha, senhor Blake? Dificilmente foi culpa do animal, mas então, isso é pai; sempre culpando os inocentes. Você pode se sentir um pouco menos afeiçoado, pai, quando confesso que tomei Pendragon sem a sua permissão e foi ele quem me jogou. E agora você disse que dará

comida de cachorro ao seu próprio cavalo. Que pena!

—Cheio de mentiras, como sempre. Eu sei o que aconteceu. —A voz de Lorde Dalton era fria, quase entediada. Ele tomou uma colher de sopa. —É a primeira vez que você chega tão longe, não é? Levou tempo suficiente; você sempre foi um covarde fracote e condenado.

John congelou com a colher a meio caminho da boca, sem saber o que o chocou mais; os insultos públicos - na frente de damas também - ou a alusão aberta ao que quer que tenha mantido Thornby aqui. Lorde Dalton parecia admitir muito livremente, se não sua culpa, seu poder sobre o filho. No extremo oposto da mesa para o marido, Lady Dalton largou a colher e inclinou a cabeça como se tentasse se afastar da cena. A cabeça de Lady Amelia subira com o cheiro da batalha, a boca contraída em desaprovação, mas ela não falou. Apenas o velho Sr. Derwent continuou colocando a sopa, principalmente na boca, em parte por cima do paletó.

Thornby sorriu para o teto sombrio. A mesa continha muitas velas, mas a luz parecia encolher-se, incapaz de perfurar a escuridão.

—Você está tão certo, pai. Um fraco. Um covarde. — Thornby suspirou teatralmente. —Eu seria um marido terrível. É melhor nunca me casar. Como eu gostaria! Uma daquelas adoráveis senhoras ricas, tenho certeza que você fez uma fila para mim. Mas não seria justo com elas. — Ele olhou para Lady Dalton. — Senhora? Pense nos terríveis filhos que eu geraria; como pai, como filho, como eles dizem.

Lady Dalton olhou nervosamente para o marido, depois para Thornby e depois para o marido. Os homens não a olharam. Dalton olhou com ódio para o filho, enquanto o filho afetava uma expressão de nobreza martirizada.

John decidiu que as coisas tinham ido longe o suficiente. —Como você acha que Lorde Thornby se machucou, senhor? — Ele disse para Dalton.

Dalton olhou para ele e franziu o cenho. —Blake, não é? Sim, eu convidei você. — O cenho dele se aprofundou. —Não consigo pensar o porquê.

—Tenho contatos muito valiosos, senhor — Disse John com firmeza. Com

o encanto da Voz de Judas, era importante parecer confiante. —Mas você tem uma teoria sobre como lorde Thornby sofreu os ferimentos? — Ele se virou para Thornby. —Lesões que sinceramente me arrependo, meu senhor.

Thornby deu a ele outro daqueles olhares aborrecidos e entediados, mas então uma expressão especulativa surgiu em seus olhos. Era quase uma pergunta, embora John não se sentisse capaz de responder em público. Ele voltou-se para lorde Dalton.

—Bem, meu senhor? Você tem uma teoria?

—Você nunca ouviu as fofocas locais, Blake? O garoto é fraco de inteligência, então talvez ele esteja batendo a cabeça contra uma parede. Ou talvez ele seja um degenerado e os anos de vida impura estão deixando sua marca. Depende de quem você pergunta.

—Fofocas da vila. — John balançou a cabeça com desdém. —Mas você tem uma teoria própria? Não foi uma queda de um cavalo, você diz? Então, o que foi?

—Não sei se gosto do seu tom, Blake. — Dalton olhou para ele, olhos azuis bastante vermelhos, boca ameaçadora.

—Desculpe, senhor. Não quis ofender. — John tomou um bocado de sopa, imaginando se seria expulso, Voz de Judas ou não.

—O pai não tem nenhum tom de voz, e você se ressente com os outros — Afirmou Thornby. Ele estava chamando deliberadamente? Era impossível dizer. — Mas, seja como for, senhor Blake, é muito decente da sua parte cuidar tanto da minha pele. Espero que o pai esteja prestes a anunciar um baile de outono ou algo tão horrível em breve, e seria uma pena se eu não parecesse o meu melhor para as mulheres, não seria? Embora, é claro, agora eu tenha jurado nunca me casar, talvez isso não importe tanto?

—Você vai escolher uma dessa vez — Disse Dalton, com voz ameaçadora. —Ou eu vou escolher uma para você. Minha paciência está acabando.

Thornby balançou a cabeça. —Não, pai. Seu dinheiro está acabando. Paciência e dinheiro são duas coisas bem diferentes. Você deve procurá-las no

dicionário. Talvez a marquesa pudesse ajudar. Ela poderia procurar 'desalinhamento', não poderia?

—Deixe-a fora disso. — Disse John, em voz baixa mas firme para Thornby. Pelo canto do olho, ele podia ver a sobrancelha levantada de Thornby, mas o homem mais jovem não disse mais nada.

—Existe um baile, meu senhor? — John disse neutro para lorde Dalton.

Houve uma longa pausa, enquanto Dalton olhava furioso para sua família, como se desafiando alguém a intervir. Derwent terminou a sopa e olhou em volta, confuso, para as tigelas cheias dos outros. O rosto desgastado de lorde Dalton relaxou um pouco.

—Uma pequena festa. Os Greys e os Lazenbys estão chegando. —Ele levantou a voz para Thornby. —Grey e Lazenby, garoto. Você ficará agradável.

Thornby suspirou de novo, como um bom professor com uma pupila lenta. Mas os nós dos dedos estavam brancos na haste do copo e John percebeu que, durante todo o show, Thornby estava furioso. Sua voz, quando ele falou, era ainda mais precisa que o normal.

—Gostaria que você entendesse, pai, que nada mudou desde o inverno passado, quando você desfilou com algumas mulheres na minha frente. Não serei agradável com alguém que desprezo e não mentirei para alguém que gosto. Não que eu faça uma, você entende, mas minha proposta seria a seguinte: 'Case comigo, por favor. É claro que quando você casar, seu dinheiro chega até mim, e eu estou à mercê do meu pai. Então, ele pega o dinheiro de alguma forma e vai para a Escócia, deixando você com nada além de um marido que não a ama e que não pode deixar a propriedade. Não soa alegre? Qualquer garota pularia a chance.

—Você acha que ficar aqui é o pior que posso fazer com você? — Lorde Dalton cuspiu. —Olhe para você, pulando como um maldito estou. Vou ter que organizar uma pequena demonstração para você, garoto. Você pode de repente achar a senhorita Grey uma perspectiva mais atraente.

A ameaça aberta claramente tocou um nervo. Thornby fez um ligeiro

movimento brusco para a frente, como se ele pudesse pular sobre a mesa e enfeitar seu pai com a fruteira dourada. Seu rosto era como um trovão, o tédio desapareceu como a ilusão que tinha sido. John descobriu que havia subido uma fração em seu próprio assento, preparando-se para segurar Thornby. Ele mal podia acreditar no que estava acontecendo. O que as mulheres devem estar pensando? E na frente dos criados! Ele já esteve em alguns jantares desagradáveis, mas este foi o primeiro em que ele sentiu que dois da festa poderiam realmente se encontrar entre os condimentos.

—Deixe o garoto em paz —Lady Amelia disse de repente para o irmão, cortando a tensão. Ela usava um vestido de noite em verde esmeralda. Juntamente com seus cabelos brancos como a neve, isso lhe dava uma aparência sobrenatural, como uma deusa vingativa em uma peça. —Você volte aqui, Dalton; você passou o verão inteiro de novo! Os chalés dos Ramparts estão caindo. A capela tem podridão seca. O lugar está caindo aos pedaços. Não há dinheiro em algas marinhas. Você não vê isso se chegou em casa? O que você quer da Escócia, afinal? O que você quer com a Irlanda? Você poderia salvar as coisas aqui, se você voltasse para casa e agisse como deveria. —Ela recostou-se na cadeira, o rosto cinza, um brilho de suor umedecendo sua testa, embora não estivesse quente no quarto.

Lorde Dalton lançou-lhe um olhar de desdém. —Mulher estúpida. Nem uma pista — ele disse quase para si mesmo. Ele se levantou e fez um gesto para o mordomo. —Vou jantar no escritório.

Thornby também se levantou. Sua cadeira caiu para trás com um barulho. Seus olhos brilhavam à luz das velas e duas manchas de cor entraram em suas bochechas.

—Como você ousa chamá-la de estúpida? Você é o tolo aqui! Você acha que ficar aqui é um castigo para mim? Você não poderia estar mais errado. Você sabe o que fez? Você devolveu a mãe para mim. Eu a esqueci; você sabia disso? Você nunca me deixou voltar para casa depois, deixou? E eu a esqueci. Mas agora, lembro-me dela todos os dias. O jardim submerso onde ela gostava de se

sentar. O lugar favorito dela, até o vaso da Jennie. Lembra? Do jeito que ela riu daquela tela ali. — Ele apontou o dedo para um retrato sombrio de um sombrio Tudor Dezombrey que olhou para a mesa. —Isso me assustou, e ela disse 'Não, Soren, ele está com dor de estômago, só isso' e riu. Lembra? Bem, eu lembro. E eu lembro que ela me amava. E ela me amou mais do que você. —Sua voz tremeu na frase final e ele enxugou um olho rapidamente com as costas da mão. — Seu velho bastardo. Às vezes me pergunto se você a matou.

Um silêncio desceu, carregado com o constrangimento excruciante dos ingleses durante uma cena. John tentou manter o rosto absolutamente em branco. Ele podia ouvir a respiração de Thornby, dura como se estivesse correndo. Os punhos de Thornby estavam sobre a mesa; seu tremor fez os talheres tremerem.

—Soren... — Lady Amelia começou, mas lorde Dalton a interrompeu.

—Amor? Você não sabe nada sobre amor, degenerado filho. Eu a amava verdadeiramente. Você entende? Verdadeiramente. Mais do que nada. Você nunca teve uma mulher em sua vida, teve? Seu maldito afeminado! Toda a minha vida foi por amor. Minha vida inteira. Vocês são todos tolos. — Ele se virou e se afastou da mesa, real e calmo.

John ficou perfeitamente imóvel. O que ele esperava que Lorde Dalton dissesse à explosão de seu filho, não era isso. Quando Dalton saiu da sala, Lady Dalton começou a chorar.

—Bem! Jantares em família. Bom ânimo e brincadeiras felizes. Estamos tratando você de uma adorável hospitalidade de Yorkshire, não estamos, Sr. Blake? — Thornby estava procurando um tom descuidado, mas sua voz tremia novamente. Ele se virou e saiu pela porta oposta à tomada pelo pai.

John deixou Lady Dalton chorando com Lady Amelia e seguiu Thornby. Claro, não era o lugar dele, mas havia uma nota de desespero na voz do jovem que o preocupava. Além disso, ele tinha coisas para lhe dizer.

Ele não precisou procurar muito. Thornby estava sentado em um assento na janela no salão azul, a apenas alguns quartos de distância. O salão estava pouco iluminado por meia dúzia de velas baratas que enchiam o ar de fumaça.

Quando John se aproximou, Thornby levantou-se e bateu uma jarra de conhaque em uma mesinha.

—Bem? O que diabos você quer? — Thornby disse em tons de hostilidade aberta.

—Para me desculpar adequadamente pelo meu comportamento ontem.

—Tudo bem, você fez a coisa decente. Agora você pode se foder.

—Você disse que não sabia nada de mágica. Então, eu... — John respirou fundo. —Fui aos seus aposentos e olhei em volta. E você estava dizendo a verdade. Sinto muito por duvidar de você, mas o problema é...

—O que?! Você foi aos meus aposentos? Você olhou em volta? Seu maldito porco! — Thornby se lançou para ele. John se esquivou, mas Thornby lhe deu um golpe na mandíbula. Thornby recuou para outro balanço, mas desta vez John pegou seu punho e o segurou.

—Pare com isso, sim? Eu sinto muito. Você acha que eu gostei de esgueirar-me por aí? Eu tinha que ter certeza. — Ele deixou cair o punho de Thornby. —Inferno, eu não sou apaixonado por esse tipo de coisa. Vá em frente, faça um soco livre, se quiser. Suponho que gostaria, se alguém passasse pelas minhas coisas.

Thornby olhou para ele, cuidando dos nós dos dedos. —Então, eu não estou lançando feitiços em sua senhoria? Que alívio ouvir você dizer isso. Você pode ir embora, não é? E conte ao seu primo que a senhora está inventando histórias de Banbury. Porque ela prefere acreditar naquelas coisas que o marido é um bastardo velho e vil que só se casou com ela pelo dinheiro dela.

—Mas eu não-

—Porque você nunca pode dizer que uma dama é uma tola na escalada social, e certamente não é seu primo. — De repente, a luta pareceu sair dele, e ele se encostou na parede em uma pose de derrota total. —Diga a ele o que quiser, mas me deixe em paz.

—Gostaria que você me ouvisse. Não seria certo voltar para Londres, porque há algo malditamente estranho acontecendo. Para ela, sim, e para seu pai,

mas principalmente para você.

—Sim, sou um covarde degenerado que não pode deixar a propriedade. — Thornby falou com o tapete velho e desbotado.

John estremeceu. —É verdade que você não pode sair. Mas também, minha mágica não funciona com você - isso nunca aconteceu comigo antes.

—Desafio profissional, eu sou? — Thornby disse sombriamente. Ele pegou o conhaque e tomou um gole direto da garrafa.

—Mas certamente você pode ver que as duas coisas devem estar relacionadas? E para compor tudo, bem, você conhece esse sentimento quando vê algo pelo canto do olho, mas quando olha, não há nada lá?

—Talvez. — Thornby disse. Então ele pareceu considerar, e acrescentou, em um tom mais civilizado: —Sim, na verdade. Eu tenho isso o tempo todo. — Ele deu a John um longo olhar. O interesse estava começando a despertar em sua expressão.

—Você? Bem, é assim que me sinto ao seu redor. Há alguma coisa. Há algo em você que eu não consigo... — John interrompeu, procurando uma maneira de expressar a estranheza passageira que às vezes sentia em torno de Thornby. O idioma inglês não tinha palavras para isso. —Há algo sobre você.

Para surpresa de John, a boca de Thornby se contorceu e se curvou em um sorriso lento. —Algo sobre mim, existe? Um certo *je ne sais quoi*[1]?

John se viu olhando para o sorriso de Thornby. Seu pulso, que havia começado a desacelerar depois do golpe na mandíbula, acelerou agora. Porra, é claro que isso soou...

Ele pigarreou e se forçou a responder honestamente.

—Eu continuo quase sentindo, então. Não sei se é mágico, embora não veja como poderia ser outra coisa. Mas, de qualquer forma, não é como nada que eu já tenha visto antes.

—Você tem certeza de que não é meu charme sempre presente? — Thornby estendeu a garrafa para ele. —Desculpe por bater em você.

John colocou uma mão na mandíbula e pegou a garrafa na outra. —Está tudo bem. Eu também teria me atingido. — Ele tomou um gole. Era conhaque francês. Suave como seda. Quaisquer que sejam as economias que Dalton possa estar fazendo, elas não estavam com seu comerciante de vinhos. Ele podia sentir os olhos de Thornby nele, considerando.

—Você é um indivíduo singular, senhor Blake, se assim posso dizer. Não é todo mundo que afirma saber sobre magia, é? Isso é muito incomum. Perdoe-me, isso parecia ofensivo? Talvez essa seja a palavra errada. Talvez eu queira dizer notável.

John deu de ombros. —Você não precisa ser tão educado, senhor. Eu tive muito pior do que 'incomum'. Eu tive não-cristão, antinatural, não inglês. — Ele tomou outro gole de conhaque e devolveu. —'Incomum' é realmente muito civilizado.

—Não natural, não é? E você é realmente antinatural, senhor Blake? — Os olhos de Thornby brilharam. Ele ainda estava meio sorrindo.

John estreitou os olhos, o coração na boca novamente. —Alguns chamam assim. O que você acha?

—Eu não sei dizer. Espero descobrir. — Thornby se inclinou para mais perto.

—O que você quer dizer? — John mal conseguiu expressar as palavras. Os olhos de Thornby tinham um olhar perverso. Seus lábios estavam separados; aqueles lábios que foram feitos para beijar. Thornby iria beijá-lo agora?

—Bem, você me diz que pode fazer mágica. Você me diz que pode detectá-la ou sua ausência. Eu vi você com aquele olho de vidro peculiar e sua pilha de areia. Eu já vi você aparentemente enganando o pai, deixando você ficar. Mas eu realmente não vi nenhuma prova.

—Eu entendo. — John engoliu em seco. Ele percebeu que também se inclinara para frente, só um pouco. Ele endireitou as costas. Ele estava suando por todo o lado. Deus, por um momento ele realmente pensou –

Os comentários de Lorde Dalton o faziam olhar para Thornby sob uma

nova luz. Dalton havia chamado Thornby de afeminado e havia dito “você nunca teve uma mulher em sua vida”. Insultos aleatórios? Ou a verdade? Thornby não negou, e ele certamente parecia estar flertando agora. Ou ele estava? O problema era que Thornby era tão atraente que era impossível ser objetivo. Por que Thornby não podia ter um lábio de lebre, um estrabismo ou algumas marcas de dedo? Isso tornaria as coisas muito mais simples. Teria sido mais fácil desviar o olhar.

—Você poderia estar me contando histórias, não podia? — Disse Thornby. —Parece um pouco conveniente demais que sua mágica não funcione em mim por algum motivo misterioso. Eu gostaria de acreditar em você. Estou inclinado a acreditar em você. Parece que você é um tipo verdadeiro de companheiro, principalmente. Mas você vê o meu problema?

—Você quer ver um pouco de mágica. Tudo certo. O que?

Thornby olhou para ele de olhos arregalados. —O que você pode fazer?

—Eu trabalho com materiais. Eu poderia perguntar a esse decantador sobre sua história, se você preferir, especialmente o que ele sabe sobre mágica.

—Você poderia inventar isso. Como eu iria saber? E aquela coisa de olho de vidro - você pensou que isso o deixaria invisível, não é? Eu quero que você faça isso com outra pessoa. Quero ficar bem ao seu lado e perguntar se eles o veem. Justo?

—Se você quiser.

—Agora? Você tem isso em você?

Para responder, John pegou os itens para o encanto; o olho de vidro, a areia em sua bolsa de oleado e a corda, enrolados como uma cobra adormecida. —Onde você quer que eu faça isso?

—Aqui, perto das velas, onde a luz é melhor. Depois que você estiver pronto, atrairei alguém para entrar. Um dos funcionários provavelmente, então espero que funcione ou que você desenvolva uma reputação de estranheza que supere a minha.

—Vai dar certo.

John juntou o amuleto, colocando a peça em círculo sobre o tapete, colocando a areia, aninhando o olho de vidro por cima e enviando magia através deles. Ele se endireitou e encontrou Thornby observando-o, meio sorrindo. Parecia estranho ficar dentro de um feitiço que ele sabia ser sólido, e que não tivesse efeito. Mais que bizarro; positivamente inquietante.

—Funciona com todos os outros. — Disse John defensivamente, mas uma súbita dúvida passou por sua mente. Se Thornby podia vê-lo - e ele claramente podia - o encanto estava perdendo eficácia?

—Mesmo que você esteja me desanimando, vale a pena vê-lo ali — Disse Thornby, sorrindo. —Você parece um santo medieval obscuro com seus atributos; St. Blake, que foi martirizado por um grão de areia nos olhos.

John cruzou os braços. Ninguém jamais o provocou sobre magia antes. Eles o temiam, ou o odiavam, ou o respeitavam. Mas ninguém nunca fez uma piada disso. Ele não tinha certeza se gostava.

—Vá. Não ficarei aqui a noite toda. — Ele disse.

—Somente seus olhos o denunciam, senhor Blake. Às vezes eles não são santos, são?

E antes que John pudesse dizer mais alguma coisa, Thornby desapareceu na passagem escura. John ficou de pé, com os braços cruzados sobre o peito, o último comentário ecoando desconfortavelmente em seus ouvidos. Ele se entregou tão obviamente? Isso importava? Ele não tinha certeza de como ele veio para cá - por que ele tinha que provar alguma coisa a Thornby? E, no entanto, de alguma forma, ele fez. As feridas no rosto de Thornby eram um lembrete do porquê.

Ele podia sentir a magia fluindo pelos itens no chão. Bloqueou os sussurros de Raskelf, dando-lhe alguns momentos de paz, até que ele ouviu a voz de Thornby novamente.

—Vamos para o quarto azul. É mais privado.

E Lady Amelia respondendo: —Se você quiser.

Thornby deixou sua tia o preceder para dentro da sala. Ele olhou para

John, depois para sua tia.

—A propósito, você não viu o Sr. Blake em nenhum lugar, tia Amelia?

—Aquele sujeito peculiar? Não, não vi.

—Você tem certeza? Você não acha que ele pode estar nesta sala?

Lady Amelia olhou ao redor da sala, seu olhar atravessando John. —Claro que não. Por quê? Você acha que ele é um dos espiões de seu pai?

Thornby olhou para John de boca aberta, depois olhou de volta para sua tia e de volta para John. John franziu o cenho e acenou com a cabeça significativamente para Lady Amelia. Thornby piscou para ele, sacudindo a cabeça com espanto, depois percebeu que devia continuar o final da conversa.

—Ah, não. — Disse Thornby. —Ele não se parecia com isso.

—Acho que ele é peculiar. — Disse Lady Amelia com firmeza.

—Você acha que todos são peculiares. — Thornby sorriu para ela, depois deu a John um sorriso de lado deleitando.

Lady Amelia deu uma risada desagradável. —Claro que vocês são todos peculiares. Quem escolhe morar na ilha de Mingau deve estar bravo. Tcha! Inglaterra! Pudins de sebo e chuva.

Thornby e sua tia sorriram um para o outro. Era claramente uma conversa em andamento entre eles. Pela primeira vez, John pôde ver uma semelhança familiar. Thornby não se parecia em nada com o pai, mas ele e a tia tinham o mesmo corpo esbelto, e o cabelo dela brotou da testa de maneira semelhante.

—Agora, Soren- — Ela começou.

—Um momento, tia Amelia, eu quero ficar aqui.

Para o alarme de John, Thornby caminhou até ele, virou-se e entrou dentro da corda com ele. John teve que dar um passo apressado para trás para abrir espaço, tentando desesperadamente manter os calcanhares e cotovelos dentro da corda e fora da areia.

—O que diabos você está fazendo? — Ele sibilou no ouvido de Thornby. As nádegas de Thornby estavam empurrando levemente contra sua virilha de uma maneira que era muito perturbadora.

Lady Amelia avançou. —Por que você quer ficar lá? Você está bem, Soren?

—Sim, estou bem, tia. Eu só queria me desculpar. Por fazer uma cena.

—Oh, não há necessidade de pedir desculpas, garoto. Nós dois sabemos o que ele é; ele merece tudo o que recebe. Fico feliz que você se lembre de sua mãe. Eu gostaria de conhecê-la. Ela era a mulher mais bonita do mundo, quando você era criança. Todo mundo disse isso. Não que ele já tenha escrito, mas eu tinha contatos no Cairo na época e eles me disseram. E vi as páginas da sociedade no The Times.

—Sim eu conheço. Mas devo parar de morder a isca na mesa de jantar, não devo? Ou todos seremos magros como ancinhos no Natal.

Ela riu. —Venha, me acompanhe até o meu quarto. Envie essa garota boba para a cama, para que possamos sentar e tomar uma bebida.

—Tudo bem, se você acha que está disposta. — Thornby pegou o braço dela, depois se virou, olhando John nos olhos. —Rápido. Vou procurar o Sr. Blake no quarto dele depois.

John assentiu.

—Se você quiser, querida. — Disse tia Amelia. —Mas o que você quer com um sujeito tão chato, eu não sei. No almoço, ele continuou falando sobre fundições e vidros. Não consigo pensar por que ele pensou que estaríamos interessados. Esses tipos modernos - todos eles se preocupam em ganhar dinheiro. Não que eu não gostasse um pouco, mas é muito entediante falar, não é?

Thornby lançou um último olhar para John por cima do ombro quando eles saíram da sala. —Muito chato. — Ele concordou, com um brilho nos olhos.

CAPÍTULO CINCO

John andava em seu quarto, esperando por Thornby. Ele não conseguiu parar de pensar no momento em que Thornby sorriu e disse: “Seus olhos te denunciam”. Ele não parecia enojado ou ofendido. Ele estava - oh Deus - ele poderia estar interessado? John descobriu que tinha gemido em voz alta.

Esse leve contato entre eles na corda tinha sido uma provocação ou apenas um acaso? Thornby certamente manteve sua presença de espírito. Ao entrar no jogo, ele conseguiu provar por si mesmo que a mágica funcionava em John, mas não nele.

Mas quantas bebidas ele iria tomar com a tia? John limpou as palmas das mãos nas calças. Isso era ridículo; ele estava preocupado com um homem que provavelmente só queria suas habilidades profissionais. Não é de admirar que Thornby parecesse interessado. Ele deveria estar desesperado para fugir, e John deve ser sua primeira esperança real em mais de um ano.

John avistou a caixa de chapéu, meio empurrado para debaixo da cama. Ele usaria o tempo antes de Thornby chegar para dar outra olhada naquele ouriço. Nos estábulos, ele trabalhou sozinho com o toque e não encontrou nada. Agora ele colocaria seus materiais em jogo. Se ele pudesse identificar o que

havia de estranho na criatura, talvez descobrisse algo sobre o feitiço - ou o que quer que fosse - que ligava Thornby à propriedade.

Acendeu um ramo de velas e tirou a tampa da caixa de chapéu. O ouriço congelou, depois começou a tentar sair, os pés arranhando os lados da caixa, o nariz fungando. John refrescou o pires de água e procurou no bolso a crosta de pão e nozes que tinha na cozinha. O ouriço caiu sobre eles com fome e John o procurou com magia. Como antes, parecia não haver nada para encontrar. E, no entanto, veio novamente aquela leve sugestão de algo invisível.

A equipe tinha instruções estritas para não entrar no quarto, a menos que ele tocasse, e não importava se Thornby o visse. Ele revirou o tapete, abriu a mala e tirou o lápis-lazúli e o amuleto de Osíris. Ele carregou o amuleto e aspergiu uma pitada de lápis no ouriço. Nada.

Talvez uma abordagem mais rústica. Moly[2] poderia funcionar. A Moly de Montpelier parecia melhor, dada a época do ano. Ele abriu a lata e permitiu que o cheiro pungente flutuasse em direção ao ouriço. Nada. Ele colocou uma pitada da erva seca na frente da criatura. Cheirou, espirrou e voltou à noz.

Talvez algo mais forte. Ele começou a colocar o sal em um símbolo de revelação - a cauda do pavão -, mas ao fazê-lo, sentiu o sal tentando lhe dizer algo. Acontecia ocasionalmente. Era um efeito colateral do trabalho com materiais. A maioria dos homens, mesmo os homens materiais, não notava as coisas silenciosas, as inanimadas, tentando falar com elas. Mas, para John, sempre fora uma distração. Fazer alguém falar algo com sal pode fazer com que o foco escorregue e a mágica perca a eficácia.

Seus mestres no Instituto haviam dito para ele descartar sal e outros materiais básicos com mais frequência. Outros homens jogavam o sal no fogo quando terminavam, ou expulsavam o símbolo e deixavam a bagunça para a empregada. Mas John, filho de um lojista que revendia coisas, e uma mãe que lavava e reutilizava o fio ensanguentado das parcelas de açougue, ainda se viu bastante incapaz de fazer isso.

Portanto, embora se sentisse um tolo toda vez que consumia seu sal - às vezes juntando-o, grão por grão, com a ponta do dedo - ele fazia de qualquer maneira. Até agora, ele trabalhava com esse sal há anos. E, embora ele soubesse que era apenas uma fantasia de um homem que trabalhava sozinho e morava sozinho, às vezes sentia que gostava dele e da magia que enviava através dele. Ele sentia o mesmo sobre alguns de seus outros materiais. Eles quase tinham personalidades.

Naquela noite, o sal estava colocando o símbolo do Olho de Woden em sua mente, o que era estranho, porque ele nunca o usou. Isso foi obsoleto. A única razão pela qual ele reconheceu isso foi porque foi usado no ensino como um exemplo de como o poder de um símbolo antes forte e certo poderia desaparecer ao longo dos séculos. No entanto, ele conhecia bem as linhas entrecortadas.

Sua mão tremeu quando ele fez o rabo do pavão e ele teve que varrer seu erro e fazê-lo novamente.

—Concentre-se — Ele murmurou, sem saber se ele estava se dirigindo ao sal ou a si mesmo.

Ele terminou a cauda do pavão e passou a mágica por ela. O ouriço bebeu um pouco de água e começou outra noz. Nada.

John sentou-se sobre os calcanhares, perplexo. Thornby estaria aqui a qualquer momento e o encontraria agachado no chão com um olhar confuso no rosto. Thornby, com suas calças apertadas e aquela voz fria de vidro que poderia humilhar tão facilmente quanto incendiar seu sangue.

Mais para se manter ocupado do que qualquer coisa, John começou a arrumar o sal nas voltas e curvas do Olho de Woden. Ele exigia as unhas dos pés do diabo - sete delas. Ele adicionou e colocou tudo cantarolando com magia. O ouriço terminou de triturar pedaços de nozes e começou a crosta. Mas, parecia um pouco maior? Não, foi um truque da luz.

Não foi?

John voltou para o baú para pegar um punhado de grandes pinos de ferro. Pareciam pinos de chapéus femininos, mas eram feitos para as Valquírias com

um metro e oitenta de altura e impacientes com peles. Ele usava os pinos frequentemente e eles se tornaram convenientes dissipadores de energia, permitindo que ele se concentrasse em outro lugar, mantendo o fluxo original de magia. O ferro, como o sal, parecia recebê-lo, contente com o calor e a vida da magia. Ele os colocou ao redor do Olho de Woden, onde eles se equilibraram, tremendo impossivelmente em seus pontos, e enviou uma barreira através deles. Agora tudo estava contido sob um domo de poder vermelho-alaranjado brilhante, o ouriço e o símbolo por dentro, ele mesmo por fora. Nada poderia passar dos pinos.

O ouriço deixou cair a crosta e olhou para ele, inclinando a cabeça como um cachorro curioso. Então, lá estava novamente - aquela sensação tão passageira que mal estava lá. Veio de novo, e de novo, e se resolveu como uma tensão musical; uma tubulação prateada, um tilintar de sinos. O ouriço cresceu inconfundivelmente maior e ainda estava crescendo. Ele se levantou e ficou de pé sobre as duas patas traseiras na caixa de chapéu.

John esperou, com todos os sentidos alertas, que uma onda de magia se derramasse da criatura - não afetando-o, mas contando sua história; o que estava fazendo, como estava fazendo, e um pouco sobre a pessoa que o havia feito. Mas ele não sentiu nada - ou quase nada. Era como o tempo com Thornby na charneca de Howarth: efeito mágico sem causa mágica. O que era impossível. Seu coração estava batendo forte. Ele apressadamente fortaleceu a conexão da barreira entre os pinos.

No entanto, o ouriço, agora do tamanho de uma criança pequena, com espinhos da mão e dentes como um terrier, ainda era apenas ele mesmo. Aparentemente, não havia mágica. Saiu da caixa de chapéus e esticou as pernas dianteiras em um gesto notavelmente humano. Seu rosto também havia mudado, para um híbrido de ouriço e humano. Tinha um ar despreocupado, o que o lembrava distante de Thornby. De alguma forma isso poderia ser uma criatura de Thornby? Thornby acabara de o representar como o maior tolo do mundo? Thornby era um gênio mágico que descobriu uma maneira de conjurar feitiços

indetectáveis?

O ouriço se encaminhou para a beira do símbolo e começou a entrar nas barreiras. John se levantou, frio de horror e descrença. Não deveria ter sido capaz de tocá-los. Ele já viu um homem apanhado em uma folha de fogo em um acidente de fundição, e parecia assim; a figura escura mergulhando no fogo vivo. Mas esse fogo era mágico vermelho-alaranjado, e o ouriço não caiu, mas continuou andando, arrastando a magia através da sala em direção à parede oposta. Agora a cúpula da magia estava esticada, da mesma maneira que um soprador de vidro estica o vidro derretido, com a criatura em uma extremidade e o símbolo na outra. Cristo, e se ele quebrasse? Ele precisava fortalecê-lo agora.

Ele se lançou em busca de mais pinos, mas antes que pudesse alcançá-los, a barreira explodiu em um borrifo de faíscas vermelhas e notas musicais discordantes. Ele foi derrubado, mas de alguma forma não caiu no chão. Fragmentos rasgados da barreira estavam girando e ele estava girando com eles, impotente como uma folha de outono. A música prateada ficou mais alta. Agora era como estar no meio de uma orquestra sinfônica tocando a todo vapor. Mas não estava tocando nenhuma música que ele pudesse seguir. E doeu. Ele bateu as mãos nos ouvidos, mas não fez diferença. A música estava dentro de sua cabeça. Estava em seus ossos, em seu sangue. Ele estava respirando. Cristo, o que fazer? Era isso que acontecia ao ouvir materiais. Ele torceu o ar e conseguiu agarrar a tampa aberta do baú. Era tarde demais para pinos. Ele puxou sua pedra pessoal do bolso, lançando força até que o brilho dourado iluminou seu punho enquanto ele pairava no ar acima do baú.

A criatura ouriço virou-se para olhá-lo. Estava em silhueta contra um novo brilho branco de magia que parecia estar vindo da parede. Então, uma série de criaturas saiu da brancura em sua direção. Não pessoas, nem demônios, mas outra coisa: mulheres com rostos de corujas, um veado com asas. Havia garotas de olhos verdes com folhas nos cabelos, um par de meninos nus e magros com pele azul brilhante, uma bruxa com dedos de espinheiro e um enorme cachorro peludo, vermelho com manchas brancas como um cogumelo venenoso. Eles

estavam alcançando-o, agarrando-o com mãos, garras e mandíbulas. E o poder deles era uma tempestade musical, um relâmpago mágico. Eles o tinham, e sua magia não era nada para eles.

Ele tentou afastá-los, mas havia muitos. Eles também estavam agarrando os raios dourados de luz da pedra, rasgando a magia e puxando-a como cordas para conseguir uma compra melhor dele. Então, uma pulsação avassaladora de música - ou era mágica? - sobrevoou-o, e ele ficou embebido na estranheza como uma mosca em âmbar, os farrapos da pedra de proteção na mão ficando cada vez mais sombrios, até que ele não soube mais nada.



Thornby tomou outro gole trêmulo de conhaque, empoleirado em uma almofada na sala de estar de tia Amelia. Na juventude, viajou bastante no Oriente Médio e desaprovou as cadeiras por princípio.

Seu coração estava batendo forte, as mãos tremendo, a mente acelerada. Blake tinha feito isso! Por Deus, ele fez isso! Magia era real. E não um demônio para ser visto! E Blake disse que ficaria e ajudaria. Ele estava curioso; ele estava interessado. Ele era maravilhoso! O que quer que o pai estivesse fazendo, Thornby tinha um possível aliado. O peso de meses de angústia e insegurança havia diminuído. Todas as dicas sarcásticas do pai sobre falta de caráter, todos os seus próprios medos de querer secretamente obedecer - tudo se foi, tudo caiu em pó quando Blake ficou dentro daquela fita métrica peculiar e tia Amelia olhou através dele.

Então, ele, Thornby, ainda estava preso aqui, então a magia de Blake não funcionou nele por algum motivo misterioso. Essas coisas pareciam não insignificantes, mas superáveis. Blake o ajudaria. Talvez Blake pudesse dizer ao

pai: “Deixe seu filho ir embora”, com alguma voz mágica, e o pai teria que fazê-lo. Thornby poderia ser capaz de fugir esta noite!

E quando ele fosse, talvez Blake poderia ir com ele? Aquele olhar nos olhos de Blake - como se ele rasgasse as calças de Thornby e o fodesse ali mesmo no velho tapete Savonnerie na sala azul. Cristo! Ele se mexeu desconfortavelmente na almofada. Esses calções apertados e malditos não escondiam nada. Os mágicos faziam isso como homens comuns? Que truques um homem como Blake pode usar na manga? Certamente Thornby não estava imaginando isso? Ele mal podia beber; a mão dele mantinha o copo contra os dentes. Tia Amelia achou que ele estava terrivelmente chateado e escondido. Ela continuou pedindo para ele ficar, tomar outro conhaque.

Mas ele pediu licença e caminhou com as pernas trêmulas até o quarto de Blake. Ele bateu e esperou. Sem resposta. Ele bateu de novo, mais impaciente. Droga, onde estava o homem? Thornby deixou claro que ele viria aqui. Ele bateu pela terceira vez, abriu a porta e disse: —Sr. Blake? —Ainda sem resposta. Ele abriu a porta e ficou paralisado no limiar. Se o truque de invisibilidade de Blake o impressionou, isso transformou seus joelhos já trêmulos em geléia.

O quarto de Blake estava iluminado com uma luz verde-branca que emanava de um caminho na floresta. O caminho, ladeado por árvores altas, começava no meio da sala e parecia atravessar várias paredes e quartos vizinhos. Thornby achou que podia ver Blake à distância, aparentemente parado em uma clareira iluminada pelo sol a cem metros de distância. Ele não tinha certeza; era uma figura, certamente, e quem mais poderia ser senão Blake? No entanto, a posição da figura estava decaída, não uma atitude que ele associava ao Sr. Blake.

Thornby fechou a porta atrás dele e deu um passo mais perto.

Era realmente maravilhoso o modo como o musgo e os enormes carvalhos da floresta pareciam crescer diretamente das tábuas do chão empoeiradas. Era uma ilusão? Ele estendeu a mão – o machucaria se tocasse? Isso a arruinaria? - e tocou a casca da árvore mais próxima. Estava fria como gelo, mas definitivamente estava lá. O caminho era levemente côncavo, como se fosse

frequentemente percorrido, e o musgo parecia fresco e macio.

Ele se afastou, olhando em volta do quarto de hóspedes gasto. Todo o resto parecia tão normal, exceto por um grande baú de viagem com a tampa aberta. No interior, havia todo tipo de jarros, garrafas, bolsas, caixas, frascos e objetos tão peculiares que era impossível adivinhar para que serviam. Havia algumas formas pálidas estranhas que poderiam ser réplicas de cerâmica de um coração humano, pulmões humanos, um cérebro humano. Havia uma jarra cheia de tentáculos e várias borboletas de madeira pintadas que quase podiam ser brinquedos de crianças.

Ele olhou de volta para o caminho da floresta. Ele deveria descer, encontrar Blake? Eles haviam combinado de se encontrar aqui, afinal. Blake conjurou isso para provar duas vezes o que ele poderia fazer? Ou talvez fosse isso; a saída de Raskelf! Talvez se ele seguisse esse caminho, encontraria Londres no final, apesar do pai.

Ele se aproximou do caminho novamente. A luz que vinha através das folhas agora parecia mais quente, menos branco-esverdeada, mais ouro. Como seria bom remover sapatos e meias e enterrar o pé dolorido no musgo fresco do caminho. Ele ouvia música fraca e prateada. Era linda, e ele deveria descer até lá para encontrar o que estava por vir.

Talvez essa fosse a ideia de flertar de Blake? Talvez tenha sido assim que os mágicos impressionavam alguém, antes de as roupas saírem? Certamente era mais novo do que a garrafa de jarrete e um pouco de Byron que deu início ao último caso de Thornby. Ele quase entrou no caminho novamente.

No final de sua audição, ele podia ouvir alguém gritando. Era Blake? Era exatamente disso que Blake se queixara; havia algo que ele não conseguia identificar, como uma coceira em algum lugar no fundo. Mas certamente o que aconteceu seria melhor do que ficar em Raskelf. Ele respirou fundo e entrou no caminho. Ele pensou novamente que ouviu gritos, mas aquela música prateada inchou de algum lugar e ele deu outro passo e outro.

O que parecia um longo caminho subitamente se transformou em nada e a

figura sombria de Blake estava agora a poucos metros de distância.

—Saia, Thornby, é uma armadilha!

A voz de Blake era estranhamente rouca. Thornby girou, olhando para trás ao longo do caminho, mas havia desaparecido, e ele agora estava em uma clareira em uma floresta densa. As paredes de Raskelf não estavam em lugar algum. Ao lado dele, Blake parecia estar preso em um arbusto de espinhos, apenas os espinhos eram feitos de algo duro e claro como vidro e tão brilhantes que brilhavam. Blake também parecia diferente. Thornby levou um momento para perceber que o queixo de Blake estava coberto de barba escura e, no entanto, quando eles se separaram no quarto azul há apenas vinte minutos, Blake estava barbeado. E Blake parecia exausto, com linhas de tensão ao redor dos olhos e da boca. Seus lábios estavam rachados e secos.

—Corra! — Blake disse urgentemente, apontando. —Por ali. Vá. Agora!



John assistiu horrorizado quando Thornby abriu a porta do quarto e ficou boquiaberto com o caminho da floresta. Ficou claro para ele então que Thornby não o enganara de maneira alguma. Ninguém poderia fingir o olhar no rosto de Thornby, ele tinha certeza disso. Mas ele viu que Thornby estava pensando em caminhar pelo caminho, e embora as criaturas que colocaram John aqui parecessem ter desaparecido, ele tinha certeza de que estavam se escondendo, esperando. Ele gritou avisos, mas sua voz morria no momento em que saia de sua boca. Era como gritar em um vendaval.

Thornby tomou sua decisão e entrou no caminho. E o caminho desapareceu, e ele de repente estava ao lado de Blake na encantada clareira da floresta.

—O que aconteceu? Papai fez isso? — Thornby disse.

—Não. Vá! Encontre o caminho. Pode aparecer se você chegar perto.

Para responder, Thornby colocou as mãos nos espinhos brilhantes e os puxou.

—Deixa. Eu tentei. Vá e procure o caminho antes que eles voltem.

—Quem? — Thornby olhou em volta apressadamente. —O que é este lugar?

—Você nunca esteve aqui antes?

—O que? — Thornby quase riu, embora seu olhar continuasse disparando para a floresta, e John podia vê-lo tremendo. —Sim, eu venho aqui o tempo todo, seu idiota. Nada que eu mais goste do que um passeio na floresta em um quarto de hóspedes. Cristo, que lugar é esse? O que deveríamos fazer?

—Não mencione Cristo, por um lado. Se estou certo, as pessoas aqui não são... bem, não são humanas. E elas são facilmente ofendidas; portanto, seja educado se vir algo vivo, parecendo uma pessoa ou não. Agora vá!

Thornby mordeu o lábio, mas não se mexeu. —Isso é ruim, não é? Você não esperava isso.

—Eu não esperava. Mas é isso que eu pude sentir; aquele sentimento estranho de que te falei. Este é o coração disso. Minha mágica não funciona aqui.

—Por que não?

—Eu acho que minha mágica só funciona no mundo humano. Este é um lugar diferente. Você terá que ser corajoso, Thornby, mas eu acho... — John interrompeu, imaginando quantas suspeitas lhe contar.

John acordou horas atrás e se viu preso. O arbusto de espinhos parecia frágil como gelo, mas era impossível quebrar, seja pela força bruta ou pela magia. Ele tentou todos os símbolos de liberação que conseguia pensar, todo contra-feitiço, todo tipo de barreira. Nada funcionara. Era como um pesadelo. Nenhuma mágica. Nenhum poder. O horror disso quase o deixou em pânico em um ponto, o medo e o desamparo aumentando, paralisando sua mente. Ele estava

agachado na grama em sua prisão espetada, com os olhos bem fechados, forçando-se a respirar. Mas depois de um tempo, quando as criaturas não voltaram, ele se viu capaz de pensar com mais clareza. Talvez ele não tivesse mágica, mas ele ainda tinha o juízo. Ele ainda podia raciocinar. Ele ainda podia barganhar, se fosse o caso. E assim ele começou a planejar e pensar. E depois de um tempo ele se viu pensando em Thornby.

Ele não pôde deixar de encarar Thornby agora. Ele sabia que apenas Thornby havia passado alguns minutos desde que eles conversaram no salão azul. Ele sentiu o cheiro do conhaque no hálito de Thornby. Ah, o que ele daria por uma dose de conhaque agora mesmo! Ou melhor, um copo de água.

Então, quanto dizer a Thornby?

Como você diz a um homem que acha que ele pode não ser completamente humano?

Thornby parecia bastante humano, mas os fatos eram sugestivos. A mesma estranheza passageira que John notara sobre Thornby e o ouriço - e agora John fora apanhado no epicentro dessa estranheza nas últimas doze horas.

Quando criança, John ouvia contos de fadas no joelho de sua mãe na pequena cozinha abafada atrás da loja. Quando um menino um pouco mais velho, ele leu Tam Lin e implorou histórias da lavadora irlandesa no dia da lavagem, e ela contou a ele sobre Fionn MacCoull e a Fianna e suas aventuras na terra de muitas cores. E então ele foi para o Instituto, treinou como mágico, cresceu e esqueceu completamente tudo o que sabia sobre esse outro mundo. Porque as fadas não eram reais e nem a terra das fadas.

E, no entanto, aqui estava ele. E aqui também estava Thornby. Um homem que era impermeável à magia de John, como os seres aqui pareciam impermeáveis. Um homem que estava ligado de alguma maneira misteriosa à propriedade, não com magia humana, mas com algum poder que John não conseguia detectar além daquela estranha e vaga estranheza.

Então, como você diz a um sujeito que suspeita que ele não é humano? John não sabia por onde começar. Eles tinham preocupações maiores no

momento.

—Thornby, acho que você pode sair, mesmo que eu não possa. Vá e procure o caminho e, se o encontrar, não o deixe. Você pode dizer a Lady Dalton que peça ao primo que conte a Rokeby o que aconteceu. Entendeu? Diga a Rokeby que usei o símbolo do Olho de Woden no sal e para trazer qualquer um que ele puder.

—Eu não vou deixar você aqui.

—Continue. Não quero que sua nobreza seja obrigada.

—Não é isso. Se você está preso aqui, não consigo fugir de Raskelf. Eu não sou-

—Você vai muito bem sair? Droga, olhe!

Thornby virou-se para enfrentar a procissão de criaturas que estava saindo da floresta. John o viu balançar e cortou a mão em um dos espinhos enquanto o agarrava. A procissão se transformou em um semi-círculo áspero sobre eles e uma mulher se afastou da multidão. Ela usava um diadema de ouro que parecia crescer diretamente de sua pele e longos cabelos vermelho-cobre. Seus seios estavam nus, e grandes dobras de cetim verde cresciam para fora de sua cintura fina e caíam no musgo. Seu rosto era estreito e maravilhosamente bonito, marcado com um padrão de linhas e pontos azuis na testa e nas bochechas. Seus olhos eram negros como abrunhos e não tinham branco para eles.

—Minha dama. — A voz de Thornby era rouca. Seu arco era irregular. No entanto, John sentiu um repentino salto de esperança. Seja educado, ele disse, e parecia que Thornby ouvira.

A senhora bateu palmas e sorriu para Thornby. Os dentes dela eram afiados como os de um gato. —Oh, você é bonito! — Sua voz era melodiosa como um riacho. Ela tinha um sotaque estranho, então 'bonito' parecia 'idiota'. Ela estendeu a mão branca. —O que isso fez na sua cara? — Ela deu um passo à frente e o casco de uma cabra apareceu debaixo das saias. John viu Thornby se preparando para não vacilar quando ela o tocou.

—Pobre queridinho. — Ela acariciou o rosto de Thornby. —Não é

completo.

—Está quebrado — Rosnou o enorme cachorro vermelho. —Vamos colocar isso fora de sua miséria. Vou morder sua garganta.

—Não! — John disse alto, antes que ele pudesse se conter.

Thornby deu um passo para trás e curvou-se novamente, desta vez com mais graça. —Não estou infeliz, garanto-lhe, senhora. Eu... er - como eu poderia ser infeliz quando tanta beleza está diante de mim?

A senhora sorriu de novo, uma visão aterrorizante, os dentes brilhando em branco. —Veja, Pooka! Oh, ele é bonito! Vamos ficar com ele!

O cachorro cheirou as meias de seda de Thornby. Seus pés eram do tamanho de pratos de jantar. —Eles nunca são bons por muito tempo. — Rosnou. —Vamos comer agora, enquanto estiver fresco.

—Dói, lindo? — A rainha cantou para Thornby. Ela estava novamente acariciando seu rosto. Suas costas estavam rígidas de tensão. Suor brotou em sua testa, mas ele estava treinando o rosto, com um sorriso social.

Ela começou a cantarolar uma melodia vibrante, como se estivesse sozinha, acariciando um animal de estimação. —E tão longe de casa! O que você está fazendo aqui? Você veio me procurar?

—Eu, nós, cheguei aqui por engano - er- Desde que você está aqui, minha senhora, você vai deixar meu amigo sair? — disse Thornby. —Se lhe agrada. Eu acho que ele está achando cansativo lá.

—Amigo? — A senhora franziu a testa. —Amigo?

—Bem, talvez o amigo seja um pouco forte. Mas ele é nosso convidado. E é uma má forma deixar um hóspede se perder na floresta em seu próprio quarto, você não sabe?

A rainha sibilou. Possivelmente ela estava rindo. Ela lançou um olhar de soslaio para John. —Ele pica. E cheira. Ele é cheio de gramarye, esse. — Ela sorriu novamente para Thornby. —Você não o quer, não é? Você poderia vir dançar comigo!

Ela ergueu os braços acima da cabeça e deu alguns passos através do

musgo, tão graciosa que mal parecia tocar o chão. Quando as saias dela se moveram, John ouviu música prateada. Enquanto a atenção dela era desviada, ele tentou novamente fazer a pedra de sua barreira funcionar, jogando toda a força que possuía nela. Ela estava em sua mão, sem vida como a pedra que tinha sido uma vez.

A rainha estendeu a mão para Thornby, uma expressão convidativa no rosto. Ele se curvou novamente. —Minha senhora, comparado a você, eu danço como um burro. Eu não poderia fazer justiça a você. Realmente, não deveríamos ir? Já ocupamos muito do seu tempo.

Ela abaixou a mão, o sorriso desaparecendo. —Você não dança? Você não ficaria? — Ela encolheu os ombros. —Bem, então, o que você vai me dar se eu deixar você ir? Um presente? Um beijo?

— Eu... — Thornby lançou um olhar para John, que balançou a cabeça, tão obviamente quanto ousava. Ele odiava pensar o que "presente" poderia ser pedido a Thornby, ou o que um beijo poderia significar.

—Que tal um jogo? — Disse o cachorro vermelho, lambendo as costeletas. —Eu gosto mais de jogos.

—Tudo bem, um jogo — Disse a rainha. Ela andou em círculo ao redor de Thornby, forçando-o a virar e continuar olhando para ela. —Talvez você tenha uma aposta comigo? Que tal agora? Responda a três perguntas verdadeiramente e você pode receber o convidado.

—Não. — John disse em voz baixa. Ele suspeitava de um truque, mas não se atreveu a dizer isso, com ela parada ali.

—Três perguntas? — Thornby colocou a cabeça para o lado e pareceu considerar. —Acho que ele não vale três. Talvez uma? Fácil?

—Uma, é? — A rainha rosnou. —Tão corajoso, meu pequeno pau lutador! — Ela caiu na gargalhada e os outros se juntaram a ela. O cachorro riu tanto que parecia deslocar sua mandíbula.

Thornby lançou a John um olhar que dizia "Que diabos eu faço?" Tão claramente como se ele tivesse falado em voz alta. John disse calmamente: —

Cuidado. Ela trapaceia se puder.

A rainha parou de rir abruptamente. —Tudo certo. Vou te dar uma chance, porque eu gosto do seu rosto bonito. Responda verdadeiramente e deixarei você sair. Se você quer que ele saia com você, mas um pouco alterado, você deve responder duas. Se você quer reconhecê-lo quando voltar, são três.

—Eu não consigo ver no momento, mas você sabe que estamos na minha casa, não é? — disse Thornby com cuidado. —Acho que posso sair quando quiser. Então, talvez, se eu responder duas?

A rainha inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo, os olhos abruptos não deixando Thornby. Ela sorriu maliciosamente. —Mas não é sua casa. É do seu pai. E você não pode sair. Você pode?

Ela riu de novo e a corte se juntou a uma cacofonia de zombarias e relinchos. Thornby olhou para John novamente, talvez para ver outro rosto humano. John tentou injetar certa tranquilidade em sua expressão, mas não tinha nada para dar.

Thornby se levantou. —Muito bem, eu aceito. Três perguntas. Qual é a sua primeira?

—Meus diamantes e pérolas, em uma caixa, eles estão escondidos, como o sol para o cetim e o céu para uma tampa. — Sua voz estava zombando. —Onde elas estão, querido, onde guardo minhas jóias?

Um olhar de descrença cruzou o rosto de Thornby e John quase gemeu alto. A pergunta era impossível. Como alguém poderia responder isso? E, no entanto, de repente, os olhos de Thornby brilharam e ele quase riu.

—Nas folhas de chagas, é claro. — Disse ele. —No jardim submerso.

O alvoroço foi tão violento que John achou que a resposta deveria estar errada e eles planejaram rasgar Thornby membro por membro, sem levar em consideração as regras do jogo. Thornby claramente pensava assim também, pelo olhar de horror que atravessou seu rosto e pela maneira como ele se curvou defensivamente. Então a rainha estava rosnando para eles se calarem.

—Inteligente, não é? — Ela disse, quando finalmente o lugar estava

silencioso. A voz dela era cruel. —Mas e quanto a isso? O lugar é velho, a casa é nova, o ganso é vermelho, o cão é azul; No entanto, nenhum deles é realmente conhecido; que sinal deve agraciar o assento de Dezombrey? Qual sinal, pequeno? Qual é o verdadeiro emblema de Raskelf?

Houve uma longa pausa. Thornby virou-se para John, o rosto horrorizado. —Eu não sei. Tem sido um ganso vermelho e um cão azul por séculos. Como poderia ser outra coisa?

—Pense mais. Você acertou a primeira.

—Isso foi sorte.

—Você pode saber mais do que pensa.

—Tudo certo. — Thornby colocou a mão na testa. —Hum, eles encontraram o mosaico de um touro quando mudaram os estábulos. Poderia ser isso? Um touro? Eu-

Pelo canto do olho, John viu algo chegando. Uma das criaturas da multidão que assistia avançava. Ele se virou para encará-lo, tentando novamente carregar a pedra da proteção, embora soubesse em seu coração que era inútil.

—Espera! — Uma nota de pânico entrou na voz de Thornby. —Me dê uma chance!

Mas a criatura se aproximou. John reconheceu agora, uma pequena criatura, meio ouriço, meio humano. Ignorou Thornby completamente.

—Você tem mais nozes? — Disse a John.

Ele olhou para ele de boca aberta por um momento. Ele podia sentir os olhos do semicírculo de criaturas assistindo, concentrado em todos os seus movimentos. Nozes? Em um momento como este? Mas ele enfiou a mão no bolso e encontrou alguns pedaços de nozes quebradas misturadas com penugem e farinha de rosca. Ele as jogou através dos espinhos de vidro na pequena mão com garras da criatura.

—Realmente, Tig! — Disse a rainha, franzindo o nariz bonito. —Ele fede a gramarye! Como você pode?

—Eu não sou exigente. Nozes são minhas favoritas. — A criatura colocou

a outra mão nos espinhos de vidro e olhou para Thornby, olhos redondos ilegíveis. —Tudo bem, pequeno? — Disse. Então ele se virou e voltou para a multidão, triturando nozes com a boca aberta.

—Oh. — Disse Thornby fracamente.

—O que? — John virou-se para ele.

—A resposta. Mas não pode ser. É apenas uma piada estúpida que tenho comigo mesmo.

—Diga. Não pense duas vezes. Você acertou a primeira.

—Tudo certo. — Thornby se dirigiu à rainha e aos anfitriões de figuras que esperavam. —É um porco-espinho. Eu sempre pensei que o Edifício se assemelha a um, por causa de todas as chaminés e torres.

Novamente, alvoroço. Pior do que antes.

—Tão esperto, tão esperto, então me responda: por que você não pode deixar a propriedade? — Os olhos da rainha brilhavam - com malícia, riso, ou talvez com os dois?

Os ombros de Thornby caíram. —Isso não é justo. — John o ouviu murmurar. Então Thornby ficou em pé novamente e disse em voz alta: —Estou certo, não sei.

—Isso não é uma resposta.

—Eu te disse verdadeiramente. É uma resposta tão verdadeira quanto as duas primeiras. Agora vamos. Tenha um bom dia. Que prazer conhecê-la.

Thornby puxou os espinhos novamente, e dessa vez um galho enorme se rompeu onde o ouriço o tocara. John chutou outro e estava livre. As criaturas estavam em alvoroço, empurrando e gritando, mas ao mesmo tempo se afastando, como se não tivessem certeza se o jogo havia sido vencido ou não.

Então o cachorro vermelho e manchado de branco começou a deslizar na direção deles, com a barriga baixa, os dentes à mostra. Os outros se calaram e começaram a avançar também, passando rastejando pela rainha como uma onda negra. Ela ficou parada, parecendo ter perdido o interesse. Isso significa que eles venceram? Ou que ela deixou o cachorro e os outros levá-los? Ela estava

cantarolando sua melodia novamente, admirando alguns fios de seu cabelo acobreado. John olhou por cima do ombro e viu o caminho se abrir novamente, seu quarto ao longe, um raio de sol fluindo sobre as tábuas do assoalho de madeira e as tênues linhas de sal do símbolo do Olho de Woden.

Thornby estava parado, imóvel, encarando o exército de criaturas que avançavam. John o agarrou bruscamente pelo braço e o puxou. Eles correram. Então as criaturas encontraram suas vozes, e estavam correndo com guinchos e gritos, de mãos estendidas e garras agitadas. John sentiu os dentes nos calcanhares, estalando como uma guilhotina.

Eles correram pelas árvores o sol poeirento do meio-dia no quarto de hóspedes. John apagou as linhas do símbolo com suas botas, espalhando sal, as unhas dos pés do diabo voando para os cantos da sala, seus pinos de ferro da mesma forma. E o caminho se fechou com um barulho estridente como a água descendo por um ralo estreito. Uma mão com garras alcançou por um momento o ar vazio, e então isso se foi também.

Thornby estava curvado no centro do quarto, as mãos nas coxas, o rosto branco, respirando com dificuldade. Seus olhos se encontraram e um súbito êxtase selvagem encheu John. Eles escaparam! Eles estavam vivos. E Thornby tinha feito isso. Que coragem ele mostrou.

John havia usado muita magia naquele arbusto de espinhos de cristal, tentando sair. Ele não parou para considerar outras consequências. Ele pegou Thornby pelos ombros e o puxou para cima. Eles eram da mesma altura. Os olhos de Thornby eram o cinza brilhante do sol atrás das nuvens e dos lábios dele.

Thornby lançou-lhe um olhar intenso, que rapidamente se tornou vidrado e caiu de joelhos, o rosto roçando a virilha de John enquanto o fazia, com o hálito quente.

Então ele vomitou nas botas de John.

CAPÍTULO SEIS

Thornby sentou-se na ponta da cama de Blake, tentando controlar o impulso de continuar olhando por cima do ombro. Ele sentiu que, a qualquer momento, algo poderia arranhar seu caminho para fora das paredes. Suas mãos tremiam e ele entrelaçou os dedos e os prendeu no joelho para acalmá-los.

Blake estava ajoelhado nas tábuas do chão, ao lado de um estranho padrão de sal que ele havia colocado. Ele estava esfregando pó azul brilhante em uma chave de aparência comum, que estava absorvendo o pó da maneira mais improvável. De vez em quando, Blake tocava a chave do sal. E embora tudo isso não fosse um comportamento normal, Blake fez isso com tanta segurança que, eventualmente, os músculos atados de Thornby começaram a relaxar.

Depois que Thornby vomitou, Blake assumiu o comando. Ele trouxe água para os dois beberem e arrumou com tanta eficiência quanto qualquer criado. Ele ofereceu conhaque à Thornby, que ele não conseguiu enfrentar. Então Blake desceu brevemente as escadas, retornando com pão e queijo. Não que Thornby tivesse sido capaz de enfrentar isso também.

—O que você está fazendo? — Thornby finalmente conseguiu dizer.

Blake deu-lhe um olhar avaliador. —Fazendo uma chave de quimera. Hoje é segunda-feira, então perdemos uma noite de sono e café da manhã. Eu acho que o tempo funciona de maneira diferente nesse outro lugar. Seu pai acabou de se sentar para almoçar, então, enquanto estiver fora do caminho, vou para o quarto dele, use essa chave para entrar e olhe em volta.

—Você acha que ele tem algo lá que está me segurando aqui?

—Sim, um feitiço de algum tipo. Os aposentos dele e os antigos aposentos de sua mãe são os únicos lugares em que eu não procurei. Eu juraria que ele não estava usando magia; ele simplesmente não parece ter esse tipo de poder. Mas, no que diz respeito a você, a mágica não funciona da maneira que eu espero, então talvez eu não consiga senti-la porque tudo é direcionado a você. Raskelf é um lugar difícil e frustrante para se trabalhar. Há magia antiga em todo lugar. Você não tem ideia de como isso é confuso. Então, eu preciso entrar lá. Eu posso dizer muito pelo toque uma vez que eu entrar. Talvez eu descubra um pouco sobre essa maldição que ele parece ter com ele também.

—Mas você não pode simplesmente dizer a ele para me deixar sair? Naquela voz mágica?

—Não funcionaria. Tem que ser algo pelo menos vagamente aceitável para a pessoa. De qualquer forma, eu disse a ele que ele me convidou para cá. Não posso contar mais nada até que isso acabe. Desculpe, Thornby. Não é tão simples.

—Eu percebi. — Seu coração afundou, mas só um pouco. Talvez ele não tivesse realmente esperado que fosse tão simples também. —Diga-me, o que é gramarye? Essas criaturas mencionaram isso.

—É outra palavra para mágica. Eu acho que, para eles, significa meu tipo de mágica, mágica humana. Eles não pensaram muito sobre isso? — Blake levantou a chave e olhou-a criticamente, a cabeça inclinada para o lado. —Isso estará pronto em um minuto. Você deve chegar a um limite. Se eu conseguir quebrar o feitiço, você estará livre. Mas não deixe ninguém ver seu rosto ou você

pode ter algumas explicações para fazer. Ela te curou; você percebeu?

Thornby colocou a mão na bochecha. A pele estava lisa como se ele nunca tivesse se machucado. Ele olhou para as costas da mão esquerda; também estava inteiro. —Assim mesmo, hein? Imagine o que ela poderia fazer em um hospital.

—Mmm, ou ela transformaria todos em sapos apenas por diversão.

—Mas ela nos deixou ir, não foi? No final.

—Só porque você respondeu às perguntas.

—Essa coisa de ouriço nos ajudou. — Ele notou os quadris subindo da lapela, puxando-os e esmagando-os com o punho.

—Graças a Deus eu dei nozes. — Blake se inclinou sobre sua chave atentamente. —Você sabe, Thornby, esse lugar, você poderia ter ficado. Ela queria que você ficasse. Você preferiria ter ficado do que voltar e lidar com tudo isso? Porque eu provavelmente poderia levá-lo de volta para lá. Se você quisesse.

—Ficar lá? Naquele lugar? Com essas coisas? Espero que você esteja brincando. Você não viu os pés dela? Ela tinha cascos de cabra! E um vestido que saia do meio dela!

—Só porque as coisas são diferentes, não significa que devemos ter medo delas. — Blake ergueu os olhos da chave, pó azul por toda a ponta dos dedos, expressão séria. —Eu sei que a maioria das pessoas não gostaria de morar lá, mas talvez você possa pertencer. Seria uma espécie de fuga, não é? Ela gostou de você. Eu acho que eles são decentes o suficiente para seus amantes. Eu sei que seria uma maneira incomum de viver, mas...

—Sr. Blake, posso dizer categoricamente que as rainhas das fadas não são do meu tipo. Bom Deus! Voltando para ela? Não consigo pensar em nada pior. Eu não pertenço a isso. Estou certo disso.

—Tudo certo. Desculpe. Apenas checando.

Blake largou a chave, espanou as pontas dos dedos e começou a varrer o sal com o lado da mão. Alguns grãos ficaram presos em uma rachadura e ele os sacudiu com uma pequena escova. Ele pegou uma sacola de oleado e começou a

derramar um punhado de sal nela.

Thornby percebeu pela primeira vez que Blake tinha um corte desagradável nas costas da mão, presumivelmente daquele espinho mágico. Blake poderia muito bem ter poderes misteriosos, mas ele claramente não era onipotente ou impermeável aos machucados. Se eles não tivessem escapado, o que teria acontecido com Blake? Parte dele queria ignorar a questão, como Blake parecia estar fazendo, mas se algo mais acontecesse, ele realmente queria o sangue de Blake em sua consciência?

—Sr. Blake, não é seguro para você aqui, é? Se Raskelf está escondendo um mundo em que sua mágica não funciona, bem - e se eles te pegarem de novo? — Continue, diga. —Você não deveria ir embora? — Cristo, por favor não vá. Por favor, fique e me ajude.

Blake estava pressionando as pontas dos dedos nas tábuas do chão para pegar os últimos grãos de sal. Ele encolheu os ombros.

—Não acho que seja peculiar Raskelf. Eu acho que provavelmente existem portais por todo o lugar. Eu não entrei por acaso. Eu sei o que fiz. — Ele olhou para cima, olhos divertidos. —Não se preocupe, não farei novamente.

Thornby não tinha certeza de que o argumento estava inteiramente correto, mas o alívio o estava esquentando mais do que o bom conhaque de papai já teve. Blake embolsou sua bolsa de sal e levantou-se com a chave. —Se você não viesse e respondesse a esses enigmas, eu ainda estaria lá. Ou morto agora. Meus agradecimentos, Lorde Thornby. Você tem uma cabeça fria sob fogo.

—Não é tão legal. Peço desculpas pelo desagradável... — Thornby apontou para o local onde vomitou, sentindo-se um tolo por sua perda de controle.

Blake sorriu. Ele tinha o truque de não sorrir com a boca; estava tudo em seus olhos. Eles se iluminavam, mesmo quando a boca dele virava nos cantos.

—Vomitar era bastante digno, considerando. Quando vi meu primeiro demônio, me irritei. Eu tinha apenas dez anos, mas ainda assim. Mostra sua criação, não é?

Thornby ficou boquiaberto para ele. —Demônios? Mas, mas... eles não eram demônios, eram?

—Não, não. Fadas. Demônios são muito diferentes. Mas é um sentimento semelhante, imagino.

—Existem demônios? Coisas más com chifres e presas e assim por diante?

—Sim, claro. A maioria dos mágicos obtém seu poder dessa maneira. Eles chamam um demônio e isso faz a mágica para eles. Teurgia, é como é chamado.

—Então eu vi uma vez — Disse Thornby lentamente. —Correndo pela Strand em plena luz do dia. Como um babuíno horrendo, escorrendo vermelho vivo como se tivesse sido esfolado vivo. Ninguém mais viu, no entanto. — Ele não pôde reprimir um calafrio. Um demônio no Strand. Passando pelas crianças, farfalhando as crinolinas das mulheres e esquivando-se pelas pernas dos cavalos.

Blake o olhou pensativo. —Provavelmente estava usando um feitiço de invisibilidade que não funcionou em você. Eles geralmente não os deixam correr assim. Não tinha pele, você diz? Isso foi em 47?

—Parece correto.

—Eu lembro do caso. Ele matou seu mestre e escapou. Eles rastrearam, é claro, em algum lugar em Saffron Hill. E você viu. Deus do céu.

—Que maneira horrível de fazer mágica.

—Sim, bem, é por isso que eles mantêm tudo tão quieto. Mas a teurgia é considerada o melhor caminho. Eles chamam de 'Estrada Real'. Meus métodos são considerados bastante comuns.

—Comum — Thornby repetiu fracamente. Então ele se reuniu. —Sim, mas é claro que eu sabia disso sobre você. — Quando Blake estava sorrindo, ele realmente parecia bastante acessível. Thornby respirou fundo e disse, deliberadamente: —Felizmente, eu gosto um pouco de áspero.

Era um pouco de risco. De fato, ele ficou surpreso com o quão duro seu coração começou a bater. Mas Blake não franziu a testa ou se afastou. Ele ficou lá, meio sorrindo, aceitando a provocação. Seus olhos escuros eram notavelmente expressivos. Ele parecia querer parar de falar e começar a

trabalhar. Agora mesmo.

A boca de Thornby ficou seca. Seu pulso rugia tão alto que certamente Blake seria capaz de ouvi-lo. Não foi um erro, na sala azul. Blake gostava de homens, ou pelo menos gostava dele. Agora isso foi muito, muito interessante. Ele pensou que não tinha nada a oferecer a Blake, mas obviamente havia algo que Blake queria. E ele parecia como se realmente quisesse.

O que também era emocionante. Blake tinha uma boca bonita. Ombros largos e agradáveis. O que mais de bom ele havia escondido debaixo daquela alfaiataria muito respeitável?

Thornby desviou o olhar com esforço. Afinal, agora não era a hora. Não quando a fuga de Raskelf pode estar a apenas alguns minutos. Ele se viu olhando para o interior do enorme baú de Blake, com centenas de garrafas e caixas e formas misteriosas. —De qualquer forma, é um alívio saber que você não tem demônios nesse seu baú peculiar. — Disse ele.

Blake olhou para o porta-malas como se estivesse lembrando de algo. — Bem. Mas, de qualquer forma, é muito pequeno e bem contido. Não perigoso. Você sabe, você está um pouco pálido. Você deveria tomar um gole desse conhaque antes de ir.

—Não, eu irei com você. — Thornby se levantou, uma vontade de se mover através dele.

—Por quê? Você deve chegar ao limite. Se eu quebrar esse feitiço, você deve ficar o mais longe possível. Isto me lembra — Blake enfiou a mão no bolso novamente. Ele parecia ter dezenas; seu alfaiate deve fazê-los especialmente para ele. Desta vez, ele pegou uma carteira, da qual tirou uma nota de cinco libras. Ele segurou. —Você conseguirá um longo caminho se tomar cuidado. Eu não ficaria na Inglaterra porque ele provavelmente vem atrás de você. Essa maldição está dirigindo ele. Vou tentar impedir, no entanto.

Thornby se viu encarando mais os necessitados do que tinha visto em meses. —Não estou aceitando seu dinheiro. Bom Deus, eu deveria estar pagando! Eu vou contigo.

—Mas por que? O objetivo é afastar você de Raskelf.

—Mas não é só sobre mim, é? E se alguma fada aparecer e perguntar onde ele mantém os botões de punho? Não faço ideia de como consegui responder a essas perguntas. Acho que foi sorte, mas nasci aqui, afinal. E sou herdeiro dessa monstruosidade em ruínas, e talvez isso me dê uma vantagem. Então, é claro que eu vou. E então nós dois vamos embora.

—E se alguém ver seu rosto? — Mas Blake estava guardando o dinheiro. Ele parecia ter aceitado que Thornby não iria apenas aceitar isso.

Thornby acenou com a mão desdenhosa. —Eu direi que conheci um sujeito muito aventureiro com um aspecto milagroso. Ninguém acredita em nada do que eu digo. Até tia Amelia não acredita que eu não possa deixar a propriedade.

Blake o considerou por um longo momento. Thornby se viu incapaz de desviar o olhar. A expressão no rosto de Blake era difícil de identificar - era um olhar penetrante, como se ele estivesse tentando ver algo em Thornby que ninguém jamais procurara antes.

Ou talvez ele só estivesse se perguntando se Thornby provavelmente vomitaria nele novamente.

Então Blake sorriu. Não apenas com os olhos dessa vez. Foi um sorriso estranhamente vulnerável que o fez parecer muito mais jovem. —Venha, então. Vamos ver o que seu pai escondeu.

—É melhor você me dizer o que estamos procurando. Linhas de sal, não é? Montes de areia?

—Não necessariamente. Procure por qualquer coisa que você não possa explicar. Pense no seu amigo mais conservador; se não é o tipo de coisa que ele tem em seus aposentos, aponte para mim.

Os aposentos do pai sempre estavam trancados, assim como os antigos aposentos da mãe que se conectavam a eles. Até a sra. Diggins, a governanta, não tinha chaves, apesar de Warren, o criado do pai e o chefe de cozinha. Além de algumas lembranças sombrias da infância, o mapa mental da casa de Thornby

teve, durante o último ano e meio, esse espaço em branco em seu coração.

Observar Blake colocar a chave na fechadura do quarto do pai e abrir a porta foi, bem, mágico.



John entrou no grande quarto de Lorde Dalton, azul e dourado. Ele começou perguntando às paredes se elas conheciam algum segredo, tentando ficar alerta para o menor traço de magia, por mais que sem forma. Ele estava muito consciente de Thornby ao seu lado, abrindo as gavetas do armário e espiando debaixo da cama.

Ao seu lado.

Com ele.

Durante o tempo em que esteve no Palácio de Cristal, John lutou contra vários ataques: os morcegos possuídos, as insinuações de Barchiel, o patético feitiço que aqueles arquitetos conservadores acabaram pagando uma fortuna. Os morcegos quase foram a morte dele. Mas Paxton estava contando com ele, e ele sozinho. John não esperava a ajuda de ninguém. Paxton não havia lhe oferecido, nem ele pedido. No Instituto, eles sempre ensinaram independência. Era um dos pilares da discrição.

Então, quando Thornby disse: Claro que vou, era como receber um presente maravilhoso, mesmo que fosse um que ele não deveria ter aceitado. Pela primeira vez, para não ficar sozinho. Ficar preso naquele espinheiro de cristal o assustou mais do que ele gostaria de lembrar. Ele teve sorte de estar vivo. Essa foi a última vez que ele aceitou conselhos mágicos de meio quilo de sal! Ter agora alguém que possa ser totalmente ignorante dos métodos mágicos, mas que, no entanto, possa ajudar se algo acontecer -

Era uma sensação tão alegre e feliz. Felicidade, no meio deste mistério bizarro! Ele continuou tentando colocá-lo de lado, e ele continuou borbulhando. Um presente.

Sua forte suspeita de que Thornby estava conectado àquele outro lugar não havia diminuído, mas era impossível pensar nele como algo além de um homem, e um homem corajoso. John teve que evitar olhar para ele; se ele olhasse por um momento, não iria querer desviar o olhar. E então ele se esqueceria de novo. Embora, talvez Thornby gostaria disso? O conhecimento de que Thornby poderia realmente estar interessado nele tornava quase impossível pensar em outra coisa. Ele estava a um passo desde que Thornby disse: “Eu gosto de um pouco áspero”, com aquele sotaque agradável e aqueles olhos desonestos. Thornby provavelmente transaria como um policial prestes a voltar para uma postagem. Ele tinha aquele olhar nervoso, todo tenso e desesperado.

Ele provavelmente faria absolutamente qualquer coisa.

John fechou os olhos por um momento. Deveria se concentrar. Ele estava aqui para fazer um trabalho. Não seria bom que Lorde Dalton ou seu criado os encontrasse aqui.

Havia algumas salas no quarto de lorde Dalton. Um era um camarim; John vasculhou os ternos de tweed e os ternos e camisas da cidade e as roupas íntimas, varas, sapatos e chapéus. As roupas mais usadas de Dalton pareciam ser um boné de aparência náutica e duas camisas grossas do tipo geralmente usadas pelos marinheiros. Ímpar. Mas, talvez, o marquês preferisse ficar anônimo quando tratava de negócios na costa. As camisas tinham o menor cheiro de maldição sobre elas - uma sugestão de merda, maldade e peixe podre -, mas não passava de uma sugestão. As camisas pareciam não ter ideia. Provavelmente elas haviam absorvido um pouco do fedor do dono por estarem tão desgastadas.

Na sala de estar e escritório ao lado, John encontrou várias ações para propriedades no oeste da Escócia. A julgar por outras cartas e documentos, Dalton estava comprando mais. Havia algumas cartas náuticas e alguns livros com registros de pagamentos aos capitães de navios. Ele supôs que tudo isso

estivesse relacionado ao esquema comercial de cultivo de algas marinhas de Dalton.

Ele procurou a chaminé de carvão, a lareira, verificou por trás dos quadros e debaixo do tapete. Não havia nada que se parecesse remotamente com algum feitiço, muito menos um poderoso o suficiente para manter um homem preso em um lugar por mais de um ano.

Ele atravessou o quarto de dormir, onde Thornby ainda estava procurando, e abriu a porta de ligação do quarto da primeira dama Dalton com a chave da quimera. Ele entrou e abriu uma cortina alguns centímetros, enviando nuvens de poeira em cascata. A luz do dia mostrava o que havia sido o quarto de uma mulher elegante mobilado em azul céu, dourado e branco - o equivalente feminino ao quarto do cavalheiro que ele acabara de sair. Agora estava enfeitado com teias de aranha e cinza com poeira. Sentindo Thornby em seu ombro, John trancou novamente a porta de conexão.

—Quarto da mãe. Não mudou nada. — Disse Thornby. Ele parecia um homem em um sonho. —Aqui está a pintura com o leão. E a concha do mar; ela costumava segurá-la no meu ouvido. Está empoeirada. Ela não teria gostado disso.

—Vamos dar uma olhada. — Disse John.

—Ele não esconderia um feitiço aqui, esconderia?

John sabia o que ele queria dizer; o quarto tinha um ar sagrado, um santuário para a mulher morta. Ele colocou a mão na parede. —Parece vazio. De magia, pelo menos.

Thornby abriu uma pequena escrivaninha. Ele congelou, olhando para dois soldados de lata em pé na frente. —Aqueles eram meus. — Disse ele lentamente, meio para si mesmo. —Eles eram meus favoritos. Deixei-os aqui para cuidar dela porque tinha que ir à escola. — Ele pegou um. —Eles deveriam ser inimigos. Um azul, você vê, e um vermelho. Mas eles eram amigos. Eles tiveram todos os tipos de aventuras.

Não havia muitos papéis na mesa. Talvez a primeira Lady Dalton não

tenha sido muito correspondente. John pegou alguns lençóis soltos. O primeiro parecia ser ideias de cardápio, o segundo algumas instruções para uma costureira. As cartas vagavam pela página, grandes e em loop. A ortografia era rudimentar, na melhor das hipóteses. Não era a mão de uma senhora bem-educada. —É ela que está escrevendo?

—Ela nunca se importou com isso. Ela costumava dizer que devo escrever suas cartas para ela. Ela ria disso. Eu digo, olhe para lá - há faixas no tapete onde a poeira está desgastada. Pai deve vir aqui às vezes. Elas vêm do quarto dele.

Com certeza, um caminho mais escuro através do tapete empoeirado levava da porta do quarto de Lorde Dalton a um conjunto de cortinas de veludo azul em uma parede interna. John seguiu o caminho do outro lado do quarto e puxou a corda das cortinas.

Eles se separaram para mostrar um retrato em tamanho real da mulher mais bonita que se podia imaginar. Ela era tão adorável que era difícil desviar o olhar. Seus cabelos escuros estavam vestidos com um coque, mas várias mechas enrolavam em seu rosto de ossos finos. Sua boca era bem modelada e sensual, e seus olhos cinzentos tão bonitos que alguém poderia olhá-los para sempre. Eles eram grandes como uma corça, tumultuados como o mar em um dia tempestuoso e levemente inclinados. Em volta do pescoço havia um colar de pérolas do tom exato de seu peito leitoso. Ela foi mostrada meio em pé, presa para sempre no ato de se levantar. Ela usava um vestido branco transparente na moda dos anos 20, e estava cercada por enormes rosas cor de rosa e brancas e uma coluna de mármore. Um cão lobo de colarinho azul jazia a seus pés, olhando-a com adoração.

Havia tanta vida na pintura que você sentia que ela sairia dela e a rodopiaria pela sala. E, no entanto, também havia algo triste nela, uma tensão sutil em sua mandíbula, saudade em seus lindos olhos. Ela era alegria e tristeza, beleza e dor. John, que nunca desejou uma mulher em sua vida, sentiu que mesmo ele poderia ter se apaixonado por ela.

Uma mulher bonita. No entanto, quanto mais ele olhava, mais ele tinha

certeza de que ela não era uma mulher humana. Os olhos dela. O jeito que sua boca se curvava nos cantos. Toda a sensação maldita dela. Ela era linda, tudo bem. Ela era perigosamente justa. Porque ela não era humana. Ela era daquele outro lugar. Antes, ele apenas suspeitava que Thornby tivesse alguma ligação com aquele lugar. Agora ele sabia exatamente quem era a ligação.

Não é de admirar que Lorde Dalton parecesse meio louco. Era isso que ele havia perdido.

E não admira que John não tenha sido capaz de sentir a fonte da maldição. Se ela tivesse feito isso usando mágica folclórica justa, seria tão difícil de detectar quanto tudo o mais naquele lugar.

—Sua mãe — Disse John. Não era uma pergunta; havia uma semelhança tão forte. E, no entanto, ele precisava ouvir Thornby confirmar.

Thornby assentiu, parecendo um pouco engasgado. —É de Lawrence. — Disse ele eventualmente. —Não estava terminado quando eu fui para a escola. Deus, ela está exatamente como eu me lembro dela.

John olhou para o retrato novamente. Ele não pôde deixar de pensar em sua própria mãe como ela era quando criança - seus cabelos grosseiros, pretos e pele marcada, seus olhos amáveis e cansados, suas mãos vermelhas e ásperas pelo trabalho. E Thornby tinha aquela criatura fantástica como mãe - toda luz e suavidade, alegria e fogo. Como deve ter sido? John não conseguia imaginar.

Ele deveria contar a Thornby o que ele percebeu. Agora.

Deus, que coisa estranha de se dizer a um homem. Mas Thornby acabara de estar naquele outro lugar - talvez até agora ele visse a semelhança entre a rainha das fadas e sua mãe. Talvez agora ele estivesse começando a adivinhar o que aquilo o fazia.

O silêncio foi quebrado pelo som abafado de uma porta abrindo e fechando.

—Quarto do pai. — Disse Thornby baixinho, os olhos arregalando-se. — Pai.

John fechou as cortinas sobre a pintura. Thornby fechou a mesa e as

cortinas. Então eles ouviram uma chave na fechadura da porta interconectada. Talvez o marquês tenha gostado de olhar o retrato de sua primeira esposa e se atormentar novamente com o que perdeu. Ou talvez ele tenha ouvido um pequeno barulho.

Eles fugiram pela porta de passagem e John a trancou silenciosamente atrás deles com a chave da quimera. Eles deram as costas para caminhar pela passagem quando ouviram uma chave naquela porta também. Eles haviam perturbado o pó? O marquês notara?

Thornby murmurou algo baixinho e puxou John pela porta ao lado. Abriu para um dos muitos quartos cobertos de poeira de Raskelf; besouros pretos correram para a lareira vazia quando eles entraram. John trancou a porta, ouvindo atentamente. Quando parecia certo de que não estavam sendo perseguidos, ele se virou e se apoiou nela, fechando os olhos em alívio. Seria muito, muito melhor se lorde Dalton continuasse ignorando a busca deles.

Quando ele abriu os olhos, Thornby estava em pé diretamente na frente dele, tão perto que quase estavam se tocando. E não havia como confundir sua expressão.

—Bem, senhor Blake? — Thornby disse.



Quando Thornby se inclinou para beijá-lo, Blake pegou sua mandíbula e a segurou. Talvez Blake não tenha beijado. Uma pena, mas alguns homens não. Thornby colocou a mão na virilha de Blake, sentindo-o endurecer através da lã das calças; um pau bom e grosso pela sensação. Thornby estava prestes a desfazer a mosca, quando Blake agarrou seu pulso também e o segurou com firmeza. Blake estava agarrando-o para detê-lo ou fazê-lo ficar? Thornby

levantou uma sobrancelha.

—Não?

Blake apertou seu pulso um pouco mais, imobilizando-o.

—Espere. — Disse Blake, com os dentes cerrados, sua voz tensa.

Oh. Senhor, Thornby interpretou mal a situação? Certamente não. A maneira como Blake o olhara antes parecia inconfundível. Thornby jogara suas cartas de maneira aberta o suficiente. E Blake sorriu com o absurdo de gostar de um pouco áspero. Mas agora - eles ainda estavam parados aqui, imóveis, com Blake segurando sua mandíbula e pulso em um aperto ardente.

Então, o que diabos estava acontecendo? Blake estava lutando com sua consciência? Ele estava com medo de ser encontrado? Ou estava parado imóvel e segurando seu parceiro em um aperto forte, simplesmente alguma predileção sexual incomum? Blake estava com os olhos fechados agora. Sua boca estava se movendo um pouco, como se estivesse rezando. Thornby tentou se afastar um pouco, para dar espaço a Blake, se era disso que ele precisava.

—Você está bem? — Thornby perguntou. —Nós não precisamos, você sabe.

Blake disse, em tom estrangulado: —Eu quero. Espera.

Bem, isso estava claro o suficiente e, na verdade, o aperto de Blake foi bastante emocionante. As costas da mão de Blake, esmagadas entre eles, estavam empurrando contra o pau de Thornby. Ele pressionou um pouco mais forte. Ele tentou liberar o pulso novamente, tocar em Blake ou se afastar, e não conseguiu. Ele estava duro agora, dolorosamente.

Blake cheirava a um céu paradisíaco - de suor fresco e masculinidade e um pouco de alguma erva picante. Ele também estava quente; o calor parecia irradiar dele, quase visível no ar frio do quarto de hóspedes. Thornby empurrou contra ele e passou as pontas dos dedos sobre a polegada ou duas do pênis de Blake que parecia ser tudo o que ele podia tocar. Deus, era um maldito tormento! Já fazia mais de um ano e meio desde que algo tão emocionante acontecera. Ele provavelmente gastaria nas gavetas se Blake deixasse. Ele percebeu que estava

prendendo a respiração e soltou o ar. Saiu em um gemido; de luxúria ou angústia, ele não tinha certeza. Talvez ambos.

Então, tão de repente o fez ofegar, Blake soltou seu pulso e mandíbula, agarrou a parte de trás da cabeça e o puxou para frente em um beijo, áspero e frenético. A barba de Blake roçou os lábios de Thornby. Então, Blake havia se decidido. Graças a Deus.

Blake se afastou e começou a rasgar a frente das calças de Thornby com as duas mãos. Ele estava tendo problemas com a carcaça à moda antiga. Talvez ele nunca tenha encontrado uma antes. Ele quase rosnou, olhos escuros se estreitaram como se ele o enfeitiçasse por não se desfazer com seu toque. Thornby afastou-o por um momento, desfez ele mesmo e desabotoou a de Blake ao mesmo tempo.

No momento em que ele fez isso, Blake o puxou de volta para aquele beijo de boca aberta, a mão agora trabalhando no pau de Thornby. Blake deve ter lambido a mão, porque estava escorregadia. Ele fez isso da maneira certa, não muito difícil, nem muito rápido; praticado. Claramente, o Sr. Blake não era tão respeitável quanto Thornby uma vez supusera. Thornby gemeu em sua boca, agarrando-o. E - Deus - por vários e doces momentos, todos os seus problemas desapareceram. Havia apenas a sensação da mão de Blake em seu pênis, e o prazer de ter o pênis grosso de Blake em suas próprias mãos.

Ele percebeu que sua mão estava seca - não deveria ser tão boa assim. Ele passou o polegar sobre a cabeça do pênis de Blake, sentindo um líquido sedoso se espalhar ao fazê-lo, mas isso não seria suficiente. Ele estava prestes a cair de joelhos para resolver o problema quando Blake gemeu em sua boca e o agarrou com força. Thornby olhou para baixo e viu as pérolas espalhadas por todo o seu colete de seda preta.

Blake se inclinou novamente e mordeu o pescoço de Thornby através de sua gravata, ao mesmo tempo alterando sutilmente o aperto no pênis de Thornby. Movimentos adoráveis, longos e firmes, depois curtos e rápidos. Thornby podia sentir o clímax crescendo das solas dos pés. Os dentes de Blake estavam no

pescoço dele. Thornby veio com a cabeça jogada para trás, o choro engasgado, tentando ficar calado.

Eles ficaram por um momento, respirando com dificuldade. Blake estava descansando contra a porta, o rosto pressionado contra o pescoço de Thornby. Ele suspirou profundamente, a respiração gelada através da gravata de Thornby, onde estava molhado de sua boca.

E agora? Agora era hora de ter cuidado. Thornby teve problemas mais de uma vez no brilho da tarde. No momento em que terminava com um homem, alguns homens começaram a se arrepender. Alguns gostavam de falar sobre quem fez isso acontecer. Blake não parecia o tipo, mas seu comportamento estranho de antemão poderia significar que ele apenas agiu contra seu melhor julgamento.

Então Blake afastou a mão do pênis amolecido de Thornby e colocou os dois braços em volta dele, puxando-o para perto. Ele fez isso tão docemente, tão naturalmente, passando uma mão carinhosa pelas costas de Thornby, que Thornby relaxou nele, fechando os olhos. Que felicidade estar nos braços de um homem, sentir seu calor sólido e saber que ele não ficaria desagradável, mas estava do lado de alguém. Ele deixou a cabeça descansar no ombro de Blake. Blake mudou um pouco e Thornby quis implorar, não vá. Fique comigo.

Sua respiração diminuiu para o normal, quando veio o som inconfundível de alguém girando a maçaneta da porta em que estavam apoiados. Houve uma exclamação feminina surpresa, seguida pelo tilintar das chaves.

—Você acredita nisso? — Thornby disse baixinho, meio franzindo a testa, meio rindo. —Esse é o velho Diggins. Eles vão preparar os quartos para os Greys. Vamos lá, tem uma porta de conexão aqui também.

Thornby lavou as calças, esfregando ineficaz as manchas molhadas no colete. Blake pegou a chave da quimera de onde ela caíra e eles deslizaram pela porta de conexão para outro quarto vazio. Blake pairou na porta da passagem por um momento, julgando quando estaria vazio, depois os deixou sair.

Eles caminharam pela passagem vazia até o topo da escada, onde Blake

parou. Thornby levantou uma sobrancelha para ele. Por um momento, ele se sentiu como antes; um cavalheiro jovem e descuidado da cidade. —Bem, isso foi emocionante. Não encontramos nada, encontramos? No entanto, de alguma forma, não me sinto decepcionado, não consigo pensar no porquê. E agora? Quer encontrar um lugar privado? Poderíamos-

Ele parou. A expressão de Blake não foi animadora.

—Acho que preciso lhe contar uma coisa. — Disse Blake.

—Entendo. — Disse Thornby. Algo ruim, obviamente. Ele levantou o queixo. — Venha então, senhor Blake. Eu vou lhe mostrar o belo terraço na frente da casa. Foi construído pelo quinto marquês em 1730 e eles dizem que oferece a melhor vista em qualquer uma das corridas. Hoje em dia, principalmente de sebes crescidas, mas talvez possamos cultivar um gosto por elas? — Ele passou por Blake e desceu as escadas até a grande porta da frente.

Uma vez no terraço, no entanto, Blake parecia não saber como começar. Ele parecia sombrio e desconfortável. Thornby desejou dizer: Pelo amor de Deus, o que você precisa me dizer, não seria melhor na cama? A felicidade que ele sentiu alguns momentos atrás havia evaporado. Tantas coisas horríveis haviam acontecido e agora algo mais estava por vir. Blake não poderia ter esperado um pouco e deixá-los se divertir primeiro? As más notícias não piorariam, com certeza? Ele se sentiu um pouco irritado com Blake e sabia que não era justo, o que o deixou mais irritado. Malditos Diggins e suas hordas também.

Por fim, Blake disse: —Diga-me, Thornby, o que você sabe da sua mãe?

—Mãe? O que ela tem a ver com alguma coisa? Ela está morta.

—Sim, mas o que você sabe sobre ela?

—Eu não estava aqui quando aconteceu. Eu tinha oito anos. Fui enviado para a escola.

Eles o haviam chamado fora da aula para contar. A mesa do mestre brilhava ao sol como um cavalo louro, como Periwinkle, que era a égua de sangue da mãe. —Lamento informar, Thornby, que sua mãe morreu.

Ele olhou para o homem de olhos secos, frio com descrença. Isso não era verdade. Foi um tormento novo que aconteceu com a escola, como a maneira como os meninos maiores o tropeçaram nas escadas ou fizeram você fazer coisas com eles nos dormitórios.

—Você pode receber licença pelo resto do dia, se desejar. Você pode ir à enfermaria.

Não, era uma armadilha. Ele olhou novamente para a mesa reluzente. Se ele tocasse, seria tão quente, firme e sedosa quanto o flanco de Periwinkle. Mãe passeava todas as manhãs. Ela estaria montada em Periwinkle agora. Era impossível que ela estivesse morta. Como ela podia ser como o estorninho que ele enfiara um pedaço de pau no outro dia?

—Voltarei às aulas, senhor. — Disse ele, e notou com alívio a aprovação na cara do mestre.

—Muito bem, Thornby. Você mostra sua qualidade, garoto, se assim posso dizer.

Então, ele voltou à lição. Mas ele esperou por outra carta da mãe, por outro pacote. E nunca havia chegado.

Ele percebeu que Blake estava olhando para ele e disse levemente: —Ela se afogou, você sabe. Ela foi andar de barco à meia-noite. — Ele apontou para o oeste. —Havia um lago ornamental ali, com uma ilha no meio. Pai o drenou depois. Parece bom e verde, não é? Mas toda a área é um pântano. Arruinou muitos bons sapatos, posso lhe dizer.

—Sinto muito, Thornby.

Thornby encolheu os ombros. —Tornou o sapateiro local rico como Croesus. Você deveria apreciar isso, sendo um trabalhador.

—O que você disse no jantar - você realmente suspeita que seu pai tenha cometido um crime?

Thornby fez um gesto impaciente. —Seria conveniente, não seria, se eu também pudesse odiá-lo por isso? Na verdade, eu apenas disse a pior coisa que pude pensar. Por mais que me irrite, acho que ele a amava, como disse.

—Você acha que poderia ter sido suicídio?

—Por que você deveria pensar isso? Ela adorava aventuras; ela estava sempre se metendo em arranhões como um garoto louco. Você deveria ter visto as sebes em que ela montou o cavalo! — Ele pensou um pouco mais e desviou o rosto. —Veja bem, eles discutiam terrivelmente às vezes. Não sei porque. Ela iria implorar e se enfurecer. Ele era como um maldito muro de pedra. Ela chorou por dias quando ele decidiu que eu deveria ir para a escola. Então eu não sei. Ela era volátil. Talvez tenha sido suicídio. Nunca saberemos. A palavra do pai é lei aqui em cima; se ele disser que foi um acidente, ninguém vai discutir.

—O que mais você lembra dela?

—Nada. — Sua voz era aguda. —Eu não gosto dessa maneira de continuar. Certamente até você sabe que é péssima forma falar sobre a mãe de alguém?

—Eu acho que pode ser importante para a sua situação.

—Como isso poderia estar relacionado?

—Bem, de onde ela era?

Thornby suspirou, com o ar de alguém que cantava um tolo. —Você acha que eles me deram o nome de Soren por capricho? Ela era dinamarquesa. O nome dela era Rosa. Você viu o retrato; ela era uma beleza famosa nos anos vinte e metade de Londres estava apaixonada por ela. Havia todo tipo de duelos, poemas e apostas ridículas para lhe trazer buquês. Dezenas de homens apaixonados querendo chamar o pai e casar com ela. — Ele sorriu, olhando para Blake sob os cílios. —Eu sou muito parecido com ela, aparentemente. Dizem que ela enlouqueceu homens de saudade.

Blake pareceu, por um momento, como um garoto desajeitado. Thornby sorriu. —Sr. Blake, você está corando?

—Eu gostaria que você levasse isso a sério. Onde seu pai a conheceu? Aqui, suponho?

—Acho que não. Eu acredito que ele a trouxe para a Inglaterra, mas ele já se casou com ela. Na Dinamarca, eu sempre imaginei. O que é isso tudo? Por

que você não me diz no que está falando?

—Você conheceu algum do lado dela da família? Alguma tia ou tio ou o que quer?

—Não posso dizer que sim. Mas então a Dinamarca é um longo caminho.

—Eles não vieram para o funeral?

—Eu não sei. Eu não fui eu mesmo. Eu estava na escola, lembra? Suponho que eles pensaram que isso me incomodaria.

—Thornby, eu...

—Espero que você não volte a pedir desculpas. Realmente, não é da sua conta como me sinto.

Blake parecia subitamente muito sombrio, olhando para o campo impossivelmente verde onde a mãe havia morrido e o pai se vingou do lago que a levara. —Não, suponho que não.

Ele parecia derrotado e Thornby sentiu-se repentinamente odioso, como o pequeno filhote impertinente que seu pai pensava.

—Sr. Blake, eu... peço desculpas. Isso foi muito rude. É muito decente da sua parte se preocupar em me incomodar.

—Lorde Thornby, eu tenho medo de ter uma teoria. Na verdade, é mais que uma teoria. Tenho certeza. Mas acho que você não vai gostar muito.

—Não? Fora com isso, então. — Ele colocou sua melhor face social e fixou os olhos em um floreio particularmente barroco no telhado. Ele não mostraria como se sentia, não importasse o que acontecesse. Ele olhava para aquele maldito rabo de cavalo feio e passava por isso.

—Bem, existem certas semelhanças entre você e as fadas. Você deve ter notado: minha mágica não funciona em você e não funciona nelas. E do jeito que você sabia as respostas para as perguntas da rainha - acho que um homem comum não saberia. E então - sua mãe. Vendo aquele retrato agora mesmo - meu Deus, Thornby, você viu! Ela olhou para aquele lugar, não é? Ela e a rainha especialmente. Você deve ter notado. E a escrita dela; não era a escrita de uma dama, era?

—Acho que ela não era dinamarquesa. Acho que seu pai a tirou daquele outro lugar. Acho que ele teve que ensiná-la a ler, escrever e agir como a dama. Espero que ele tenha dito que ela era dinamarquesa para explicar as esquisitices de seu sotaque e comportamento. Não sei como ele a manteve aqui. Talvez ela realmente o amava, mas acho que é mais provável que ele tenha o mesmo domínio sobre ela do que sobre você. E eu - bem, é isso que eu acho.

Thornby sentiu como se Blake tivesse lhe dado um soco no estômago. Mãe não humana? O que o fazia - o que? Se alguém tivesse ousado sugerir uma coisa dessas há alguns anos, ele teria rido na cara deles. Agora, depois de todos os meses de persistente dúvida e mistério, depois do horror de ficar preso naquele lugar e da perseguição -

Ele se virou, bem devagar, para não cair, para olhar para Blake.

—Você terminou? — Ele estava mirando o tom que usaria em um servo insolente, mas saiu vacilante. Ocorreu-lhe que talvez fosse por isso que Blake hesitasse no quarto de hóspedes. Pode ser por isso que ele não queria tocá-lo no início. Porque Blake pensou que ele era uma criatura mestiça. Não humano. A ideia de que Blake poderia se revoltar com ele e só conseguiu dominar sua repulsa por tempo suficiente para um puxão -

—Sinto muito, Thornby. É o que eu acho.

—Você sente muito ultimamente, não é? Então, minha mãe era uma aberração desumana, não era? E eu também sou uma. E até o meu nome cristão é uma espécie de... de arenque vermelho?

Ele apertou os punhos, o choque dando lugar à raiva. O puro nervo do sujeito, para sugerir uma coisa dessas! Ele não sabia ao certo por que estava tão furioso, pois era claramente ridículo. Ele se sentiu estranhamente trêmulo, como se fazia quando estava com febre. Ele pensou que, por um momento horrível, ele poderia vomitar novamente e engoliu em seco.

A expressão apologética de Blake não estava ajudando. Oh Deus, e se Blake estivesse com pena dele? Ele agiu com pena no quarto de hóspedes?

—Mas é a pista que precisamos, não é? Você não vê que isso restringe a

pesquisa? — Blake disse.

—Mas não é! — Ele cuspiu. —Ainda não temos a menor ideia do que estamos procurando! Cristo, você se considera um mágico, mas você é inútil, não é? Se você fosse um mágico de verdade, poderia fazer o pai me deixar ir. Mas, por algum motivo, você não ofereceu. Você poderia assustá-lo, provavelmente. Ou ameaçá-lo. Mas você não tem. Tudo o que você fez foi se meter em problemas. Por que diabos eu deveria acreditar na sua teoria? O que é o Instituto Dee, afinal? Pelo que sei, é para onde eles enviam os casos sem esperança que nunca chegam a nada!

—É isso que você quer que eu faça; amedrontar seu pai por você?

—Sim! Por que não? Forçá-lo a me deixar ir! Faça ele fazer isso!

—Isso é bruxaria.

—Então, esgueirar-se e usar essa voz nas pessoas, e olhar através das coisas de outros homens está certo, está? Mas espancar um valentão seria errado?

—É bruxaria, Thornby. Eu não vou fazer isso. Pela mesma razão, você não invadiu o quarto dele e o atacou enquanto dormia.

—Eu não estou pedindo para você matá-lo, pelo amor de Deus! Só para forçá-lo - eu não sei. Assuste-o. O que você sente não está embaixo de você.

—Ele é amaldiçoado. Você se lembra disso? Se sua mãe fez ou simplesmente aconteceu devido às circunstâncias, eu não sei, mas-

—E isso o desculpa, não é? Ele pode arruinar a família, levar o lugar ao chão e fazer o que diabos ele gosta para todos nós porque ele é amaldiçoado?

—Está dirigindo ele. Isso o torna perigoso e imprevisível. Se eu fizesse o que você pediu, se o assustasse - dizer para a mobília do quarto dele voar pela sala na próxima vez que ele estiver nela - e então entrarei e direi que só iria parar se ele deixasse você ir - você acha que ele faria isso? Você acha mesmo? Eu não gostaria de apostar nisso. Eu acho que ele atacaria. Provavelmente para você. Não sabemos como ele está fazendo o que está fazendo. Você não vê que é muito perigoso?

—Então, você tem medo dele. — Disse Thornby, com desdém, e teve a satisfação de ver uma centelha de raiva acender nos olhos escuros de Blake.

—Não me confunda com algum artista de rua, porque tudo que você viu até agora são alguns truques. Mas há uma maldição envolvida que vem desse outro lugar. E, de qualquer forma, como eu disse, assustar as pessoas com magia para fazer o que você quer é bruxaria.

—Então, pare de machucá-lo. Mas deve haver...

—Gostaria que eu o prendesse em algum lugar, talvez? Mantê-lo em algum lugar até que ele faça o que eu desejo? É isso que você quer que eu faça, para ser como ele?

A boca virada para baixo de Blake foi além do sombria para proibir decididamente. Ele mudou de posição, como se estivesse se inclinando para a discussão. Thornby se levantou também, acolhendo a raiva que o inundava. Seus punhos estavam doendo para bater em algo. Para finalmente ter alguém para atacar. Banir o desamparo com um soco e ver o resultado sangrando na frente dele. Papai tinha um jeito de se tornar inexpugnável, de recuar atrás de seu título e de seu poder misterioso até que fosse impossível fazer alguma coisa.

Mas Blake-

Alguém poderia tocar um homem como Blake. Alguém poderia bater nele. Alguém poderia machucá-lo.

—Parece justiça para mim— Disse Thornby com desdém. —Você seria corajoso o suficiente para fazê-lo, se eu pedisse?

—Não é uma questão de bravura. Eu malditamente não vou fazer isso — Blake retrucou. —Eu sei que você está acostumado com as pessoas fazendo o que você diz, mas não pode me pedir por aí, para parar de tentar.

Eles se entreolharam. Thornby estava com uma respiração trêmula ao atingi-lo, quando a expressão de Blake de repente se suavizou. Ele deu um passo para trás e relaxou os ombros, levantando as mãos em um gesto conciliatório.

—Thornby, não vamos brigar. Isso não vai ajudar. Olha, no momento ele não suspeita de nada, então temos liberdade para olhar em volta. É melhor ser

sutil, não é?

Então, ele não lutaria. Ele não daria satisfação. Mas havia algo em sua voz, alguma ternura, alguma pergunta, que o deixou completamente aberto. O desejo de machucá-lo mudou de foco. Mas, ao mesmo tempo, Thornby lembrou-se de como a discussão havia começado. Mãe, não humana. E o mundo parecia novamente balançar sob seus pés. Toda certeza, toda crença, toda ideia que ele já teve sobre si mesmo parecia estar desmoronando como cinzas.

—Então, minha mãe era uma fada, era? É isso que você está dizendo, você sabe. Você sabe que idiota você parece? — Sua voz era fina, mas estava perfeitamente sob controle.

—Eu sei como isso soa. Até a noite passada, eu não teria acreditado.

—E o que isso me faz? Você é um lunático. Não sei por que pensei que você poderia me ajudar. Você também pode voltar para Londres. Embora eu goste da sua ideia de atacá-lo enquanto dorme. Talvez você deixe sua maravilhosa chave para trás quando for embora? Bom dia, Sr. Blake. Como você não está interessado, tenho que preparar as vacas.

Ele girou nos calcanhares e se afastou. Ele não tinha ideia de para onde estava indo, mas onde quer que estivesse, estava o mais longe possível do ridículo Sr. Blake e de suas ideias absurdas.

CAPÍTULO SETE

O jantar estava quase no fim.

—Onde está Lorde Thornby esta noite? — John manteve a voz agradável e uniforme.

—Má forma. Tarde para o jantar — Murmurou o Sr. Derwent. —Não seria a primeira vez.

—Ele gosta de longas caminhadas. — Observou Lady Amelia.

—Os jovens devem ter o seu dia. — Disse lorde Dalton, cada palavra pingando desprezo. —É tão fácil perder a noção do tempo, não é?

John assentiu educadamente, mas seu estômago estava se apertando. Depois que Thornby o deixou no terraço, ele se arrastou para o andar de cima. Ele estava tão cansado que os sussurros incessantes de Raskelf não o impediram de dormir por uma hora ou duas. Quando ele acordou, passou o resto do dia procurando por Thornby, mas não o encontrou.

Thornby estava evitando ele? Ele não recebeu as notícias de John muito bem. Era uma coisa muito difícil de processar. Ela foi a mãe dele. Para saber que ela não era humana; isso abalaria um homem em sua essência.

Deus, por que Raskelf tinha que ser tão grande? O lugar era um labirinto - podia-se passear sem parar e nunca encontrar a pessoa que procurava. Mas Thornby o estava evitando ou algo aconteceu com ele? Thornby se afastara em grande engano e havia muitos bueiros na propriedade onde um homem distraído podia torcer o tornozelo. O buraco que eles chamavam de Vaso da Jennie tinha

um penhasco com mais de vinte metros de altura. É claro que Thornby deveria conhecer a propriedade da mesma maneira que John conhecia seus pinos de ferro, mas tudo ficou nebuloso, o que poderia tê-lo confundido.

Ou ele poderia ter caído em caçadas ilegais. Alguns dos locais com quem conversara pareciam ter um grande carinho por Lorde Thornby; suas excentricidades os impressionaram. Eles esperavam que a nobreza fosse diferente, e se Thornby foi 'tocado' e conhecido por gritar epítetos em sebes e ir atirar em roupas de tribunal, ele foi tocado de uma maneira tão estranha e nobre que deu à população local direito de se gabar. Mas nem todo mundo se sentia assim. Alguns deles estavam com medo dele, outros com um medo tão profundo que John sentiu que estava cercado de ódio. E se Thornby conhecesse alguém assim nas profundezas do parque?

Ou o que aconteceria se John tivesse divulgado a notícia sem rodeios? E se Thornby simplesmente não aguentasse, além de tudo o mais? E se Thornby tivesse decidido que não poderia continuar? Ele estava agora morto em alguma vala com o cérebro estourado - belos olhos vidrados e maçantes, a pele impecável ficando fria?

John sentiu-se doente. Ele parou de empurrar o veado com o garfo.

—Certamente Lorde Thornby já deveria estar jantando? Devo procurá-lo? — Ele ficou de pé.

—Sente-se, cara. Ele virá em seu próprio tempo. — Disse lorde Dalton. — Farrell, mais vinho.

—Meu Senhor. — John sentou-se.

A Voz Judas havia funcionado bem em Dalton, mas não resistiria se ele antagonizasse o homem. Ele comeu algo sem provar. Talvez Thornby simplesmente não quisesse vê-lo. Talvez ele estivesse lamentando o que havia acontecido no quarto de hóspedes. Ou talvez ele fosse indiferente a isso. O próprio John geralmente se afastava de tais encontros sem pensar duas vezes. Só porque ele estava ansioso para ver Thornby novamente - abraçá-lo, beijá-lo, inspirá-lo - não significava que Thornby sentisse o mesmo.

—Sr. Blake, você vai tomar outro copo de clarete? — Lorde Dalton acenou com a mão como se estivesse oferecendo todo o conteúdo de seu porão.

—Obrigado. — Ele sentiu que isso o sufocaria, mas parecia educado aceitar.

Dalton parecia com um humor mais amplo do que o habitual? Havia algo quase alegre nele, como um garoto com um segredo.

John sentiu como se água de gelo tivesse sido derramada em sua espinha. Dalton tinha feito algo para Thornby. Ele sabia disso. *Ele virá em seu próprio* tempo - houve uma presunção sutil nesse comentário. Dalton sabia que não era verdade.

No momento em que conseguiu escapar do jantar, John checou todos os cômodos que conseguia pensar, mas não encontrou sinal de Thornby. E não havia sentido em definir feitiços de busca; Thornby seria tão impermeável àqueles quanto a todo o resto.

John desceu sobre um degrau frio de mármore, descuidado com suas roupas de noite. A tentação de ir e enfrentar Lorde Dalton era forte, mas ele não se atreveu a jogar sua mão tão abertamente ainda. Ele ainda não tinha ideia do que fazer com a maldição. Ele já viu uma mulher amaldiçoada que lavava as mãos até os dedos ficarem tocos de sangue. O que a maldição de Lorde Dalton o levaria a fazer?

Ele deveria pensar. Ele deveria pensar como Dalton. Se Thornby estava certo, Dalton queria o dinheiro que uma esposa para Thornby traria. Dalton havia tentado um jogo de espera; isolando Thornby, nem mesmo permitindo seu criado, usando a solidão, o tédio e o mistério como armas. Mas a determinação de Thornby se manteve. E agora a paciência de Dalton havia acabado. Então, Dalton aumentaria o risco - forçar Thornby a obedecê-lo. Na outra noite do jantar, o marquês havia ameaçado Thornby com “uma demonstração”. Uma demonstração que significava que Thornby havia perdido o jantar e não estava em lugar algum na casa...

Deus, que tolo John tinha sido, vasculhando o salão! Era óbvio. Ele desceu

as escadas correndo, pegando o sobretudo na saída. A pior coisa que Dalton poderia fazer com Thornby era tirá-lo da propriedade e mantê-lo lá. A magia que ligava Thornby à propriedade faria o resto; seria tortura. Ele encontraria Thornby esfolado cru? Sangrando até a morte? Ou com a mente perdida, por ficar longe por muito tempo?

Não. Dalton precisava de Thornby relativamente íntimo e sadio se a Senhorita Grey ou Lazenby se casassem com ele. Então Thornby estaria em algum lugar perto da fronteira. Provavelmente apenas preso de alguma maneira.

Lá fora, o nevoeiro havia se dissipado, mas fantasmas cinzentos ainda giravam, movidos por um vento frio do norte. John correu para o oeste pela calçada em direção à vila, procurando nos bolsos o galho de sorva e o frasco de enxofre. Ele mergulhou o galho, enviando energia para os dois até que eles se acenderam e queimaram com um fogo frio, azul e sem consumo. Agora ele tinha uma luz, ele encontrou facilmente o caminho ao longo da fronteira da propriedade.

Mas que caminho seguir? Ele olhou para um lado, depois para o outro. Se ele virasse o caminho errado, ele poderia procurar a noite toda e Dalton voltaria a Thornby primeiro. John não podia permitir que isso acontecesse. Ele se forçou a respirar, a pensar.

Dalton precisaria manter Thornby escondido, talvez em um bosque ou em um celeiro solitário. A oeste ficava a vila, com pessoas sempre indo e vindo. Ao norte, os Howarths tinham vários vigias que patrulhavam os pântanos e, além disso, a charneca era muito aberta. Então, talvez para o sul? Ou o leste?

John virou à esquerda, seguindo para o sudeste ao longo do caminho que os pés de Thornby usavam suavemente ao longo dos meses. Ele segurou o galho de sorva alto, esperando que Thornby pudesse vê-lo e gritar. Ele chamou a si mesmo, parando frequentemente para ouvir. Todo farfalhar do vento nas árvores, todo latido de uma raposa ou assobio de uma coruja soava como a voz de Thornby chamando em resposta. Ocasionalmente, John aparecia no caminho para investigar um grupo de árvores, uma pilha de feno ou uma curva em um

muro de pedra.

Então, em um pedaço de floresta ao sul da casa, ele ouviu a voz de Thornby. Estava rouca, como se ele estivesse gritando há muito tempo. John se escondeu atrás de um espesso crescimento de azevinho, os pés escorregando na lama e nas folhas molhadas. Na fria luz azul do galho de sorva, ele podia ver Thornby se contorcendo no chão sob uma árvore, com as mãos estendidas até o limite da propriedade, a cerca de um pé fora de seu alcance.

John não tinha certeza se Thornby o reconheceu. O rosto do homem mais jovem estava completamente branco e em uma expressão de agonia e desespero. Ele ainda estava tentando voltar para a propriedade, mas seu tornozelo estava preso a um enorme carvalho com uma corrente de ferro. A estranha alteridade que John sentira naquele dia na charneca era agora um lamento insuportável e implacável, um gemido mágico de pânico e dor.

—Thornby! Está tudo bem. Eu te libertarei. — John forçou a chave da quimera na fechadura do grilhão. O encanto estava acabando e a chave estremeceu e ficou presa. A meia de Thornby estava em frangalhos, o tornozelo cru e inchado; ele deveria estar lutando contra a corrente há horas. John enviou uma brutal onda de poder na chave e a fechadura se abriu.

Thornby arrancou as mãos de John do grilhão e a separou. Thornby levantou-se, tropeçando no limite da propriedade, passando pelo azevinho. Uma vez acima da fronteira, ele conseguiu outros vinte metros, colidindo com avelãs e arbustos baixos. John correu atrás dele, chamando seu nome, galhos voltando ao seu rosto, esperando que Thornby não corresse até o caminho. Felizmente, Thornby chegou a uma pequena clareira, então uma parte particularmente densa do bosque que não o deixava passar. Thornby agarrou os galhos por um momento, depois caiu de joelhos, ofegando.

John se ajoelhou ao lado dele e colocou um braço em volta dos ombros.

—Thornby, está tudo bem agora. Acabou.

—Preciso chegar em casa. Estou atrasado para... preciso chegar em casa.

—Você está em casa. Você está na propriedade.

—Eu tenho que ir para casa. — Thornby levantou-se e tropeçou no mato novamente.

—Pare com isso! Você vai se machucar. Você vai ficar de olho. Você está em casa. Você está na propriedade. Você pode sentir, não é?

—A propriedade. Sim. — Thornby parecia atordoado, mas não desesperado. Seus joelhos dobraram novamente e ajoelharam-se nas folhas úmidas, galhos castanhos cutucando seus cabelos e rostos.

—Blake?

—Sim, sou eu. Me desculpe, eu não vim antes. Eu não sabia onde você estava.

—Oh, Deus, eu - eu pensei que você tinha voltado para Londres. — Thornby soltou um suspiro e começou a soluçar como uma criança espancada, com o rosto nas mãos.

John deixou cair o galho de sorva queimando friamente nas folhas mortas. Ele colocou os dois braços em volta de Thornby. Thornby resistiu a princípio, depois se inclinou para ele. John ainda podia sentir um eco fraco daquele terrível desespero mágico; aquele impulso avassalador de retornar à propriedade. No entanto, Dalton estava segurando Thornby aqui, era terrivelmente forte. Parecia primal, como magia de sangue, embora fosse muito estranho para ser isso. A mera lembrança disso afundou os dentes de John. E Thornby aguentou por horas.

Depois de um tempo, Thornby emitiu o som de um homem tentando se recompor. Seus ombros pararam de arfar e ele soltou várias respirações trêmulas.

—Blake, meu Deus, desculpe pelo que disse. Por favor, não volte para Londres. Eu não quis dizer isso. — Ele tinha a voz quase sob controle. Apenas tremia uma ou duas vezes.

—Claro que não vou enquanto você estiver preso aqui.

Thornby assentiu e acenou com a mão, indicando seu estado. —Eu... eu imploro seu perdão. Por ser - não estou acostumado-

—Shh. Não há necessidade de pedir desculpas. Quanto tempo você esteve lá?

—Não sei. Horas. — De repente, Thornby ficou tenso. —Oh, Deus, o que você disse sobre a mãe - é verdade, não é? Eu sou um deles. Eu não sou humano.

—Você não é um deles. O seu pai é humano.

Thornby deu um suspiro profundo. Sua voz, quando ele falou, era mais normal. —Pai? Humano? Você acha? — Ele colocou a mão em sua gravata desordenada. —Deus, minha garganta dói. E se eu brotar chifres ou ficar azul ou algo assim?

—Isso não vai acontecer.

—Mas você não sabe, sabe? Você está no escuro sobre tudo isso sozinho.

—Eu acho que não, se você fosse cultivar chifres, já teria acontecido a essa altura.

John podia sentir Thornby respirando; goles trêmulos de ar. John beijou sua bochecha e deslizou a mão dentro da camisa de Thornby, que estava pendurada nas calças, e acariciou suas costas frias e úmidas.

—Eu nunca vou fugir, vou? Se eu não sou totalmente humano, quem sabe o que ele pode fazer comigo?

—Claro que você vai fugir. — John pegou seu frasco de água da chuva. Ele o guardava para fins mágicos, mas poderia facilmente obter mais. —Aqui, beba isso. Em um momento, colocarei algumas barreiras para saber se alguém está vindo. Ele disse quando voltou para você?

—Ele não estava lá. Prout e Abbott, os lacaios, fizeram o trabalho sujo, com seus cumprimentos. Eles disseram que voltariam pela manhã.

John considerou. Se eles voltassem para casa e alguém os visse, Dalton provavelmente descobriria. E se Dalton sentiu que sua demonstração falhou, talvez ele a repita. Seria melhor evitar a casa. Melhor ficar quieto e deixar Dalton pensar que tudo correra conforme o planejado.

—Tudo certo. Então, ficaremos confortáveis aqui até de manhã. Suas roupas estão encharcadas. Aqui. — John pegou o galho de sorva e aproximou-o de Thornby.

Thornby deu um pulo como se algo o tivesse mordido. —Que diabo? —

Ele gritou, agarrando seu peito.

—Desculpe, desculpe. Era eu. Eu estava tentando secar suas roupas.

—Cristo! Parecia que você incendiou minha camisa.

—Desculpe. É melhor tirar tudo então ou congelar. Eu posso secá-las bastante rápido, mas talvez não com você nelas. Você joga toda a minha magia, não é? Você pode ficar com meu casaco enquanto espera, mas não fique mexendo nos bolsos. Há todo tipo de coisa que é melhor deixar em paz.

Thornby começou a desfazer os botões do colete, mas suas mãos tremiam demais. John fez isso por ele, depois tirou o casaco molhado e o colete de Thornby e começou a usar os botões da camisa. Ele estava na metade do caminho quando percebeu que Thornby estava olhando para ele com um sorriso fantasma no rosto desenhado. John parou, os dedos nos botões.

—Devo dizer que não é assim que eu imaginei — Disse Thornby, olhando para os galhos nus do mato que os cercavam.

John se viu sorrindo de volta. —Nem eu.

—Mas você imaginou?

—Você está brincando? Tem sido impossível pensar em outra coisa. Mesmo com um marquês amaldiçoado e uma fada ouriço correndo por todo o lugar.

Thornby desviou o olhar por um momento. —Eu me perguntei se você não estava realmente interessado. Você sabe, por causa de mais cedo. No quarto de hóspedes.

—Você quer dizer o quarto de hóspedes onde eu passei todo o seu tempo? E você fez o mesmo comigo?

—Bem, eu quis dizer a parte em que você pensou sobre isso por cinco minutos antes. Não que eu me importe, se é isso que você gosta de fazer. Na verdade, foi bastante emocionante, ter que esperar. Mas as pessoas geralmente não deliberam sobre isso por tanto tempo se realmente querem.

—Não, não. Isso é apenas - tem a ver com mágica. Afeta como faço sexo. Olha, posso te contar mais tarde? Quero aquecê-lo e definir algumas barreiras.

Quero saber se alguém se aproxima.

—Sim, claro.

John o ajudou a tirar o resto de suas roupas molhadas, o envolveu no casaco, o ajudou a se deitar e amarrou um lenço limpo levemente em torno do tornozelo sangrando. Então John se inclinou sobre ele para tirar algumas coisas dos bolsos do casaco. —Eu tenho nozes, mas nenhuma outra comida. Vou voltar para casa se quiser.

—Eu não conseguiria comer de qualquer maneira. Estou quase dormindo agora.

—Tudo certo. Voltarei em breve. E ouça, Thornby; da próxima vez que tirar a roupa, você não terá dúvidas se eu o quero. Compreende?

—Sim.

—Bom. — Ele se inclinou para mais perto, colocando os lábios no ouvido de Thornby. —E se você gosta de esperar, então eu vou fazer você esperar. Até você implorar. Entendeu? Agora vá dormir.

—Depois de um comentário como esse? — Thornby murmurou, mas ele fechou os olhos e estava dormindo antes mesmo de John endireitar as costas.



Thornby acordou assustado; algo estava cavando em sua bochecha. Ele se debateu e se viu com um punhado de galhos castanhos. Então Blake estava lá, agachando-se com uma mão no braço. A estranha luz azul que Blake havia trazido ainda estava acesa, iluminando a talha.

—Tudo certo? — Blake disse.

—Que horas são?

—Quase cinco.

—Eu tenho uma cabeça como um porco preso. Tem mais água?

Blake passou um frasco para ele, que ele drenou. Ele ficou impressionado com o quão relaxado Blake parecia, considerando que eles estavam dormindo em uma noite de outubro em Yorkshire. Thornby não estava, agora ele pensava nisso, especialmente com frio; O casaco de Blake estava maravilhosamente quente. As folhas mortas embaixo dele pareciam nítidas e secas. Certamente, eles estavam molhados antes. Isso era a mágico?

—As minhas roupas? — Thornby perguntou.

—Aqui. — Blake passou para ele uma pilha de roupas, cuidadosamente dobradas e perfeitamente secas, embora ainda endurecidas de lama e folhas secas.

—Como você fez isso?

—Pedi que a água saísse.

Thornby abriu a boca para protestar, depois se perguntou se de fato ele acabara de dizer a verdade literal. Ele tentou se levantar e quase caiu. Seu tornozelo, onde o grilhão o havia irritado, latejava como se estivesse esfolado. Sangue seco estava coberto por todo o lenço de Blake.

Blake o ajudou a se vestir. Era um pouco como ter um criado novamente, embora Blake não fosse inteiramente profissional. Algumas das coisas que ele fez o teriam visto na rua sem uma recomendação. Ou preso. Ou estimado como o melhor criado que um homem já teve. Talvez dependesse se alguém gostava de um criado com olhos ardentes, que ocasionalmente roçava as pontas dos dedos na pele nua.

—Ninguém veio? — Thornby perguntou, um pouco sem fôlego.

—Ninguém. Vi vários ouriços, que dei nozes. Eu também dormi um pouco. As barreiras vão me dizer cerca de dez minutos antes que alguém venha.

—Tudo certo. — Thornby engoliu. Ele podia adivinhar o que estava por vir. Melhor dizer ele mesmo, então Blake não precisava. —Eu tenho que voltar, não tenho? Para a corrente. Então Prout e Abbott podem me encontrar lá.

—Se você aguentar, seria realmente melhor. — Blake pegou a mão dele e a

esfregou. Suas mãos estavam quentes, muito reconfortantes. —Eu mudei uma ou duas coisas sobre a corrente e o chão embaixo. Eu tenho terra da propriedade e vou colocá-la onde você tem que fingir. O chão está tão mexido que eles nunca notarão. Eu acho que você pode achar que não é tão ruim. Vale a pena tentar, de qualquer maneira.

Thornby piscou para ele. Ele nunca pensou nisso. Mais de um ano e meio de tentativas de escapar e isso nunca passou pela sua cabeça. Mas então, tentar fugir era assim. Ele era estúpido sobre isso.

—Eu poderia ir até Londres assim? — Ele disse, apenas brincando.

—Eu duvido. O solo na terra de outra pessoa se torna deles, não é? Mas você só precisa ficar lá por alguns minutos e eles o deixarão ir. Acho que o efeito pode durar o suficiente para ajudar.

—O que você fez com o grilhão?

—Estiquei. Você estará parcialmente acima dos limites.

—Eles não notarão? Você esticou? Suponho que você pediu gentilmente?

—Não, o ferro prefere pedidos. Eu disse isso com muita firmeza. E não, acho que eles não perceberão. Mesmo se o fizerem, Lorde Dalton sabe que a mágica está envolvida aqui. Espero que ele se dedique a isso. Não para alguém te ajudando.

—Isso é muito inteligente, senhor Blake. Estou impressionado.

—Diga-me isso novamente, se funcionar. Você pode me chamar de John, se quiser. Agora passamos a noite juntos.

—Tudo certo. John.

Thornby se viu olhando para as folhas mortas, sentindo-se estranhamente tímido. Mas não era característico ter chorado por todo o homem. John pensava menos dele? Ele não representava isso; ele foi absolutamente decente e gentil o tempo todo. Ele podia ser do tipo comercial - mas era mais um cavalheiro do que a maioria dos colegas que Thornby conhecia em Oxford. Thornby percebeu que ainda estava olhando timidamente para o chão. Isso não faria. Ele olhou para cima e viu John olhando-o com uma expressão levemente surpresa, quase

confusa.

—Eu não acho que você deveria me chamar de Soren. Você pode se familiarizar e então onde devemos estar? Meu Deus, você pode colocar a mão em mim!

John inclinou a cabeça, sorrindo.

—Venha então, meu senhor. Vamos nos aproximar da fronteira. Não sei quando os homens de seu pai estarão juntos. “Manhã” pode significar qualquer coisa. Quando uma barreira me disser que eles estão perto, você precisa me deixar empurrá-lo. Acha que você pode fazer isso? Você não pode lutar comigo. Isso vai nos atrasar.

Thornby engoliu em seco, toda a diversão de provocar e ser provocado drenando para fora dele.

—Eu... eu não sei. Não quero brigar com você. Mas não posso prometer. — Sua voz tremeu. Cristo, a ideia de voltar, de ter que deitar lá novamente. Seu coração estava batendo só de pensar nisso. Objetivamente, estava deitado debaixo de uma árvore com um pouco de ferro em volta do tornozelo. Mas parecia um pesadelo - era um estado animal de dor e desespero. E ele tinha que voltar a isso. Ele mordeu o lábio. Ele não choraria na frente de John novamente. Ele não iria.

—Venha aqui. — Disse John, e colocou os braços em volta dele. Deus, ele era bom de segurar. John beijou o lado do rosto e passou os dedos nos cabelos de Thornby. Como seria bom tirá-lo e ver o que havia por baixo. Mas esse abraço não era sensual. John estava tentando lhe dar coragem. E talvez tenha funcionado, porque depois de um tempo, Thornby se afastou dele.

—Venha então. — Disse ele. —Vamos.—

Era, pensou John, uma das coisas mais corajosas que ele já viu alguém fazer a sangue frio. No momento em que a barreira o alertou sobre as pessoas que estavam chegando, ele acenou para Thornby e o puxou para além da fronteira. E Thornby cerrou os dentes e se foi. Thornby lutou, claramente ele não foi capaz de se controlar, mas se manteve sob controle. Ele deixou John forçar o grilhão no tornozelo cru e sangrando. Somente quando John o deixou, e se escondeu no meio do mato, Thornby convulsionou na lama e começou, mais uma vez, a alcançar a fronteira. Suas mãos tocaram agora. John esperava que isso fosse algum conforto. Ele esperava que a luta fraca que Thornby estava colocando fosse parcialmente para mostrar.

Dessa vez, Lorde Dalton havia chegado. Prout e Abbott também estavam lá. Prout, que parecia um premiado que foi semeado, desfez o grilhão. Thornby cambaleou através da fronteira com suas roupas enlameadas, mancando, caindo, se levantando novamente. Seu pai observou, sem expressão, sentado o cavalo inquieto como uma estátua. Prout e Abbott trocaram olhares, mas não havia simpatia em seus rostos. Abbott, que usava uma expressão permanente de raiva perplexa, parecia que gostaria de fazer pior ao senhor que cambaleava para longe no meio do mato.

Lorde Dalton nem olhou para a corrente, agora um pé mais longo do que antes. Prout também não. Ele simplesmente passou o laço por cima do ombro e a festinha sombria seguiu o caminho rudimentar que Thornby havia aberto nos arbustos.

John os observou partir, punhos cerrados nos bolsos, até que a tentação de correr atrás deles ficou tão forte que ele sentiu que isso o sufocaria. Então ele se virou. Ele desejava derrubar Dalton do cavalo com uma pedra bem apontada e segui-lo com um pouco de sal encantado para realmente fazê-lo arder. Ele mutilaria Prout e Abbott, talvez com pinos de ferro nos pés. E depois ajudar Thornby em casa - coloque-o na cama e entre ao lado dele.

Mas ele não conseguiu. Ele cerrou os dentes. Ele deveria jogar um longo

jogo. E, além disso, ele deveria tocá-lo em duas frentes; a maldição em Dalton e o feitiço em Thornby.

Até agora, ele não encontrou nada para ajudá-lo com o feitiço. Em seguida, ele tentaria enfrentar a maldição. E isso significava uma discussão com Lorde Dalton. John havia dito que tinha “contatos valiosos”. Talvez ele pudesse explorar a ganância de Dalton - por dinheiro, por sucesso nos negócios, pelo que Dalton quisesse, para descobrir mais sobre a maldição. E então, bem, ele não tinha ideia além de uma teoria vaga que lhe chegara no meio do mato.

O sal lhe dera a dica sobre o símbolo dos Olhos de Woden. Quase terminou em desastre e, na época, ele pensava que nunca mais receberia conselhos de seus materiais. Mas ele queria que o ouriço se revelasse, e por Deus, ele o fez. O conselho do sal foi eficaz. Talvez alguns símbolos não fossem realmente obsoletos. Talvez eles apenas parecessem, porque seus verdadeiros propósitos haviam sido esquecidos. Como as pessoas migraram para as cidades e construíram novas cidades, a necessidade de magia que poderia afetar o povo deve ter diminuído. Ele próprio, um garoto da cidade, nunca havia se deparado com isso antes, nem havia aprendido nada disso no Instituto.

Então, que outros símbolos o sal poderia sugerir se ele pedisse? O que os pinos podem sugerir, ou a areia ou a corda? Se ele fizesse uma lista de todos os símbolos e encantos obsoletos dos quais ele e seus materiais poderiam se lembrar, talvez um deles poderia ser útil ao lidar com esse outro tipo de magia. E então ele poderia libertar Thornby e quebrar a maldição de Lorde Dalton.

Se ele não conseguisse se matar no processo.

Ele começou a voltar por onde tinha vindo, para que ele aparecesse voltando da vila para a casa. Ele não queria ver Thornby mancando de volta para a casa na frente dele. Seria demais para suportar.

Na noite passada, ele assistiu Thornby dormir e se perguntou por que parecia que seu coração estava explodindo em uma explosão de magia esfarrapada. Era verdade que eles passaram por muita coisa juntos. Thornby salvou sua vida. Mas a doce dor do amor? Depois de alguns dias de

conhecimento e um breve puxão mútuo?

Mas era amor ou algo mais? John já havia se apaixonado antes, mas isso parecia diferente. Mais forte. Melhor. Pior. E se este fosse o começo de algum tipo de mania? Dalton parecia meio bravo depois de perder sua esposa fada. Se John se deixasse apaixonar por Thornby, e Thornby não retribuísse o sentimento, John se tornaria como Dalton? Obcecado para sempre com a única pessoa que ele não podia mais ter?

“Permitir-se apaixonar”? Quem ele estava tentando enganar? Não havia 'se permitindo' aqui. Não era uma decisão sensata que o sujeito pudesse ser um companheiro agradável. Não houve decisão alguma, nenhuma escolha. Thornby deixou seus joelhos fracos e suas bolas doíam. John o queria como um homem faminto quer pão.

Ele sempre preferira jovens bem-nascidos; quanto mais alto no peito do pé, melhor. Havia algo sobre o sotaque e o ar de privilégios que o fizeram desejar transar com eles sem sentido. Para fazê-los perder o equilíbrio e perder o controle; para fazê-los se contorcer, gemer e se esvair e se esquecerem. Thornby não foi exceção.

Exceto, é claro, que ele era a exceção.

Porque, apesar de ter a aparência, as maneiras bonitas e a graça de um puro-sangue, ele não era realmente um bastardo arrogante. Talvez ele tivesse sido uma vez; todos esses meses em Raskelf, nessa posição invejável, provavelmente o mudaram. Agora, havia algo de doce nele. Uma ou duas vezes ele parecia um pouco tímido. Quando ele não estava na defensiva, ele tratava John como igual. Seu hábito de zombar de suas diferentes estações era desarmante.

John geralmente perdia o interesse pelos outros jovens cavalheiros que ele fodia, assim que a porra foi feita. Ele poderia vê-los algumas vezes, mas eles o irritavam, assim como ele os desejava. Thornby não. Por não exigir o respeito de John, ele ganhou. O jeito que ele provocava foi divertido.

John parou de ouvir isso. Diversão. Ele não teve muito em sua vida. A vida

era trabalho. Isso era sério. E ele levou seus prazeres a sério também; você precisava ou era pego. Thornby fazia seu coração acelerar.

E Thornby não parecia se importar com a mágica. Ele não parecia ter medo disso, ou medo de John. O último caso de John com um não-mágico terminou em desastre, quando o sujeito lhe perguntou pela centésima vez o que ele realmente fez por Paxton. John disse a ele, e o homem riu, depois zombou. Então, John o deixou assistir enquanto fazia um sinal para impedir que o teto do Palácio de Cristal vazasse. Ele pensara que um arquiteto apreciaria tanto charme, mas não. Era perigoso, ímpio. Estava errado. Estava enganando a natureza. E John viu então que o homem já tinha vergonha das coisas que haviam feito juntos, assustado com a maneira como John o fazia sentir e que a mágica era a prova final. Não de algo maravilhoso, mas de algo degenerado e mau. *Fique longe de mim.*

Ele começou a andar novamente, galhos castanhos pegando seus ombros. Desde que conheceu Thornby, ele mal pensava em mais alguém. Ele até esqueceu seu principal objetivo por estar aqui; para ajudar Lady Dalton. A maldição era a coisa. Se ele pudesse de alguma forma desvendar isso, todos estariam muito melhor.

Quando voltou para casa, viu Lorde Dalton entrando na sala de café da manhã. John levou um momento para arrumar as folhas dos cabelos e depois o seguiu. Lorde Dalton estava devorando um fígado cheio de vontade. John fez uma reverência.

—Lorde Dalton. Um momento do seu tempo, por favor.

Dalton grunhiu e gesticulou impaciente para a cadeira oposta.

John sentou-se. —Eu estive pensando, senhor-

—Droga, deixe-me comer, cara. Falaremos quando eu terminar.

John apertou os lábios e tentou não pensar no que o homem do outro lado da mesa acabara de fazer com Thornby. A maldição surgiu em torno de Dalton enquanto ele mastigava. Um para um, o fedor era avassalador. Misturou-se com o cheiro do fígado, revirando o estômago de John. Ele se viu observando as

mãos de Dalton, duras e calejadas como as de um trabalhador. Eles certamente nunca conseguiram segurar um graveto polido e um par de rédeas bem oleadas. O rosto de Dalton estava manchado e castigado pelo tempo, tão áspero quanto as mãos. Mas seus olhos eram fendas azuis brilhantes, afiadas como despeito.

Por fim, Dalton limpou a boca e deixou o olhar descansar sobre o ombro esquerdo de John. —Bem?

—Bem, meu senhor.

—Droga, o que você quer?

—Estou aqui a seu convite, senhor. Eu acredito que a pergunta correta é; O que você quer de mim?

Dalton fez um barulho de resmungo na garganta. —Blake, não é?

—Sim, John Blake.

—Tudo bem, Blake. E de quem você é homem?

John inclinou a cabeça obsequiosamente, para se dar tempo de pensar, depois disse; —Atualmente, senhor, tenho conexões com Sua Graça, o Duque de Devonshire. Como você deve saber, ele tem interesse no Palácio de Cristal. Eu tenho trabalhado com o homem dele, Sr. Paxton, para garantir que tudo naquele grande edifício funcione como deveria.

Bem, era verdade se o marquês decidisse verificar alguma coisa. E John conheceu o duque algumas vezes.

—Devonshire, não é? — Dalton bufou. —Maldito.

Mas, ainda assim, parecia ter sido a coisa certa a dizer. Dalton olhou John diretamente nos olhos. —Então, você tem contatos?

—Espero que sim, meu senhor.

—E? O que eles são?

—Quais contatos você precisa?

—Não, Blake, não funciona dessa maneira. Você me diz o que tem e eu digo se preciso.

Droga. —Só então. — John curvou-se novamente. —Eu tenho contatos na teurgia.

Dalton fez um pequeno ruído de desprezo. —Eles não são bons para mim. Carga sangrenta de charlatães. O quê mais?

John fez uma careta. —Garanto-lhe, senhor, que meus contatos são dos melhores...

—Eu não estou interessado, maldito seja. Eu tentei todos eles. Tentei eles anos atrás. Inútil, muitos deles. O quê mais?

Interessante. Então, Dalton tentou mágicos e os achou. Isso foi porque ele tentou convencê-los a remover a maldição das fadas?

—Botânicos marinhos — Disse John. Era uma facada no escuro, mas talvez o elo comercial das algas fosse uma maneira de entrar.

—Botânicos, não é?

—Sim, especializado em flora marítima.

—Mph. Não precisa de um botânico.

—Senhores médicos.

—Médicos? O que eu preciso com os médicos?

—Eu não sei, meu senhor. Se você apenas me dissesse seus requisitos, talvez eu pudesse prestar minha assistência muito mais rápido.

Dalton o observou com firmeza por algum tempo. John olhou firmemente para trás. Não seria muito obsequioso. Afinal, ele estava aqui como convidado e, mesmo que não fosse um cavalheiro, também não era um servo.

—O que você sabe sobre pérolas, Blake?

O que na Terra?

—Um pouco. — Disse John, no tom de voz que significa “bastante”.

Dalton murmurou de novo, estreitando os olhos suspeitosamente. Então ele retrucou: —Você é casado? Crianças? Eh?

O que diabos isso tinha a ver com alguma coisa? Ou foi essa a ideia de Dalton de conversa fiada?

—Não, meu senhor. — Disse John.

—Devonshire não é do tipo que se casa. Talvez você também não seja.

—Talvez não. — John não gostou de onde essa conversa parecia estar

levando. Não que ele tivesse o menor cheiro desse tipo do Duque. Ele decidiu ser mais direto. —Menciono médicos, milorde, porque talvez você tenha algum problema antigo.

—Do que diabos você está falando?

—Problema que começou quando, me perdoe, quando a primeira Lady Dalton faleceu.

Dalton ficou de pé. —O que você sabe disso?

John ficou de pé também. —Nada, meu senhor. Se você me confiasse, talvez eu pudesse encontrar alguém que pudesse...

—Poderia o que, maldito seja? O que você quer dizer com vir aqui com suas dicas e sugestões?

—Talvez eu possa encontrar alguém que possa ajudá-lo.

—Você, suponho?

—Não necessariamente eu. Eu o ajudaria se pudesse, senhor. — Ele tentou parecer sincero, caso houvesse uma parte de Dalton, em algum lugar no fundo, que quisesse ajuda. —Se você pudesse me dar alguma informação. Qualquer coisa que possa me ajudar, ou um colega, a entender a situação.

—E como eu sei que posso confiar em você, hein?

— Você poderia perguntar ao Sr. Paxton, talvez? Acredito que tenha dado satisfação no Palácio de Cristal.

—Hmph. Ainda não vi. Não desejo ver isso. Tudo bem, Blake. Vou pensar nas suas sugestões. É verdade, preciso de um novo ângulo. Bom dia para você.

E ele saiu, lento e imponente como sempre. John ficou olhando para ele, imaginando o que acabara de acontecer, e se tudo correra bem, e se ele tinha algum tipo de pista que pudesse ajudá-lo a desvendar a maldição.

CAPÍTULO OITO

Quando Thornby voltou para casa, Prout e Abbott o arrastaram para o quarto e mandaram uma das empregadas enfaixar o tornozelo. Eles enviaram uma nova garota, que fez o trabalho com as mãos trêmulas, mostrando o branco dos olhos dela quando ele xingou baixinho com a dor. Então, ele cravou as unhas nas palmas das mãos e não xingou novamente. Ela trouxe comida e água quente, então ele comeu, lavou e fez a barba. Certa vez, ter que se barbear parecia o pináculo da humilhação e da inconveniência; hoje em dia ele fazia isso sem pensar. Vestiu roupas limpas e jogou os trapos enlameados que eram seus velhos do lado de fora da porta.

O pai olhou com desconfiança para o rosto curado, mas no final deu de ombros e foi embora. Ele não disse nada, mas não precisou. Ele já havia dito: — Srta. Grey e Srta Lazenby. Você ficará agradável.

Thornby estava deitado em sua cama, mas imediatamente se levantou. Doía andar, mas andar era uma das maneiras pelas quais ele continuava são, então ele mancava pelo quarto de qualquer maneira. Como o pai fez Thornby infligir dor a si mesmo. Se ele fosse capaz de parar de lutar contra a corrente, ele não teria se machucado. Mas quando se tratava de deixar a propriedade, ele nunca foi capaz de pensar racionalmente ou se controlar.

A revelação de John sobre a mãe parecia muito menos chocante hoje. Talvez ela não fosse humana, mas ainda era a mãe - bonita, espirituosa e rindo. Ele também não se sentia diferente em si mesmo. Ele se lembrou de algumas

lembranças queridas - ler Ruskin em uma sala ensolarada em Oxford, um dia de caça em Dorset naquele maravilhoso lugar emprestado, fodendo com aquele belo guarda -, mas todos sentiam a mesma coisa. Ele ainda era ele mesmo. A única coisa ruim sobre isso, até onde ele podia ver, era que de alguma forma isso deu ao pai um pouco de controle sobre ele.

Mas isso significava que ele também tinha magia latente nele? Ele nunca notou nenhuma habilidade estranha. Ele nunca teve medo de ferro ou teve problemas para ir à igreja quando necessário. Ele nunca teve problemas para atravessar água corrente - ou eram bruxas? O problema era que ele sabia muito pouco sobre tudo. Exceto, ele foi capaz de responder às perguntas da rainha das fadas e isso foi encorajador.

Embora seu rosto estivesse curado, ele o arranhou de novo no mato de avelãs e doeu. Seu tornozelo latejava. Ele tremia com uma mistura potente de medo, odiava o pai e emoção frustrada por John. Deus, que noite! O puro pânico de ser acorrentado fora da propriedade. E então, John despindo-o no meio de um matagal, e o pesadelo foi transformado. Isso foi verdadeiramente mágico; ser capaz de enfrentar uma situação tão terrível e transformá-la em algo doce.

Mais do que tudo, ele queria ver John novamente. John Blake, com seus olhos sérios e espertos e mãos tranquilizadoras. John, que murmurou algumas coisas realmente surpreendentes na noite anterior, enquanto ainda conseguia parecer um modelo de respeitabilidade da classe média. “Eu vou fazer você implorar”, ele disse.

Thornby flexionou o tornozelo. Agonizante. No entanto, ele mancou ao longo da passagem para o quarto de John. Ele bateu, mas não houve resposta. Droga. E agora? Na última vez em que ele entrou, esse caminho havia se aberto e eles quase estavam presos. A teoria de John de que você não podia abrir o caminho acidentalmente era reconfortante, mas...

Ele ainda estava hesitando na porta quando Lady Dalton apareceu no topo da escada. Ela usava um vestido matinal de veludo turquesa enfeitado com fitas amarelo-limão. Lembrou-se do outono passado; talvez sua costureira tivesse

parado de conceder crédito.

—Oh! — Ela disse, ficando branca, depois vermelha. — Lorde Thornby. Bom Dia. Eu estava procurando pelo Sr. Blake. Seu rosto parece muito melhor.

—Senhora. — Ele fez uma reverência fria e estava prestes a se afastar quando se lembrou de John dizendo: “Deixe-a fora disso”, no jantar. Além disso, era amiga de John. —Ele não está aqui. — Acrescentou. —Eu estou procurando por ele também.

Ela parecia que iria se virar, depois parou. —Lorde Thornby, devo-lhe um pedido de desculpas. Eu pensei que você estava fazendo coisas para me assustar. Mas o Sr. Blake diz que você é inocente. Então, eu imploro seu perdão. Espero que você me perdoe.

Uma dúzia de lembranças de ser bastante cruel com ela sacudiram em sua cabeça. No começo, ela tentou ser amiga e ele a afastava todas as vezes. Ele a reuniu com o pai e seus lacaios.

—Não, sério. — Disse ele. —Erro fácil de cometer. Não pense nada disso.

—Há algo estranho acontecendo, não existe? Blake diz que sim.

—Sim, ele acha que o pai é amaldiçoado.

—Oh. — Ela empalideceu novamente.

—Me perdoe. Talvez eu não devesse ter dito isso.

—Não, não. Eu quero saber. Senhor Thornby, estou tão feliz que seu rosto esteja melhor, mas você parece pálido. E você está bem arranhado. Você não deveria se sentar?

Enquanto ela falava, ele sentiu o mundo girar ao seu redor. —Eu provavelmente deveria.

Ele começou a se afastar da porta de John. Quando ela viu como ele estava mancando, ela pegou o braço dele.

—Você exagerou no parque?

—É o meu tornozelo. Pai me acorrentou a uma árvore.

—Oh, eu gostaria que você não dissesse essas coisas! Eu sei que ele tem seus defeitos, mas ele é seu pai!

Thornby suspirou. —É a verdade. Mas se você preferir, posso dizer que o deixei preso em uma armadilha. Os caçadores são terríveis, não são? O que precisamos é de um guarda-caça decente.

—Por que você inventa essas histórias? Eu nunca posso dizer se você está dizendo a verdade.

—Eu sempre dizia a verdade, mas ninguém nunca ouvia. Ou eles não acreditaram em mim. Então agora eu digo o que quiser.

—Ninguém acredita no que eu digo.

Eles se entreolharam, ambos reconhecendo algo no outro. Então ela acrescentou: —O Sr. Blake ouve. — E corou.

Então, ela gostava de John, não é? Ele não a culpava. Mas ele é meu, ele pensou, tão ferozmente que o surpreendeu. Ou eu gostaria que ele fosse. Lembrou-se de John colocando uma mão cuidadosa e deliberada na parede do quarto do pai; o olhar atento em seu rosto enquanto ouvia o que estava aprendendo com isso. Ela estava certa. Agora, ele pensou nisso, nunca havia conhecido um homem que escutasse tão bem quanto John.

—Ele acredita em mim também. — Disse ela. —Ele diz que não estou imaginando nada. E ele diz que há uma maldição? Em Lorde Dalton?

—Temo que sim. Sinto muito que você esteja envolvida nisso, minha senhora.

—Bem, Dalton é meu marido, suponho.

—Como você aguenta isso? Ser casada com ele?

—Oh, eu-

—Desculpe, você não precisa responder a isso.

Eles se deram bem em silêncio por um tempo. Eventualmente, ela disse. —Eu realmente não sou casada com ele, sou? Ficamos na mesma casa no inverno. Isso é tudo.

Thornby nunca havia notado mulheres no passado. Elas eram objetos vagamente decorativos com os quais ele dançava nos bailes, enquanto mantinham um olho atento para o sujeito que poderia estar interessado em algo

mais interessante depois. Ou eram servos ou modelos que representavam um desafio de forma e técnica. Ele nunca foi cruel com elas, mas nunca realmente pensou nelas, até que foi forçado a se aproximar de sua tia Amelia. Ele estava tão sozinho e ela foi tão surpreendente. Tão surpreendente quanto John à sua maneira. Ela destruiu todos os preconceitos dele sobre o que as mulheres gostavam e queriam, e o fez ver que seus pensamentos e desejos eram tão válidos quanto os dele. E, no entanto, apesar dessas realizações, ele ainda tratava sua jovem madrasta como um recorte de pantomima; a escaladora social que se casou para ocupar um cargo e amaldiçoar todo o resto.

—Sinto muito, minha senhora. — Disse ele. Ela deu um sorriso sombrio. —Você deveria manter esse papagaio. — Acrescentou.

—O papagaio? O que você trouxe para o casamento? Mas eu guardei! Ele mora em Hertfordshire com amigos meus.

—Você sabe que é treinado para dizer 'olá, querida'?

—Claro! Diz isso o tempo todo.

—Então agora você vê por que eu te dei.

—Er...

—Bem, é melhor conversador do que o pai. Eu pensei que você poderia precisar de alguém sensato para conversar.

Ela ficou boquiaberta por um momento, depois começou a rir. Ele não achou isso engraçado, mas quanto mais ela ria, mais impossível era não se juntar. Ela colocou uma mão ao seu lado, chorando de tanto rir. Eles quase pararam quando ela disse 'Olá, querida!' com uma voz rouca, nada parecida com um papagaio, e com uma careta que lembrava a expressão habitual de lorde Dalton.

Eles ainda estavam lá, agarrados um ao outro, quando John chegou. Ele deu-lhes um olhar afiado e levantou uma sobrancelha.

—Lady Dalton. Lorde Thornby. Vocês estão bem?

Lady Dalton, já vermelha, deu um pequeno grito. — Oh! Eu devo - isso é - bom dia, lorde Thornby. Sr. Blake. — Ela deu um tapinha no braço de Thornby de uma maneira familiar e fugiu de volta pela passagem.

—Ah, senhor Blake — Disse Thornby, sorrindo para ele.



John deixou a entrevista com lorde Dalton e subiu as escadas, pensativo. Ele não tinha certeza se tinha aprendido alguma coisa ou não. Por que Dalton persistiu nesse fracassado empreendimento de algas marinhas que agitava dinheiro que não possuía? O negócio de algas era realmente uma cobertura para algum esquema de pérolas? O que ser casado, ou não, tinha a ver com alguma coisa?

Pelo menos ele descobriu que Dalton sabia o suficiente sobre magia para ter experimentado teurgistas e os considerado inúteis. Mas o que ele tentou? Ele sabia que era amaldiçoado? Ele tentou remover a maldição? Não é à toa que não funcionou se os mágicos estavam usando métodos mágicos comuns. Ou havia algo mais? Lorde Dalton era um homem com segredos. Era a cautela natural sobre negócios em um homem em ruínas, ou algo mais sinistro?

Ele decidiu que procuraria Thornby. Provavelmente, Thornby estava dormindo; mas possivelmente ele estava chateado com sua terrível provação. De qualquer maneira, não faria mal verificar, e de qualquer maneira a tentação de vê-lo novamente era forte demais para ignorar.

A última coisa que John esperava era encontrar Thornby bem vestido, parado na passagem em risos com Lady Dalton. Uma punhalada indigna de ciúme passou por ele para vê-los desfrutando tão claramente da companhia um

do outro. Parecia mágico que Thornby pudesse encontrar algo para rir. Em seu lugar, John tinha certeza de que ficaria sombrio, mal-humorado e espancado. Você nunca imaginaria que Thornby estivesse atormentado metade da noite. Ele parecia mais pálido do que o habitual e um pouco arranhado, mas isso era tudo.

—Bem! Você parece bem — Disse John. —O solo da propriedade ajudou? O que diabos você estava dizendo para ela?

Agora ele olhou mais de perto, John podia ver que, de fato, nem tudo estava bem. Thornby podia rir, mas havia um brilho nervoso nos olhos e tensão no queixo e nos ombros. Ele estava mais enrolado do que um cabo de aço em uma ponte suspensa. Ele escondeu bem, mas a qualquer momento, ele pode estalar.

—Apenas sendo bobo — Disse Thornby. —E a terra ajudou. Um pouco, eu acho. Estar mais perto também ajudou. E você? Você parece pensativo.

—Eu tenho falado com seu pai. Eu pensei que ele poderia me dizer algo útil sobre a maldição.

—Ele disse?

—Eu não sei. Não sei o que estou procurando, e ele joga suas cartas muito perto. Então, eu vou criar o máximo de feitiços obsoletos que puder, na esperança de que um deles tenha algum efeito na magia das fadas. Se eu encontrar algo que pareça útil, irei vê-lo novamente e ver se consigo desmarcar alguma coisa.

—Isso vai funcionar? Parece um pouco imprevisível.

—Meus materiais sugerem coisas, às vezes. Eu acho que eles sabem coisas que eu não sei. Foi assim que cheguei a esse outro lugar. Espero que eles me ajudem agora.

—Ajudaria se você tentasse as coisas comigo? Quero dizer, se algo me afeta, provavelmente isso afetará a maldição.

—Experimentando magia? Em você?

Seu horror deve ter sido óbvio, porque Thornby disse rapidamente:

— Má ideia?

John abriu a boca e depois fechou. A ideia foi terrível. E, no entanto - seria melhor do que tentar coisas com um homem amaldiçoado? Não, era muito perigoso. O ponto principal era afastar Thornby ileso, não arruinar sua vida mais. John abriu a boca uma segunda vez para recusar e depois fechou-a novamente. De que outra forma ele saberia se tivesse encontrado algo que funcionasse? Experimente um ouriço e fique preso novamente? Ele pode não sair pela segunda vez, mesmo com a ajuda de Thornby.

—Por que você não entra enquanto pensa sobre isso? — Thornby abriu a porta do quarto.

No momento em que John passou por ela, Thornby fechou a porta e o abraçou. —Então, em cinco minutos, posso te beijar?

John não pôde deixar de sorrir, mesmo quando todo o sangue em seu corpo estava correndo para seu pênis. —Talvez não cinco. Espere um minuto.

Ele fez o cálculo que sempre tinha que fazer; o tempo passava menos energia gasta. A luz da sorva, secando as roupas e as folhas mortas, impedindo o vento, as barreiras, o trabalho com a corrente. Agora eram cerca de nove horas. Dessa vez, ele teve uma resposta negativa. Não valeria o risco. Ele se desembaraçou de Thornby, pegou dois pinos de ferro e gastou energia neles.

Thornby observava atentamente, lábios abertos, pupilas dilatadas. Bem, ele disse que gostava de ser obrigado a esperar. John colocou os pinos no chão perto da porta, onde eles se equilibraram como dois pequenos guardas cinzentos. Mas a magia era impotente, contida inofensivamente.

Ele pegou Thornby nos braços.

Dessa vez, foi Thornby quem disse: —Espere.

—Você está sendo engraçado? — Se Thornby estivesse brincando com ele em um momento como esse, ele o faria se arrepender. Oh, como ele o faria pagar.

Thornby revirou os olhos. —A porta. Não há chave. Você pode fazer isso de novo? Não que eu esteja esperando alguém, mas...

—A chave da quimera? Demora uma era. Não estou esperando tanto

tempo. Espere. — Havia uma cadeira no escritório. John pegou, com pernas de alfazema, e enfiou embaixo da maçaneta da porta.

—Isso não é muito impressionante, senhor Blake. — O sorriso de Thornby desmentia seu tom arrogante. —Eu estava esperando por mágica.

—Verei o que posso fazer.

Thornby se inclinou, fechando os olhos. John o beijou - gentilmente, apenas lábios. Thornby inclinou a cabeça e John sentiu o movimento da língua; deixando seus joelhos pesados como na água. Mas depois de um momento, John o afastou. Na última vez, ele havia sido superado por qualquer sutileza. Esse tempo seria mais lento; mais ao seu gosto.

—Primeiro, algumas roupas. — Disse John. Ele começou a despir Thornby. Ele fez isso metodicamente, um botão de cada vez, sentindo Thornby tremer ao seu toque, os olhos implorando. Thornby estava mordendo o lábio inferior, aquela linda boca vermelha ficando mais vermelha com os próprios dentes. Quando Thornby tentou tocá-lo, John afastou as mãos.

—John, eu não posso-

Thornby não era inocente para precisar de palavras gentis e encorajamento; o primeiro encontro deles mostrou isso. John levantou um dedo admoestador. —Não. Você pode esperar.

Thornby fechou as mãos em punhos, movendo-se desconfortavelmente. John terminou de desabotoar sua camisa preta antiquada e a deixou cair no chão. Sem camisa, Thornby era ainda mais desejável: braços magros, mas de aparência forte, unidos por tendões e músculos. Seu peito estava quase sem pelos, mamilos escuros contra a palidez de sua pele, estômago esticado. A frente de suas calças apertadas não deixava muito para a imaginação. Uma mancha de umidade estava crescendo ali, preto mais escuro sobre seda preta. Não era permitido tocar em John, ficou claro que ele não tinha certeza de onde colocar as mãos. Ah, o triunfo de ver essa elegância confusa; um pouco estranho, um pouco inseguro.

—Deus, você é lindo. — Disse John. —Vamos lá, tire o resto.

Thornby obedeceu, finalmente de pé nu na luz fria da manhã. O pênis de

Thornby, rosa na ponta, e se projetando na frente dele, já estava vazando líquido claro. John olhou-o de cima a baixo, tentando se equilibrar. A bandagem branca em torno do tornozelo de Thornby chamou sua atenção. O pé de Thornby, abaixo do curativo, estava manchado, rosa e branco. Uma queimadura antiga? Deve ser por isso que ele às vezes mancava. Mas parecia um pouco estranho. John não tinha notado isso ontem à noite na luz azul artificial do galho de sorva.

—John? — Meia pergunta, meio fundamento. O pulso na garganta de Thornby estava batendo tão rápido quanto as asas de um pássaro.

—Tudo bem. — Disse John. —Minha vez. Você consegue.

Ele gostava de fazer com que os mais nascidos se tornassem criados. Alguns deles odiavam isso. Mas Thornby adiantou-se o suficiente e tirou a jaqueta de John, desabotoou o colete, desamarrou a gravata. John o deixou lutar com os botões de punho, tirar a camisa, desabotoar a calça - mas quando Thornby enfiou a mão na cueca e arrastou as pontas dos dedos pelo pau, John agarrou o pulso.

—Você tem que esperar. Lembra?

—Não tenho certeza se posso.

John sentou na beira da cama e tirou as botas e as meias. Lentamente. Ele se levantou, tirou as calças e, finalmente, as cuecas. Então ele ficou lá por um momento, deixando Thornby olhar, aproveitando a expressão em seu rosto. Então John sentou-se novamente e estendeu os braços em convite.

Thornby veio, colocando as mãos nos ombros de John. John colocou as mãos nos quadris de Thornby e o puxou até o pênis de Thornby balançar perto de sua boca. Era um pau bonito; esbelto, como Thornby, com uma curva graciosa. John lambeu os lábios e sentiu Thornby tremer. John olhou para cima. As sobrancelhas de Thornby estavam franzidas. Ele estava respirando pela boca, seus olhos enormes e pretos.

Seria muito bom levar Thornby na boca e dar o que ele queria. Mas ainda não. Ignorando o pênis de Thornby, John descansou a cabeça contra aquele adorável peito estreito. Ele usou a língua no mamilo, acariciou as nádegas

redondas de Thornby, acariciou suas bolas e, finalmente, passou uma junta molhada pela fenda de sua bunda, sorrindo para si mesmo enquanto Thornby emitia um som como um soluço. Ele fez isso várias vezes, finalmente apertando os nós dos dedos contra o burraco enrugado de Thornby. Thornby choramingou e empurrou os quadris para frente, de modo que a ponta de seu pau roçou o queixo de John.

—Oh, Cristo! John-

John se levantou e empurrou Thornby na cama. Então ele se deitou com a boca no pau de Thornby, seu próprio pau empurrando os lábios de Thornby. Thornby abriu a boca e o levou para dentro. Sua boca estava quente e ansiosa. Mas as sensações gêmeas de sugar e ser sugado tornaram quase impossível se concentrar em qualquer um deles. Thornby estava gemendo, sua boca perdendo sucção.

Thornby se afastou e empurrou John de costas. John pensou em retaliar, mas Thornby deu-lhe um sorriso perverso, afastou as pernas de John, ajoelhou-se entre elas e fechou os lábios sobre o pau de John. Ele estava enfiando a mão na fenda, segurando as bolas de John com uma mão e depois pegando tudo na boca, encontrando um ritmo.

John olhou para baixo e o herdeiro de Raskelf olhou para cima, lábios inchados e vermelhos. O belo e intocável Lorde Thornby, com a boca cheia do seu pênis. Era demais. John deu um aviso com um gemido fervoroso, empurrou com os quadris e gozou, o prazer pulsando ao longo de seus nervos como mágica pelos fios de um brocado pendurado. Somente quando o último arrepio o atingiu, Thornby afastou a boca. Ele deu a John aquele mesmo sorriso malicioso e lambeu os lábios. Os cabelos de Thornby haviam caído em torno de seu rosto, manchas rosadas se espalharam por suas bochechas e seu pênis estava vermelho contra sua barriga pálida. Ele olhou ao mesmo tempo para um lorde rico e uma prostituta barata.

—Diga alguma coisa. — Disse John.

Thornby levantou uma sobrancelha, meio sorridente, um pouco confuso

também. —Bem, que tal: 'De agora em diante, nunca mais verei o obelisco no parque sem pensar em você'?

John sorriu. Da próxima vez, se houver uma próxima, talvez ele faça Thornby falar enquanto o fodia. Ele gostaria de ouvir aquela voz educada crescendo esfarrapada e se transformando em um uivo de animal.

Ele sentou-se e empurrou Thornby de costas. Chupá-lo seria justo e um prazer, mas ele não havia esquecido o que havia dito naquele matagal.

John estava deitado ao lado dele, lambeu a própria mão até ficar lisa e envolveu-a em torno do pênis de Thornby. Ele não mexeu muito no começo. Apenas o segurou lá e começou a beijá-lo. Thornby estava duro como pedra - ele não duraria muito mais tempo. Ele já estava gemendo na boca de John. John acelerou seus golpes por um tempo, depois diminuiu a velocidade novamente. Thornby fez um barulho de protesto.

—Eu não disse que faria você implorar? — John disse em seu ouvido.

—Porra. — Thornby disse, entre dentes cerrados.

—Boas maneiras, meu senhor! Tente por favor. — Ele apertou as bolas de Thornby, fazendo-o ofegar, depois o beijou novamente.

Thornby murmurou alguma coisa.

—Perdão? — John estava mexendo a mão novamente. Lentamente, depois um pouco mais rápido.

Thornby estava se contorcendo, ele não podia mais beijar - havia perdido o controle de si mesmo.

—Devo parar? — John murmurou em seu ouvido. —Ou você vai dizer 'por favor'?

—Não, não. Por favor, por favor!

Com isso, John deslizou pela cama e pegou o pau inchado de Thornby, vazando em sua boca. Thornby convulsionou embaixo dele, quadris balançando, respiração soluçando. John esperou até Thornby ficar mole embaixo dele, depois deu um último beijo em seu pau e deitou-se ao lado dele. Thornby estava com os olhos fechados e a boca aberta; sua respiração estava entrecortada.

—Tudo certo? — John disse.

—Meu Deus. Ditatorial, não é?

—Eu não acho que você se importou.

—Me importar? Eu acho que você virou minhas bolas do avesso.

John puxou as cobertas sobre eles. O fogo estava queimando baixo. Ele deveria se vestir, ir e fazer as pazes, mas Thornby havia jogado um braço sobre o peito e estava segurando-o. John não teria desalojado aquele aperto suave por nada.

Thornby respirou mais algumas vezes e disse: —Então, me fazendo esperar no quarto de hóspedes, e essas suas grandes unhas de ferro desta vez, estão relacionadas à mágica?

—Sim. Se eu não usei muita mágica, preciso me livrar de algumas antes de fazer sexo. Caso contrário, quando gasto, perco o controle e a mágica sai. É involuntário. Então, eu tenho que resolver isso de antemão. E se houver muita mágica, me livrarei de alguns desses pinos. Me desculpe por ontem. Tudo o que eu conseguia pensar era fazer o cálculo o mais rápido possível e agarrar você.

—Mas o que acontece se a mágica sair?

—Oh, janelas derretidas, unhas saindo das paredes, esse tipo de coisa. Muito bagunçado. Inconveniente também.

—Você derreteu uma janela? Ao gozar?

—Vinte janelas, na verdade, todas no lado norte do Instituto. Eu tinha dezesseis anos. — John sorriu tristemente. —Recebi uma surra e discursos por semanas. Não foi tão ruim assim. Como você não vê vidro, pelo menos ele escapou fácil e agradável.

Ele procurou traços de alarme ou medo no rosto de Thornby, mas pelo contrário, Thornby estava olhando para ele com uma expressão de fascinação que John sentiu suas bochechas esquentarem.

—Quem era ele? Outro mágico? — Thornby perguntou.

—Não, ator. Ele fazia uma rotina como um senhor bêbado na estalagem local, e eu costumava me esgueirar para observá-lo. Eu geralmente nunca

quebrei as regras, mas fiz por ele. E ele cheirava a gim e tinha unhas sujas, mas parecia muito com qualidade quando expressava a voz. Boa dicção.

—Você transou com ele por sua dicção? — Thornby estava rindo em seu ombro.

John sorriu. —Eu não havia percebido que havia muita coisa real se eu fosse um pouco mais a oeste.

—Coisa real? — Thornby lançou-lhe um olhar penetrante. —Você quer dizer como eu?

—Como você. — John concordou levemente, mas a conversa estava entrando no que parecia um terreno perigoso. Ele procurou algo para mudar de assunto e lembrou-se do pé cheio de cicatrizes de Thornby. —Agora eu quero saber uma coisa; o que aconteceu com o seu pé? Não é seu tornozelo, mas aquela queimadura antiga, posso olhar para ele?

—O que? Não tu não pode! — Thornby enrijeceu em seus braços.

—Mas o que houve? Você pisou em uma fogueira?

—Você vai esquecer? É horrível, e prefiro não pensar nisso.

—Não é nada horrível. — Disse John suavemente. —Venha, me diga.

—Eu tinha nove anos. Foi um caso de combustão espontânea. Felizmente, uma babá de pensamento rápido tirou minha bota e jogou um jarro de leite sobre ela.

—Combustão espontânea? — John fez uma careta. —Você tem certeza?

—De que outra forma isso poderia ter acontecido? Eu estava cuidando dos meus próprios assuntos, procurando trapaceiros, acho, e de repente essa dor terrível, fumaça e chamas e - bem, você já viu. Horrível.

—Você estava em Raskelf?

—Não, foi - eu não sei. Alguma outra casa. Eu não lembro.

Para horror de John, Thornby saiu da cama e começou a se vestir.

—Soren.

Foi a primeira vez que John se atreveu a usar seu nome de cristão. Ele imaginou dizer isso várias vezes, mas não conseguiu. Agora ele ouviu sua

própria voz e mal podia acreditar que tinha dito. As sílabas em sua boca pareciam mais íntimas que um beijo. Ele chamou um conde pelo seu primeiro nome e, apesar de tudo, esperava que Thornby o expulsasse por presumir que se dirigisse a ele assim. No bosque, Thornby havia dito: 'Eu não acho que você deveria me chamar de Soren'. É claro que ele estava brincando, mas talvez, no fundo, ele quis dizer isso.

Thornby parou, o peito nu. Ele lançou um longo olhar para John, e algo esvoaçou em seu rosto. Era esse reconhecimento que às vezes passava entre homens envolvidos em um trabalho difícil e mútuo; um olhar que dizia: Então você não vai me decepcionar. Era quase respeito. Então Thornby cruzou os braços e desviou o olhar.

—Eu não gosto de falar sobre isso. Um amigo da escola costumava dizer que isso me fazia gostar de Byron, para me fazer sentir melhor com isso. Mas eu sempre odiei isso. Eu odeio como isso aconteceu. Eu costumava pensar que era um castigo de Deus por ser mau. Coisas misteriosas estão sempre acontecendo comigo, não são... oh! — Ele olhou para John. —Você acha que está relacionado, não acha?

—Vi muitas queimaduras nas fundições. Elas não são assim. Por favor, posso olhar? — Ele pegou a mão de Thornby e puxou delicadamente. —Que tal agora? Você me deixa olhar, e eu vou te beijar onde quiser.

Thornby deu um sorriso confuso, mas ele permitiu que John o empurrasse de costas na cama. John beijou sua boca, peito, estômago, coxa, joelho e canela. Só então ele pegou o pé marcado de Thornby nas mãos.

O fogo deixara os dois sinais habituais - as manchas brilhantes, a manchada de rosa e branco, os dois dedos mais pequenos fundidos - e algo incomum. Havia um padrão tracejado, como se alguém tivesse desenhado uma infinidade de linhas finas no pé de Thornby. Essa era uma pista óbvia demais para se perder. John olhou para cima e viu Thornby observando-o ansiosamente, quase estremecendo.

—Não é hediondo? — Thornby disse. —Isso me faz sentir como uma

gárgula. É algum tipo de pista?

—Não é hediondo. Você consegue se lembrar mais sobre como isso aconteceu? — John beijou o peito do pé, onde a pele era rosa e brilhante. Thornby se afastou.

—John, por favor, pare. Pelo menos deixe-me esconder debaixo das cobertas. Vou lhe contar se você me deixar esconder.

—Tudo bem, então eu vou te dar esse beijo. Se você não pode decidir onde deseja, tenho algumas ideias.

Thornby sorriu, quase timidamente. John colocou um braço em volta dele. Thornby poderia ser tão espinhoso e depois tão doce. Se ao menos John pudesse mantê-lo na cama para sempre.

—Tudo bem, bem, eram as férias escolares. Fomos à beira-mar. Norte daqui. Pode ter sido a Escócia. Pai me levou. Mamãe havia morrido, é claro, e ele... precisamos conversar sobre isso?

John acariciou seus cabelos. —Devo lhe dizer por que quero saber? Eu acho que alguém tentou queimar algo pertencente a você. Não é uma coisa comum, mas um token. Algo que é você, de certa forma. E quando eles queimarem isso, eles queimarão você também. É bruxaria; não é incomum. As pessoas costumam fazer isso com tokens de bonequinhas feitas à semelhança de uma pessoa. É por isso que eu quero falar sobre isso.

—Oh — Disse Thornby fracamente. —No geral, prefiro a teoria da combustão espontânea. Nem sempre os companheiros mais tranquilizadores, são?

—Pode ser importante. O que eu não entendo é por que alguém faria isso com uma criança. A menos que eles estivessem chantageando seu pai.

—Hã! Pai não se importou. Ele me disse para não ser uma mariquinha. Ele me fez mergulhá-lo no mar para endurecê-lo. — Thornby estremeceu. —Deus, eu odiava isso. Toda noite descíamos para a praia e ele me fazia colocar o pé na água. Doeu como o inferno e foi terrivelmente aterrorizante. Estava escuro como breu e eu fiquei pensando que algo pegaria meu pé e me puxaria para baixo. Nós

nunca fomos às areias durante o dia; Suponho que era por causa do meu pé estar tão horrível. E - Deus, fiquei empolgado quando soube que ele estava me levando para a praia. Eu pensei que ele seria decente comigo novamente, como ele era quando mamãe estava viva. Ele costumava ser, você sabe, eu seria derrubado para vê-los e ele me mostrava o relógio e me deixava acariciar seus cães. É difícil imaginar, não é? Mas quando a mãe morreu, ele mudou. À beira-mar, ele me assustou tanto que comecei a molhar a cama. Então, eu também me diminui por isso.

Thornby colocou a mão em seu rosto. John podia vê-lo tremendo.

—Soren, me desculpe. — Ele puxou Thornby para mais perto.

—É o pai que é o bastardo, não você. Você está... bem, eu gosto muito de você, senhor Blake.

—Embora eu tenha intimidado você no pântano de Howarth e passado por suas coisas?

—Acho que posso te perdoar. Não consigo pensar o porquê. — Thornby fechou os olhos. —Acho que devemos procurar esse token, mas vamos ter mais cinco minutos. Sim?

—Eu deveria pegar meu sal. Ver se tem alguma ideia.

—Tudo bem, eu vou.— Mas ele bocejou e suspirou, sentando-se mais perto e, em outro minuto, estava dormindo.

John admirou a curva de sua bochecha, a escuridão emplumada de seus cílios e a boca - só de olhar para ela fez seu pênis tremer. Ele estava louco, sabia disso. Ele não apenas sentia como se Thornby o tivesse pressionado com força em alguma parte delicada que ele nunca soube que tinha - mas falando profissionalmente também.

Ele não havia dito isso, mas encontrar um token que não pudesse rastrear com magia seria quase impossível. Quando ele pensou que eles estavam procurando um feitiço, estava confiante de que o reconheceria se o encontrassem. Mas um token poderia ser qualquer coisa. Muitas vezes eram bonecas feitas de forma grosseira, mas poderia ser um anel ou um selo, uma

caneta ou um botão. Raskelf se estendia ao redor deles - quilômetros de passagens, centenas de quartos, um milhão de esconderijos. E depois havia a propriedade. Eles poderiam procurar uma vida inteira e nunca encontrá-la.

John sabia onde estava com ferro, sal ou um forno emburrado. Ele sabia onde estava com seus sigilos e ervas. Mas ele foi treinado para a indústria, para os cuidadosos preparativos e a labuta cotidiana da magia das fábricas. E agora ele estava preso em um pântano de mistério, magia e luxúria, e estava fora de profundidade.

Ele deveria voltar para Londres, contar a Catterall o que estava acontecendo. John nunca havia pedido ajuda com mágica antes, mas isso era diferente. Talvez Catterall pagasse pelo plano. Mas quem? Ele considerava os outros homens, mas ninguém parecia certo para um trabalho tão incomum quanto esse. Talvez um teurgista? Não Rokeby, Catterall não o toleraria. E, francamente, John não estava ansioso para ver o efeito do melhor sorriso de Rokeby em Thornby. Ou Lady Dalton. Ou qualquer um. Rokeby era, mais ou menos, um amigo, e geralmente era possível confiar em uma emergência, mas ele também havia fodido metade de Londres e enganado a outra metade. Não, não Rokeby.

Talvez Armstrong, embora ele estivesse ocupado no Ministério do Interior agora e provavelmente não obedecesse a Catterall. Talvez Christie ajudasse, se ele pudesse ser arrancado do Palácio. John se viu carrancudo com o simples pensamento do nariz arrogante de Christie cutucando Raskelf. *—Ponto de preocupação, Blake? Tudo um pouco demais, não é? Por que você não corre e brinca com seus pinos e agulhas? O que precisamos aqui é de alguma mágica real.*

Mas importava, se isso significava que Thornby poderia fugir? Se a maldição de Lorde Dalton pudesse ser eliminada e a felicidade de Lady Dalton restaurada?

Só Armstrong ou Christie deixariam Thornby livre quando soubessem o que ele era? Ambos lidaram com demônios; eles veriam Thornby como um?

Embora ele nunca tenha conjurado um demônio, John sabia que eles vinham de algum lugar. Em algum lugar diferente novamente do lugar que ele e Thornby haviam ido. Mas Armstrong ou Christie veriam isso diferente? Provavelmente odiariam Thornby por princípio, com mais repulsa se percebessem que ele preferia homens.

E, de qualquer forma, algo se revoltava nele. Algo feroz e orgulhoso, ele pensou ter deixado para trás aos treze anos, quando ficou claro para todos que ele não era teurgista e nunca seria. Quando ele foi aceito no Instituto aos dez anos, ele pensou que seria como Prospero um dia, só que mais jovem. Magia cantava em seu sangue, e tempestades de raiva se ele estalasse os dedos. Caliban cumpria sua ordem. E Ariel seria seu amigo.

E então tudo virou pó. Ele trabalhava com materiais. Com argila comum. Ele deveria apoiar a indústria. Era apropriado, realmente. Seu pai era comerciante. O pai de Armstrong era um fazendeiro cavalheiro. O de Christie era advogado, com alguma conexão com o palácio. As origens de Rokeby foram discretamente veladas, mas havia rumores de que ele era um bastardo da realeza.

E assim a magia de John se tornou uma ferramenta, uma tarefa, uma habilidade que ele poderia vender como qualquer comerciante. É verdade que ele ganhou o respeito dos industriais em que trabalhava e eles também o pagaram generosamente. Ele tentou agradecer. Mas desde quando a magia era tão mundana? Desde quando isso significava que ele passava os dias fortalecendo pontes ou testando amostras de minério? A única alegria que ele sentia foi naquelas raras ocasiões em que seus materiais lhe responderam - e isso foi uma indulgência perigosa, um mero efeito colateral.

Ele se permitiu outro olhar longo para Thornby. Ele poderia olhar para ele o dia inteiro se ele se deixasse, mas isso não ajudaria ninguém. Em vez disso, ele beijou a bochecha de Thornby, onde estava entrecruzada com uma dúzia de pequenos arranhões do matagal e depois deslizou cuidadosamente para fora da cama.

Ao fazê-lo, seu pé descalço triturou algo pequeno e frágil. Ele levantou o

calcanhar para encontrar uma concha branca, como uma asa minúscula, agora caída no tapete esfarrapado. Ele franziu a testa e empurrou as duas metades de volta juntas com o dedo do pé. Deveria pertencer a Thornby; talvez ele estivesse desenhando.

Ele puxou as gavetas e as calças e vestiu a camisa quando notou outra concha, tão branca que brilhava na luz cinzenta da manhã. Então ele viu outra, e outra. Talvez seis ou sete, levando uma trilha até um dos pinos de ferro que estavam tremendo perto da porta. Ele congelou, revirando com todos os sentidos, depois olhou para Thornby, ainda dormindo. John deveria acordá-lo? E dizer o que?

Ele tocou a concha mais próxima. Nada. Apenas uma concha.

Ele rastejou até o pino e encontrou um crescimento de cracas aglomerando-se sobre ele, como se o pino tivesse passado semanas debaixo d'água. E quando ele pegou, emanava dele não apenas sua própria magia reprimida, mas uma corrente de algo rico e estranho que fazia seu coração pular e sua pele formigar. Então as cracas começaram a se desfazer em seus dedos. As conchas piscaram, uma a uma, como pequenas luzes de gás, e o quarto estava mais uma vez tão comum quanto poderia ser com um homem tão bonito quanto Thornby dormindo nela.

John pegou o outro pino, terminou de se vestir, moveu a cadeira e quase correu pela passagem para seu quarto para começar seus experimentos. Uma vez lá, ele expôs os materiais que usava com mais frequência - o sal, os pinos, a lança, o olho, a areia, a pedra e o galho de sorvia. Ele tentou explicar a situação para eles - com mágica, com palavras. Ele pediu ajuda. E então ele esperou.

O que ele conseguiu foi o silêncio.

E, no entanto, ao se sentar nas tábuas empoeiradas do chão, com os materiais espalhados à sua frente, sentiu-se estranhamente esperançoso. Porque não era um silêncio morto e desinteressado; em vez disso, houve uma qualidade de surpresa. Era o tipo de silêncio chocado que ele poderia ter se fosse a uma casa de trabalho, encontrasse o morador menos considerado e mais humilde e lhe

perguntasse o que ele achava da Nova Lei dos Pobres e como as coisas poderiam ser melhoradas.

Era o silêncio de alguém que nunca pensou em ser perguntado; o silêncio de alguém frenético e inexpertamente reunindo seus pensamentos, porque quase nunca são convidados a articulá-los. Pelo menos, era o que ele imaginava. Ele ouvia, ouvia e, ocasionalmente, tentava explicar o que queria de uma maneira ligeiramente diferente, e então ouvia um pouco mais.

Quando ele finalmente olhou para cima, foi para descobrir que ele estava duro de se sentar no chão frio, que já passava da meia-noite e toda a família estava na cama. Lembrou-se vagamente de afastar a criada na porta quando ela veio fechar as cortinas e acender o fogo, dizendo que faria ele mesmo e depois esquecendo. Ele foi para a cama, ainda ouvindo, ainda com aquele silêncio profundo, pensativo e surpreso que emanava de seus materiais.

CAPÍTULO NOVE

Na tarde seguinte, os Greys chegaram; Sr. Grey, Sra. Grey, Senhorita Harriet Grey e duas meninas mais novas que pareciam ter saído da sala de aula. John entendeu que a família não tinha conexões nobres, mas que o Sr. Grey havia feito uma fortuna em têxteis. O rosto gordo, vermelho e imperturbável do Sr. Grey era vagamente familiar; John certamente o vira em alguma fábrica de Manchester? Gray não deu nenhum sinal de reconhecê-lo, mas, mesmo assim, ele mentalmente fez algumas observações sobre os interesses comerciais de Lorde Dalton, para o caso de Gray se lembrar de repente dele e pensar em questioná-lo em seu lugar no mundo.

A sra. Grey era uma senhora de aparência preocupada, com as mãos tremulando e uma risada nervosa. Ela obviamente estava pouco à vontade tomando chá em uma companhia tão exaltada, mas Lady Dalton estava fazendo o possível para ser encantadora, e seu melhor era considerável. A Sra. Grey logo estava sorrindo mais naturalmente e conversando com menos animação forçada. Havia tortas de coalhada e pequenos sanduíches; muito decentes, para Raskelf. John concluiu que Dalton havia emprestado a cozinheira dos Howarths.

Os Lazenbys não chegariam até o dia seguinte, e a Srta. Grey obviamente fora instruída a pressionar sua vantagem. Seu cabelo castanho claro estava elaboradamente arrumado e ela usava um vestido vistoso de cetim de prímula que combinava muito bem com sua tez cremosa. Ela não exibiu os nervos de sua mãe e aceitou com cortesia as cortesias antigas de Lorde Dalton. Provavelmente ela era bonita o suficiente para se acostumar com todos os tipos de atenções que lhe eram prestadas.

Então Thornby entrou. Ele estava atrasado, é claro. John deduziu que tinha o hábito de antagonizar seu pai. Mas, para a maioria desse grupo, a espera claramente valia a pena. Todas as mulheres da família Grey congelaram e

arregalaram os olhos. Até a sra. Grey corou lindamente.

Talvez em homenagem à ocasião, Thornby tivesse abandonado o habitual preto, e de fato o século. Ele era uma visão do estilo georgiano em um terno de seda creme: casaco e calções, meias de seda creme e um colete de listras verde pálido e creme salpicadas de flores rosa. Se ele tivesse apenas uma espada e peruca, teria feito uma escolta adequada para Marie Antionette.

John descobriu que seus próprios olhos se estreitaram, em parte com diversão e em parte com especulação. Era impossível - para ele, de qualquer maneira - olhar para Thornby vestido dessa maneira e não imaginar despi-lo. Gray parecia intrigado e um pouco desconfiado, como se estivesse tentando descobrir se a roupa de Thornby era um insulto sutil. A senhorita Grey quase deixou cair o xale quando Thornby foi apresentada a ela; o primeiro sinal de nervosismo. Thornby fez uma reverência, muito bem, e levou-a para um passeio na longa galeria de pinturas, pois estava muito molhado lá fora para caminhar pelo terraço.

Quando Thornby passou mancando, John pôde ouvi-lo dizer: —Sim, uma armadilha de gim, Srta. Grey. Um dispositivo tão cruel! Mas vamos encontrar algo mais agradável para discutir. Você está interessada em arte?

Lorde Dalton, observando o filho, parecia passar da raiva mal disfarçada para a satisfação de os Greys estarem aqui e de que Thornby, pelo menos por enquanto, estava sendo civilizado.

No meio da tarde, senhorita Grey foi conversar com Lady Dalton. Lorde Dalton levou o Sr. e a Sra. Grey para a longa galeria e estava imprimindo um pouco de história da família neles com a ajuda das pinturas. As duas meninas mais novas estavam olhando através de um armário de curiosidades com o Sr. Derwent. John encontrou Thornby parado ao lado dele.

—Bem, isso é tortura, não é? — disse Thornby.

—Senhorita Grey parece boa o suficiente.

—Ela viu Ophelia seis vezes. Você não tem ideia de como me sinto infeliz, mentindo para uma senhora que admira Millais. Que maneira de passar uma

tarde!

Thornby puxou com preocupação os punhos do casaco apertado. Ninguém estava olhando, e John se permitiu um olhar de soslaio. Mas não era o prazer que ele esperava, porque ele podia ver que, para Thornby, a tarde realmente era uma tortura, quase tão ruim, a seu modo, como estar acorrentado fora da propriedade. Viu-se a confecção georgiana que ele usava e esperava frivolidade, mas não havia nada de alegre nele. Seus olhos estavam derrotados.

Claro, John sabia há dias que Thornby estava desesperado para deixar Raskelf. Era tão fácil esquecer, porque Thornby escondia seu desespero atrás daquela fachada descuidada e provocadora, mas era apenas isso - uma fachada - e se desmoronava, como parecia estar desmoronando agora -

O que Thornby precisava era ser realizado. Ser gentil com mãos e voz como um cavalo assustado, e depois dar um passeio duro até que ele esquecesse tudo, exceto sua própria necessidade. E então - liberar, mesmo que não tenha sido a liberação mais fundamental que ele desejava, mas apenas a doce liberação momentânea do corpo. Por enquanto, na sala de estar, John não podia dar isso a ele. Mas ele poderia lhe dar mais alguns tijolos por sua fachada - uma chance de provocar, e talvez sorrir, e se sentir humano mais uma vez.

Ele procurou um tópico que pudesse funcionar e perguntou: —Por que você veste essas roupas antiquadas? Eu me pergunto desde que cheguei.

Thornby olhou para ele inexpressivamente por um momento, depois conseguiu um pequeno sorriso íntimo. —Você não gosta delas?

—Eu não estava reclamando, apenas me perguntando o porquê.

—Fiz uma promessa ao meu avô no leito de morte de que sempre me vestiria como ele acreditava que um cavalheiro deveria - o que é assim. —Thornby fez um gesto elegante. Uma faísca de malícia apareceu em seus olhos.

—Um a promessa no leito de morte? É isso que você diz às mulheres?

—Blake, as senhoras são educadas demais para perguntar. Mas é o que digo às pessoas que acham aceitável me fazer perguntas pessoais.

—Desculpe, lorde Thornby. Sem perguntas pessoais? Uma pena. Então é

melhor não perguntar como você gostaria que eu te fodesse mais tarde.

Os olhos de Thornby se arregalaram e seus lábios se separaram. Ele fez um barulho na garganta, parte ofegante, parte risada horrorizada e olhou por cima do ombro.

—Ninguém pode ouvir. — Disse John.

—Cristo, espero que não. — Thornby fechou os olhos por um momento. —Se você me der um pau duro em público, nunca vou perdoá-lo. Essas calças são muito apertadas.

—Sim, obrigado, eu notei. Então talvez agora você me diga por que as veste?

Thornby sorriu - um sorriso genuíno que iluminou seus olhos. —Você é um sujeito muito determinado, não é?

—Eu também sou paciente. Gostei de ouvir você dizer 'por favor' ontem. Talvez eu possa lhe dar outra lição de boas maneiras, sendo muito, muito paciente com você, mais tarde esta noite.

Thornby olhou para ele, um leve rubor colorindo seu rosto. —Jogue limpo, John. Grey poderia passar por cima a qualquer momento. Venha então, eu vou lhe dar a verdade. Tudo depende do meu médico.

—O seu médico?

—Sim. Temos miasmas muito singulares aqui no norte. As calças permitem que mais ar ruim circule sobre os membros, e para cavalheiros bem-educados isso pode ser muito prejudicial. É claro que pessoas comuns, como você, não são afetadas, mas meu sangue é mais intenso e, portanto, mais sensível a essas coisas.

John o considerou o mais severamente possível, tentando não rir. —Mais tarde, você realmente se arrependerá disso.

—Eu não vou.

—E se não houver 'mais tarde', até que você me diga?

—Eu não acredito que você faria isso.

—Deixe-me lembrá-lo como eu sou paciente.

Thornby sorriu novamente. —Blake, estou ansioso para testar os limites de sua paciência. Mas, por enquanto, acho melhor dizer que uso essas roupas porque não tenho outras.

—Isso é verdade?

—Total. Bem, principalmente.

John fez uma careta. —Por que não visitar o alfaiate?

—Porque eu não posso.

—Peça a ele para visitá-lo.

—O pai disse para ele não fazer isso.

—Sim mas-

—Realmente é verdade. Quando cheguei aqui, eu tinha as roupas que vestia quando meu pai me afastou de Londres. Um par de calças e um casaco de seda. Nada mais. Nem mesmo um chapéu. Quando reclamei, o pai disse que ficaria feliz em me comprar um terno para me casar, ou eu poderia encontrar muitas roupas velhas nos sótãos. Obviamente, ele pensou que eu desistiria quando vi o que estava lá, mas não liguei para o blefe dele e os coloquei. Irrita-o sem fim que eu ando como se eu gostasse delas. Devo dizer que me senti um pouco excêntrico na primeira vez que saí, mas não é como se eu fosse a lugar algum, por isso dificilmente importa.

—Então, seu pai faz você se vestir assim? — John disse, ainda lutando com a ideia.

—Hoje não. De fato, ele oferece uma gama bastante decente de alfaiataria contemporânea quando há mulheres presentes que podem querer se casar comigo, mas eu mantenho minhas calças apenas para mostrar a ele.

—Essa é a coisa mais sangrenta que eu já ouvi.

—Quem? Pai? Ou eu?

—Vocês dois.

—Posso dizer, foi realmente uma surpresa desagradável descobrir que minha mala estava praticamente vazia quando cheguei aqui. Eu não acreditei no criado do pai quando ele me disse que havia apenas algumas coisas por baixo e

um par de sapatos. Suponho que foi tudo o que meu homem teve tempo de fazer as malas antes de sair. Fui até a sala das caixas verificar, mas era verdade.

—Sua mala veio com você de Londres? Mas estava vazia?

—Sim, acabei de lhe dizer.

—Então, por que trazê-la?

—Não faço ideia. Suponho que era a aparência da coisa.

—Lixo. Seu pai te arrastou para fora de Londres sem chapéu ou casaco? Ele prefere que você ande com roupas antigas do que com roupas decentes? Ele briga com você na mesa de jantar. Ele não dá a mínima para a aparência, dá? Não mais do que você, na verdade.

—Espero que você não esteja nos comparando e encontrando semelhanças.

—Mas ouça; ele trouxe o baú. Então, é importante.

—Um baú? Uma coisa velha e desgastada que eu tive desde que fui para a escola?

—Você o teve desde a primeira vez que saiu de casa?

—Sim, ele me deu, juntamente com uma palestra sobre como cuidar de meus pertences - Oh meu Deus, há algo nele, não há? Ou havia. Este - seja o que for - este símbolo. Venha rápido, antes que alguém nos pare.

Eles escaparam através das glórias desbotadas do salão veneziano, Thornby abrindo uma daquelas portas que se assemelhavam a uma parede de painéis, com a maçaneta escondida inteligentemente no lambril. Ele liderou o caminho, seguindo um caminho confuso pelas passagens de ambos os servidores estreitos e amplos corredores públicos.

Na sala sombria das caixas, a mala estava em um canto. Thornby chamara isso de coisa velha e desgastada, mas, para uma bagagem com quase vinte anos, John ficou impressionado com a qualidade. Era feito dos materiais mais fortes, e os símbolos de Dezombrey pareciam recém-pintados.

John caiu de joelhos, abriu a mala e passou as mãos pelo interior. —Certo, estamos procurando algo que remonta à sua infância. Você teve essa queimadura quando tinha nove anos, então é pelo menos tão antiga. Talvez mais velha.

—Você não acha que a mala poderia ser o ideal?

—Parece importante para você?

Thornby encolheu os ombros. —Nada de especial. Mas é minha.

—Seu pai está mantendo você aqui com algo malditamente poderoso. Eu acho que você saberá o momento - espere! Eu senti algo. Esse outro sentimento.

Thornby, examinando a lateral da mala mais próxima da janela, disse: —Há marcas aqui.

Ao longo de uma borda inferior, as linhas foram pontuadas no couro pesado. Thornby cutucou isso e uma aba no couro se soltou. Thornby mexeu em algo e depois puxou uma caixa de madeira, com alguns centímetros de profundidade e um metro quadrado. Ele colocou os dedos na caixa vazia, depois os recolocou como se algo o tivesse mordido.

—Havia algo aqui, tudo bem. Eu me sinto... peculiar. — Disse Thornby.

—Posso olhar?

John tocou com cautela a ponta do dedo no interior da caixa de madeira. Não havia mágica comum a ser detectada, e nada mais ficou claro. Mas esse parecia o caminho para esse outro tipo de magia; se ele a visse diretamente, ela se afastaria dele. Ele levou a caixa para a janela da sala.

—O que é isso? — John pressionou um dedo em um canto da caixa. Preso na ponta do dedo, havia um cabelo. Tinha uma polegada de comprimento, marrom, mas dourado onde a luz o atingia.

Thornby olhou para ele. —Não é meu. Cor errada.

—Você era loiro quando criança?

—Suponho que sim, agora você mencionou. — Thornby olhou novamente. —Mas isso não é cabelo de criança, é? Não é parecido o suficiente. É um pouco diferente. É mais como... — Ele ficou espetacularmente branco e se afastou para sentar no baú mais próximo. —É de um animal, não é? Isso é ruim? O que isso significa?

—Não tenho certeza.

—O token deve fazer parte de mim, não é? E se for, oh, Deus, e se eu for

um lobisomem?

—Isso não é pelo de lobo. — John apontou o dedo para a luz novamente.

—Não é? Como você sabe?

—Porque eu uso pelo de lobo em um dos meus encantos, e não é isso.

—Oh. — Thornby passou a mão trêmula pelo rosto. —Cristo, você é útil para ter por perto, não é? Suponho que não exista outro homem em Yorkshire que possa ter me dito isso.

—Mas acho que é de um animal. Desculpe, Thornby. Ainda assim, você parece ter se dado bem como homem - quantos anos você tem? Vinte e sete anos ... então, seja o que for, acho que você só precisa dele em seu poder.

—Eu poderia colocá-lo em um cofre e nunca mais pensar nisso?

—Exatamente. Desde que seja seu, você pode ir aonde quiser, eu suspeito. É por isso que você foi para a escola, Oxford, Londres e assim por diante. Porque é a sua mala e seu conteúdo também é seu. Até o seu pai pegou. Enfim, temos outra pista, graças a mim, fazendo perguntas pessoais rudes.

Thornby conseguiu dar um sorriso aguado. —Estou começando a apreciar sua impertinência, senhor Blake.

—Bom. Você não tem ideia de quão impertinente eu pretendo ser, depois que todos forem para a cama. E não se preocupe com essa caçada porque encontramos um fio de cabelo. Isso não significa que você é meio animal. Talvez seja de um pé de coelho da sorte. Sua mãe pode ter encantado isso para você.

Ele olhou para o cabelo novamente, tentando colocá-lo. Poderia ser de um coelho? Era uma cor estranha para um coelho, mas talvez. Ou se a cor não era uma pista, talvez algum tipo de raposa dourada? Ou um cervo?

Thornby suspirou, a cabeça inclinada como se contemplasse seus joelhos vestidos de seda. —Você não tem ideia de como é desconfortável saber que você não é totalmente humano. Não é que eu me importe com a mãe sendo diferente; é porque dá ao pai essa terrível influência sobre mim. Estou assustado. Eu tenho enlouquecido lentamente nos últimos dezoito meses, e agora eu... Olha, você não acha que seria melhor casar com a senhorita Grey ou quem quer que seja, e

então... bem, eu sei que ele vai aceitar o dinheiro, mas pelo menos eu poderia fugir. Eu teria meu nome. Eu poderia pedir emprestado ou obter alguma posição com uma renda para apoiá-la. Não conseguiria?

—Você confia nele para dar a você?

—Mas se eu fiz o que ele quer? Não posso me casar mais de uma vez, posso? Então, se não tenho mais utilidade para ele, por que não me deixa ir?

—Claro, depende de você.

—Mas você não faria, não é? — Thornby disse.

—Não, e pelo mesmo motivo que você não; porque você não colocaria uma garota inocente no meio de tudo isso. Porque você é um cavalheiro. Quando você não está chupando meu pau, é isso.

Thornby deu uma risada desamparada. —Você está certo. Eu só... acho que ficarei louco se tiver que ficar aqui mais um minuto. John, você vai me tirar daqui, não é?

—Claro que eu vou. Venha, volte para os Greys e eu vou arrumar aqui. — John tirou a carteira e cuidadosamente colocou o cabelo entre duas páginas em branco. —Eu mostrei meu rosto no andar de baixo. Agora voltarei aos meus materiais.

—Gostaria que pudéssemos ficar aqui em cima. Como está indo, sua pesquisa?

—Bem. Eu achei algo. E esse cabelo vai ajudar tremendamente. Faz parte do que estamos procurando. Se eu conseguir encontrar o símbolo certo, isso nos levará diretamente ao token. Então, levante a cabeça e verei você no jantar.

Thornby o deixou, e John arrumou e voltou para o quarto. Ele disse a Thornby que as coisas estavam bem, mas na verdade ele estava longe de ter certeza. Seus materiais ainda não haviam oferecido muito em termos de sugestões, mas a qualidade do silêncio deles era menos atordoada, mais pensativa.

Então, ele não mentiu para Thornby. Estava indo bem.

Não estava?

CAPÍTULO DEZ

Na manhã seguinte, Thornby foi tomar o café da manhã mais cedo, esperando pegar John sozinho antes que o resto da família chegasse. Ele esteve no quarto de John tarde da noite passada e John, como prometido, tinha sido muito impertinente.

Ele tinha usado a língua. Em toda parte. Ele fez Thornby se contorcer, choramingar e implorar. E então John pescou um pequeno frasco de óleo em um dos muitos bolsos de sua jaqueta descartada. Ele aplicou o óleo liberalmente e fodeu Thornby com tanta habilidade que implorou um pouco mais. E depois John o abraçou, beijou e sorriu seu raro sorriso desprotegido. Thornby já teve muitos amantes, mas nunca tão intencionados quanto John. Talvez toda a escuta de paredes e mesas que o homem fizera lhe desse algum tipo de intuição mágica, porque ele parecia saber instintivamente o que era bom e o que não era, e o que era tão incandescente que alguém se esquecia de respirar.

John falara disso e daquilo - de sua infância, conversando com as unhas e ferramentas da loja de seu pai; do treinamento no Instituto Dee; e de seu último trabalho, ajudando a construir o Palácio de Cristal e protegendo-o de ataques mágicos. Aparentemente, havia um número de homens das profissões que não

pensavam que o design de um jardineiro deveria ter sido escolhido para um edifício tão grande. Então, entre outras coisas, houve tempestades assustadoras e rajadas de morcegos enfeitiçados atirando-se no vidro à noite. Algumas pessoas queriam muito fazer Joseph Paxton parecer ruim. Eles chegaram ao ponto de contratar mágicos para tentar fazer isso acontecer. John os deteve.

Ele não estava se vangloriando. De fato, Thornby sentiu que era o contrário; John estava dando a ele os fatos sobre sua vida, informando quem ele era. Ele era filho de um peixeiro. E se ele falava como um cavalheiro, era porque ele o havia espancado no Instituto, porque eles se orgulhavam de revelar mágicos que poderiam servir nos mais altos níveis. Do mesmo modo, não se toleraria um criado que limpasse o nariz na manga, eles preferiam os mágicos de maneiras.

Thornby deduziu que a magia, como profissão, estava em uma espécie de cúspide. O Instituto Dee ao qual John estava tão orgulhoso de ter participado havia sido fundado em 1578 como Academia pelo Dr. Dee, mágico da corte da rainha Bess. A alquimia valia a pena investir naquela época; até a rainha tinha participado. Mas, ao longo dos séculos, a Academia se degradou. Tornara-se um lugar escuro, de superstição, charlatães e papoula. A magia se tornou bastardizada e ineficaz.

John era um novo tipo de homem. Quando menino, ele veio a um Instituto revitalizado durante a Regência por descobertas recentes nos campos da teurgia e dos materiais. Agora, John e seus colegas buscavam reconhecimento; respeito, até. Porque, embora a magia estivesse novamente se tornando uma força a ser reconhecida, ainda não era respeitável. De fato, ao ouvir John contar isso, grande parte da sociedade via os mágicos parecidos com as prostitutas que serviam Londres; eles eram lamentáveis, um mal necessário. Mal se reconhecia a existência deles, mas às vezes nada mais faria. John estava determinado a mudar essa atitude. Ele considerava que a magia deveria ser pelo menos tão bem considerada quanto a horticultura, a medicina ou a lei.

O que quer que John tivesse pretendido, contando tudo isso, o resultado

final foi que Thornby se sentiu um pouco sobrecarregado. Não era apenas a conversa de travesseiro mais fascinante que ele ouvira, mas estava ficando claro para ele que John não era apenas um mágico, mas muito notável. John não disse isso, mas Thornby tinha certeza de que Paxton poderia ter quase qualquer mágico na Inglaterra - e havia muitos deles - e ele escolheu John. Porque quando se tratava de ferro, vidro e outras coisas inanimadas, John era o melhor da terra.

John havia dito que planejava acordar cedo e sair do caminho da festa para poder trabalhar para encontrar o token. Thornby voltou para o seu próprio quarto, esperando dormir como um homem que acabou de ser fodido no esquecimento. Mas ele acordou quase de hora em hora. Quando acordou pela quinta vez às cinco horas, finalmente percebeu que era porque esperava ver John novamente antes do dia começar.

Ao entrar na sala de café da manhã, viu que Lady Dalton o havia espancado. Ela estava sentada ao lado de John, mas nenhum deles parecia estar comendo. Lady Dalton parecia um pouco vermelha e se levantou como um coelho assustado quando o viu. Ela acenou para ele, deu a John um olhar de simples apelo e fugiu da sala.

Thornby cuidou dela. —Ela está bem?

John lançou-lhe um olhar caçado e distraído. —Suponho que ela esteja tão certa quanto qualquer um com um marido amaldiçoado e uma trupe de fadas movendo suas coisas. Enfim, eu disse a ela para começar a colocar nozes; isso provavelmente vai ajudar.

—Mas o que ela estava dizendo?

—Desculpe, Thornby, não tenho certeza se devo dizer. Era um assunto particular.

—Espero que você confie em mim. — Saiu mais rigidamente do que ele pretendia.

Ele não pôde deixar de olhar para John, tão cuidadosamente abotoado e amarrado, e pensando sobre o que haviam feito ontem à noite. Ele tinha certeza de que John também estava se lembrando, porque ele olhou Thornby de cima a

baixo e um olhar fugaz de satisfação cruzou seu rosto, para ser seguido por um cobiçoso. Então sua expressão assediada voltou e ele pegou o garfo.

—É claro que confio em você — Disse ele, depois murmurou quase para si mesmo: —Nunca mais vou reclamar do trabalho da fábrica. — Ele largou o garfo e colocou as pontas dos dedos nas têmporas.

—John, o que diabos ela disse? Por favor, diga. Quem eu diria de qualquer maneira?

—Eu não deveria.

—Ela disse para você não fazer?

—Não, mas eu...

—Bem, talvez eu possa ajudar?

John lançou-lhe um olhar estranho, quase como se estivesse tentando não sorrir. —Eu duvido. Mas suponho que seja uma espécie de negócio de família. Ela quer um bebê. Ela quer que eu cuide disso.

—Um bebê? Ela quer que você... você... — Ele não pôde continuar.

John olhou para ele, franziu a testa e, para sua surpresa, deu uma gargalhada horrorizada. —O que você acha que eu quero dizer? Ela quer que eu faça um encanto para ela. Para fazer seu pai, você sabe, visitá-la. Cristo!

—Oh. Eu pensei...

—Thornby, ela é casada. Ela é uma dama. Com moral. Por que você acha isso?

—Ela gosta de você.

—O que? Claro que ela não gosta. Mas o ponto é; devo fazer isso? Eu disse que não, no começo, mas depois concordei em pensar nisso.

—Um bebê, hein? Você pode fazer isso?

Thornby serviu-se de presunto e ovos e sentou-se em frente. Parecia que John havia comido cerca de meio prato de um prato indiano antes de ser distraído por Lady Dalton. Agora ele pegou sua faca e garfo novamente. Ele tinha mãos bonitas, bem proporcionadas e com boa aparência.

—Eu nunca tentei. Normalmente, não faço mágica nas pessoas, exceto

para proteções. Às vezes, uso a Voz nos proprietários das fábricas, mas se alguém descobrisse, nunca voltaria a trabalhar, por isso não o faço com muita frequência. Questões éticas e familiares são para magos da igreja ou teurgistas políticos, não para alguém como eu.

—Mas você poderia? — Thornby percebeu que estava morrendo de fome. Tudo foi feito corretamente pela primeira vez, graças ao cozinheiro emprestado dos Howarths.

—Eu não sei. Não posso fazê-lo amá-la. Eu disse isso a ela. Os encantos do amor nunca funcionam. Não que isso pare pessoas como Rokeby cobrando pelo nariz por elas. Mas é possível incitar a luxúria. E, talvez, se eu lhe der um feitiço de fertilidade extra forte ao mesmo tempo... —Ele largou a faca e o garfo sem ter comido nada e tomou um gole do que parecia uma xícara fria de café. — Então há a maldição a considerar. E se as magias reagem umas com as outras? Veja bem, a maldição não o impediu de ter relações com ela no passado - então suponho que isso seja seguro o suficiente. Eu não estaria encantando ele a fazer algo completamente contra a corrente.

—Bem, porque não? Ela não teve muito mais dele, não é?

—Ele poderia machucá-la. Ele poderia machucar outras pessoas. Você não pode focar na luxúria - precisa colocar a pessoa certa no lugar certo e torcer para que tudo dê certo. Até a maioria dos teurgistas não toca nesse tipo de coisa. Muito menos com uma maldição de fadas que complica as coisas.

—Mas você é melhor que eles.

John riu sem alegria. —Onde arranjaste essa ideia? Eu realmente não sou. Há uma razão pela qual a teurgia é chamada Estrada Real. É muito mais poderoso criar um demônio para fazer o que você deseja. Depois de prendê-lo, não há mais confusão com os materiais. Tem que obedecer. E um demônio pode fazer quase qualquer coisa - eles podem viajar fantasticamente rápido, criar ilusões instantâneas, afetar o clima - todos os tipos de coisas que não posso fazer.

—Bem, eu não vejo dessa maneira.

—Desculpe-me, Thornby, mas você não sabe nada sobre isso.

—Mas demônios são demônios, não são? Não é apenas um nome? Eles são maus. Eles não são?

—Eles são vis. Medonhos. Eles vão enganar você, se puderem. É por isso que é preciso tanto poder para chamá-los e fazê-los servir.

—Aí está você então. Você é melhor que isso. Seus materiais ajudam você. Eles não querem te pegar. Querem?

—Não, mas- — John franziu a testa. —Você está perdendo o objetivo.

—Acho que não. Você prefere ter um amigo que queira ajudar ou um escravo poderoso que o mate na primeira chance que ele tiver? Eu sei qual eu prefiro.

John olhou para ele por um momento e depois soltou: —Mas como alguém pode ser amigo de um olho de vidro ou um saco de sal? Quero dizer mesmo? Como posso confiar em algum efeito colateral aleatório? Às vezes acho que devo estar me enganando! Os mágicos não aceitam conselhos de seus materiais. De fato, nos dizem para não aceitar, porque devemos estar no controle. Mas para a maioria dos homens, isso nunca acontece porque eles descartam seus materiais básicos. Eu sou uma aberração, Thornby, por sempre varrer meu sal como uma dona de casa econômica. E meus resultados são inesperados. Não consigo replicá-los. Quero dizer, no Palácio de Cristal, quando aqueles malditos morcegos começaram a se atirar no vidro - eu usei um feitiço de escudo no começo, mas eu tinha o sal e isso - você sabe, eu não posso acreditar que estou te incomodando tudo isso. Você não sabe a primeira coisa sobre mágica.

Seu tom tinha passado de aborrecimento, passando por aversão a derrota. Thornby largou a faca e o garfo, uma onda fria de desespero correndo por suas costas. A comida que ele acabara de comer estava em um nó no estômago. Se John foi derrotado, ele estava preso.

Então uma faísca de esperança acendeu nele, porque havia algo que ele havia notado sobre a maneira como John falava sobre suas habilidades e sobre as habilidades dos mestres-demônios que ele chamava de teurgistas. Apesar de todas as coisas maravilhosas que ele podia fazer, John precisava de confiança, e

cabia a Thornby fornecê-la. A maior parte da educação de Thornby não se baseara na premissa de que um dia ele lideraria homens? Comandar, sim, mas também aumentar o moral e fazer o que mais fosse necessário. Ele nunca se preocupou com isso antes, mas se havia um homem no mundo que se importava em inspirar, era John Blake, o mágico.

E a qualquer momento alguém poderia entrar e perturbá-los. O sol estava nascendo agora.

—John, talvez eu não conheça mágica, mas sinto o cheiro de esnobismo a uma milha de distância, e é isso que esses teurgistas são. Esnobes. — John abriu a boca para protestar e Thornby levantou um dedo. —Não interrompa. E a razão pela qual eu sei sobre esnobes é porque eu costumava ser um, e eu sei que eles não vão parar em nada para menosprezar quem não é como eles.

John não disse nada, apenas o encarou do outro lado da mesa.

Thornby continuou, com urgência: —E enquanto você está nisso, pode parar de se preocupar com experimentos e replicação. É mágica, não é? Não é ciência.

—Sim, mas...— John parou, franzindo a testa. —Bem, você está certo, não é ciência.

—Não, mesmo que eles tenham ensinado você a usá-lo de maneira metódica. Não estou negando que seja muito inteligente, todas essas coisas que você aprendeu a fazer. Mas se você quer ser amigo de um saco de sal, realmente não vejo por que você não deveria.

John ainda estava olhando para ele, balançando a cabeça um pouco. Não discordando exatamente, apenas tentando avaliar o que ele havia dito. Thornby quase podia ouvir sua mente girando. Então John deu-lhe um sorriso confuso, e quando ele falou, havia esperança em sua voz, e admiração também. —Acho que você acabou de virar trezentos anos de teoria mágica de cabeça para baixo. Eu nunca, nunca pensei nisso assim.

Uma leveza vertiginosa batia no peito de Thornby - uma maravilhosa sensação de ter enganado algo horrível e, ao mesmo tempo, dado a John algo que

ele valorizava.

—Bem, não, porque você foi educado a respeitar os especialistas. Considerando que fui criado para saber que estou sempre certo porque sou eu. Acho que você deveria ter um pouco mais de confiança nas suas observações, porque acho que você gosta de algo maravilhoso.

—E você sempre tem razão.

—Hoje em dia sou conhecido por cometer erros ocasionais. É a baixa companhia que tenho mantido. Está manchando minha infalibilidade.

John sorriu. —Você ainda pode parecer um idiota arrogante quando quiser.

—Sim, não posso? Talvez você deva me fazer implorar novamente. Poderia derrubar um ou dois pinos.

—Ha, ainda não. Talvez da próxima vez eu o deixe implorando por isso e leria um livro à beira do fogo um pouco.

—Você não ousaria! Se você fazer, você pode ter uma surpresa. Talvez uma agradável? Você já deixou as pessoas te foderem, Sr. Blake? Porque eu faria. Como um tiro. Se você quisesse.

John piscou. —Normalmente não.

—Eu acho que não. Mas você já tentou?

—Eu não gostei.

Thornby abriu a boca para dizer; —Bem, não importa. — Mas John acrescentou, lentamente: —Na verdade, talvez seja mais do que eu não me importei muito com os colegas com quem experimentei.

—Então espero não ser nada como eles.

—Você não é como eles.

Para Thornby, a frase parecia soar no ar como o carrilhão de uma faca contra o cristal. John estava sentado ali, com os dedos no cabo da xícara fria de café, nem mesmo olhando nos olhos dele.

—John, você acabou de concordar em tentar novamente?

—Eu não sei. Faz muito tempo.

—Eu sou quase tão bom quanto você. Eu faria você gozar tanto que os

lustres se transformariam em cisnes e voariam para longe, mesmo se você fizesse o seu truque com esses pinos.

John sorriu. —Veremos.

Seus olhos, sempre escuros, tinham ficado pretos de excitação, e outra coisa que Thornby não conseguia identificar. Mas ele sentiu que, dado o menor incentivo, John provavelmente tentaria qualquer coisa. Alguns homens simplesmente não, não importa como você tentava convencê-los. Alguns homens, ele sabia, deram uma olhada nele e viram: bonitos, magros, artísticos e decidiram ali mesmo o que ele gostava e queria. E isso o irritava muito.

John podia gostar de ser ditatorial no quarto, mas havia algo de receptivo nele também. Certamente, um homem poderia ser aventureiro em alguns aspectos de sua vida e conservador em outros, mas John, apesar de toda a sua cautela, parecia aberto à ideia de experimentação. Olhe para todo esse negócio de receber conselhos de um saco de sal! E Deus, ele era bonito. Thornby o considerara bonito o suficiente quando se conheceram, mas ele parecia ficar mais atraente quanto mais o conhecia. Era o jeito que ele fazia o ar estalar com possibilidades, o jeito que suas mãos pareciam ouvir quando estavam na pele de alguém.

Thornby pigarreou. —Bem, hoje vai durar para sempre, não é? Os Lazenbys chegam hoje de manhã e depois haverá caçada, seguidas de chá e jantar com cerca de vinte pratos. E então música, provavelmente, até eu gritar.

John, que estava olhando para ele, disse: —Sim. — Como se não tivesse ouvido, então recostou-se na cadeira, mudando visivelmente a tática. —Você sabe, se eu variar as barreiras quando eu der a ela o feitiço de fertilidade - será volumoso, mas ela conseguirá - eu poderia -

—Eu acho que vou deixar você com isso. Você deveria comer também.

—Desculpe. Conversando com você de novo.

—Não, é mais: se eu continuar olhando para você, morrerei de bolas inchadas. Você sabia que, quando pensa, tem uma carranca feroz que eu realmente acho bastante devastadora.

—Thornby. Soren. Espera; antes de você ir. — John enfiou a mão no bolso e tirou o que parecia uma pedra cinzenta comum do rio. —Eu quero te dar isso.

Thornby pegou na palma da mão e olhou mais de perto. Estava rodopiando internamente com o que parecia ser fumaça perolada.

—É um rastreador — Disse John. —Se você colocar no seu bolso, eu poderei encontrar você. Não consigo encontrá-lo usando os métodos comuns, mas se seu pai tentar esse truque com a corrente novamente, posso montar um símbolo e isso me levará direto para a pedra.

—Que coisa inteligente! — Ele segurou-o contra a luz; os redemoinhos cinzentos mudaram e brilharam. —Obrigado, John. Você é maravilhoso.

Apenas quando ele estava andando pela passagem em direção à sala de armas que ele percebeu o que havia dito.

Ele pretendia dizer 'é maravilhoso'. Mas não foi isso que ele disse.

John teria notado? Claro que ele percebeu; ele percebia tudo. Thornby sentiu-se estranhamente exposto - como na manhã em que John segurara o pé cheio de cicatrizes nas mãos. Importava se sentir assim? Thornby gostava de flertar com as pessoas e de dar elogios leves e exagerados que talvez não significasse realmente. Mas ele não falava assim. Parecia bastante sincero; quase um pouco ofegante. Como uma garota desmaiando sobre uma flor.

Ele percebeu que tinha congelado com a mão na balaustrada da escada principal. Ele podia ouvir vozes vindo pela passagem do primeiro andar - Sr. e Sra. Grey descendo para tomar café da manhã com pelo menos uma de suas filhas.

Desmaiar? Ele não fazia isso. Ele tinha o suficiente para se preocupar.

John o queria. E John poderia tirá-lo de Raskelf. Não era disso que se tratava? Uma troca justa? E se ele próprio gostasse tanto melhor.

Mas você é maravilhoso? Não estar dormindo por querer ver o homem no café da manhã? Mas a coisa era; John era maravilhoso. Surpreendentemente maravilhoso. Um maldito mágico. Com aqueles olhos escuros e aquele sorriso, e na cama-

Era como se outro caminho da floresta tivesse se aberto no meio de um quarto desarrumado e Thornby estava sendo convidado a descer por ele.

As vozes estavam se aproximando. Se ele não fosse agora, os Greys o encontrariam em pé no corredor, olhando para nada com um pau duro como um mastro de bandeira. Ele ajustou as calças da melhor maneira possível e correu pela passagem para garantir que Stewart não estivesse muito magoado para ver que eles estavam com as armas prontas.



Naquela noite, quando a última história de tiro foi contada, a última peça de piano aplaudiu e todos foram para a cama, Thornby pegou sua vela e se arrastou até o quarto de John. Ele não conseguiu falar com ele em particular desde esta manhã no café da manhã. Ele estava desesperado para saber se John havia descoberto alguma coisa. E tão desesperado para vê-lo. Mas o quarto estava vazio.

Eventualmente, ele encontrou John vagando na passagem perto da porta de Lorde Dalton. Uma vela brilhava em uma arandela manchada de ouropel, enviando sombras subindo pelas paredes.

—John? — Ele disse suavemente.

O rosto de John se iluminou por um momento, depois ficou solene. — Olha, eu não posso te ver hoje à noite. É melhor você ir.

—Você fez isso, não foi? Você encantou o pai.

—Sim.

Thornby não pôde deixar de tremer um pouco. Embora, em teoria, ele concordasse que Lady Dalton merecia ter as coisas do seu jeito pela primeira vez, na prática era um pouco horrível pensar em John fazendo algo tão íntimo,

tão controlador para qualquer pessoa. Certamente ninguém deveria ter tanto poder sobre outra pessoa? Thornby pousou a vela em um nicho de mármore vazio que outrora segurava um vaso de Sèvres. Provavelmente tinha sido vendido, como tantas outras coisas.

—Ela está com ele? — Ele disse.

—Não.

—Oh. Então, não deu certo? — Ele quase se sentiu aliviado.

—Eu não sei — John retrucou e acrescentou: —Desculpe. Pensei: melhor não funcionar do que algo dar errado. Mas eu posso ter sido muito sutil. Ele pode não procurar ninguém. Ele pode apenas... — Ele fez um movimento leve, mas inconfundível, com a mão.

Thornby estremeceu. —Essa coisa toda é horrível, não é?

—Pior para você, provavelmente. Ele é apenas um homem para mim. E não é muito legal também.

—Onde está minha senhora?

—Esperando dentro da porta do quarto dela. No momento em que ela o ouvir sair, ela abrirá a porta. Ou eu vou bater na porta dela. Ele a verá. Ele irá até ela. Essa é a teoria de qualquer maneira.

—Não seria mais seguro se ela esperasse aqui?

—Ela está de camisola. Veja bem, todo mundo já foi para a cama agora. Ele ainda está acordado, eu acho. Ouvi um barulho há pouco tempo.

—Ele não quer dizer, se ele ver você. Ele não vai tentar, não é?

John lançou-lhe um olhar ilegível. —Ele não é assim, é?

—Eu duvido. Como eu iria saber? Não. — Ele percebeu que nunca havia pensado nas predileções de seu pai e certamente não queria pensar nelas agora.

O som de uma porta se abrindo fez os dois pularem. Mas estava no corredor. Um momento depois, Lady Dalton apareceu. Ela usava uma camisola branca com um xale de renda enrolado nos ombros e carregava uma vela. Quando viu Thornby, fez uma pausa, depois levantou o queixo e veio na direção deles.

—Minha senhora. — Disse John.

—Blake. Boa noite, lorde Thornby.

Thornby fez uma mesura. —Senhora. Eu estava saindo. Desejo-lhe uma boa noite.

—Você sabe, não é? — Ela disse para ele.

John ficou vermelho. —Minha senhora, eu-eu-

—Não é culpa dele. Ele não ia me dizer. Eu arranquei isso dele — Disse Thornby rapidamente.

—Na verdade, ele me convenceu a seguir em frente. — John conseguiu dizer.

—Então, obrigada, lorde Thornby. Está tudo bem, Sr. Blake. Prefiro que você não tenha mencionado, mas desde que você o fez, bem. Não importa. De qualquer forma, pretendo bater na porta.

—Oh, você tem certeza? — John disse.

—Eu não estou esperando no meu quarto mais um minuto. Você fez sua parte. Agora estou fazendo a minha. Pode não ser uma dama, mas farei de qualquer maneira.

—Corajosa. — Thornby murmurou.

Lady Dalton levantou o queixo um pouco mais. —Vocês dois podem sair agora.

—Minha senhora, eu prefiro ficar. — Disse John.

—E eu prefiro que você vá, Sr. Blake.

—Caso algo dê errado.

—Não vai. Acabei de ter medo, Sr. Blake. Pedi para você fazer isso e estou assumindo a responsabilidade por isso. E eu preferiria...

A porta de lorde Dalton se abriu abruptamente, surpreendendo a todos. Sua senhoria ficou balançando na porta por um momento, iluminada pelo fogo que estava aquecendo seu quarto. A fumaça de conhaque saiu dele e suas roupas estavam despenteadas. Antes que alguém pudesse falar, deu um passo à frente e agarrou Thornby pela mandíbula.

—O que diabos você está fazendo aqui?

Thornby tentou se afastar. —Só estou dizendo boa noite, senhor.

—Droga, meus olhos, você se parece com ela.

Thornby olhou para ele horrorizado. Seu pai virou o rosto levemente de um lado para o outro, examinando-o. Thornby tentou se soltar, mas lorde Dalton se manteve firme.

Lady Dalton disse em voz alta: —Meu senhor!

—Eh? — Dalton virou-se para ela. Ele não soltou Thornby, mas seu aperto se soltou e Thornby conseguiu se libertar. Ele cambaleou alguns passos para trás, longe do pai.

—Meu senhor — Lady Dalton disse novamente, um pouco mais quieta, mas um desafio ecoou em sua voz.

Lorde Dalton emitiu um som perturbador na garganta, mas ele estava olhando para ela. Thornby percebeu que John havia pegado seu braço e estava tentando fazê-lo recuar silenciosamente pela passagem. Eles se afastaram até a porta de lorde Dalton se fechar, com o senhor e a dama dentro.

—Puta merda. Tudo certo? — John disse a ele.

—Bem. — Sua mandíbula estava queimada pelas mãos de lorde Dalton, como se por algum tipo de ácido que não fosse lavado. Ele estremeceu. Era um sentimento imundo, ter o pai olhando para ele como se ele fosse uma prostituta. Ele passou os braços em volta de si. —Ela vai ficar bem, você acha?

—Acredito que sim. Ele é o marido dela. Ela já esteve com ele antes.

—É melhor esperarmos?

—Você deveria ir. Eu vou esperar. Há um quarto livre em frente. Vou deixar a porta entreaberta. Se ela gritar...

—Posso esperar com você?

—Melhor não.

—Se ela gritar, dois não são melhores que um?

—Droga, Soren, eu tenho que dizer isso? Quase deu errado porque você estava aqui. Porque você se parece com sua mãe.

—Mas ele não teria. Na verdade não. Ele iria?

—Espero que não. — John olhou para ele e acrescentou: —Não, claro que não. Mas ainda acho que seria melhor se você não estivesse por perto.

—Que negócio absolutamente horrível.

—Sim, bem, isso é mágico, suponho. Por que você não vai para a cama? Vou dar uma olhada em você primeiro. Sim?

—Tudo certo. — Ele não parava de tremer. Ir para a cama fria sozinho era a última coisa que ele queria. Não que ele quisesse sexo agora, também. Mas ele queria os braços de John ao seu redor. Queria alguma evidência de bondade ou ternura no mundo, não apenas manipulação e horror.

John já estava andando silenciosamente de volta pela passagem para o quarto de hóspedes em frente ao pai. Thornby virou-se e começou a andar lentamente na direção oposta ao seu próprio quarto, imaginando subitamente se John alguma vez tentara incitar luxúria nele. Então ele lembrou que, é claro, a magia de John não funcionava nele. Então, tudo o que ele sentiu com John era bastante natural - ou pelo menos divinamente não natural.

Ele quase conseguiu fazer-se sorrir quando lembrou que estava fazendo tudo o que podia para incentivar John a descobrir certos símbolos antigos que poderiam funcionar nele.

Para libertá-lo, é claro.

Mas e se, quando se tratasse, John não escolhesse libertá-lo?

Só que ele faria, é claro.

Mesmo assim, Raskelf se parecia mais solitária e mais fria do que o habitual, e quando chegou ao seu quarto estava quase aliviado por John não vir hoje à noite. Ele deitou-se e ficou acordado por muito, muito tempo.



John sentou-se no chão, no escuro, logo na porta da sala de espera e esperou Lady Dalton gritar. Ou não.

Quando Dalton pegou Soren assim -

Ele respirou com dificuldade, tentando se livrar da tensão. Tão facilmente que poderia ter dado errado. Ele desejou poder ter ido com Soren. Talvez não para sexo; o conhecimento de que lorde Dalton estava com lady Dalton era de alguma forma o maior assassino de paixão que se possa imaginar - mas apenas para estar com ele. Apenas para segurá-lo e sentir seu calor. Como seria bom olhar para aqueles lindos olhos cinzentos e vê-los sorrir.

Ele esperou várias horas e quase cochilou quando ouviu a porta se abrir, e Lady Dalton sussurrou: —Sr. Blake? Lorde Thornby?

Ele se levantou e abriu a porta.

Ela estava na porta do quarto de lorde Dalton, com uma vela na mão. Ele ficou tão aliviado ao vê-la sem machucados ou lágrimas que, a princípio, ele não conseguiu falar.

—Eu sabia que você esperaria. — Ela sussurrou. —Você deve ler isso.

Ela estava empurrando um pedaço de papel para ele.

—O que é isso? Você está bem? — Ele pegou, mas não olhou.

—Sim, sim, estou bem. — Ela parecia impaciente. —Leia-o. Estava no bolso dele

—E ele-?

—Adormecido.

Ele ouviu e de fato ouviu roncos fracos. —O encanto dura até o amanhecer. — Ele a lembrou.

—Pelo amor de Deus, Sr. Blake — Ela assobiou. —Você vai ler a carta!

Ela abaixou a vela para facilitar para ele.

Lorde Dalton,

Fico aliviado ao ouvir que os períodos de mania de lorde Thornby

parecem ser menos frequentes e de natureza mais severa à medida que as perspectivas de seu casamento melhoram. Como seu senhorio apontou com tanta razão, comportar-se com bondade e moral nesses casos é sempre o melhor, e a orientação amorosa de um pai pode ser o único tratamento necessário nesse caso. Muitos rapazes de temperamento sensível podem estar nervosos antes desse grande passo na vida, e todos podem se resolver quando ele estiver satisfeito.

Com relação aos períodos de apatia que você menciona, sugiro que seja aconselhável um emprego terapêutico adequado para um jovem do posto de Lorde Thornby, desde que não seja muito cansativo ou excitante.

Sua última carta me deixou muito à vontade e acredito que há verdadeiros motivos para otimismo. No entanto, se você precisar de meus serviços no futuro, não hesite. As reversões podem ocorrer repentinamente e uma ação rápida pode ser melhor do que atrasar demais.

Se você se encontrar nesta posição, posso assegurar-lhe que o interior da Casa Clifton é muito confortável e bem adaptada, tendo sido construída para esse fim.

Seu servo, senhor

Gilbert Holmes, MD, Superintendente, Casa Clifton, York

John olhou para ela, sangue frio.

—Casa Clifton. — Disse ela. —É um manicômio perto de York.

Ele assentiu, sem encontrar palavras.

—Você deve tirá-lo, Sr. Blake.

—Estou tentando.

—Ele deve adiar o casamento o máximo que puder. Eu nunca acreditei nele. Todas essas coisas que ele diz no jantar. Mas é verdade. Seu instinto sempre esteve certo! Dalton vai casar ele, esperar até que ele tenha o dinheiro da garota e depois desacreditá-lo e pegar o dinheiro ele mesmo.

—Sim.

—Dalton é um monstro, não é? — Sua voz de repente quebrou. Ela deu

um soluço e bateu a mão na boca para se silenciar.

—Minha senhora, pode não ser da natureza dele. Ele é amaldiçoado. Pode estar levando ele a fazer essas coisas.

—Para colocar seu filho em um asilo, mesmo que ele seja sensato? O que poderia ser tão importante que ele faria isso?

—O dinheiro, eu suponho.

—Mas ele simplesmente o gastará em pedaços de rocha inúteis no meio do mar! Qual é o objetivo, senhor Blake? Qual é o propósito dele?

—Eu não sei. Eu estou tentando descobrir isso. Se eu pudesse entender...

Houve um som no quarto atrás dela, de um homem bufando e virando na cama, depois roncando novamente em um timbre ligeiramente diferente.

Ela imediatamente teve o controle de si mesma novamente. Ela arrancou a carta da mão de John. —Você pode ir agora, senhor Blake. Sou capaz de administrar o resto da noite.

—Eu vejo isso, minha senhora. Obrigado.

Ela assentiu e se foi. Ele ficou no escuro, olhando para nada por um longo momento, depois puxou o galho de sorva e o enxofre do bolso, acendeu a luz e partiu pelas passagens escuras para Soren.

CAPÍTULO ONZE

Thornby acordou e encontrou seu quarto banhado em uma luz azul-branca antinatural, e John em pé ao lado de sua cama parecia pálido e pavoroso como um cadáver. Ele se encolheu instintivamente e alcançou os fósforos.

—O que aconteceu? — Pelo brilho quente da luz das velas, John parecia mais vivo, mas ainda assombrado. —Ela está bem?

—Ela é muito corajosa. Seu pai não a merece.

—Sim, mas ela está bem? Você parece terrível.

—Ela está bem. Eu acho que pode ter funcionado. Tudo parecia certo.

—Mas isso não é bom? Então qual é o problema?

—Receio ter algo a lhe dizer.

Thornby ouviu em silêncio a história sobre a carta e tudo o que ela implicava. Ele achava que não tinha mais ilusões sobre o pai, mas a palavra "manicômio" enviou um raio de terror através dele que, por um momento, afastou o pensamento racional. Talvez ainda houvesse uma parte dele que quisesse acreditar na coisa toda algum mal-entendido terrível; que o pai queria que ele se casasse por razões benevolentes. Agora essa parte dele morreu.

—Posso sentar? — John disse, fazendo-o pular.

Thornby assentiu, não confiando em sua voz, e se moveu para abrir espaço. John sentou na beira da cama e colocou a mão sobre a dele. Seus cabelos geralmente arrumados estavam despenteados, sua gravata solta, manchas escuras estavam sob seus olhos. Ele estava olhando para nada, como se ele comesse um vivo, se alguém limpasse a garganta.

Sim, ele parecia assustador. Sim, ele apenas encantou o pai. E, sim, ele provavelmente poderia fazer mil coisas alarmantes apenas com o conteúdo de seus bolsos.

Mas ele era um homem decente tentando fazer a coisa certa. Não, era mais do que isso. Ele era o tipo de homem que dava nozes a ouriços, que ouvia jovens assustadas e tentava fazer você sorrir quando parecia que o mundo estava desmoronando. E então ele poderia transar com você até você esquecer seu próprio nome. Thornby ficou subitamente envergonhado por ter medo dele mais cedo. Era o pai que lançava horror a tudo. Se John encontrasse uma maneira de deixá-lo ir, é claro que ele a usaria.

Thornby virou a mão e entrelaçou os dedos. John olhou para ele e tentou sorrir. Ele não conseguiu, mas o fato de estar tentando encheu o lugar vazio dentro de Thornby com algo quente. Talvez fosse esperança?

—Você olhou para aquele cabelo? — Thornby perguntou. —Você disse que pode ser útil.

—É útil. Eu só tenho que encontrar o símbolo certo.

—Espero que você tenha tido tempo hoje.

—Eu recebi um símbolo da corda. Parecia parcialmente certo. — John balançou a cabeça, olhos distantes, provavelmente lembrando de linhas ocultas e curvas de sal. —Mas algo estava faltando. Algum material extra, talvez? Eu não sei. E não ouso experimentar até ter certeza; isso pode destruir o cabelo.

—Eu entendo.

John acariciou o polegar sobre o pulso de Thornby, calmante, encorajador. —Foi promissor, mas a corda fica angustiada se eu pressioná-la com muita força. E então é difícil entender o que isso significa. Vou pedir novamente amanhã.

—Fica angustiada? O que diabos é isso?

—É uma corrente de mágica. É muito antiga. Muito mais velha que qualquer outra coisa que eu uso. É em parte por isso que tenho tanta esperança. Já viu séculos de mágica.

—Mas do que é feito?

John lançou-lhe um olhar longo e pensativo. —Segredo comercial.

Apesar de tudo, Thornby quase sorriu. —Continue, me diga.

—Você não quer saber. — Disse John, primariamente.

Deliberadamente agravante, Thornby tinha certeza. —Espero que você perceba que vou persegui-lo até que você me diga — Disse ele. —Posso ver?

—Pelo que? — John parecia suspeito.

—Se é angustiante tentar me ajudar, então gostaria de agradecer.

—Oh.

O olhar atordoado no rosto de John realmente o fez sorrir. —É preciso ser sempre um cavalheiro, John, não importa as circunstâncias.

John fechou os olhos por um momento, balançando a cabeça em descrença. Quando os abriu novamente, eles estavam sorrindo, e o sulco entre as sobrancelhas não era tão profundo.

—Aqui então — Disse ele, e puxou a coisa do bolso. Estava bem enrolada; marrom-claro, fina, com aquelas runas de aparência antiga escritas sobre ela. Thornby imaginou que não teria sido descoberto no bolso de John, mas talvez não ligasse.

Ele tocou com a ponta do dedo. —Bem, Sra. Corda, você tem meus agradecimentos. — Ele se sentiu um idiota, agora tinha chegado a isso, mas pelo menos John estava sorrindo novamente. —Entendeu?

John deu de ombros sem se comprometer.

—Você não pode dizer o que está pensando? — Thornby disse.

—Para dizer a verdade, é um pouco assustador. Não leve isso para o lado pessoal. Ela teve uma vida difícil. Tem medo de todos, menos eu.

—Espero que saiba que não machucaria. — Thornby deu um golpe cauteloso, imaginando novamente do que era feito. —Algum dos seus materiais tem medo de você?

—Claro que não. — John franziu a testa, talvez tentando imaginar um estado de coisas tão peculiar. —Eles gostam de mágica. Sem ela, eles não... bem, eles não estão exatamente vivos, mas não sentiriam nada.

—Mas as pessoas têm medo de você. As vezes. Eu quase estava mais cedo. Saber o que você fez com o pai.

John, que estava colocando a corda de volta no bolso, olhou para cima, a dor em seu rosto tão nua que Thornby estendeu a mão para limpá-la. Ele acariciou a mandíbula de John com um dedo e passou o polegar sobre a boca.

—Sr. Blake, você pode ser um dos homens mais alarmantes que conheci, mas acho que você também é o mais gentil. Eu não tenho medo de você. E para provar isso, tomarei algumas liberdades com você. Possivelmente alguém que ninguém se atreveu a tomar antes. Se você não está muito cansado. — Ele puxou John para a cama e começou a tirar a roupa. —Hmm, aqui está uma parte de você que está acordando. O resto de vocês pode ir dormir, se quiser.

—Soren. Não faço mágica por horas, além da luz.

—Tudo bem então, continue.

Thornby recostou-se, irritado com o atraso, enquanto John tirava pinos do bolso e fazia o que tinha que fazer. John não se levantou. Ele entregou cada pino carregado a Thornby, que se inclinou para o lado da cama e os colocou no tapete. Eles se pareciam perfeitamente comuns, frios e sem vida, mas se equilibravam daquela maneira impossível e desafiadora da gravidade.

Ah, mas John era bom em beijar. Ele beijou com total convicção, sem nada contido. Ele beijou como se fosse, por pura força de vontade, de alguma forma transcender a corporalidade e beijar a própria alma de Thornby - e ele ainda nem havia removido sua gravata. Thornby tirou a própria camisola com um movimento rápido, ajoelhou-se sobre ele e começou a separar o Sr. Blake, começando com suas roupas.

A questão prosseguiu até que Thornby estava ajoelhado entre as pernas de John, a boca apertada em torno de seu pênis. Depois de um tempo, John tentou se sentar, puxá-lo para cima dele. Thornby balançou a cabeça.

—Blake. Hoje à noite, estou no comando. Eu sou um conde, você sabe. Eu tenho todos os tipos de direitos sobre você. Então, deite-se e cale-se. Sim?

John obedeceu. Provavelmente não era algo que acontecia com muita frequência. Thornby sorriu um pouco ao redor de seu pênis. Melhor aproveitar ao máximo.

Ele era, como ele havia dito a John, bastante experiente na porra de homens. Certamente, ele era experiente o suficiente para saber que, se John tentasse e não gostasse, não seria bom ir muito longe, muito rápido. Então, ele seria gentil; ele provocaria, lamberia, acariciaria e pressionaria. Ele assumiria a liderança de John, mas provavelmente não haveria porra - não hoje à noite, pelo menos. Mas talvez ele levantasse aquele idiota muito tentador.

Então, ele chupou o pênis de John até sentir um gosto doce e líquido, e John estava gemendo, a cabeça jogada para trás, as veias do pescoço se destacando. Então, ainda sugando, Thornby começou a acariciar as coxas, bolas e a área entre as bolas e a bunda de John. Ele molhou os dedos e começou a segui-los pelo buraco do John.

—Posso tocar em você aqui?

—Eu pensei que você estava no comando?

Thornby esfregou a ponta do dedo na dobra escura, muito gentilmente, mas com firmeza suficiente para não fazer cócegas. Ele repetiu a ação. A respiração de John gaguejou. Seu pênis estava muito duro. Thornby garantiu que tudo estivesse realmente molhado e deslizou o dedo indicador para dentro, até a primeira articulação.

John se mexeu um pouco na cama; quase estremeceu, e seu pau amoleceu um pouco. Thornby retirou o dedo.

—Demais?

—Geralmente não permito isso.

—Desculpe.

—Não. Você pode. Vou dizer se quero que você pare.

Thornby sorriu e enfiou o dedo, dessa vez indo um pouco mais fundo, deixando John se acostumar com a ideia de ser tocado por dentro. Então ele retirou o dedo na maior parte do caminho e começou a se concentrar no pênis de John novamente - lambendo e chupando, deslizando o prepúcio para cima e para baixo, ocasionalmente colocando a outra mão em jogo, acariciando o eixo, apertando suavemente.

John estava duro como uma pedra, a cabeça de seu pênis quase roxa. Thornby deixou outro dedo se juntar ao primeiro e empurrou um pouco mais forte. Ele estava procurando aquele lugar que fazia os homens tremerem e soluçarem e se espalharem para deixar você entrar. No momento em que o encontrou, John ficou tenso e agarrou o lençol com as duas mãos e ofegou: — Porra!

Thornby fez um barulho encorajador e começou a chupar um pouco mais rápido, e ao mesmo tempo mover os dedos mais rápido e com mais firmeza.

—Ohhh, porra. — Disse John. Foi um gemido angustiado, como um homem orando por sua vida. Ele estava movendo os quadris, empurrando contra a mão de Thornby, e um momento depois ele estava gozando na boca de

Thornby, apertando a bunda com força nos dedos de Thornby, gritando no quarto frio de uma maneira que não era sensato.

Thornby esperou até o último estremecimento passar por ele, depois tirou os dedos e olhou para cima. John estava olhando para ele, um pouco atordoado. —Maldito seja. — Disse ele. Ele soou, por um segundo, não o cavalheiro que aprendeu a ser, mas o filho de um peixeiro que se surpreendeu.

Thornby vasculhou seu cérebro por algo alegre. Se John estivesse se sentindo vulnerável, como os homens às vezes, uma piada o deixaria rir e se sentir melhor. E, de qualquer forma, ele gostava de ver John sorrir. Mas ele não conseguia pensar em nada. Ele sentiu como se tivesse acontecido algo que não fosse apenas sexo. John havia lhe dado algo precioso. E ele nem tinha vindo, embora seu pênis estivesse latejando como se um único toque o desfizesse.

Então ele se lembrou daquele grito. Foi realmente muito alto. Lisonjeiro, é claro, mas que prazer se o Sr. Gray ou o Sr. Lazenby tivessem ouvido e decidido investigar. Levantou-se, colocou a cadeira sob a maçaneta da porta novamente e lavou as mãos no drible de água fria do fundo da jarra.

Ele estava prestes a voltar para a cama quando notou algo branco ondulando suavemente ao lado dos pinos de ferro ao lado da cama. Ele quase pisou nisso. Ele olhou mais perto e quase deu um grito de surpresa.

Era um polvo. E deveria pertencer a John, porque tinha um tentáculo enrolado em um pino como um cavalheiro segurando uma bengala. Isso deu a Thornby um olhar de dignidade afrontada que ele murmurou 'perdoe' por isso.

—Você percebe que há um polvo embaixo da cama? — Ele disse, ficando debaixo das cobertas.

John, que estava passando um braço em volta dele, ficou parado por um momento. —Tem? Sim tudo bem. Não estou surpreso.

—Seu, é?

—Não. — John começou a beijar o pescoço de Thornby, mordendo-o um pouco; os arrepios fizeram os dedos de Thornby se enrolarem e seu pênis se contrair.

—Não é?

—Perto do pino, não foi? — John disse.

—Sim.

—Mmm. Sempre existe algo em que fazemos sexo. Sempre coisas do mar: conchas, cracas, estrelas do mar. Agora um polvo. Acho que somos nós que os manifestamos.

—Mas eu pensei que os pinos parassem tudo isso. Não é para isso que eles servem?

John estava arrastando beijos pelo peito, enrolando a língua em torno de um mamilo. Ele olhou para cima. —Sim. Mas nunca estive com ninguém como você antes. E nunca me senti... — Ele parou e deu um beijo perto do umbigo de Thornby. —E você? Já teve um mágico antes?

—Acho que não. — A ideia que ele poderia ter, sem saber, era levemente alarmante.

—Não? E o mar? Você gosta disso?

—Eu não aguento, além das peças marítimas de Turner. Isso me lembra aquele momento terrível à beira-mar com o pai. E meu pé.

—Bem, não se preocupe com o polvo. Vai desaparecer em breve. — John estava puxando seus quadris, movendo-o para uma posição mais conveniente.

Thornby franziu a testa. —Sim mas-

Mas ele não foi além, porque John de repente o prendeu na cama com as mãos firmes e começou a chupá-lo sem piedade, atualmente deslizando alguns dedos em sua bunda. E logo poderia haver um kraken embaixo da cama e ele não se importaria se John não se importasse. Havia apenas a boca e a mão de John, e a sensação pulsando através dele. Ele veio, urgente e docemente, mordendo o próprio punho para parar de gritar. Ele não era geralmente um gritador, mas havia algo na maneira como John fazia isso que quase o fazia se esquecer completamente.

—Eu deveria ir. — John murmurou depois. Sua voz se arrastou com cansaço.

—Vá dormir. Vou ver a empregada quando ela vier. — Mas ele bocejou.

—Você deveria dormir também. Eu vou.

John levantou-se, vestiu roupas suficientes para a decência, juntou os pinos e desapareceu. Estava muito mais frio sem ele. Thornby colocou a camisola novamente e olhou por cima da beira da cama. O polvo não estava em lugar algum, mas ele não se sentiu aliviado. Em vez disso, ele ficou um pouco desanimado, como se um amigo tivesse saído sem se despedir. Ele se estabeleceu no local onde John estava deitado. Ainda cheirava a ele, levemente, e havia algum calor residual. Thornby puxou o edredom por cima da cabeça e estava dormindo.



Thornby acordou com uma dor aguda no peito, como se algo o estivesse mordendo. Ele ofegou e convulsionou, curvando os joelhos, tentando pegar a fonte da dor. Seu cérebro acordado lançou-lhe algumas ideias confusas sobre cobras ou ratos. Mas suas mãos não encontraram nada. Os olhos dele se abriram. O fogo estava aceso e as cortinas se abriram e, na luz cinzenta da manhã, o vermelho sangue escorria pela frente da camisa de dormir.

Então a agonia retornou duas vezes. Ele se esfaqueou na cama, segurando o peito, tentando se afastar do que o estava machucando. Ele se apoiou em um cotovelo. Nada de afiado estava lá - apenas os cadarços da camisa de dormir. No entanto, a dor queimou através dele novamente. Ele se levantou da cama, meio caindo, e rasgou a frente da camisa de dormir. Havia duas barras longas em seu peito, quase de mamilo para mamilo, ambas sangrando livremente. E enquanto ele observava, outra começou a se abrir. Ele a agarrou, tentando segurar sua pele junto com as mãos, torcendo em agonia, tentando escapar.

Um ataque. De lugar nenhum.

Seu pé pegando fogo todos aqueles anos atrás.

Isto era o mesmo. Era mágica. Pai estava cortando o sinal.

Ele deveria chegar a John, porque John poderia encontrar pessoas. Pai os levaria direto a isso.

Ele cambaleou até a porta, o peito queimando e latejando. A frente da camisa de dormir grudava nele, brilhando em vermelho, como se ele tivesse seu coração cortado. Ele colocou os dedos pegajosos de sangue na maçaneta da porta e congelou quando passos passaram rapidamente. Mas ele tinha que chegar até John agora. Ele abriu a porta para ver a forma desaparecida de uma das empregadas domésticas. Além disso, a passagem estava vazia. Por enquanto. Ele correu, curvado, esperando mais dor a qualquer momento. Ele chegou à porta de John e a atravessou.

John sentou-se, cabelos despenteados, olhos já alertas. —Soren? Cristo! Que porra é essa! — Ele pulou da cama, vestindo nada além de cuecas e camisa.

Thornby agarrou a cabeceira da cama. —O símbolo. Ele Ele-

As palavras eram difíceis demais. Ele deixou a camisola rasgada se abrir. Havia três cortes longos, os dois inferiores mascarados de sangue, como se ele tivesse sido cortado com uma navalha. O sangue escorria pelo estômago e além.

John estava tirando coisas dos bolsos da jaqueta, que estavam sobre o suporte. —Não tenha medo. Isto é uma coisa boa. Se o seu pai está fazendo isso, ele nos levará direto a ele, o bastardo.

Thornby amontoou as bordas irregulares da camisola encharcada de sangue e tentou conter o sangramento. Não tenha medo? Ele estava tremendo de medo. Pai poderia machucá-lo a qualquer momento, sem aviso prévio. Pelo menos, com um golpe, geralmente se podia ver isso chegando. E se o pai decidisse fazer pior do que cortá-lo? E o fogo? Ele já usou isso antes. E se-?

John estava ajoelhado no tapete, fazendo um intrincado padrão de sal. Ele colocou um cortador de charutos no centro, sacudiu um pequeno frasco e derramou algo que parecia sangue sobre o sal próximo. Ele pegou o olho de

vidro em uma mão. Então ele tocou o sal dessa maneira intencional e deliberada, e o cortador de charutos brilhou vermelho e derreteu em uma poça amarela, queimando um buraco no tapete.

—Ele está no parque. A oeste da casa — Sisse John.

—No Parque? — As bordas da visão de Thornby estavam escurecendo. Ele caiu de joelhos. —Onde?

—Não sei. — John estava vestindo suas roupas. —Ele está em movimento.

—Eu... não...— Thornby fechou os olhos por um momento, tentando se concentrar. —Onde, exatamente, no parque?

—Não sei. Vou procurar. — John parou na frente dele para agarrar seu ombro, depois saiu correndo da sala.

O símbolo que John criara ainda estava no chão, o cortador de charuto derretido, uma bolha preta incrustada de cinzas. Ele ficou com tanta pressa que deixou seu sal para trás. Isso era diferente dele. Thornby tocou a linha de sal mais próxima com um dedo ensanguentado. Isso o fez se sentir um pouco melhor, como se estivesse tocando a mão de John. John agiu rápido. Veja como ele tinha aquele cortador de charutos, que devia pertencer ao pai, como se estivesse esperando essa mesma eventualidade. Mas ainda levara tempo para chegar aqui, fazer o símbolo e localizar lorde Dalton.

Papai ainda estaria lá, com ele? Ou ele teria escondido de novo e saído?

Thornby deveria ir sozinho ao parque para ajudar John a olhar.

Ele cambaleou de volta para o quarto e chutou a camisola ensanguentada debaixo da cama como um segredo culpado. Havia água morna no jarro, então ele se limpou e começou a se vestir. Mas suas mãos tremiam para que ele mal pudesse apertar seus botões. Seu peito ardia e sua cabeça continuava girando. Pior era a antecipação hedionda: esperar, o tempo todo, que a dor pudesse voltar novamente, e ele nunca saberia quando. Ele se atrapalhou com as fivelas nos joelhos, mas eles o derrotaram completamente. O que isso importa? Ele estava usando essas roupas ridículas para irritar o pai. E o pai não se importava, não mesmo.

Ele começou a descer a passagem. Parecia mais escuro que o normal e mais estreito. Cheiros estranhos o atacavam: perfume velho e pedra empoeirada cobrindo um fedor de carniça doentio. O ar parecia pressioná-lo para que ele mal pudesse respirar.

Ele chegou ao pé da escada quando a escuridão desceu como se fosse noite escura como breu. Ele se agarrou ao corrimão. Havia uma corrida peculiar em seus ouvidos. Era seu próprio sangue subindo? Os joelhos estavam doendo. Ele tinha certeza de que não havia soltado o corrimão, mas não conseguia mais sentilo em suas mãos. Ele estava deitado sobre uma superfície fria e irregular que não era a escada ou o chão do corredor. Estava tão frio, tão escuro. E, de alguma forma, sempre fora frio e escuro. Ele torceu a cabeça, tentando encontrar um sussurro de ar fresco ou um vislumbre de luz. Mas não havia, e nunca houve. Ele tentou se reunir - é claro que havia luz do sol e ar fresco do outono. Mas essas coisas não pareciam reais. Durante toda a sua vida, ele esteve preso aqui neste frio terrível, nessa escuridão terrível. Sempre confinado. Sempre.



John saiu para ver lorde Dalton chegando a galope em seu grande puro-sangue castanho. Ele tentou seguir a trilha do cavalo, mas ele levou em direção à vila, e o caminho era tão enlameado que era difícil de entender. Quanto tempo levou Soren para chegar até ele? Quanto tempo para lançar o símbolo, se vestir e sair? Dez minutos? Para estar seguro, ele deveria supor que o token pudesse estar em um raio de quinze minutos. Quão rápido o cavalo de Dalton poderia galopar? Muito rápido - era uma boa criatura.

Ele estabeleceu o símbolo para encontrar lorde Dalton. Mas e se seu senhorio tivesse enviado alguém para fazer o trabalho sujo? E se lorde Dalton

estivesse simplesmente desfrutando de um passeio inocente de manhã cedo? John examinou a ideia. Cheirava a merda de cavalo, então provavelmente era. As chances eram de que Dalton fizera isso sozinho. John sentiu uma pontada de culpa; ele não pôde deixar de se perguntar se isso era de alguma forma vingança. Por um momento, na noite passada, lorde Dalton viu sua esposa morta em seu filho. Talvez ele tenha percebido que seus apetites haviam sido manipulados. Esse ato cruel foi algum tipo de retribuição?

Mas pelo menos agora eles sabiam que o token estava no parque, em algum lugar a um galope de quinze minutos. Eles estavam se aproximando. Onde Dalton o esconderia ao ar livre? Poderia ser enterrado, ou enfiado em um nicho em uma parede de pedra, ou talvez em uma árvore oca. John ergueu os olhos da pista lamacenta, considerando os velhos carvalhos e olmos e as suaves curvas verdes do parque.

Ele queria continuar procurando, mas havia algo errado com Soren além daqueles cortes desagradáveis. Quando ele tocou o ombro de Soren, uma sacudida daquela estranha estranheza pulsou através dele, e estava gritando - o grito louco e mágico de algo empurrado além de seus limites. Algo estava quebrando. Soren romperia com isso?

John se virou e correu de volta para casa. Ele entrou na ampla porta da frente de Raskelf para um grupo de pessoas, todas de costas para ele, todas olhando para alguma coisa na Grande Escada. Os Greys estavam lá, todos os cinco. Uma criada de aparência confusa, fugiu do grupo.

John empurrou para a frente e encontrou Soren deitado na escada. Ele estava vestido com o habitual calção e casaco preto da Regência, mas estava despenteado e pálido com uma marca de mão ensanguentada no rosto. Seus olhos estavam abertos, mas sem foco. Ele estava ofegante. O Sr. Grey estava tentando ajudá-lo a se levantar.

—Sr. Blake, lorde Thornby está doente! —Ele não tinha certeza de qual das damas havia falado. Uma das garotas estava chorando.

—Sr. Blake! Sua ajuda, por favor — Disse o Sr. Gray e, em seguida, para a

esposa. — Minha querida, verifique se a garota procura um médico. Bom Deus! A equipe aqui!

Eles levantaram Soren e começaram a carregá-lo para seu quarto. Ele não estava andando; seus pés se arrastavam atrás dele e sua cabeça balançava.

—O que aconteceu? — John disse. Os gritos mágicos pararam, mas ele ainda podia sentir aquele terrível erro. Dalton tinha feito demais? E se Soren nunca mais voltasse?

—Nós o vimos nas escadas. Parecia que ele estava vendo um fantasma! Eu nunca vi alguém assim. Então ele desmaiou. Eu acho que ele está sangrando no peito. Eu não entendo. — O rosto redondo do Sr. Grey estava vermelho de esforço e alarme.

O braço de Soren estava flácido ao redor dos ombros de John, sua mão como gelo. Eles o levaram ao seu quarto e o colocaram na cama, que estava desarrumada com sangue nos lençóis. John pegou a mão dele. —Soren? Soren!

—Senhor Blake, lorde Thornby tem algum problema que eu deva conhecer? Consumo, talvez? — Disse o Sr. Gray.

Os dedos de Soren de repente se apertaram por conta própria, mas seus olhos não focaram. —John?

Alívio o inundou. —Sim estou aqui. E o Sr. Grey.

—Você não encontrou, encontrou? — Soren disse.

John olhou para o Sr. Grey. —Eu posso gerenciar, Sr. Grey. Obrigado pela ajuda.

—Eu vou ficar até o médico chegar, não é? — Sr. Grey disse.

—Nós nunca encontraremos, encontraremos? John, eu... acho que não posso suportar... — Soren começou a chorar.

—Soren! Claro que vamos encontrar! — Observá-lo chorar já era ruim o suficiente naquela noite no bosque. Agora, John sentiu como se seu coração estivesse preso em um vício.

—Por que ele me odeia tanto? Foi ele, não foi, quem queimou meu pé? E agora-

—Sobre o que ele está falando? — Sr. Grey disse. —Febril, eu acho.

—Sr. Grey, talvez você possa garantir que alguém traga conhaque? E sais? E ataduras, água, toalhas e assim por diante? — Ele fez a lista o máximo que pôde, esperando dar a Soren tempo para se recuperar. —Os sinos nem sempre parecem funcionar aqui. Talvez seja melhor você ir até a cozinha.

—Sim tudo bem. Devo dizer que não penso muito na equipe daqui. Lorde Dalton deve ser um santo; Eu não toleraria isso. — O Sr. Grey saiu da sala.

—Soren, o que aconteceu?

—Eu pensei que tinha morrido. Estava tão frio. E escuro. Eu não conseguia me lembrar da luz. Eu não conseguia me lembrar do sol.

—Você pode me ver agora?

—Por pouco. — Ele tocou a bochecha de John. Seus dedos estavam tão frios que quase queimaram. —John. Eu gostaria de conhecer você em Londres.

—Soren

—Na verdade não. Você me odiaria.

—Claro que não.

—Você poderia. Eu fui horrível. Um esnobe pequeno preso. Você poderia ter me fodido.

—Você não pode falar assim. O Sr. Grey pode voltar a qualquer momento. E eles chamaram um médico.

—Um médico! — Ele se levantou, quase batendo a cabeça deles. —Eu não estou vendo nenhum médico! Eu não preciso de um médico maldito! Você é quem eu preciso. Você tem que me tirar daqui! Eu não ligo como. Faça o que quiser. Use esse símbolo que a corda lhe disse. Você não experimentaria antes. Mas vai ficar cada vez pior.

—Não me peça para fazer isso.

—Mas eu estou. Estou implorando. John, você não vê que eu não aguento mais? Não são os cortes, é depois. Isso... que escuridão sufocante. Não aguento mais isso. Se eu ficar mais, ficarei louco.

Eles se encararam.

—Por favor. — Soren sussurrou, a voz tremendo.

Por fim, John disse: —Você fará o que eu digo. Se eu disser que estamos parando, paramos. E se eu disser para você correr, você corre.

—Sim, claro. — Sua voz ainda era um sussurro.

—Tudo certo. Nós não podemos ficar aqui. Alguém pode voltar a qualquer momento. Você pode andar?

Para responder, Soren levantou-se e tentou mancar através da sala. Seus joelhos quase cederam. John pegou o braço dele e o colocou sobre os próprios ombros. Ele levou Soren para seu próprio quarto, instintivamente indo para seus materiais. Mas uma vez lá, ele percebeu que, quando o médico chegara, esse era um dos primeiros lugares em que eles poderiam procurar.

John sentou Soren na beira da cama enquanto ele recuperava o sal, e então passou um braço em volta dele novamente. Ele considerou as coisas na mala. Do que ele precisa? Faltava algo no símbolo que a corda havia lhe dado. Era algo potente. Mas o que? Ele mal podia pegar o baú inteiro. Ele tinha o básico nos bolsos - ele nunca foi a lugar nenhum sem eles. Ele ficou sentado, com o braço em volta dos ombros de Soren, a mão fria de Soren na dele. Ele podia sentir o sal pulsando no bolso. A corda parecia estar deslizando por lá também, como uma cobra viva. Impossível. Era imaginação. Nervos.

Ou não?

Ele podia sentir algo emanando dos materiais nos bolsos, algum tipo de mensagem. Uma tensão quente crescia na boca do estômago, quase uma coisa sexual, como se Soren pudesse beijá-lo a qualquer momento. Ele não iria, é claro; ele estava branco como um lençol, com os olhos fechados, e claramente se concentrava em ficar de pé. Mas o sentimento deu a John coração; havia potencial aqui em algum lugar. Os materiais sabiam disso. Melhor ir a algum lugar por perto, mas deserto; a ala oeste.

—Venha então. — Disse John, e eles deixaram o quarto, deixaram o baú e seguiram pela passagem até um dos muitos quartos vazios.



Thornby estava deitado em uma poltrona coberta de poeira, observando John, que estava ajoelhado no chão a alguns metros de distância, com os materiais dispostos à sua frente. Um longo silêncio enchia o quarto vazio. Era tão profundo que Thornby quase podia vê-lo espessando o ar, rodopiando como aguarrás; ele quase podia senti-lo, macio contra sua pele. John começou a organizar as coisas; a corda em um grande círculo, o olho de vidro ali. Ele começou a colocar o sal em um daqueles estranhos padrões de linhas e círculos; depois, no meio, ele parou e houve outra longa pausa.

No passado, quando John fazia mágica, Thornby o observava com interesse suficiente. Não era todo dia que se via um mágico trabalhando, mas ele não sentia nada além de uma curiosidade natural. Desta vez foi diferente. Desta vez, havia um cheiro estranho no ar. Não era exatamente desagradável, mas era picante, afiado e doce ao mesmo tempo, como vinagre com baunilha. Havia algo estimulante nisso. Sua cabeça começou a clarear. Ele se inclinou para a frente na cadeira, sentindo-se mais alerta.

Não era apenas o cheiro; John parecia diferente também. Sombras pareciam se acumular ao seu redor, como se ele estivesse sugando a luz do ar e colocando-a em seu padrão de sal. Mas o mais estranho era como tudo no quarto parecia estar ciente de John. De alguma forma, a porta, as paredes, a janela, o carpete recortado, a cama e todos os móveis cobertos de folhas pareciam ouvir John da mesma maneira que uma multidão ouve um pregador de fogo e enxofre.

John estava adicionando mais círculos e linhas ao seu padrão. Então ele pegou sua carteira e tirou do papel o único cabelo castanho dourado que haviam encontrado no compartimento secreto na mala. Ele colocou o cabelo no meio de um dos círculos de sal. Thornby lembrou-se do que havia acontecido com o

cortador de charutos. Eles tinham uma chance. Se John entendesse errado, eles perderiam sua única pista.

Thornby descobriu que ele levantou inconscientemente da cadeira e se afastou. Claro, ele pediu a John para fazer isso. Claro, ele confiava em John. Que escolha ele tinha? Qualquer coisa seria melhor do que ficar preso aqui à mercê do pai. Ou sendo enviado para um asilo lunático. Mas ele não conseguia parar de bater os dentes, nem as pernas tremendo, nem a respiração gaguejando na garganta.

John olhou para cima, os olhos sem foco, a boca sombria, do jeito que estava quando ele estava se concentrando. —Algo está faltando. — Disse ele. — O que? O que é isso?

Thornby sabia que a pergunta não estava sendo feita. Mas era enervante saber que havia uma conversa silenciosa, bem na frente dele. John estava olhando para o nada, as pontas dos dedos tocando a espátula e o sal, aquele olhar atento. Depois do que pareceu uma eternidade, John piscou. Então ele olhou para Thornby com uma expressão estranha e especulativa, como se tivesse sido contado algum boato chocante sobre ele, e não conseguia acreditar.

—Entendo. — Disse John. Então ele sorriu e estendeu a mão. —Venha aqui.

Sua voz tinha o tom que ele usava durante o sexo - sem nenhuma recusa, mas íntima, reconhecendo sutilmente o jogo.

Thornby entrou com cuidado dentro da peça e se ajoelhou na frente dele. John abraçou-o, e Thornby quase chorou de alívio, porque, embora todo o resto fosse terrivelmente diferente, John sentia o mesmo. Ele tinha a mesma solidez calorosa, dava a mesma sensação de segurança. E por trás daquela pungência de vinagre e baunilha, ele cheirava o mesmo também.

Mesmo assim, quando John começou a beijá-lo, desfazendo as calças de Thornby, Thornby ficou tão surpreso que congelou. Agora? Em um momento como este? John desfez sua própria calça, pegou a mão de Thornby, mole, mas não resistiu, e a colocou em seu pênis, que já estava duro. Thornby não tirou a

mão, mas também não a envolveu. Seu próprio pênis era inteiramente macio, bolas murchas de medo e dor. Ele queria dizer: “Você está falando sério?” mas sua voz parecia tê-lo abandonado.

John estava murmurando em seu ouvido: —Vamos, agora. Isso faz parte disso. Isto é o que estava faltando: você e eu.

Soren encontrou sua voz. —John, acho que não posso.

—A mágica está chamando por isso. Você não sente isso? É algum tipo de híbrido; magia humana, com esse cabelo, e você e eu misturados. É muito forte. Está me afetando.

—Sim, sinto isso, obrigado.

—Mmm. Assim? Pode sentir isso?

—Eu posso sentir as paredes nos observando, se é isso que você quer dizer. E a cama e aquele horrível tapete velho. Todos olhando como garotos em uma briga de cães. É assim para você o tempo todo? Como você aguenta isso?

—Não pense neles. Eles não julgam; é a mágica que os atrai. Em todos os aspectos que importam, estamos sozinhos. Eu prometo.

—Tudo bem, bem, me dê um momento, sim? Geralmente, não é exigido que você atue nessas circunstâncias. Esta manhã dificilmente foi propícia. Meu peito arde. E meu próprio pai fez isso comigo.

—Eu sei. Eu cuidaria disso, mas dificilmente houve tempo. Eu tenho um colar de anodina, mas isso te fez dormir. Eu sinto muito.

—Está tudo bem. — Soren apoiou a testa no ombro de John. Ele ainda podia sentir o quarto e tudo nele, agora silencioso como uma multidão antes do início da ópera. —Deus, eu gostaria que estivéssemos em qualquer lugar, menos aqui.

Em seu ouvido, John disse: —Ah, Soren. Meu querido. Eu desejo o mesmo.

Soren ficou sem fôlego. John era fisicamente carinhoso na cama; ele gostava de beijar, acariciar e abraçar. E ele sabia como elogiar e, é claro, como provocar dessa maneira agradável, brincalhona e sincera. Mas foi a primeira vez

que ele disse algo tão íntimo. Em Londres, os homens do set de Soren o chamavam de “meu querido” o tempo todo, mas não passava de uma espécie de pontuação irreverente e amigável. De John, era profundamente comovente. Pode-se dizer que ele quis dizer isso, que ele não disse coisas como essa com frequência ou com leviandade. Soren estava acostumado com as pessoas que o queriam. John realmente gostava dele.

John estava acariciando suas costas, as mãos ocasionalmente se aventurando até a bunda. Soren podia sentir a respiração de John, quente em seus cabelos. Se alguém não se permitisse pensar além desse momento, seria realmente muito bom. O medo não tinha desaparecido, mas estava espreitando cada vez mais longe. Ele sentiu os lábios de John na mandíbula e virou a cabeça.

John o beijou, lento e macio, depois se afastou, olhando para ele, considerando. Ele sorriu - não um sorriso tranquilizador, mais o sorriso privado e diabólico de alguém tentando não sorrir - e alcançou, muito lentamente, um dos bolsos internos de sua jaqueta. O que ele estava procurando? O que esse sorriso significava? Thornby observou-o como um rato observa um gato, mas de repente seu coração estava batendo por um motivo diferente, e seu pênis estava começando a se mexer.

John trouxe um pequeno frasco de óleo de ouro pálido. Thornby reconheceu; John já tinha usado antes. Agora John abriu a tampa com os dentes e derramou um pouco de óleo na mão direita. Ele deixou espalhar, rolando o pulso para permitir que gotejasse. Então ele levantou a mão, dedos e polegar se movendo, brilhando na luz.

—Hmm? — John disse, levantando uma sobrancelha.

Thornby fez um barulho na garganta. Seu peito ainda doía, mas isso parecia não importar agora. Tudo o que ele conseguia pensar era naquela mão brilhante e dourada. De fato, ele tremia de antecipação.

John deu a ele outro daqueles sorrisos secretos. —Levante-se.

Ele obedeceu, esperando sem fôlego por John estender a mão e pegar seu pau naquela mão lisa. O óleo estaria quente. Seria...

Mas, ainda o observando, John se abaixou deliberadamente e começou a acariciar seu próprio pau, cobrindo-o com óleo brilhante. John gemeu quando se tocou e fechou os olhos.

Thornby o observou com a boca aberta.

John abriu um olho, sorriu com a expressão em seu rosto, depois fechou os olhos novamente, deixando a cabeça cair para trás. —Ah, Deus, isso é bom. Desculpe, você achou que era para você? Foda-se, não, isso seria desperdiçado com você. É óleo de amêndoa, mas eu - Cristo - encantei - meu Deus - para lembrar o meu toque, então é como ter cerca de cinco mãos - porra do inferno - lá embaixo.

Thornby fez um barulho de protesto. Ele não conseguia acreditar que isso estava acontecendo. Parte dele estava genuinamente indignada que John o provocasse. Embora John estivesse claramente dando um show para ele, e assistir a John se divertir era quase tão bom quanto ter aquela mão quente, dourada e oleosa em seu próprio pau.

Quase.

John abriu os olhos novamente e olhou para cima, sorrindo, ainda se arrastando com longos golpes lentos. —Bem, meu senhor, que tal algo em que pensar enquanto assiste?

Ele fechou a boca sobre o pau de Thornby.

Pouco antes de ele chegar, Thornby percebeu, com um final de consciência, que outra coisa estava diferente. Por acaso, seu olhar se afastava da mão, do pau e da boca de John, e através dos pinos de ferro de John - que não estavam de pé como sempre, mas deitados de bruços e mortos no chão do lado de fora da peça.

Se ele estivesse um pouco menos perto da crise, ele poderia ter dito alguma coisa, mas John estava sugando-o agora como se sua vida dependesse disso, com as bochechas vazias. E um momento depois, Thornby estava agarrando os cabelos de John, empurrando impotente em sua boca, gritando, e John estava fazendo barulhos abafados e desesperados também, um pouco

abafados pelo pênis de Thornby. Houve um daqueles momentos puros e silenciosos que vem depois do sexo e então –

- houve uma explosão de poder tão forte que derrubou Thornby. Ele foi jogado de lado na cama envolta. John foi jogado no chão, pousando com o ombro contra a porta. Thornby ficou de pé cambaleando. Ele pretendia ajudar John a se levantar, mas ficou olhando, mãos ao lado, boca e calças abertas.

Algo havia quebrado um túnel através de Raskelf, através dos quartos e ante-salas, passagens e tudo. Era como se uma bala de canhão do tamanho de uma carruagem tivesse atravessado a ala oeste e saído do outro lado. Através da poeira, das pranchas penduradas e das imagens arruinadas, ele podia ver a luz do dia do outro lado. E o túnel parecia estar se movendo nas margens - longos fios do que pareciam algas marinhas estavam balançando no ar. Caranguejos brancos subiam vigas quebradas. Ele pensou ter visto um polvo - poderia ser o mesmo? - agarrado a um lustre quebrado. E, por um breve e impossível momento, um cardume de peixes prateados pareceu cintilar através do túnel, perdendo-se um momento depois na escuridão de algum quarto arruinado.

Não usar os pinos foi deliberado. John tinha feito isso de propósito.

Ele estava ciente de John ao seu lado, olhando o túnel. Então John estava ajoelhado, enrolando a peça, embolsando os pinos e os olhos, varrendo o sal com dedos cuidadosos. Ele se levantou e deu a Thornby um daqueles sorrisos recusados, boca severa, olhos iluminados.

—Vamos lá. — Disse John.

—Mas o que-?

—Essa é a nossa posição. Dessa maneira. — John apontou para o túnel. — Oeste. Seu token está no final dele.

—Eu-eu-

—É melhor correrm os. É um buraco bem grande. Seu pai deve perceber. Você pode querer arrumar suas calças, no entanto.

—John, eu-

—Você não quer chegar lá primeiro?

Thornby arrumou suas calças e eles correram.

CAPÍTULO DOZE

Uma vez fora de casa, tudo permanecia claro. Grandes buracos foram rasgados nas árvores, galhos enormes espalhados como varinhas. Eles correram para o oeste por talvez vinte minutos, seguindo o rastro da destruição. Thornby desejava um cavalo com parte de sua mente, mas agora mal podia sentir o peito e o tornozelo.

Eles se depararam com a cerca do poste e do trilho que marcava o limite da propriedade naquele momento. Do outro lado havia um campo estreito. Além disso, uma tela de teixos, com uma casa de bomba de pedra atrás deles, seu telhado de ardósia íngreme como um burro. A cerca de teixo tinha um buraco enorme, e a parede da casa agora exibia uma cratera, a pedra quebrada de um amarelo pálido contra o cinza desgastado pelo tempo.

Thornby se jogou sobre a cerca, mas voltou imediatamente. Ele agarrou a grade da cerca, querendo gritar de frustração. —O limite. Eu não posso.

—Não é um edifício imobiliário?

—Ele é dono do prédio, não da terra. Eu não posso ir lá.

Não havia necessidade de pedir a John para procurá-lo; ele já estava subindo a cerca. Mas então ele parou por um momento agonizante. —E se ele vier? — John estava olhando para onde eles vieram, em direção ao salão.

—Eu não sei. Não me importo. — Ele agarrou a frente da camisa de John e deu-lhe um beijo rápido e duro. Então ele o empurrou. —Rápido, vá em frente! Vá!



John correu em direção ao prédio redondo de pedra. Ele ouviu que isso tinha algo a ver com a drenagem do lago que afogou a mãe de Soren. Nunca lhe ocorrera que Dalton fosse dono do edifício, mas não da terra. Era o lugar ideal para esconder algo de Soren - completamente fora de seu alcance, mais seguro do que o próprio bolso de Dalton.

Depois de passar pelos teixos, ele viu um pequeno buraco no centro da cratera na parede de pedra. Ele colocou o dedo nela, sentindo uma corrente de ar frio por dentro. A pedra devolveu um eco do encanto sexual; ele quase sentiu o gosto de Soren, quase o ouviu gemendo. Não admira que objetos inanimados às vezes confundissem magia com sexo; às vezes eram a mesma coisa. Se eles saíssem dessa bagunça, era um conceito que exigia um pensamento extra. E mais experimentação.

Mas, apesar da cratera e do buraco, a parede ainda estava sólida. Tinha três pés de espessura.

Ele correu ao redor do prédio. Não havia janelas, mas ele encontrou uma porta no lado oeste; ferro preto, amarrada com ferro. Ele renovou a chave da quimera ontem à noite, pensando que poderia precisar entrar no quarto de lorde Dalton em caso de emergência. O encanto estaria desbotado, mas poderia

funcionar. Ele estava tirando a chave do bolso quando colocou a mão na porta e sentiu um leve fio frio, correndo como veias de gelo pela porta e pela soleira. Uma barreira. Forjada pelo demônio. Cerca de vinte anos, deitado por algum outro mágico quando o local foi construído. Ele precisaria retirá-lo antes de poder usar a chave. Sorte que ele percebeu, ou a barreira teria quebrado a chave.

Ele pegou o sal e fez um pequeno esboço *Petit Clé* no limiar. Ele estava prestes a começar a arrumá-lo com as pontas dos dedos, quando o poder surgiu através dele, brilhando intensamente. Eles teriam dito que era impossível no Instituto, mas quanto mais ele trabalhava de acordo com os materiais, menos os detalhes pareciam importar. O sal entendeu suas intenções. Isso estava ajudando. Os fios da barreira de proteção na porta começaram a frisar e murchar. Ele os arrancou tão facilmente quanto as teias de aranha. A chave da quimera girou na fechadura quase por vontade própria. Isso não deveria ter sido possível também, mas estava ajudando também. Ele abriu a porta. Dentro havia uma sala redonda, mas não era uma casa de bomba.

Era um mausoléu. Havia um estrado elevado no meio, em cima do qual havia um caixão ornamentado em ébano e dourado. Pilares decorativos rodeavam as paredes, enfeitados com guirlandas de flores e frutas. Pegadas enlameadas, bastante recentes, iam da porta ao caixão. E sob a acidez da pedra fria e do pó, ele podia sentir o cheiro de sangue. Ele olhou por cima do ombro. Ele podia ver do outro lado do cemitério a igreja da vila, mas ninguém estava à vista. Ele se aproximou do caixão. Não havia nada em cima, nem atrás do estrado. Não havia outros esconderijos óbvios. Ele hesitou apenas por um momento.

A tampa do caixão não foi pregada. Ele a levantou e ficou olhando horrorizado e com pena, segurando a tampa na frente dele como um escudo. O corpo parecia como se tivesse sido sepultado ontem, não há vinte anos atrás. A primeira Lady Dalton era branca como alabastro, sua beleza sobrenatural um pouco inchada. Ela usava uma rosa seca nos cabelos empoeirados e um vestido amarelado de renda fina que poderia ser seu vestido de noiva. Um monte de

violetas frescas, ainda molhadas de orvalho, jazia em seu peito.

E, em seus delicados tornozelos, jazia a pequena pele amassada de um animal. Era o mesmo marrom dourado dos cabelos que haviam encontrado na mala e cheirava a sangue, embora não houvesse sangue nele.

Ele abaixou a tampa do caixão e pegou a pele.

No momento em que ele fez isso, a porta se fechou e ele foi cercado por uma escuridão total.

Ele se afastou do caixão, procurando a maçaneta da porta. A imagem posterior daquele rosto pálido e sobrenatural estava gravada em seus olhos.

Mas não havia maçaneta. A porta não se abriu. Ele respirou fundo várias vezes, tentando acalmar seu coração acelerado. Isso não importava. Talvez ele não tenha desativado completamente a barreira. Ele usaria o sal novamente. O *Petit Clé* lá fora também ajudaria. Ele enfiou a pele debaixo do braço. Mas ele não podia trabalhar às cegas. Ele pegou o galho de sorva, que cintilou em uma fraca luz azul antes que ele pudesse mergulhar no enxofre.

O cadáver estava parado em seu cotovelo.

Ele pulou para longe dela, para longe da porta, deixando cair a pele ao fazê-lo, um grito de horror escapando dele. No entanto, enquanto se movia, o cadáver tremulou como uma chama de vela e apareceu do outro lado. Os olhos dela se abriram; preto todo. Um rosnado malévolo estragou seus belos lábios.

—Não! Estou aqui por Soren! Soren! Seu filho!

Mas com outro lampejo estranho ela estava sobre ele, alcançando com as mãos como garras. Ele se abaixou novamente, batendo no caixão com um braço batendo. Ele fez um som oco, mas disse a parte racional de sua mente, não tão oca. Ele se mexeu para trás e, quando sua mão nua bateu no chão, sentiu algo familiar: um animal almiscarado fedia sobre a doçura enjoativa do alfeneiro[3].

Fedor do demônio. Mas não de Lady Dalton. Do chão.

Ele se levantou e levantou o galho de sorva no alto. O verdadeiro cadáver ainda estava no caixão. A coisa cintilante que se aproximava dele novamente era

apenas uma ilusão. Mesmo assim, jogou sal nele e observou como buracos queimavam nele, e ele desapareceu. Ele pegou a pele do chão e a colocou dentro de sua camisa. Estava imediatamente quente contra sua pele. De que era? Algum tipo de cachorro? Ele não teve tempo de se perguntar.

Ele se agachou, fez outro *Petit Clé* perto da porta, mas um vento surgiu do nada e soprou o sal. O demônio deveria estar no edifício; eles às vezes amarravam alguém nas fundações como vigia. Por todo o desdém dos teurgistas, lorde Dalton havia empregado um quando construiu o mausoléu de sua primeira esposa.

John se endireitou e percebeu que seus pés haviam afundado nas pedras como se o chão fosse uma lama. Ele se libertou com dificuldade, afundando novamente, enquanto lutava. A maior parte de seu sal espalhado havia caído como um pequeno monte de neve contra um dos pilares de pedra decorativa. Ele conseguiu colocar um pé nele e encontrou o chão mais firme. Ele raspou o máximo que pôde sob os pés e segurou-o com força, tentando decidir o que fazer. Ele tinha uma armadilha demoníaca no bolso. A armadilha era boa - Rokeby havia feito -, mas não funcionava com vários metros de pedra e terra.

E o que estava acontecendo com Soren? Dalton veria o enorme buraco em sua casa, juntava dois e dois e voltaria a qualquer momento. John deveria sair. O que fazer? O sal parecia estar puxando sua mão, tentando subir. Talvez tenha sido uma dica. Colocou o galho de sorva entre os dentes, verificou se a pele estava segura, embolsou o máximo de sal possível e começou a subir.

A pedra estremeceu sob suas mãos e, quando ele caiu, o chão o chupou, mas finalmente chegou às vigas transversais que sustentavam o telhado e começou a esmagar o caminho para sair, ardósias quebradiças deslizando pelo telhado. O demônio parecia ter menos energia aqui em cima, mas fazia os raios parecerem untados.

Logo ele tinha um buraco grande o suficiente para ver através. Seu coração deu um pulo no peito. Cinco cavaleiros se aproximavam rapidamente da direção do salão. Um era certamente lorde Dalton e dois usavam o uniforme azul de

Raskelf; Prout e Abbott. John segurou mais apertado e chutou. Ele ouviu Soren gritando, mas não conseguiu entender as palavras.

Mas ele poderia adivinhar. Assim que o buraco ficou maior, ele puxou a pele. À luz do dia, era algo patético, quase tão longo quanto um bebê recém-nascido, enrijecido e enrugado por seu longo banimento no escuro. No entanto, era isso; a fonte de tantos problemas para Soren e de tanto poder para o pai.

Ele pensou em jogá-la para Soren, mas era muito longe - seria insuficiente. Para ter certeza de Soren conseguir, John teria que descer e dar a ele. Ele colocou de volta na camisa. Ele expulsou o máximo de ardósias que conseguiu alcançar. Ele poderia rastejar? Nem tanto. Ele bateu mais com o antebraço e o cotovelo. Agora o buraco era grande o suficiente, mas quando ele tentou subir, seu pé esquerdo não se mexeu. Ele o puxou, incrédulo, antes de perceber que o demônio o segurava. O atraso poderia custar-lhes tudo. Seu coração afundou, mas ele procurou no bolso um punhado de sal.

Em um trovão de cascos, os cavaleiros chegaram à cerca, controlando seus cavalos com tanta força que as criaturas escorregaram. O rosto de lorde Dalton estava vermelho de raiva. Soren subiu no parapeito, colocando-o entre ele e o pai. John começou a triturar sal no feitiço do pé, sua mão tremendo tanto que ele deixou cair metade dele. O feitiço ficou claro, mas não se dissolveu. Merda!

—Bem, bem, Sr. Blake. — A voz de Dalton estava tensa de fúria, mas inclinada para chegar até onde John estava empoleirado no telhado. O cavalo de Dalton dançou embaixo dele, bufando. Soren estava se afastando dele, agarrando-se à linha de cercas.

—Vejo que meu filho está com você — Continuou Dalton. —A pata de gato dele agora, está? Espero que você não acredite no que ele disse. Ele não tem nada. O que quer que ele tenha oferecido, eu dobrarei. Agora me dê essa... coisa.

Soren avançou pelo campo, mas apenas deu alguns passos antes de cambalear de volta ao parapeito. —John! — Sua voz era frenética, suplicante.

—John? — Dalton repetiu. —Você está em termos familiares para homens que se conheceram há uma semana. Quão familiar, eu me pergunto? Bem, Sr.

Blake, você é um homem inteligente. Você entende de negócios. Dê-me a pele por enquanto, e assim que terminar, você poderá tê-la. Mantenha isso em um local seguro; você a terá para sempre. Faça o que quiser com ela. O que você disse?

Dalton estava adivinhando. Era melhor não responder. John tentou se concentrar em desatar o feitiço de ligação. Ele tinha o truque disso; era simplesmente uma questão de tempo. Mas a pele não seria boa para Soren se ele estivesse preso, e Prout e Abbott haviam desmontado e avançavam sobre ele.

—Venha, senhor Blake — Dizia Dalton. —Estamos acima da lei, não somos, homens como nós? Eu sou um homem do mundo. Se você o quiser, não falaremos mais sobre isso. Apenas me dê essa pele!

John puxou um pino de ferro do bolso e jogou-o com força. Ele atingiu Abbott no braço e ficou preso como uma flecha no alvo. Abbott gritou e a agarrou, mas queimou sua mão com um chiado audível. Ele gritou novamente e começou a torcer o casaco, tentando removê-lo dessa maneira. Prout se afastou de sua figura agitada, mas os outros dois homens - Warren, o criado e Farrell, o mordomo - também estavam desmontando.

—Parem seus homens, Dalton, ou eu os pararei para você — John chamou. —Posso te ajudar. Mas você deixará lorde Thornby em paz.

—Idiota. Você não pode me ajudar. Vocês são todos iguais, seus malditos mágicos. Tão certo de si mesmos.

—Você está errado. Eu sei o que há com você.

Mas Dalton não estava ouvindo. —Warren, se o Sr. Blake jogar mais alguns dardos, atire nele. Prout, Farrell, levaremos meu filho de volta ao salão.

—John! Jogue-a! — Soren gritou. Prout e Farrell estavam se aproximando dele.

John podia sentir a pele zumbindo com urgência. Talvez, uma vez que atingisse o chão, Soren encontraria forças para obtê-lo, mesmo que ficasse aquém. E então o que aconteceria? Isso conferiria poder ou simplesmente permitiria que Soren deixasse a propriedade? Talvez Soren tenha sentido algo

que John não sentiu - afinal era a pele de Soren. John não tinha um medo especial de Warren - a pedra de proteção o protegeria, assim que encontrasse um momento para carregá-la. Ele pegou outro pino, enrolou a pele em torno dele da melhor maneira possível e jogou-o com força em direção a Soren.

—Lá! Pegue isso! — Dalton gritou.

Pino e pele caíram dez passos antes do limite. Soren e Warren correram, mas Soren se curvou, como se sentisse dor, e parou, balançando. Prout e Farrell o alcançaram e o agarraram por trás. John puxou outro pino. Ele jogaria em Prout ou Farrell, mas agora eles estavam lutando com Soren. Ele teria que descer e enfiá-lo em Prout como uma adaga. Bem.

Em vez disso, jogou-o em Warren, que quase alcançou a pele. Ele atingiu a mão direita de Warren - uma pura crucificação. Ele uivou e largou a arma. Mas Abbott, sem casaco, com o sangue avermelhando seu braço, cambaleou para ajudar. Abbott pegou a arma na mão queimada, se encolheu e atirou.

O tiro estalou ao lado da cabeça de John e lascas de pedra voaram, cortando sua bochecha. Gritos vieram de baixo - a voz de Dalton ecoou: — Entenda, seu idiota! Esqueça sua mão. Use a outra. Pegue essa pele sangrenta!

John carregou pela metade a pedra de proteção. Não havia tempo para fazê-lo corretamente. Ele deveria liberar o pé. O sangue batia em seus ouvidos, tudo implorando para ele se apressar, se apressar, se apressar. Mas esse não era o caminho. Ele deveria simplesmente continuar, soltando o feitiço com todo o cuidado metódico de uma dama. Ele estava quase terminando. Ele olhou para cima.

Soren, Prout e Farrell ainda estavam lutando no lado do mausoléu da cerca. Soren tinha que estar desesperado para voltar à propriedade ou alcançar a pele, e talvez isso estivesse alimentando sua fúria, porque John nunca tinha visto uma luta tão cruel. Não havia regras de cavalheiros aqui; Soren deu um soco e bateu, arrancou, mordeu e estrangulou. Ele era mais alto que Prout e usava seu longo alcance para obter bons resultados, mas Prout era mais forte e Farrell era mais pesado, se bem mais lento. Soren tinha sangue em todo o rosto e parecia

não estar usando a mão esquerda. Soren acertou um chute no nariz de Farrell e, quando o sujeito recuou, John jogou outro pino. Ele perfurou a coxa de Farrell e ele caiu, gritando.

A peça avarenta estalou novamente e algo atingiu o peito de John, logo abaixo da garganta. Se não fosse pela proteção, teria feito por ele. Como não, queimou como um ferro em brasa e ricocheteou. Warren estava de pé, a pele na mão não ferida. Abbott estava se recompondo. John puxou outro pino. Ele tinha quatro restantes e não perderia. Primeiro Prout - para impedi-lo de machucar Soren. Depois Abbott, depois Warren. Ele os pegaria como moscas. Farrell se arrastou para longe; ele estava fora de combate. Restaria um pino para pregar Lorde Dalton na cara do caralho.

A desvinculação estava completa. Ele chutou o pé livre e deslizou pelo telhado, rolando enquanto aterrissava, pegando outro pino. Outro tiro soou. Nem mesmo perto. Ele começou a correr para onde Prout e Soren lutavam, um pino na mão.

Mas ele deu apenas alguns passos quando uma rajada de ar sujo e água salgada o atingiu do nada. O derrubou de lado na grama, cego e sufocado. Fedia a peixe podre, merda e sangue, como se a maldição que assombrasse Dalton tivesse sido ampliada mil vezes e jogada em John com toda a força de um furacão. Que porra é essa? Ele se levantou, limpando os olhos. Magia, mas quem...?

Ele olhou por cima do ombro.

Dalton estava com a pele pendurada no punho da sela. Outra. Uma maior. Deve ter pertencido à mãe de Soren. Dalton também a mantinha aqui; mãe e filho, ambos vinculados a ele por suas peles, pelo tempo que ele quisesse. Dalton tinha um canivete na mão. Ele cortou um pequeno pedaço da pele e jogou em John.

Era apenas um pouco de pele e cabelo. Não tinha peso. Saiu da mão de Dalton e traçou um arco suave na grama em frente aos cascos do cavalo.

E, no entanto, John foi jogado ao chão novamente por uma rajada de vento

tão forte que o fez vomitar. Agulhas de água salgada picaram seu rosto e mãos. Então afrouxou. O vento ainda soprava, mas a fúria havia desaparecido. John balançou a cabeça, piscando salmoura dos olhos. Ele deixou cair o pino. Ele procurou e jogou-o em Warren, que quase alcançara Dalton com a pele.

Ele não tinha ideia se encontraria um símbolo, porque outro vento imundo o atingiu, cegando-o. Soren gritou, um grito sem palavras de fúria e dor. Algo gritou de volta - um eco arrepiante. Não humano. Dalton também deveria ter a pele de Soren.

Os pinos não eram bons contra esse vento. John pegou um punhado de sal. Ele estava na grama áspera, sem chance de fazer um símbolo aqui, mas fazer um que ele deveria. Ele tinha uma vaga idéia de tirar o paletó e fazer o símbolo quando sentiu o sal escorrer, mas não do fundo do punho, do alto. Estava tentando fazer uma linha no ar.

Ele esboçou o símbolo que lhe veio à mente. Era um que ele conhecia bem; Marca de Amalthea, para aumentar. Como isso poderia ajudar? Mas ele fez as falas de qualquer maneira, correndo por instinto, confiando no sal. Ele tinha apenas que adicionar a trindade final de pontos quando ficou sem sal.

O bolso dele estava vazio. Talvez ele poderia dar um ou dois beliscões nas linhas que ele já fez.

Prout arrastou Soren de volta à propriedade. Mas, mesmo quando John olhou para cima, Soren se desvencilhou das garras de Prout e tentou espetá-lo nos olhos com um polegar. Warren estava correndo para ajudar Prout. Abbott estava curvado, provavelmente se recuperando.

Outra daquelas rajadas de vento e água suja atingiu John. Ele se curvou sobre o símbolo flutuante, protegendo-o com o corpo, mas um pouco do sal foi jogado fora de qualquer maneira. As linhas agora eram tão finas que eram apenas visíveis. Ainda funcionaria? Agora não havia como tirar os três pontos. Como ele conseguiria sal? O *Petit Clé* estava muito longe.

Sal.

Água salgada; suas roupas estavam encharcadas pelo vento mágico.

Ele nunca usou suas roupas para mágica, mas o traje que ele usava estava absorvendo há meses. Ele notou, sem realmente perceber, que seus ternos mais antigos permaneciam mais limpos que os mais novos. Isso era mágia? Possivelmente.

Ele pediu ao terno que lhe desse sal e estendeu a mão, palma da mão aberta. O traje tremia, ondulava, vibrava. Era como usar um enxame de abelhas. E uma pequena gota cinza de lodo escorreu de seu punho e em sua mão. Atrás dele, ele podia ouvir baques surdos quando os golpes caíam, os grunhidos e suspiros dos homens em dor e esforço mortal. Outro tiro o atingiu nas costas. Ele sibilou com dor, mas não parou de trabalhar. A primeira queda foi acompanhada por outra. Não havia muito: uma pitada, e não seca. Ele fez a trindade - eram pequenas manchas cinzentas, quase pontos. Então alguém sua gola do caso e espetou o cano de uma pistola no pescoço.

—Pare com isso ou eu atiro em você como um cachorro. — Rosnou Dalton.

Mas era tarde demais. O símbolo brilhava em vermelho. Havia um tremendo pulso de magia, como nada que ele já sentira antes. Foi acompanhado por um som estridente, como se um trem a vapor estivesse chegando. Algo atingiu John na cabeça e nos ombros, derrubando-o. E então houve silêncio.

A pistola sumiu do pescoço dele. E o mundo ficou branco brilhante. Ele ficou de pé; ele era o único homem de pé. Ele se virou, lentamente, atordoado. Lorde Dalton estava atrás dele, pouco visível sob uma espessa camada brilhante de sal. Outros corpos propensos jaziam, contornos arredondados, como se estivessem debaixo da neve.

Então um dos corpos cambaleou para seus pés. Soren, coberto de pó de sal, então ele parecia uma estátua em movimento. Ele deu passos lentos, como se estivesse passando cola, mas sabia exatamente para onde ir. John achava que Dalton tinha a pele, mas Soren foi direto para Abbott, ajoelhou-se ao lado do corpo caído e começou a jogar grandes quantidades brilhantes de sal de lado. Então ele pegou a pele. Ajoelhou-se, imóvel, encarando-a.

—Soren! — John ligou.

A cabeça de Soren se levantou. Seu rosto era uma máscara de sangue, coberto de pó branco de sal. Seus olhos estavam totalmente pretos, nem um pedaço de branco ou cor em lugar algum, e seus lábios foram retirados dos dentes. Ele parecia um demônio prestes a atacar. Então ele piscou, e seus olhos estavam acinzentados, e sua boca assumiu uma forma mais natural. Ele olhou para a pele e disse, quase conversando: —Eu devo ir.

Ele poderia estar no alfaiate e lembrou-se de uma consulta com o sapateiro. A falta de emoção em sua voz provocou um arrepio na espinha de John.

—Soren, espere...

Mas Soren já tinha enfiado a pele dentro de sua camisa e saltado a cerca. Ele estava correndo de volta para Raskelf. Para um homem com um peito cortado, um tornozelo cru e um pé com cicatrizes que acabara de brigar com um punho realmente imundo, ele deu uma boa volta.

John o seguiu até a cerca e parou.

Algo o chamava, implorando para não ser deixado para trás. O sal! Não o cobertor brilhante que veio do nada, mas o seu sal. Ele perdeu a maior parte, mas um bom quarto ainda estava no *Petit Clé*. Ele olhou para a figura desaparecida de Soren. Mas ele não conseguia abandonar o sal. Isso ajudava muito. E estava implorando para levá-lo com ele.

Ele poderia alcançar Soren. Embora por que diabos ele estava correndo de volta para Raskelf, e não para longe, John não podia adivinhar pela vida dele.

Ele correu de volta ao mausoléu. O *Petit Clé* havia escapado da avalanche da Marca de Amalthea, que certamente não era coincidência, e estava branco surpreendente no bloco de pedra cinza, exatamente da forma que ele deixara. Ele aderia a si mesmo como limalhas de ferro magnetizadas, de modo que entrava facilmente na mão dele, tudo em um pedaço. Ele enfiou no bolso e tirou a chave da quimera da fechadura. Então ele ouviu um grito de um de seus pinos e foi buscá-lo, depois outro e outro. Ele teve que cavar por eles. Um ele teve que

puxar sangue da coxa de Farrell. O sal rangeu como neve enquanto ele caminhava sobre ele. O cheiro era tremendo de ozônio, como a praia depois de uma tempestade, brigando com o cheiro de sal. Ele podia ouvir um dos homens de Dalton gemendo, um som fraco, mas claramente eles não estavam mortos. Ou nem todos eles.

Ele parou ao lado da figura imóvel do marquês, enterrada sob o sal. Ele deveria verificar se o homem estava vivo? Encontrar a outra pele? Pegá-la? Ver se isso quebraria a maldição? Ajoelhou-se e empurrou braçadas de lado, empurrou para trás o casaco de Dalton e procurou a pele. Nada. Ele olhou para cima. Ele podia ver Soren à distância, prestes a desaparecer atrás de um enorme rododendro.

Maldito Dalton. Maldito seja o homem. Se Soren estava livre, John estava indo com ele. Se Soren o teria. Ele subiu a cerca e começou a correr. Ele foi mais rápido, mas Soren tinha uma boa vantagem agora. Soren tropeçava ocasionalmente, uma vez caindo, mas se levantando e correndo novamente. Ele não olhou para trás.

Quando chegou à casa, Soren ignorou o nó de pessoas que estavam no extremo oeste, boquiabertas e exclamando. Lady Dalton era uma delas, mas não gritou, como as outras, como Soren primeiro e depois John passou. Ela ficou de pé, um pouco afastada dos outros e os observou partir. John esperava que ela estivesse bem; que Dalton havia lhe dado o filho que ela queria.

Soren passou correndo pela casa e entrou nos estábulos, e John percebeu, finalmente, o que estava fazendo. Quando John chegou ao estábulo, ofegante e pingando suor, Soren estava no grande puro-sangue de lorde Dalton. A criatura deve ter fugido para casa em algum momento. Agora Soren estava pegando. Um velho cavalariço estava implorando para ele, uma mão nas rédeas. Soren sacudiu a cabeça e disse, em uma voz de comando que John nunca tinha ouvido falar dele: —Não, maldição. Fora do meu caminho. — Ele parecia notavelmente com o pai.

Ele deu um grito sem palavras e enfiou os calcanhares nas laterais do

cavalo de pelo castanho. O cavalo saltou para a frente, cascos batendo faíscas nas baias. Enquanto passava, Soren olhou para John. John pensou por um momento que passaria direto, mas uma vez fora do pátio do estábulo e na grama, o cavalo de repente girou. Soren fez girar dois pequenos círculos, o tempo todo olhando para John. O sangue seco e o pó de sal em seu rosto dificultavam a leitura de sua expressão. Ele estava esperando? Decidindo se deve esperar? Dizendo adeus?

Parte de John queria correr e pegar outro cavalo, mas ele não conseguia desviar o olhar. Ele se viu balançando a cabeça, como se dissesse: Não, não, não, mas o que ele estava dizendo não, não tinha certeza.

Soren disse novamente: —Eu devo ir.

Havia um traço de arrependimento em sua voz, John tinha certeza disso. Soren estava tentando explicar.

—Eu sei. Eu irei. — Ele disse, mas Soren já tinha partido, enviando o cavalo a galope pelo parque, inclinando-se para o nordeste.

CAPÍTULO TREZE

John voltou para o pátio do estábulo. A baía de aparência esquisita que Warren estava montando estava no outro extremo, ainda selada e com freio, a velha mão de estábulo segurando sua cabeça. John correu até eles.

—Senhor, o que está acontecendo? O senhorio dele matará lorde Thornby. Ele não deixou ninguém montar no Pendragon. Onde está Lorde Dalton? Todos esses cavalos, sem cavaleiros, o que está acontecendo?

—Me dê esse cavalo. — John montou. Ele teve aulas no Instituto, mas raramente andava desde então.

—Assista ela, senhor. Ela abaixa o ombro — chamou o velho.

Ela brincou para a esquerda, balançando a cabeça. O coração de John batia forte no peito. Ele não conhecia mágica para cavalos. Ele teria que fazer isso da maneira comum. Ela disparou para fora do pátio do estábulo, tentando abaixar o ombro como o velho havia dito. Ela o enviou a galope do jeito que Soren tinha ido, e ela foi, de má vontade, balançando a cabeça e tentando o tempo todo virar a esquerda e circular de volta para casa. Essa parte do parque era muito arborizada, e ele amaldiçoou as árvores e os caminhos graciosamente curvos que escondiam Soren de vista. Mas aqui e ali ele via uma pegada fresca, escavada profundamente na grama molhada, e às vezes um galho que havia se soltado.

De qualquer forma, ele pensou que poderia adivinhar para onde Soren estava indo.

Os pântanos.

Havia algo sobre os pântanos que cantavam em liberdade - os grandes céus acima, as distâncias se estendendo, as subidas suaves e os horizontes infinitos. John pensou que se ele estivesse preso em Raskelf por mais de um ano, os

pântanos o chamariam também. Logo, ele viu o pinho perto do local em que agarrou o cotovelo de Soren - foi realmente há apenas uma semana? Ele olhou em volta, com o coração caindo, percebendo que ele esperava que Soren esperasse por ele aqui.

Ele encontrou uma trilha de ovelhas que levava a leste e a seguia a trote rápido. Levava sobre o topo da colina, e uma enorme vista verde-acinzentada se abria, aliviada aqui e ali por um arbusto preto e retorcido de espinhos. E havia Soren - indo para o nordeste, aparentemente fazendo um monte de pedras a cerca de uma milha de distância. John ajustou o rumo. Talvez Soren esperasse por ele no monte de pedras.

Mas ele não esperou.

Nem ele esperou no topo da próxima colina, nem na próxima, nem em nenhum lugar onde um homem pudesse razoavelmente esperar por outro. No entanto, ele ficou à vista, e John começou a sentir que estava fazendo isso deliberadamente. A certa altura, as colinas se dobraram de tal maneira que ele perdeu de vista Soren pelo que pareceu uma eternidade. Ele estava começando a pensar que iria parar, fazer um símbolo e procurar a pedra rastreadora, quando viu o cavalo e o cavaleiro em silhueta contra o horizonte à frente, a menos de um quarto de milha de distância. Mas no momento em que os viu, eles desapareceram novamente sobre o topo da colina.

E assim o dia passou. Soren estabeleceu um ritmo e não esperou por ele novamente - se é que ele esperava mesmo -, mas a charneca estava realmente aberta aqui, e John não o perdeu de vista por muito tempo. E John ainda não sabia ao certo para onde Soren estava indo.

Embora quanto mais fossem para o leste, mais uma idéia crescia em sua mente. Todas as pistas que a magia lhe dera - as conchas, as cracas, o polvo. E a obsessão de Dalton pela costa da Escócia e da Irlanda. John estava começando a pensar que todo o negócio com algas marinhas era exatamente isso - um pouco de negócios para disfarçar o que Dalton realmente queria; estar perto do mar. E estar perto daquilo que vem dele.

Quanto mais ele pensava sobre a pele que havia retirado do mausoléu, mais tinha certeza de que não era de nenhum tipo de cachorro, gato ou qualquer animal que andasse com quatro patas. E, parecia claro, não era um sinal comum; era mais fundamental para Soren do que isso. Afinal, ele não era completamente humano.

Talvez, apesar de tudo, Soren não confiasse que John o deixaria ficar com ele. A ideia o atormentou. Era tão injusto. E, no entanto, ele estava tão cansado que começou a se perguntar, depois de um tempo, se de fato ele estava perseguindo Soren. Não apenas para estar com ele, mas de fato para pegar a pele e mantê-lo. Para sempre. Meu.

E Soren o odiar? Que inferno para sempre seria. Apenas cansado, ele pensou. Tão cansado. Muita mágica. A mente fazia truques.

Por volta do meio da tarde, começaram a descer pela última vez. À distância, havia um brilho de chumbo, como uma laje de estanho sob o céu cinza-escuro. O mar. John alcançou um monte de pedras que marcava o fim do caminho através dos pântanos. E, pendurado em uma pedra saliente, havia um casaco preto rasgado, coberto de poeira salgada e manchado de sangue. John estendeu a mão e pegou.

Ele quase podia imaginar que ainda estava quente. Ele seguiu em frente. O som do mar estava ficando mais alto. Gaivotas estavam soando como demônios juvenis no céu. Isso deixou seus dentes no limite e ele teve que se lembrar de que eram pássaros inofensivos. Então o mundo parecia se abrir e ele estava à beira dele, com o mar perto abaixo e o vento do mar em seu rosto.

Seu cavalo parou abruptamente, arregalando os olhos para uma camisa preta batendo como um corvo caído na grama grossa. Ele desmontou e pegou. O chão à sua frente inclinava tão abruptamente que ele deixou o cavalo. Ele tropeçou ladeira abaixo, meio correndo, meio deslizando.

E ali, logo à frente dele, talvez vinte metros mais adiante, estava Soren, a pele balançando na mão como uma bandeira. Ele estava de pé em um lugar onde a grama se tornava pedra e a pedra caia no mar. Suas calças, meias e sapatos

estavam sobre a rocha atrás dele. Ele estava nu, olhando para o tumulto das ondas, os respingos do mar voando ao seu redor, os cabelos selvagens. Ele olhou de volta para onde John havia parado na encosta. Uma rápida olhada. John pensou ter visto um clarão branco de dentes. Um sorriso? Um rosnado?

Então Soren pulou da rocha, a pele estendendo seu braço e envolvendo-o, mudando-o de uma maneira fluida e impossível. E um momento depois ele rompeu a superfície, olhou em volta e desapareceu sob as ondas.

John desceu e se ajoelhou na beira, chamando. Os vastos músculos do mar pesavam, subindo e descendo. A espuma do mar estava em padrões rendados na superfície, impedindo sua visão das profundezas. Respingos gelados entraram em seus olhos, e ele limpou o rosto freneticamente. Ele notou uma forma escura, sinuosa, em movimento, e seu coração deu um salto. Mas ele se moveu novamente, exatamente da mesma maneira e exatamente no mesmo lugar, e ele percebeu que era seu próprio reflexo.

Ele gritou rouco. Ele estava molhado de água do mar. Suas mãos, agarradas à beira da rocha, picaram de onde as raspara e o sal marinho entrou. Em seguida, uma onda maior veio até a borda, molhando-o até os cotovelos, tirando o fôlego com o frio, sugando-o quando ele se retirou. Ele perdeu o controle, agarrou-se a um afloramento para evitar cair. Ele não sabia nadar. Se ele caísse, seria arremessado contra as rochas e se afogaria. Ele encontrou uma pedra diferente que ele poderia agarrar corretamente, mas alguns minutos depois, que estava embaixo d'água também. A maré estava chegando.

Ele se afastou da beira. Outra onda molhou seus pés. Quando se retirou, caiu algo preto junto com ele. Ele se lançou para frente e a agarrou; um par de calças de seda preta ensopada. Se Soren voltasse, ele as desejaria.

Se ele voltasse.

Se.

John vasculhou a encosta rochosa e a encosta gramada em busca das roupas de Soren. Ajoelhou-se e inclinou a cabeça para sentir o cheiro delas. Depois que se foi, nenhum perfumista poderia trazê-lo de volta; nenhum

almíscar poderia inflamar o sangue, nenhuma madeira ou âmbar gris se deleitariam da mesma maneira.

Povo foca; selkies. John ouvira falar deles da mesma lavadeira irlandesa que lhe contou histórias de Fionn MacCoull quando ele era criança. Os Selkies eram do mesmo mundo que a criatura ouriço, mas do mar, não da terra, embora pudessem viajar entre os dois. Pode-se prendê-los em sua forma humana, pegando seus pelos. Algumas imagens de uma história vieram a ele; um pescador solitário, uma pele de foca roubada e uma mulher chorando. Mas a história terminou feliz ou em tragédia? Ele não conseguia se lembrar. Faz muito tempo; mais de vinte anos desde que ele ouviu contos de fadas.

E, no entanto, aqui estava ele, vivendo em um.

Ele segurava as roupas frias. Ele podia sentir a pedra rastreadora, um pouco de mágica perto do centro do bolo de roupas. Agora era inútil. Soren a deixou de lado sem pensar.

Tudo doía, como se Soren tivesse desvendado o coração, os pulmões e as entranhas de John, e mergulhado no mar com eles, deixando-o vazio na praia. Ele deveria agir, mas se sentia como um pedaço de alga mole lançado na encosta gramada. Ele não pôde sair. Se Soren voltasse, ele deveria estar aqui. Esperando.

Eventualmente, ele se levantou. Dobrou as roupas secas em uma pilha arrumada e encontrou um lugar para sentar em um afloramento elevado na prateleira rochosa. Ele espalhou as calças molhadas para secar, pesando-as com pedras.

Ele pegou a areia, o olho de vidro e a corda e montou o feitiço. Alguma coisa pareceu reclamar quando ele colocou a magia nela - a corda continuou soprando no vento do mar - provavelmente esse era o problema. E os cavalos? Se Soren voltasse, eles poderiam querer. Mais tarde. Ele estava sentado de pernas cruzadas dentro da peça, as roupas de Soren a seu lado.

Depois de um tempo - poderia demorar alguns minutos ou horas - ele ouviu um trovão baixo que não era o mar. Cavalos. Ele podia ouvir gritos. O sol estava quase se pondo e estava ficando frio. Ele ficou com dificuldade, porque

estava muito rígido e deu as costas para o mar.

Não eram apenas Dalton e seus homens. Eles trouxeram um sujeito corpulento e auto-importante, que provavelmente era o magistrado local, meia dúzia de soldados nervosos com mosquetes e um farrapo de aldeões.

Eles podiam vê-lo. Certamente, eles poderiam. Eles estavam indo direto para ele. Eles estavam parando. Ajoelhou-se para verificar seu encanto. Tinha sido explodido, mas estava fechado. A areia estava arrumada. O olho - ele o virou para ver uma marca quebrada como uma teia de aranha estragando seu olhar azul. Tentara contar a ele. Se ele prestasse mais atenção quando definiu o encanto, se ao menos ele tivesse ouvido,

O magistrado levou o cavalo adiante, espiando a colina abaixo. —John Blake, estou prendendo você pelo assassinato de Soren Dezombrey, lorde Thornby. Você pode vir em silêncio, ou meus homens podem te acorrentar.

Assassinato? Isso, ele não esperava. Embora ele devesse ter.

—Eu sou inocente. — Disse ele.

—Então, onde está lorde Thornby?

—Ele-— Em vez de ficar olhando as roupas de Soren, ele deveria estar pensando, planejando. Mas, em vez disso, ele conseguiu levá-las diretamente ao local onde Soren havia entrado na água. —Ele escapou. E eu culpo o pai de lorde Thornby, lorde Dalton, pelo sequestro e prisão ilegal de lorde Thornby. Eu ajudei a corrigir isso. Eu sou amigo de lorde Thornby.

—Um amigo que rouba suas roupas? — disse o magistrado. —Um amigo que o deixa nu? Traga Lorde Thornby agora, se você o tiver. Ou a acusação permanece.

—Ele se foi.

—Onde? No mar? Então ele se afogou?

Se eles quisessem outra briga, ele poderia lhes dar uma, embora não tivesse coragem para isso. Os homens de Dalton já estavam machucados e enfaixados. Um dos olhos de Warren estava fechado e Prout parecia ter passado várias rodadas. John tinha muito poucos materiais sobrando, mas havia muitas

pedras e ele tinha os punhos. Ele poderia até ganhar. Mas a que custo? Os soldados e os moradores eram homens inocentes. Se ele começasse a atirar pedras encantadas neles, dificilmente seria justo. Ele não era criminoso; por que resistir?

Ficar aqui? Ele olhou para o mar que se estendia até o horizonte. Se Soren tivesse dito alguma coisa, ou dado a ele algum sinal, John teria lutado com unhas e dentes para ficar. Mas Soren simplesmente escapou para o mar o mais rápido que pôde. Soren se foi. E ele não estava voltando. Nunca.

Ele deveria ir com o magistrado, deixá-los colocá-lo onde quisessem hoje à noite. Ele colocaria Catterall no caso. Paxton falaria por ele. E se as coisas parecessem ruins, ele conseguiria de alguma forma. Talvez ele pudesse escapar. Se Soren não voltasse, não faria muito sentido ficar na Inglaterra de qualquer maneira. Lembrou-se de Lady Amelia dizendo: “Quem fica na Inglaterra deve ser corajoso”. Talvez ela estivesse certa. Havia um mundo inteiro lá fora. Talvez ele fosse aonde os símbolos vão. Talvez um dia ele reconhecesse um.

Os soldados estavam descendo a ladeira em direção a ele. Um pegou as roupas de Soren. Outro pegou a corda, perplexidade em seu rosto. Um terceiro pegou o olho quebrado e chutou a pequena pilha de areia. Era areia do Saara; laranja brilhante, a melhor, de perto de Siwa. John podia ouvi-la lamentando enquanto se dispersava sob a bota do soldado - não gostava do frio e da umidade. Queria magia ou o calor do seu bolso. Se ele pudesse, ele voltaria e recolheria, grão por grão.

Ele foi com eles subindo a ladeira até onde lorde Dalton estava sentado em seu segundo melhor cavalo. Dalton chamou-o para a frente e fez sinal aos soldados de volta.

—Você me custou setenta mil libras, seu idiota—, disse Dalton. — Inchmorn Skerry. É isso que você me custou. —

—Isso é tudo o que ele era para você? Dinheiro por algumas pedras? Você é o tolo. Eu sei o que há com você. Eu teria ajudado.

—Você não faria isso. — Dalton abaixou a voz. —Se eu deixasse você

ajudar e tivéssemos uma, você a desejaria. Você não desejaria?

E, finalmente, John entendeu. Todo esse tempo. Todos esses anos, todo o dinheiro gasto e terras costeiras inúteis compradas. Todas as vidas arruinadas e vidas interrompidas. Tudo porque Dalton queria outra mulher do mar. Outra esposa-foca para substituir a que ele havia perdido.

Ele não conseguiu se conter. Ele riu. —Seu idiota. Seu idiota. Eu não quero uma mulher. — E então ele não estava rindo, mas chorando. Ele cerrou os dentes para se conter. A boca de Dalton estava curvada com repulsa.

—É assim, é? Sim, eu me perguntava se era. Agora também está nas suas costas. — Dalton desceu do cavalo, agarrou o braço de John e sibilou em seu ouvido. —O que ele disse? Você acreditou nele? Eles dizem o que quer que seja do jeito deles. Você nunca receberá outro. E uma vez que eles se forem... —Um olhar de dor insuportável atravessou seu rosto. —Qualquer outra pessoa será cinzas na sua boca.

O olhar de Dalton se afastou de John e foi para o mar, mas sua mão ainda estava presa ao redor do braço de John.

—Você sabe onde eu a conheci? Era uma costa assim, selvagem e solitária. E ela saiu do mar para mim. Nua, com pérolas no cabelo. E tão adorável. Você nunca a viu igual. Você pode imaginar? E ela me amou. No momento em que ela me viu. E eu ela. Meu Deus, éramos felizes. Nós enganamos uma legião inteira, ela e eu. Dinamarquês. Pah! Nós rimos de muitos deles.

Ele olhou além de John, claramente vendo nada além do passado, as palavras fluindo dele como água de uma rede de pesca.

—Mas então, ela queria voltar para o mar. Para levar o garoto - para mostrar a ele -

A voz de Dalton sumiu. Seu rosto relaxou em tristeza - um olhar perdido e terno. Por um momento, John pôde ver o jovem bonito, apaixonado por sua linda esposa, a ponto de loucura.

—Um homem precisa de sua esposa ao seu lado, não é? Ela jurou que voltaria, mas como eu poderia me arriscar? Eles atiram nelas, na Escócia. Pelas

peles. Teria sido errado deixá-la ir. — Ele olhou para John, quase implorando. — Você não viu que eu tinha que ficar com ela?

John disse: —Você tem uma nova esposa - jovem e gentil. Ela te faria feliz se você deixasse. Você devolvesse a pele velha ao mar. Esqueça Soren. Ele se foi de qualquer maneira. Você acha que ele vai voltar? Para mim? Claro que ele não vai voltar.

Dalton olhou para John por um longo momento e John percebeu algo, talvez esperança, talvez arrependimento.

Mas então a expressão de Dalton endureceu em repulsa. —Seu maldito sodomita. Você está condenado. — Ele soltou o braço de John e o chutou violentamente no peito, fazendo-o cambalear de volta para os braços dos soldados. Dalton levantou a voz. —Certo. Agradeço sua ajuda, senhor Howarth. —Ele acenou com a cabeça para o magistrado, depois olhou para John. —Na verdade, você tem sorte. Você vai pendurar.

—Devolva a pele... de volta ao mar — John ofegou, ainda lutando para recuperar o fôlego com o chute. Então um dos soldados o empurrou e eles começaram a longa caminhada pelas falésias até a cela da prisão.

CAPÍTULO QUATORZE

Como uma foca, Thornby não pensava da mesma maneira que um homem. O passado era um sonho comparado com a correria e a ebulição do mar, as profundezas negras e roxas, a luz inclinando-se dourada quando o sol aparecia. Ele estava perdido no agora das algas balançando, no lampejo e na cintilação dos peixes, e nas sombras das coisas maiores que se moviam, semi-vistas, no fundo.

Ele ficou preso - tudo o que sabia - preso por toda a vida. E agora o mar estava em toda parte; ilimitado, em constante mudança, eterno. Ele era como uma flecha, sinuosa, girando, deleitando-se, e o mar o abraçou.

Mas depois de um tempo, através da alegria, surgiu uma vaga sensação de

que algo estava errado. Ou, se não estiver exatamente errado, está faltando. Algo estava faltando.

John.

Ele parou seu nado de frente. A parte humana de sua mente parecia vir à tona. Há quanto tempo ele estava nadando? Poderia ter passado alguns minutos ou horas. Ele pegou peixes e os engoliu inteiros, e nada nunca tinha um gosto tão bom. Ele tocou nas ondas e nunca pensou no que havia deixado para trás, até agora.

John. Na costa. Como Thornby poderia ter nadado sem dizer uma palavra e o deixado? Depois de tudo.

Como ele poderia ter esquecido dele?

Ele virou-se para o mar, um giro perfeito e gracioso, e começou a nadar de volta. Ele sabia o caminho; era fácil. Depois de um tempo, ele começou a nadar rápido novamente. John ficaria bem. Thornby nunca conheceu alguém tão capaz quanto John. A essa altura, John provavelmente já vira os cavalos, acenderia o fogo, limparia o sal e o sangue de suas roupas e pedia às pedras locais que se construíssem em um abrigo para passar a noite.

Quando Thornby voltou à praia, estava quase escuro. Ele removeu sua pele tão facilmente quanto a vestiu. Era tão natural quanto respirar.

Ninguém estava esperando.

Suas roupas foram embora.

Thornby mordeu o lábio, abraçando a pele contra o peito. Como foca, ele não sentia o frio; como homem, o vento do mar estava gelado em sua pele nua e molhada. Ele se foi há algumas horas, a julgar pelo sol. Mas John era paciente; ele sabia esperar.

Um pensamento desagradável o atingiu. Quando ele vestiu a pele, ele deixou este mundo e foi para o outro? John disse que o tempo funcionava de maneira diferente lá. Thornby não se lembrava de ter experimentado a noite como foca, mas talvez isso não tenha feito diferença. E se ele tivesse ido embora por dias? E se John pensasse que havia mergulhado no mar para sempre? Mas

ele não pensaria isso. Ele pensaria? Ele deveria saber que Thornby voltaria. Mas um frio fio de dúvida começou a surgir. Por que John deveria esperar por um idiota insensato que nadava sem agradecer?

Ele olhou ao longo da costa, mas era impossível ver muito além dos afloramentos rochosos. A luz estava indo. Talvez John tivesse simplesmente encontrado um lugar para passar a noite longe da brisa fria do mar? Thornby deu alguns passos pela encosta rochosa. Caminhar era como tentar dançar sem música; um pouco forçado, um pouco inútil.

Ele deveria subir a ladeira e olhar.

Mas algo continuou parando ele. Com o mar nas costas, a poucos passos de distância, ele estava seguro. Ele poderia ir embora em um instante. No momento em que saiu da praia, ele era um homem nu com uma pele de foca nas mãos. E a pele poderia ser tirada dele.

Esse pensamento foi tão alarmante que ele se viu se afastando da terra. Ele se agachou na beira da rocha, assistindo, ouvindo. A pele estava muito maior do que quando ele entrou. Agora era a pele de uma foca adulta, e partes dela continuavam escorregando de suas mãos. À luz da morte brilhava como cobre batido.

Ele se lembrou do pânico que sentiu em Raskelf. Cavalgando pelos pântanos, desesperado para chegar ao litoral. Ele meio que tentou esperar por John, mas isso era impossível - e, se ele fosse honesto, no fundo, ele estava com medo. Com medo de que John levasse a pele. A ideia parecia um pouco ridícula até então, mas em seu pânico para chegar ao mar, ele quase acreditou. Agora parecia que uma loucura tomou conta dele. Ou talvez mágica.

Para John, deve ter parecido uma traição terrível. Ele passou dias intrigando sobre como libertá-lo, arriscou sua própria vida experimentando magia e depois lutou por ele, tudo para Thornby ir embora com apenas um olhar. Não admira que John não estivesse esperando. Ele deveria estar furioso.

Mas, John poderia voltar? Só para dizer a Thornby que idiota impensado e ingrato ele era? Se houvesse uma pequena chance de John voltar, Thornby

esperaria. Ele não esperou meses em Raskelf? Ele não aprendeu a paciência?

Seria mais quente esperar como foca. Ele ficou de pé, pensando em colocar a pele. Ele olhou para baixo e notou pela primeira vez que os cortes no peito haviam desaparecido. Então, aliás, os machucados doloridos, os músculos doidos e as juntas ensanguentadas da luta.

E as cicatrizes no pé também! Ele se inclinou para tocá-lo - os dois dedos mais pequenos estavam separados novamente, como não estavam desde os nove anos de idade. A pele estava branca e macia como o outro pé. Ele sempre odiou essas cicatrizes e as odiou mais quando John explicou o que as causara. Não que John tivesse se importado. Ele segurava aquela coisa feia de cicatrizes nas mãos; ele a beijou. Ninguém tinha feito isso antes. Ninguém mais tinha sido permitido.

Uma pontada de perda o perfurou, afiada como vidro quebrado. Ele teve algo maravilhoso e mergulhou no mar e nadou como se não fosse nada.

Um último raio de sol estourou, baixo sobre o mar. E ele notou algo - um punhado de areia laranja preso em uma fenda. Ele se arrastou para frente. Era uma cor tão bonita que quase se esperava que estivesse quente. Mas estava fria. E não pertencia ali. E ele se lembrou da última vez que viu; em uma pilha no salão azul, com John aninhando aquele olho de vidro e dizendo defensivamente: “Funciona com todos os outros”.

John não deixava seus materiais para trás. A menos que ele precisasse. Ou foi forçado a ir. Algo ruim aconteceu com John, Thornby estava subitamente certo. E 'algo ruim', por aqui, significava pai.

Como se pensar nele o tivesse tornado real, o pai estava lá. Vindo por trás, entre Thornby e o mar. Thornby se jogou para o lado, instintivamente se abaixando e rolando. Seu ombro bateu na pedra, mas ele ainda tinha a pele nos braços e isso era tudo o que importava. Pai veio atrás dele, o rosto retorcido de fúria. Ele conseguiu colocar o pé na ponta da pele e esmagar. Thornby gritou. Era como se sua mão estivesse sendo esmagada entre a bota do pai e a pedra.

Thornby sacudiu a pele com a mão boa, tentando desalojar o pé do pai, mas a cada puxão a dor brilhava na outra mão. Agora, cada um deles segurava

uma porção - Thornby nu, de costas na pedra, lorde Dalton de pé, como se estivesse jogando um cabo de guerra que Thornby havia perdido, mas não admitia. A pele de foca brilhava marrom-dourada entre eles, esticada onde eles a puxaram. E uma tensão hedionda percorreu Thornby. Ele sentiu que iria rasgar em dois. Mas ele não desistiu.

Ele olhou para o mar. A beira da rocha ficava a apenas um metro de distância. Ele deveria chegar a isso; chegar ao mar. Era sua única esperança.

Ele empurrou com pés e pernas, meio deslizando, ainda agarrado à pele de foca. Rochas arranhavam grandes vergões em suas costas, e o lado do rosto doía como se estivesse lixado. Mas lentamente, polegada por polegada, ele ganhou terreno. Ele virou a cabeça novamente e havia o mar, espuma branca subindo apenas uma largura de mão abaixo. Só mais alguns centímetros e ele poderia derrubá-los no turbilhão. Ele deu um puxão forte e chutou a canela do pai.

Seu pé descalço teve pouco efeito e chutar o fez perder o equilíbrio. Ele foi arrastado alguns centímetros para a terra. A pele começou a deslizar de seus dedos. Um grito veio da costa. John? Uma onda de esperança emprestou-lhe força.

Mas as figuras que se apressavam à vista usavam o uniforme de Raskelf: Prout e Abbott estavam vindo para ajudar seu mestre. Thornby sacudiu a cabeça e puxou com toda a força, gritando de fúria. Ele tinha segundos. Porque no momento em que chegassem, acabaria. Eles levariam a pele. Levando-o de volta para Raskelf.

Não poderia ser. Não poderia. Estar no mar. E agora-

Lágrimas de raiva e desespero escorreram por suas bochechas, misturaram-se com seu sangue e caíram, perdendo-se na vastidão crescente do oceano.

E o pai congelou, olhando para o mar, depois soltou a pele como se não passasse de um trapo velho. Thornby, ainda puxando com todas as suas forças, recuou, enrolando-se, a cabeça estalando sobre a borda. Meio atordoado, ele tinha inteligência suficiente para abraçar a pele mais perto e se ajoelhar. Ele

estava prestes a se lançar no mar, quando também parou como se estivesse transformado em pedra. Ajoelhou-se na beira rochosa, com a pele nos braços.

A cerca de dez metros, uma mulher estava nadando na água gelada. Os ombros nus e brancos e os cabelos molhados eram de um tom pêssego ao sol poente. O rosto dela estava sombrio, mas a beleza sobrenatural brilhava. Seus olhos eram grandes e luminosos, cinzentos como o mar.

O pai ficou com as mãos ao lado do corpo, a boca aberta. Prout e Abbott estavam ao lado dele, agredidos e enfaixados. Prout parecia que poderia chorar. Abbott balançava a cabeça lentamente, sem entender a descrença. A expressão do pai era mais difícil de ler. O choque estava dando lugar à reverência, mas o desejo também estava presente e a ganância. Algo nos olhos dele disse: Minha.

A mulher nadou para mais perto. Thornby podia ver longas pérolas entrelaçadas em seus cabelos e adornando seu pescoço esbelto. Seus seios eram brancos como espuma do mar contra as profundezas negras, e os braços esticados, como se ela dançasse na água. Ao lado dela, flutuava uma forma escura e amorfa, à qual ela se agarrava com uma mão. Era uma pele de foca. Ela era como ele. Como sua mãe deve ter sido. Ele estava vagamente ciente de mais cabeças limpando a água mais longe - focas ou pessoas, ele não tinha certeza - mas era quase impossível desviar o olhar da mulher, ela era tão bonita. Ela sorriu para o pai, que gemeu no fundo de sua garganta.

Ela chegou mais perto, alcançou a beira da rocha e segurou-se, subindo e descendo com a onda. A espuma que caiu lá se foi, como se ela tivesse domado as próprias ondas por sua conveniência. Sua pele de foca flutuava atrás dela, subindo e descendo com a suave ascensão e queda do mar. Ela olhou para o pai pelo canto dos olhos e sorriu de novo, tímida, convidativa. Os cabelos dela giravam ao redor dela no mar como um véu de noiva bordado com pérolas.

Pai caiu de joelhos. Ele estendeu a mão para ela. —Por favor. — Sua voz era rouca. —Meu Deus, eu procurei por você por tanto tempo.

O sorriso dela se aprofundou. Então, pela primeira vez, ela olhou para Thornby. Um olhar longo e preguiçoso. Seu sorriso sonhador não vacilou, mas

ela olhou por cima do ombro como se quisesse lembrá-lo de que o mar estava lá - dele para ser tomado.

Então seu olhar voltou ao pai.

—Você — Ela disse. Sua voz era baixa, melodiosa, a voz de uma mulher reconhecendo um amante. —Você tem algo que pertence ao mar? Você vai me mostrar?

Um lampejo de incerteza cruzou o rosto do pai.

—Venha, me mostre, e estaremos juntos. — Seu sotaque era encantador, suave e calmo.

O pai remexeu a outra pele de foca - a pele de foca da mãe - de um bolso profundo de seu casaco. A ponta cortou a brisa, mas o sorriso da mulher ficou mais suave. Ela pegou - ou talvez estivesse procurando pelo pai. Pai a alcançou; suas mãos estavam quase se tocando.

Thornby sentiu, em vez de ver, o mar subindo em uma parede cinza atrás dela. Era mais alto que os telhados altos de Raskelf e chegava mais rápido que uma carruagem descontrolada. Ele podia ver figuras escuras presas nele e pedaços quebrados de algas marinhas. Com um arrepio de medo, ele teve apenas tempo para pensar que até uma foca poderia ser destruída até a morte em uma costa rochosa. Então ele estava no mar, feridos esquecidos, uma foca nadando o mais rápido que podia.

A onda o agarrou enquanto passava, arrastando-o para trás e deixando-o ir. Por um momento tudo ficou quieto e, em seguida, o tremendo surto da costa o jogou no mar. Algo pálido chamou sua atenção e ele olhou para baixo para ver a mulher nua, os braços em volta do pai. O rosto dela estava pressionado no pescoço do pai, como uma mulher poderia abraçar o marido, e a pele de foca os cobria como uma capa. Os braços dele estavam em volta dela também, mas enquanto Thornby observava eles flutuarem livres. A pele de foca da mãe deixou o aperto do pai. Os olhos de lorde Dalton estavam fechados quando ele e a mulher afundaram juntos, na escuridão e no frio.

Agora havia outras focas nadando ao lado. Ele nadou com eles, mantendo

o ritmo. Eles queriam correr, brincar na última penumbra e depois encontrar um lugar para descansar a noite toda. Eles o salvaram. E ele poderia se juntar a eles, se quisesse, e ser feliz. Ele não tinha certeza de como sabia, mas sabia.

Mas o coração dele não estava nele. Não havia necessidade de escolher. A areia de John na rocha significava que John precisava de ajuda. Ele soltou a pele de foca. Dois deram a volta, perceberam que ele não estava voltando e desapareceram em uma trilha de bolhas de prata, deixando-o sozinho na água negra. Ele se virou e nadou de volta à terra.

Era uma coisa malditamente desconfortável andar nu na praia à noite, especialmente em Yorkshire, em outubro. Encontrou a cidade mais próxima, provavelmente Scarborough, pelas luzes, e decidiu que o melhor seria desembarcar e perguntar ao redor. A princípio, ele colocou a pele em volta dos ombros como uma capa grosseira, mas o medo de que alguém a pegasse perseguia cada passo. Eventualmente, ele encontrou uma pedra grande, bem acima da linha da maré alta, e a enterrou embaixo. Não era o ideal, mas de uma maneira estranha ele se sentia muito mais seguro andando nu em direção às casas.

Muito frio embora. Seus dentes estavam batendo e ele não conseguia sentir os dedos dos pés. Enquanto caminhava, ele tentou inventar uma história. Acidente de barco? Desastre no banho? E John? Que história ele poderia ter contado a alguém?

E o pai, que agora estava certamente afogado junto com Prout e Abbott? Ele disse alguma coisa a alguém antes de morrer?

Pai, afogado.

Thornby não sentiu nada além de alívio imediato. Talvez ele ache tempo para ser realmente feliz com isso, depois de encontrar John e pedir perdão. E conseguir se aquecer. Então, uma rápida reviravolta na memória mostrou-lhe as mãos de seu pai, segurando um relógio de bolso de ouro - e ele tinha seis anos de idade e permitiu segurar aquela coisa maravilhosa e mágica, porque o pai confiava nele e seus pais estavam olhando um para o outro sorrindo.

Droga, por que tinha que ser tão frio? Seus olhos estavam escorrendo e seu nariz estava escorrendo. E ele machucou os dedos dos pés novamente, porque essas pequenas cidades eram muito escuras. Eventualmente, ele chegou à cidade das areias. Havia redes de pesca espalhadas ao longo de um muro baixo e ele enrolou um na cintura. Então ele foi até a primeira porta a que chegou e bateu nela com o punho. Se o pai lhe ensinara alguma coisa, as roupas podiam contar uma história poderosa, mas não eram tão importantes quanto as pessoas pensavam.

Se alguém é um cavalheiro, é um cavalheiro, não importa o que vestia.



John sentou-se na cela, comeu o pão velho que eles lhe deram e bebeu a caneca de cerveja azeda. Então ele se deitou na prancha nua que era ao mesmo tempo banco e cama. A janela gradeada não estava envidraçada e ele pediu ao galho de sorva para mantê-lo aquecido. Amanhã ele exigiria advogados e enviaria amigos em lugares altos. Paxton falaria por ele, se necessário, e o duque de Devonshire provavelmente se interessaria se Paxton pedisse. E Catterall, é claro. Por enquanto, John estava muito triste para se incomodar em enviar alguém.

As palavras de lorde Dalton continuavam ecoando em seus ouvidos. *Você está condenado. Seu maldito sodomita.* Maldito seja o homem, o tolo. Ele provavelmente ainda estava procurando outra esposa foca, e com aquela maldição fedorenta sobre ele, então todos nadariam uma milha no momento em que ele se aproximou do mar. Então, lorde Dalton e sua esposa selkie se amavam. John imaginou-os se encontrando em uma costa selvagem: o belo jovem senhor, trovejado, já se apaixonando. E a linda mulher nua com uma pele

de foca nas mãos. Ela estava com medo ou sorriu, desejando-o também? Dalton tinha levado a pele dela então, ou ela o seguiu de bom grado? O último, John pressentia.

Mas então, os anos se passaram e as coisas mudaram. Ela teve um filho e queria mostrar a ele seu direito de primogenitura; o mar, onde Dalton nunca poderia seguir. Então, Dalton pegou sua pele para impedi-la de sair. E ali, ali mesmo, estava a semente do ódio de Dalton por seu filho. Se não fosse por Soren, talvez ela nunca quisesse ir. E talvez, também, se Soren fosse um tipo diferente de garoto, Dalton poderia tê-lo amado mais. Em vez disso, Dalton achou uma decepção para ele; uma mariquinha, mais molhada de cama, que se tornara um rapaz insolente e depravado.

Soren falou de argumentos - sua mãe implorando, seu pai implacável. Sem dúvida, ela implorou por sua pele. Então, com Soren indo para a escola, talvez tenha se tornado demais para ela suportar. Sentindo falta do filho, desesperada pelo mar, ela fora ao lago à noite. Ela pretendia se afogar? Ou em tristeza e desespero, talvez, quando as águas frias se fecharam sobre sua cabeça, ela se rendeu, porque o lago escuro era o mais próximo que ela podia chegar do mar.

E mesmo depois de sua morte, Dalton não conseguiu desistir dela. Ele manteve o corpo dela onde ele poderia visitar. Manteve a pele de foca também. Como ele aprendeu esse truque de cortá-la? Você pensaria que ele não deixaria nenhum mal acontecer. Mas, talvez, um dia ele tivesse pensado em acabar com sua obsessão, destruir a pele, cortar um pedaço e jogá-la para longe e perceber que isso dominava o vento feio.

No entanto, manter a pele também o amaldiçoara. Dalton obviamente esperava que isso lhe desse uma vantagem, e deu. A capacidade de elevar o vento, mesmo que fosse desagradável, não seria pouca coisa para um homem que passava o verão no mar, procurando incessantemente por outra esposa selkie. O vento que o feitiço quase fez por John e seu sal; quase fora o fim da tentativa de Soren pela liberdade. No entanto, mesmo que Dalton não pudesse sentir por si próprio, manter a pele de foca lhe fizera coisas terríveis e também

garantiria que nenhuma mulher-foca entre aqui e a Groenlândia jamais chegaria a ele.

Soren. Oh, Deus, Soren. John estava tentando não pensar nele, mas é claro que era impossível. Onde ele estava agora? As focas esfriam à noite? Elas eram presas de tubarões? Mas Soren não era um selkie comum. Talvez ele não tivesse nada a temer das provações habituais da vida. Talvez agora ele estivesse brincando em um mar multicolorido com sua própria espécie.

Ou talvez Soren estivesse nadando de volta a Londres para recuperar sua antiga vida. Talvez ele tenha colocado a pele em um cofre de banco e nunca mais a tenha tocado; ele sugerira isso em Raskelf. John tinha apenas a mais vaga ideia da vida que Soren deveria ter vivido em Londres. Mas ele supôs que era um mundo brilhante de bailes, clubes, mostras particulares de arte e amantes ricos tão bonitos quanto o próprio Soren. De certa forma, esse mundo de privilégios foi ainda mais removido; o filho de um peixeiro nunca poderia pertencer a esse lugar.

De qualquer maneira, Soren nunca voltaria.

John rangeu os dentes, encolhendo-se contra a dor. Ele nunca deveria ter se permitido esperar algo além de uma ou duas noites em Raskelf. Ele tentara não ter esperança, mas de alguma forma fora incapaz de se conter. Soren lhe deu esperança - a maneira como ele sorria, a maneira como beijava, as coisas que ele disse, o tom de sua voz - tudo parecia tão genuíno. Como se ele sentisse algo também.

O que John esperava? Que um senhor, um conde devastadoramente bonito, meio-fada, se apaixonaria por ele? A ideia era tão absurda que ajudou a clarear a cabeça. Soren precisava de ajuda e dera tudo o que tinha em troca. E como tudo o que ele tinha era ele mesmo, foi o que ele deu. Soren teve sorte. Se Armstrong ou Christie tivessem ido para Raskelf, eles lançariam sua primeira tentativa de pagamento de volta com um soco e uma maldição. O mesmo aconteceria com a maioria dos homens. Era tão simples assim.

John teve a sorte de passar algumas noites com um homem como Soren.

Claro, Soren havia se tornado encantador. Ele não teve escolha.

Essa ideia de ir aonde os selkies vão, esperando que ele reconheça um? Procurando pistas, como Dalton deve ter feito; passando os verões à tona; dando a si mesmo as mãos retorcidas de um marinheiro; e procurando, procurando sem parar, pérolas em uma rocha no meio do mar, pegadas em uma praia deserta -

Ridículo. Esse era o oposto do que John deveria fazer. Ele passaria a vida procurando alguém que não o quisesse? Estúpido. Ele nunca esperava ter sorte no amor de qualquer maneira. Homens desse tipo nunca tiveram. Você teria sorte se nunca foi pego.

Mas queime essas malditas fábricas. Ele nunca voltaria para lá. E o Instituto. Tudo o que eles ensinaram a ele estava errado. Pelo menos Soren havia lhe dado essa percepção. De certa forma, ele não estava realmente sozinho e nunca esteve. O sal, os pinos, seus outros materiais - eles o queriam, queriam a mágica. Os soldados pegaram a maioria de suas coisas quando o colocaram na cela, mas ele podia sentir o sal no bolso, uma consciência leve e quente, como ter um gato no colo.

Talvez ele deixe a Inglaterra. Talvez eles tivessem ideias melhores sobre magia em outros países. Índia, talvez? Nova Zelândia? Como os mágicos faziam as coisas lá?

Mas ele estava pensando como um homem livre. Ele estava assumindo que a justiça seria feita e sua inocência provada. Mas Dalton queria que ele ficasse, não apenas por libertar Soren, mas por amá-lo também. O brilho do calor do galho de sorva morreu, deixando-o tremendo no frio. A palavra de um marquês carregava mais peso do que a do filho de um comerciante de peixe de uma profissão não terrivelmente respeitável. John nunca esteve do lado errado da lei, mas sabia muito bem que a teoria das coisas e a realidade costumam ser muito diferentes. Em teoria, a lei inglesa era a melhor do mundo e a verdade seria divulgada. Na prática, se Dalton mentisse na tribuna e fizesse seus homens mentirem, mesmo a intervenção direta do duque não salvaria John. Ele se perguntou, amargamente, se poderia fazer amizade com o laço do carrasco nos

poucos segundos entre conhecê-lo e tê-lo estrangulado.

As barras de ferro da porta da cela estavam murmurando para ele e ele colocou a mão nelas. A cela era tão pequena que não havia necessidade de se levantar. As barras conheciam todos os tipos de chaves de quimera, encanto e demônios. As paredes de pedra também queriam contar o que tinham visto. Feitiços para esconder, disfarçar. Encantos de amor. Encantos de amor, em uma cela? Sim, as paredes diziam a ele amor, amor, amor. Ele disse para elas calarem a boca e tentou tirar da cabeça pensamentos da forca. Ele acariciou o galho trêmulo de sorva, acendendo-o mais uma vez, e tentou dormir enrolado em torno de seu calor débil.

Ele acordou de um meio-cochilo miserável para homens gritando na rua, portas batendo e pés batendo na pedra. A luz laranja do candeeiro fazia sombras selvagens nas paredes. E do lado de fora, diretamente sob a janela gradeada, uma voz familiar dizia, com dicção de cristal e desprezo furioso:

—Pareço um cadáver afogado, senhor Howarth? Bem? Eu admito que o traje é bastante apropriado. Mas acho que você encontrará meu punho bem quente e seco. Se você gostaria de experimentar?

Soren.

Algo explodiu dentro do peito de John. Alegria, puro prazer e uma maré de alívio. Houve uma resposta murmurante; isso deveria ser Howarth.

Então Soren novamente; —Não, eu malditamente não vou tomar uma bebida com você, senhor. Você abrirá esta porta e fará isso agora. Não dou a mínima para o que o marquês lhe disse. Estou dizendo para você abrir. — As duas últimas palavras foram um rosnado feroz.

John se levantou e quase caiu. A sala estava girando. O que explodiu dentro dele não diminuiu. Estava se intensificando, agora se movendo além dos limites de seu corpo e efervescente no ar ao seu redor. Ele agarrou as barras da porta em busca de apoio; elas começaram a contar a ele sobre um encanto de vinte anos atrás. No bolso, o sal choramingava como um cachorro que ouve seu dono. Amor, amor, amor, as paredes começaram a zumbir, apesar do fato de ele nem estar tocando nelas. —Por favor — Disse ele. —Silêncio agora. — Como

diabos ele deveria se recompor quando tudo o clamava, e o mundo inteiro estava fervendo como champanhe? Era mágica?

Então Soren estava lá, segurando as mãos de John através das barras e batendo no homem com as chaves. Ao mesmo tempo, o sal estava cantando de alegria, contorcendo-se de êxtase no bolso de John. O galho de sorva continuava queimando com o calor, não acompanhando o ritmo do coração; parecia irritantemente como se ele tivesse dois corações, e os dois batendo forte. E a madeira descobriu que também tinha voz e começou a cantar como um canário.

Agora Soren estava parado em frente a ele, olhando em seu rosto e dizendo algo que parecia urgente. Suas mãos estavam juntas. John balançou a cabeça, tentando limpá-la.

—Por favor, fiquem quietos. — Disse John. Ele estava começando a sentir medo. A magia era muito forte. Tudo o que ele queria fazer era olhar para Soren, mas tudo estava muito alto, muito perturbador. —Todos. Por favor.

—John? — A voz de Soren tocou alta no súbito silêncio.

John olhou para ele, respirando fundo. Soren parecia mais bonito do que antes, se isso fosse concebível. Alguma energia sutil fluia dele; iluminava seus olhos, estava no conjunto de seus ombros e na inclinação de sua cabeça. Era um poder fluido que não podia se conter, mesmo que Soren estivesse franzindo a testa, olhando para John com preocupação. Soren não tinha mais marcas nele. Sem arranhões, sem machucados. Havia manchas de cor em suas bochechas. Ele parecia tão vital como se tivesse acabado de sair de uma caminhada matinal. Mas ele não era um sonho. Ele usava uma camisa de lona velha e calças medonhas e um casaco que parecia como se alguém tivesse pintado com alcatrão.

John tentou decidir o que dizer. Ele deveria explicar que o mundo tinha acabado de começar a falar com ele? E a acusação de assassinato? Lorde Dalton e sua caça a outra mulher-foca? A perseguição através dos pântanos? A pele de foca?

—Eu não aceitaria. — Ele percebeu apenas depois de ouvir as palavras que

as havia dito em voz alta.

—Eu sei. John, eu, Cristo, sinto muito.

Soren jogou os braços em volta dele. John deu um tapinha no ombro dele, tentando se afastar. Ele sentiu que havia centenas de pessoas aglomerando-se na ante-sala do lado de fora da cela e espiando pela porta. Ele não tinha ideia de quem eles eram, mas este não era o lugar para demonstrações de afeto. Não do tipo que ele mostraria de qualquer maneira.

—Podemos... sair? — A voz dele se arrastou. As paredes estavam sussurrando sobre encantos de amor novamente. O ar estava começando a borbulhar.

—Sim, vamos lá. — Disse Soren, liderando o caminho. —Aparentemente, você me matou, mas como ando xingando todo mundo, acho que essa acusação foi retirada. Você está bem?

—Talvez. Você está?

—Estou bem. É com você que estou preocupado.

—Espera! E quanto ao seu pai? Ele virá! Buscá-lo! Onde-

—John, pare! — Soren abaixou a voz. —Pai se foi. Morto. O mar o levou.

Eles chegaram à rua, mas de repente John teve que se sentar. Não havia lugar para sentar, então ele colocou a mão na frente da casa de alguém para poder se apoiar nela. Queria contar a ele sobre um feitiço para melhor rejuntar. Ele gemeu e descansou as costas nele. A rua estava cheia de conversas, pessoas ou coisas, ele não tinha certeza. O candeeiro continuou balançando. Até as sombras pareciam vivas.

Então, Dalton estava morto. Sem conseguir o desejo de seu coração. Sem ver outra mulher-foca. John desejou poder odiar o homem e se alegrar, mas em vez disso - Ter alguém como a mãe de Soren. Para estragar tudo. Para nunca esquecer essa pessoa. O que Dalton disse? *Qualquer outra pessoa será cinzas na sua boca.* A própria boca de John estava assim. E Soren - de volta. Por quanto tempo? Quanto tempo até ele voltar ao mar?

—John, qual é o problema? Você está bêbado? Você não cheira a bêbado.

—Quando você veio, tudo começou a falar. As paredes, o sal. Aquelas pedras...

Foi tudo demais. Ele se inclinou, a cabeça nas mãos. Ele podia ver os pés de Soren, em um par de botas antigas que provavelmente nunca conheceram polidez. As botas estavam enfeitadas porque Soren as usava. Soren colocou a mão no braço dele.

—Venha, John, vamos ficar com o senhor Howarth. — O tom de Soren era cuidadosamente neutro.

—O que? Eu não vou ficar com ele. Ele me prendeu.

—Sim, mas isso foi um erro, e ele tem um quarto livre que ele gentilmente nos ofereceu. Um quarto de reposição. Entende? — Soren chutou o tornozelo.

—Não.

Então Soren estava sussurrando em seu ouvido novamente. Sua respiração, quente no ouvido de John, fez o galho de sorva pulsar mais rápido e a parede bater mais alto sobre o rejunte. —Ele tem um pequeno lugar na frente para ver sua amante. Um quarto de reposição. Então, teremos que compartilhar. Vamos lá, eu já descobri isso.

—Oh, Deus, eu realmente não me importo com rejuntes.

—Não? Não posso dizer que me preocupo com eles. John, pelo amor de Deus, vamos lá. Você não quer ir para a cama?

—Por que você não confia em mim? Eu não aceito. Passei uma semana tentando ajudá-lo a encontrar a coisa maldita! Onde fica, afinal? Espero que você tenha um lugar seguro. Não estou procurando por isso de novo.

—É seguro o suficiente por enquanto. Você sabe, se é isso que algumas horas em um aprisionamento faz com as pessoas, acho melhor entrar para uma sociedade de reforma penitenciária.

—Não é isso. É você. Eu vou ficar bem logo. As coisas estão se acalmando.

—São eles?

—Mais ou menos. — Ele colocou a cabeça nas mãos por um momento. —

Quero meus pinos. E qualquer outra coisa. Eles os pegaram.

—Eles fizeram, por Deus?

John encostou-se na parede enquanto Soren latia ordens para alguém. Era difícil dizer que coisas eram materiais e quais eram homens. Os homens se moveram mais, no entanto. Essa era a chave. Essa era a maneira de dizer. Pelo menos Soren era fácil de distinguir. Ele brilhava como espuma do mar no escuro. E ele ficou parado, o que foi um alívio, e ele parou de falar, o que também foi bom. John deixou-se olhar para Soren, sentindo a onda do mundo ao seu redor diminuir e se acalmar.

Alguém trouxe os objetos de John, mas soltou um grito antes que eles pudessem entregá-los. A corda deslizou pela perna e no bolso. Várias de suas runas foram arranhadas e tremiam de medo. Os olhos, menos aterradores para os espectadores, rolaram para encontrá-lo, sentindo o caminho com magia. Ele murmurou incoerentemente a seus pés até que ele pegou na mão. Os pinos se erguiam nas pedras como flores esperando para serem colhidas. Eles pareciam estar assobiando. Ele percebeu que eles estavam dizendo: “Messssstre, messsstre, messsstre”. Eles não deveriam poder conversar. Na verdade, nem em voz alta. As pessoas ouviam.

—Basta. — Ele disse bruscamente, e tudo ficou em silêncio novamente.

Soren juntou os pinos, fazendo alguns comentários sobre equipamentos científicos ao fazê-lo. John achou que soava fino, mas não conseguiu se importar.

Parecia que a amante do Sr. Howarth havia deixado seu melhor quarto para eles. Era na frente da casa, com vista para o mar. Havia uma cama enorme, uma mesa pequena e duas cadeiras, um baú velho, uma fogueira crepitante e um aroma fresco de lavanda. Soren deixou as pessoas trazerem comida e água morna e depois as mandou fazer as malas, com ordens que ninguém os perturbaria. Não para inundações, incêndios ou destruição. Não para morte. Até o Sr. Howarth, que havia chegado com uma garrafa de vinho do porto, se incomodou com o tom dele.

Soren o ajudou a lavar e colocar comida na frente dele. Ele comeu devagar, deixando o mundo voltar ao normal, embora provavelmente nunca mais seria o mesmo. Então ele se sentou acariciando uma taça de vinho vazia que mantinha uma porta notavelmente fina, pensando em como era tranquilo que a taça não soubesse mágica. Era inocente como uma margarida.

Soren estava sentado à mesa à sua frente, conversando baixinho, quase consigo mesmo. John começou a prestar atenção e perceber a importância do que estava dizendo: Raskelf tinha um novo mestre.

—porque Stewart precisa curar-se. Toda essa terra na Escócia e na Irlanda deve valer alguma coisa, para que possamos ganhar dinheiro com a venda e... — Ele percebeu que John o observava e sorria, aquele sorriso tímido que surpreendia John cada vez que via. —Se sentindo melhor?

—Você tem certeza que ele está morto?

O sorriso de Soren desapareceu. Ele olhou para a toalha da mesa. —Sim.

Havia tanta coisa naquela sílaba: alívio, ódio, desafio, tristeza, resignação, arrependimento. O que alguém diria? Eu sinto muito? Estou feliz? Eventualmente, John disse: —Esta terra na Escócia, esses recifes, eu acho, se você for lá, encontrará os habitantes locais com ordens para não atirar em focas.

—É claro que eles estarão sob ordens. — Disse Soren amargamente. —Ele queria uma viva.

—Ele falou comigo, na praia. Ela o escolheu, você sabe. Ela saiu do mar para ele. Eles criaram a ideia de dizer que ela era dinamarquesa juntos, pelo que parecia. Eu sei que foi ruim, mas eles foram felizes uma vez. Eles amavam-se.

—Eu deveria perdoá-lo, não deveria? Você sabe por que ele me queimou, todos esses anos atrás? Você já trabalhou nisso? Eu era isca. Ele estava tentando fazê-las vir para mim. — Soren fechou os olhos. —Você tem alguma ideia do que aquela queimadura fez comigo? Ele me xingou. Na escola eu... — Ele colocou o rosto nas mãos por um momento.

John suspirou. —Eu não estou desculpando ele. Foi imperdoável. Mas eu pensei que você deveria saber sobre ele e ela. Esqueça, então.

John acariciou a taça, tentando deixá-lo preencher sua consciência. Ele se sentia, de certa forma, pior do que na prisão, porque agora a esperança continuava agarrada à barriga dele, e ele podia ver o que tinha a perder sentado do lado oposto, ainda mais bonito do que em sua imaginação, olhos cinzentos defensivos, boca tensa e infeliz, dedos esbeltos entrelaçados, unhas roídas. O desejo de segurá-lo e nunca deixar ir era tão forte que John fechou os olhos. Talvez ele devesse sair. Agora. Antes que as coisas fossem mais longe. Só poderia terminar mal. Ele tentou se imaginar de pé, abrindo a porta, indo embora.

Soren disse em voz baixa; —John? Desculpe. Obrigado.

—Depois de resolver tudo em Raskelf, você pode ir a um desses recifes. Provavelmente é o lugar mais seguro.

Soren olhou rapidamente. —Oh, mas - mas, a Escócia está muito longe de Londres.

—Você vai voltar para Londres? Você vai fazer o que disse naquele lugar. Colocar a pele em um banco e nunca mais a tocar?

—Não! Eu não vou fazer isso. Isso foi antes de eu saber. — Soren levantou-se, o rosto se transformou de admiração e começou a andar de um lado para o outro. —Estar no mar! É a melhor coisa do mundo! — Ele sorriu de repente, olhou significativamente para John e acrescentou maliciosamente: — Com algumas exceções. É como aqueles sonhos onde você pode voar! Meu Deus, é como estar em uma pintura de Turner! E eu pertenço lá!

Ele balançou a cabeça um pouco, como um homem que não pode acreditar em sua boa sorte.

—Sim. Você pertence a esse lugar.

—Não se parece com isso. Também pertenço à terra, com certeza? Pai era humano.

John educou o rosto. Foi difícil, porque ele queria tanto Soren, ele sentiu que isso o sufocaria. Ele queria dizer algo nobre e compreensivo que o deixasse ir embora com o respeito próprio intacto. Porque, caso contrário, ele acabaria

implorando a Soren para não ir ao mar novamente.

—Você nadou para longe. — Ele se ouviu dizendo. E não era digno; estava cru de dor. Pelo menos ele não estava de joelhos, implorando.

Soren agachou-se junto à cadeira, segurando a borda da mesa com uma mão, olhando para o rosto dele.

—John, me desculpe. Eu não queria te abandonar, mas essa pele estava esperando o mar desde o dia em que nasci. Eu tive que colocá-la. Sei que não deveria ter fugido e pedirei seu perdão cem vezes por isso, se quiser. Mas havia mágica no trabalho. Estava me dizendo para não esperar, não arriscar. Não era razoável, eu sei, mas a mágica nem sempre é, é? Você sabe disso. E então, quando eu era um selkie, uma foca, não estava apenas em uma forma diferente. Tudo isso... — Ele apontou para seu corpo. —Eu esqueci. Parecia um sonho.

—Tudo certo. — John tinha controle de si mesmo novamente. Ele conseguiu sorrir. —Diga-me um pouco mais. Você pegou algum peixe? Você os comeu vivos?

Soren se inclinou para beijá-lo. Ele o fez com ternura, quase se desculpando, como se John pudesse recusá-lo.

Ele poderia muito bem se recusar a respirar.

Soren tirou o paletó, a camisa e as botas manchadas. Ele sentou-se montado em John nas calças de lona remendadas. John passou a mão sobre o peito. Sem cortes, sem nenhum vestígio. Ele também podia ver que o pé antes marcado de Soren agora era um arco gracioso perfeito como seu companheiro. Não era assim como Soren? Eles sempre conseguiam sair ilesos das coisas. O próprio peito de John doía como o inferno, onde o tiro o atingira e Dalton o chutava, e seu rosto e ombros eram uma bagunça de cortes e contusões das ardósias. Ele tocou a curva da testa de Soren, a linha de sua mandíbula. Também não havia marcas, nem a sombra de uma contusão.

—Onde você aprendeu a lutar assim? — John disse.

—Eu fui para Eton, bobo. E eu tinha um pé ruim e não conseguia fugir. — Soren começou a desfazer os botões do colete de John. —É melhor você não

tirar os pinos?

—Em um minuto.

Ele fechou os olhos e deixou Soren fazer o que ele gostava. Deixando-o beijar sua boca e pescoço. Deixando-o desamarrar a gravata, desabotoar a camisa e voar. Deixando-o morder a pele sensível ao redor da orelha. Deixando-o moer contra ele, a respiração acelerando.

A cadeira rangeu em advertência. Isto estava certo. John abriu os olhos. — Sai fora. E tire essas calças horríveis também. E espere por mim perto do fogo. Vou te foder em um minuto e não me importo se as janelas do Sr. Howarth derreterem, então farei exatamente o que quero, exatamente como quero. E você vai aceitar. Entendeu?

Mesmo assim, ele pegou os pinos e se esvaziou do poder. Quem sabia o que aconteceria pela manhã? Mas se ele ia ter mais uma noite com Soren, ele estava muito quente e confortável, sem um vento do mar soprando pelo quarto. Raskelf tinha sido uma caixa de gelo. Ele queria ver Soren suar. Queria que ele corasse e tremesse, escorregadio e flexível. Se Soren iria desaparecer no mar novamente amanhã, então esta noite teria que aquecer John por muito, muito tempo.

Soren havia alimentado o fogo e agora estava esperando, nu, como lhe disse. Ele ficou parado, sorrindo, com o pênis roliço, as mãos atrás das costas. — Você já pensou, senhor Blake, que está prestes a foder o décimo marquês de Dalton? — Ele levantou uma sobrancelha. —O que você diz sobre isso?

Há uma semana, a idéia de ter um marquês teria inflamado John além da imaginação. Agora, ele queria apenas Soren. John olhou para ele, decidido, e teve a satisfação de ver seu sorriso desaparecer, vendo-o engolir nervosamente. Soren precisava de uma atitude errada, era disso que ele precisava.

Ele ficou na frente de Soren por um momento ou dois mais, apenas olhando, e deixando-o olhar. Então ele disse: —Certo. Você desfez meus botões. Agora você pode fazer novamente. E então você pode amarrar minha gravata.

As sobrancelhas de Soren se arregalaram de surpresa e depois ficaram

perplexas. —Mas-

—Faça

—Mas você-—

—Talvez eu tenha mudado de ideia. Talvez eu sinta. Faça.

Soren mordeu o lábio e começou a fechar os botões da camisa de John, depois o colete. John olhou para baixo e viu seu pau amolecer. Soren realmente pensou que ele iria sair? Hum. Talvez ele realmente tenha.

—Fique parado. — Ajoelhou-se e tomou o pênis de Soren na boca. Soren agarrou seu cabelo, ofegando. John o chupou até que estivesse gemendo e empurrando os quadris para frente, depois se levantou novamente. Os olhos de Soren eram negros, a boca aberta, o rosto corado.

—Tudo certo. Agora você pode amarrar minha gravata. Não muito apertada. Você sabe como eu gosto. — John o fez fazer isso duas vezes. As mãos de Soren estavam tremendo. Seus olhos tinham aquele olhar suplicante. Desesperado por vir, sem saber se isso iria acontecer. Perfeito.

John verificou as abotoaduras e depois desabotoou o que acabara de fazer Soren fazer. Ele afastou o linho de suas calças e deixou seu pau sair orgulhoso. Ele se curvou, inchado, cheio de veias, chocando contra a respeitabilidade de suas boas calças de lã e colete.

Soren já estava ajoelhado, já fechando aqueles lábios impossivelmente vermelhos ao redor da cabeça de seu pênis. John o deixou chupar por um tempo, admirando o contraste entre a nudez de Soren e sua própria aparência quase pública. Mas a visão e a sensação eram demais para suportar por muito tempo, e de qualquer maneira ele queria Soren suando - queria lamber sua pele e provar sal. Ele empurrou Soren sobre as mãos e os joelhos. Então John posicionou seu pau naquele buraco apertado e enrugado e empurrou contra ele, apenas com a ponta, nada demais, ainda não.

Soren gemeu e empurrou de volta contra ele. John pegou o frasco de óleo do bolso, jogou um pouco e entrou, Soren se contorcendo embaixo dele. Então ele parou por um momento, as mãos firmes nos quadris de Soren para segurá-lo

imóvel, tentando pensar em algo monótono. Ele estava suando agora; o processo era um pouco restritivo, um pouco irritante. Da próxima vez ele faria Soren usar as roupas; ele o vestiria com aquele casaco da Regência ridiculamente apertado, nu da cintura para baixo.

Então ele lembrou que provavelmente não haveria uma próxima vez, e que as roupas velhas de Soren haviam sido rasgadas em pedaços na luta e depois perdidas em algum lugar. Isso o ajudou a se acalmar de qualquer maneira.

Ele começou a se mover, gentilmente a princípio, depois mais duro. Soren tentou, uma vez, gozar por si mesmo, e John empurrou muito forte, fazendo-o grunhir e levar a mão de volta ao chão para parar de cair. A luz do fogo estava brilhando agora nas costas nuas de Soren e sua respiração estava entrando em gemidos.

John pegou um punhado dos cabelos de Soren e torceu o rosto em direção ao fogo. Isso era melhor. A boca de Soren estava aberta, os olhos fechados. Seu rosto estava vermelho-sangue à luz do fogo, suor pingando no tapete. O cabelo dele, na mão de John, estava escuro de suor.

—Cristo, John, por favor. — Ele ofegou.

Se ele ainda conseguisse gerenciar as palavras, elas não estavam terminadas. Ele soltou o cabelo de Soren e o empurrou em seus braços. Então ele empurrou com mais força e em um ângulo ligeiramente diferente. Outro “por favor” se transformou em um choro. Muito alto? Ele não se importava. Não havia vestígios do senhor elegante agora; Soren estava chorando, quadris balançando. John estendeu a mão e passou a mão em torno do pênis de Soren. Soren deu um grito estrangulado, depois outro e outro. John empurrava com mais força e estava perdido em um mundo de calor e prazer tão feroz que era como foder um homem de fogo.

No final, ele passou a língua pela espinha de Soren, sentindo-o estremecer, ofegar e apertar-se com força, uma última vez. O suor de Soren era sal na boca, como o mar, como lágrimas, como material mágico.



Depois, Thornby despiu John com cuidado e eles ficaram nus na cama. Thornby olhou para o conjunto de pinos que estavam ao lado da cama. —Não há polvo. — Disse ele, sem saber se estava decepcionado ou aliviado.

—A pele é sua agora. Talvez seja por isso. Não precisamos de mais pistas. Você é livre.

Havia algo final na voz de John, como se ele estivesse se despedindo. Thornby virou-se para olhá-lo. E ele pôde ver que, embora John pudesse tê-lo perdoado, ele não confiava nele. E ele não entendeu. Havia um olhar cauteloso em seus olhos.

—Você sabe por que eu voltei, não é? — Thornby disse.

John desviou o olhar, em direção ao fogo. —Não diga nada precipitado, sim? Você tem um mundo totalmente novo a seus pés. Quem sabe o que você pode encontrar lá?

—Mas, John, eu esperava que, às vezes, eu pudesse te ver. Quero dizer, não apenas às vezes. Sempre que você quiser. Se você tem tempo. Em Londres, ou... ou em qualquer lugar.

Lá, ele disse isso. Ou pelo menos, algo parecido com o que ele queria dizer. Ele não pôde deixar de lembrar de todos os homens - e também de muitas mulheres - que brigavam e gaguejavam com ele ao longo dos anos. Agora, finalmente, ele sabia como era; sua língua estava flexível como um pepino do mar e ele também se sentia inteligente. Ele nunca teve problemas em divulgar seus desejos no passado, mas nunca se importou antes. Agora, ele se importava tanto, ele sentiu que poderia morrer por isso.

—É isso que você quer? — John disse. —Para me ver em Londres?

—Você não quer? — Esperar pela resposta de John era como aguardar a

libertação de Raskelf novamente. Os segundos se estenderam em anos.

—Você não me deve nada. — Disse John eventualmente. Ele colocou a mão sobre os olhos. —Você sabe disso, não é? Eu sei que tirei você de Raskelf. Mas você me tirou daquele espantoso arbusto de espinhos. E fora da prisão, pense nisso. Então, nós desistimos. E Catterall vai me pagar.

—Mas não é porque te devo uma coisa! John, eu gostaria que você olhasse para mim.

Thornby puxou a mão dele e John o deixou pegar. Os olhos de John estavam molhados de lágrimas; ele os esfregou.

—Desculpe, foi um dia infernal. Você não tem ideia de como é cansativo, abrir buracos em casas de campo e ser preso por assassinato. Claro, podemos nos ver em Londres, se você quiser. Olhe para nós, finalmente em um lugar onde as paredes não ficam sussurrando para mim. Aquela cela era tão ruim quanto Raskelf.

O assunto estava sendo mudado de uma maneira que não era inteiramente satisfatória. Mas John estava claramente tentando se recompor. E ele concordou que eles se veriam novamente, mesmo que ele parecesse um pouco morno com isso. Talvez John preferisse outros mágicos, homens com quem ele pudesse discutir as coisas que realmente importavam para ele. O estômago de Thornby tremeu desagradável com o pensamento. Mas John havia concordado que se veriam novamente. Thornby deitou-se contra ele, as pernas entrelaçadas.

—Então, ninguém fez mágica aqui? — Ele disse.

—Aquele baú velho já foi visto um pouco.

—O que diz?

—Os contrabandistas usaram uma vez. Se alguém o abrisse, eles veriam peixe defumado. —Os olhos de John ficaram sem foco por um momento. —Nunca é armazenado peixe defumado. Acha isso engraçado. Você não sabia que peças de móveis podiam achar coisas engraçadas? Esta cama faz, você sabe. Pensa...

—Não me diga! Nunca mais poderei transar na cama.

—Promessas, não é? Vou colocá-lo sobre esse baú daqui a pouco. Isso dará algo para se pensar.

Thornby sorriu. —Bem, eu não vou vestir você de novo. Quando você me fez abotoar sua camisa, eu realmente pensei que você estava saindo. Seu cafajeste absoluto.

—Isso ensinará você a mergulhar no mar e esquecer tudo.

—Eu não disse isso. Esqueci que já fui humano.

—Não é o mesmo?

—Não. Não é. — Thornby levantou-se sobre um cotovelo. O rosto de John estava machucado e cortado e havia linhas de tensão gravadas nele. Ele precisava fazer a barba. —John, você não percebe? Eu esqueci de mim mesmo. E Raskelf, e tudo. Eu ficaria no mar para sempre, provavelmente. Mas lembrei-me de uma coisa; Lembrei-me de você.

Os olhos de John se arregalaram e, finalmente, a cautela neles se dissipou. —Eu?

—Só você. — Ele saiu em um sussurro, e sua respiração parou no final. Ele queria dizer outra coisa, deixar claro, fazer John entender o que aquilo significava, mas sua voz parecia tê-lo abandonado.

Mas talvez John tenha entendido de qualquer maneira, porque ele tocou a bochecha de Thornby. Com o polegar, ele traçou o inchaço dos lábios de Thornby e a linha de sua mandíbula. E ele parecia do jeito que fazia quando estava trabalhando com mágica; sério, atento, possivelmente um pouco assustador. E ser tocado assim, com tanta ternura, com aquelas mãos ouvintes, era tão precioso e inebriante quanto a liberdade.

Atualmente, os olhos de John se fecharam e ele adormeceu, com o rosto pressionado contra o peito de Thornby. Thornby estava deitado com os braços em volta dele e o ouvia respirar. Ele estava quase dormindo quando percebeu que cada respiração lenta que John respirava estava em perfeita harmonia com as ondas que irrompiam na praia. Ele jurou que as ondas estavam batendo mais rápido há pouco tempo e achou uma coincidência estranha.

Ou talvez não tenha sido uma coincidência.

Se alguém tem uma afinidade de selkie com o mar, e o homem deitado ao lado é um mágico com uma afinidade por sal - talvez, quando estivessem em paz, até o oceano dormiria.

CAPÍTULO QUINZE

John meio que acordou. A cama estava quente e confortável, e o sono varreu-o novamente em uma onda suave. Mas ruídos externos continuavam trazendo-o para a superfície; o barulho de um carrinho, passos, vozes masculinas, o zumbido de Londres acordando. E, no entanto, havia algo errado. Houve um grito agudo e alto, como se algum teurgista descuidado tivesse convocado algo que ainda não estava sob controle. Talvez ele devesse ir e - não, não era um diabinho de nova conjuração; eram gaivotas chamando. E ele não estava em Londres, estava em Yorkshire, em algum lugar na costa leste.

Tudo voltou à tona. Soren. Raskelf. O mundo inteiro lhe dizendo seus segredos.

Soren. Ele estendeu a mão, mas sua mão encontrou lençóis frios. Ele abriu os olhos, vendo a extensão nua do travesseiro, a borda amassada do lençol, cinza pálido na sala mal iluminada. Talvez Soren tivesse saído para se aliviar. Talvez ele volte a qualquer momento.

John podia contar com os dedos de uma mão as vezes que dormiu na cama a noite toda com um amante. Geralmente, ele não se arriscava. Depois do sexo, era mais seguro ir para casa dormir sozinho. Mas Soren projetou a oportunidade da noite passada e John estava cansado demais para protestar. De qualquer forma, ele não quis protestar. Era uma felicidade adormecer com os braços de Soren ao redor dele. John dormiu, sentindo que, se algo acontecesse, Soren lidaria com isso. A sensação de segurança tinha sido tão profunda que parecia algo desde a infância, quando ele ainda acreditava que seus pais eram invulneráveis - sua mãe totalmente sábia, seu pai todo forte.

Ele esperou, tentando se agarrar ao contentamento da noite passada, enquanto os minutos se prolongavam. Ele podia ouvir o mar. Meio adormecido, ele o confundiu com o som distante da cidade, mas agora seu ritmo silencioso e incessante era inconfundível, como o pulso de um amante quando você deita a cabeça no peito dele.

Ele se virou. O fogo estava apagado e a luz branca do amanhecer espiava pelas bordas das cortinas. Ele olhou para o local onde Soren havia deixado suas roupas na noite passada - aquelas coisas horríveis e velhas emprestadas de um pescador. Elas se foram, é claro.

Então, Soren saiu.

Ele voltaria? Ou o mar o chamou novamente?

Apesar do que Soren havia dito na noite passada, apesar da promessa em sua voz, a pele de John começou a formigar com inquietação. O que quer que Soren pudesse ter dito, o que quer que esteja crescendo entre eles - isso era páreo para as forças da magia? Se a mãe de um homem era uma selkie, ele entendia os

instintos que poderiam levá-lo? John estava deitado debaixo das cobertas quentes, o frio intenso o atacando.

Então, através do tumulto de seus pensamentos, ele começou a sentir alguma coisa. Ele não reconheceu a princípio, porque o tom - encantado, quase presunçoso - não era o que ele já ouvira antes desse material em particular. Mas sim, era o sal, tentando lhe dar uma mensagem.

Soren havia tocado. Mais que isso; Soren segurou. Soren tinha deixado escapar da mão dele. O sal estava praticamente ronronando. John sentou-se. Na noite passada, o sal estava em sua bolsa de oleado no bolso de seu casaco, que ele havia pendurado nas costas de uma cadeira. Mas agora - ele saiu da cama e foi nu para a lareira. Ali, em grandes letras irregulares de sal, estava escrita uma palavra:

ESPERE.

Calor e luz inundaram de volta, enchendo seu peito de esperança e seu pênis de sangue. Era uma provocação, nem mais, nem menos. Espere, eh? Quando Soren voltasse, John o faria esperar. Até que ele estivesse implorando por libertação. Até que ele estivesse se contorcendo, choramingando e implorando por isso. Talvez ele o fizesse esperar o dia todo. Ele se dera um belo pau duro, só de pensar nisso, o que provavelmente era o que Soren pretendia. Para distrair-se, ele acendeu o fogo, mas não o distraiu com muita eficiência, porque estava ajoelhado no tapete que eles haviam fodido na noite anterior e era impossível não se lembrar dos punhos de Soren segurando o tapete, o suor pingando dele, a pressão quente e apertada de sua bunda e o gosto de sal em sua pele.

As chamas pegaram a madeira nova e começaram a encher a sala de calor. Os pés subiram as escadas e John se levantou, as mãos cobrindo a virilha. Soren entrou, um saco de estopa na mão. Ele fechou a porta e deu uma olhada em John.

—Vejo que você recebeu meu bilhete. — Disse Soren.

John tirou as mãos da virilha; ele não estava enganando ninguém de qualquer maneira. Soren usava calças velhas de lona, camisa e casaco - e ele

parecia absolutamente devastadoramente bonito. Ele estava respirando com dificuldade, como se estivesse correndo.

John estava prestes a dizer: —Espere, não é? Não por favor? E com o meu sal? Devo lembrá-lo de suas maneiras? — Mas algo o deteve.

Soren tinha um olhar estranho no rosto, meio desafiador, meio assustado. —Posso te mostrar uma coisa? — Ele falou rápido, como se quisesse dizer as palavras antes que ele perdesse a coragem. Ele não esperou por uma resposta. Ele enfiou a mão no saco, ao mesmo tempo em que o abria, derramando algo flexível e marrom-dourado. Era tão bonito, saindo do saque áspero, que John prendeu a respiração.

Era a pele de foca; A pele de Soren. Mas muito maior do que a última vez que John a viu, e mil vezes mais bonita. Antes, estava adormecida, sem uso, empoeirada, meio morta. Agora estava viva, tanto parte de Soren quanto seu coração ou olhos.

A pele. Claro; ele tinha conseguido.

John ficou olhando, imaginando o que teria custado a Soren ficar com ele a noite toda, quando a pele estava escondida em outro lugar. Soren tinha dormido? Ou ele havia ficado lá, em guarda, deixando John dormir, com a mente concentrada o tempo todo na pele?

Soren estendeu, seus olhos assustados. John podia ver sua mão tremendo, a pele tremendo e brilhando à luz do fogo. E bem, Soren poderia estar nervoso. Como deve ser oferecer sua pele a outra pessoa? Sabendo que se eles escolherem pegá-la e mantê-la, você ficará preso. Amarrado a eles. Para sempre.

Claro, John não aceitaria. Ele sabia o que estava sendo oferecido; a chance de ver, a chance de tocar. Ele se aproximou - era difícil não - quando a pele o atraiu. Eram cem tons de ouro e marrom; era mel e óleo, vinho e chocolate quente. Eram raios de sol na água clara da lagoa. Era cobre e ouro, topázio e conhaque. E, no entanto, era mais bonita do que todas essas coisas, porque estava viva. A magia brilhava nela, madura, em constante mudança, eterna, como o mar.

Ele estendeu a mão para tocá-la e depois a deixou cair. Afinal, quem era ele? O filho de um peixeiro. Um mágico, sim, mas também um mero mortal. Era uma coisa feérica, cheia de poder. A pequena pele seca que ele enfiou dentro de sua camisa tinha sido diferente; ele não se importou em tocar isso. Essa coisa era perigosa, tão perigosa quanto o amor. Um homem não deveria tocar levemente. Ele arrastou o olhar da glória da pele para o rosto de Soren. Soren estava mordendo o lábio; ele parecia que poderia chorar.

—Você não precisa me deixar tocar. — Disse John, um pouco rígido.

—Você não quer? — A voz de Soren tremeu.

John caiu de joelhos por instinto. Ele nunca foi movido pelos encantos de piedade dos magos da igreja - era difícil quando alguém podia ver através deles - mas ajoelhar-se agora parecia certo e adequado. E talvez ele estivesse com medo, mas Soren queria que ele tocasse; então, ele tocaria.

—É a coisa mais linda que eu já vi. Posso mesmo? — Ele acariciou aquele pelo vivo e brilhante.

Soren estremeceu, ofegou e, para horror de John, arrancou a pele. Eles se encararam. Soren estava respirando goles rasos, segurando a pele protetora contra ele.

—Eu... me desculpe, eu não quis... — John disse, balançando a cabeça, horrorizado. Ele não sabia o que havia feito, apenas que Soren estava olhando para ele como se nunca o tivesse visto antes.

—Meu Deus. — Soren respirou, quase um suspiro, quase uma risada. Ele estendeu a pele. —Faça isso de novo?

John fez o que lhe foi pedido, passando a mão pelo pelo, tão suave, tão quente -

—Cristo! Como... como... — Soren deu alguns passos para trás, afastando a pele novamente. Ele caiu de joelhos também, olhos enormes e pretos. —Como você está fazendo isso?

—Fazendo o que?

—Não é assim quando toco. Certamente não aconteceu quando o pai

tocou.

—Como é?

—Você está usando magia nisso?

—Não. — John olhou para a própria mão e franziu o cenho. —Pelo menos, acho que não. Você se lembra de quando chegou à cela ontem à noite e tudo começou a falar comigo?

—Eu dificilmente deveria esquecer.

—Não. Bem, acho que reajo a você. Eu não posso evitar. É como se a mágica se libertasse quando você está por perto.

—Oh. — De repente Soren sorriu. —Isso parece muito irrestrito. Você acha que é seguro?

—Eu não sei. Isso nunca aconteceu comigo antes. Você pode achar isso difícil de acreditar, mas meus círculos sociais habituais não incluem muitos aristocratas bonitos e meio-fadas. Não acho que estou usando mágica, mas não juraria. Eu não achava que estava usando ontem à noite, mas ainda aprendi mais sobre rejuntar feitiços do que queria.

—Bom senhor, senhor Blake. Você nunca deixa de surpreender, não é?

—Como é a sensação quando toco?

Soren começou a rir, um pouco fraco. —Dê-me um minuto e depois acaricie-o novamente, e você verá. — Ele colocou a pele cuidadosamente aos pés e começou a tirar a roupa de pescador. Ele chutou as botas velhas sem forma, tirou o paletó e a camisa como uma só e abriu o único botão que segurava as calças. Ele não tinha cuecas para remover. Seu pênis estava tão inchado que estava quase roxo. Estava vazando na ponta. Ele levantou uma sobrancelha.

—Entendendo a essência? — Sua voz estava tensa. —Acaricie de novo?

John rastejou pelo tapete até ele. Era um tapete turco caro, com seda escarlate e índigo, mas a pele fazia com que parecesse monótono e barato. Ele puxou Soren pela mão, então ele estava deitado metade na pele, nu, tremendo.

John estendeu a mão, parou por um momento, deixando Soren antecipar o toque. Então ele acariciou a pele pela terceira vez. Era tão suave que era quase

sem atrito, tão quente que era como colocar a mão perto do fogo, tão linda a maneira como as cores mudavam e mudavam quando a mão se movia sobre ela.

Os dedos de Soren estavam enterrados profundamente no pelo, o corpo tenso, se contorcendo. Quando John acariciou a pele pela quarta e depois pela quinta vez, Soren deu um grito estrangulado e passou para o próprio peito. John olhou para ele maravilhado, e depois para sua própria mão, que ainda parecia perfeitamente comum.

—É assim que me sinto. — Soren estava deitado na pele com os olhos fechados, braços estendidos em abandono.

—Puta merda.

—Bastante. — Soren abriu um olho. —Seria assim se algum mágico o tocasse, você acha? Ou é só você?

—Não faço ideia. Você vai deixar mais alguém tocar?

—Não. Só você. Só você.

—Você sabe, eu estava errado antes. Não é a coisa mais linda que eu já vi. Não é um remendo para você quando você é mais difícil do que uma vareta e gasta todo o seu tempo.

Soren olhou para ele por um momento, de boca aberta. —Porra, John. Você vai virar minha cabeça.

—Vou acariciá-la novamente em um momento. Mas apenas uma vez, eu acho.

—Tenha um coração, você vai arruinar minha constituição. Pelo menos, deixe-me comer algo primeiro.

—Parece que você precisa de algo em sua boca.

—Você não tem vergonha, não é? Eu pensei que você era tão respeitável quando nos conhecemos. Pensei que você fosse um pilar da comunidade, provavelmente com todos os tipos de restrições horríveis. — Enquanto ele falava, Soren estava empurrando John de volta no tapete, beijando seu estômago, depois descendo a trilha de cabelos que crescia ali, em uma lenta linha de lambidas. E um momento depois ele estava chupando o pau de John, a boca

quente e molhada.

Acabaram em um emaranhado de membros e pele de foca. Era uma situação tão comprometedora quanto John já havia estado - dois homens nus, se beijando e empurrando um contra o outro, mãos nos pau um do outro, uma pele mágica apenas cobrindo-os parcialmente - e a porta não tinha trava.

Mas de alguma forma, ele não podia sentir medo.

FIM

Notas

[←1]
Eu não sei o que

[←2]

Uma planta do sul da Europa relacionada às cebolas, com pequenas flores amarelas.

[←3]

Ele solta flores, por isso o cheiro doce.